

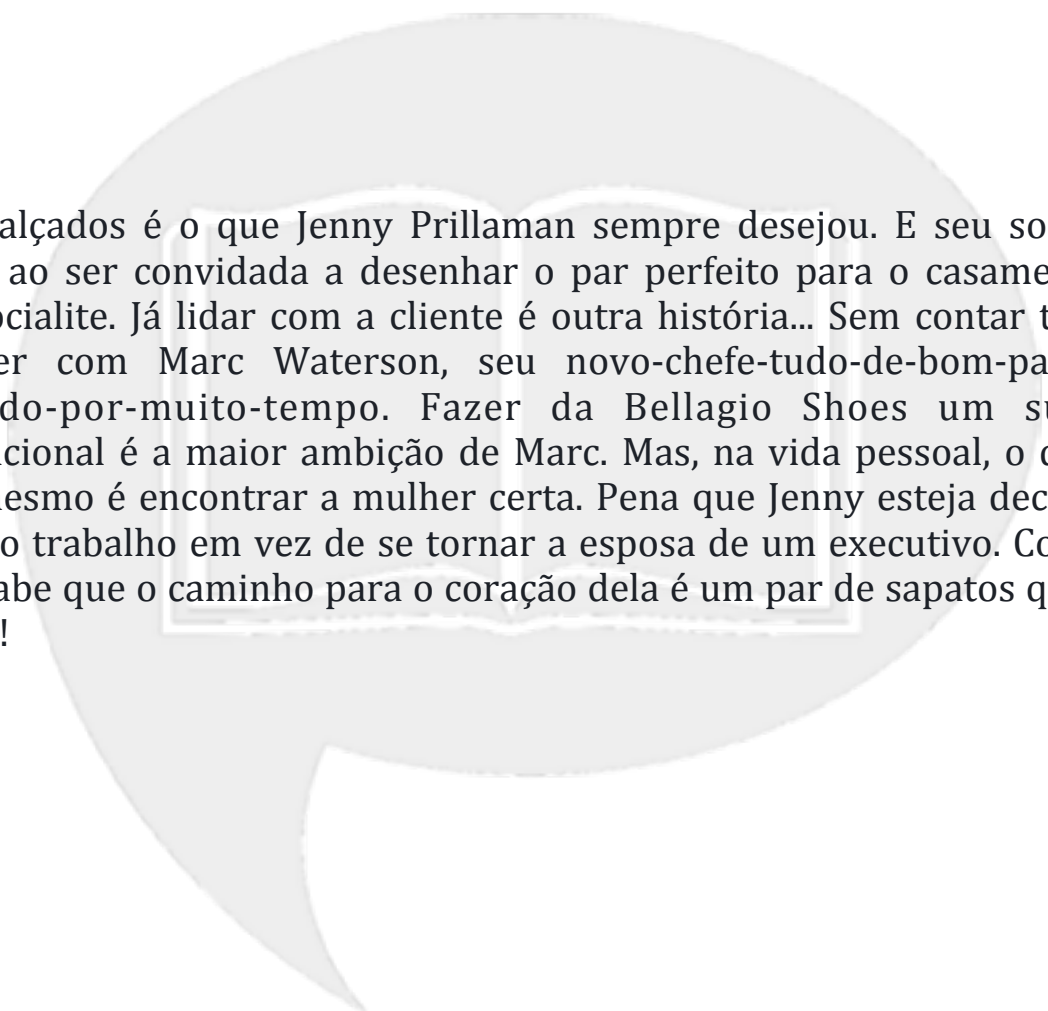


PAR DE LUXO

Leanne Banks

Autora Bestseller
do *USA TODAY*





Criar calçados é o que Jenny Prillaman sempre desejou. E seu sonho se realiza ao ser convidada a desenhar o par perfeito para o casamento de uma socialite. Já lidar com a cliente é outra história... Sem contar ter que conviver com Marc Waterson, seu novo-chefe-tudo-de-bom-para-ser-ignorado-por-muito-tempo. Fazer da Bellagio Shoes um sucesso internacional é a maior ambição de Marc. Mas, na vida pessoal, o que ele quer mesmo é encontrar a mulher certa. Pena que Jenny esteja decidida a focar no trabalho em vez de se tornar a esposa de um executivo. Contudo, Marc sabe que o caminho para o coração dela é um par de sapatos que seja só luxo!

CAPÍTULO 1

“A escolha dos sapatos revela as fantasias secretas de uma mulher.”

Jenny Prillaman, aspirante a designer

AQUELA MANHÃ estava se transformando em uma orgia gastronômica.

Jenny Prillaman devorou a segunda rosquinha recheada, admirada com o fato de algo tão leve conter tantas calorias. Aquele tipo de guloseima não configurava na lista de alimentos permitidos da dieta South Beach e a forçaria a substituir metade das refeições do dia por outras menos calóricas.

Deixando escapar um profundo suspiro, Jenny lambeu um dos dedos em movimento sub-reptício. Droga! O chefe havia se ausentado em um momento crucial.

Mal conseguira limpar os vestígios de açúcar glaceado do queixo quando Marc Waterson, o vice-presidente executivo, irrompeu no escritório, com expressão de fúria controlada no rosto cinzelado.

– Brooke Tarantino virá hoje. Onde está Sal?

Jenny pigarreou e esfregou as mãos pegajosas uma na outra sob a mesa. *Oh, uau!* Pensara que ele enviaria a secretária para perguntar.

Para ela, Marc Waterson sempre pareceu uma força da natureza empacotada em ternos bem-cortados de grifes famosas. O tipo de homem que, em outra era, teria cabelo comprido e uma lança. Fazia o estilo bem-sucedido, com inteligência afiada, tudo o que Jenny evitava por ter sido forçada a lidar desde que nascera com uma irmã e um irmão do mesmo feitio.

Com exceção do fato de Marc ser tão atraente, um executivo de sucesso e tudo o mais, que ela se esquecia dos irmãos, menos dele. Ela se limitava a fantasiar, em vez de experimentar. A presença dele a fez se lembrar do pedido que fizera ao soprar as velas do bolo de aniversário, após dois drinques. Mentalizara que, se um dia tivesse a chance de ir para a cama com Marc, não a desperdiçaria.

Não passava de um desejo. Com exceção de raros telefonemas, Marc só falava com ela por meio da secretária. Ele nunca a notaria. E Jenny não saberia o que fazer se algum dia ele a notasse.

O seu chefe, ao contrário, era um gênio artístico de bom coração, que infelizmente passava muito tempo na companhia do uísque.

– Sal não está se sentindo bem e teve de ir ao médico – informou Jenny. – Podemos remarcar ou você poderia mostrar a Brooke os desenhos que Sal aprontou.

Conhecido em toda a empresa como o Coração Valente, Marc a estudou com um olhar tão intenso que a fez desejar a proteção de óculos escuros.

Mordendo a parte interna da bochecha para não fazer o mesmo com o lábio, rezou para que o enérgico vice-presidente da Bellagio não dissesse que ela estava mentindo. Jenny sempre tentara se manter fora do radar da diretoria da empresa, o que não fora muito difícil. O corpo não era dos piores, embora vivesse burlando a dieta South Beach e encontrando justificativas para postergar exercícios. O cabelo não a envergonhava. Da cor de avelã, contrastava com os olhos azuis, em vez dos esperados castanhos. O fato de saber que a irmã reprovava seus óculos de armação a enchia de satisfação.

– Se Sal fez alguns desenhos, gostaria de vê-los.

– Posso levá-los para você – disse ela torcendo as mãos sob a mesa. – Embora talvez leve algum tempo para encontrá-los. Às vezes ele os guarda em lugares inusitados.

– Quanto tempo levará para encontrá-los?

– Uma hora, talvez menos.

– A reunião com Brooke está marcada para as 9h.

– Mas ela sempre se atrasa uma hora e... – Jenny se calou, lembrando que a mulher era uma parenta afastada de Marc.

– E...? – Marc estimulou.

Jenny deixou escapar um suspiro.

– Sal não costuma se atrasar, mas uma vez precisou. Brooke pareceu ficar satisfeita com a pedicure. – Pigarreou mais uma vez. – E algumas taças de champanhe.

– Quem tratou dos pés dela?

Jenny deu de ombros.

– Eu.

Marc a mediu de cima a baixo.

– Você aguenta Sal e seus problemas, além de manter Brooke satisfeita. Não é de se admirar que ele não queira dividi-la com ninguém. Traga-me os desenhos dentro de uma hora e então decidirei se precisamos pedir champanhe ou não.

Marc saiu batendo a porta, e ela inspirou fundo, antes de levar as mãos ao rosto, rezando para que não estivesse rubro pelas mentiras que acabara de contar. Era óbvio que Sal voltara a beber e mais uma vez teria que dar cobertura. Talvez só aparecesse na parte da tarde.

Se Sal não fosse tão gentil com ela, se não a tivesse contratado e dado oportunidades tão excitantes, embora secretas, talvez o expusesse. Do seu modo desajeitado, Jenny tentara alertá-lo por duas vezes, mas ele a contestara.

Preocupada, ela trancou a porta com um gesto negativo de cabeça. Sabia o motivo que levava Sal a beber, conhecia as tristezas que ele tinha de encarar todos os dias.

Tentando se concentrar, ela se preparou para fazer o que mais sabia: esboços.

Sempre que se sentia entediada, estressada ou mesmo ociosa, fazia esboços. A mania já acarretara problemas em várias aulas, menos nas de artes. Mas agora estava quase sendo paga para fazê-los.

Retirou um bloco de papel da última gaveta da esquerda e folheou os esboços dos sapatos de casamento que havia desenhado para o enlace do século. Brooke Tarantino, a mais famosa socialite de Atlanta, antes descrita pela imprensa como a “patricinha devassa”, iria se casar.

Corriam boatos de que o pai a pressionara, ameaçando não mais sustentá-la se ela não se casasse.

Brooke gostava de ser o centro das atenções, o que ficava evidente pela frequência com que suas fotos estampavam todos os jornais e revistas. Conseguira até mesmo sair na capa da *People*, quando fora presa em uma festa em Miami, no ano anterior.

Jenny acrescentou lantejoulas ao escarpim de cetim. Tomada pela inspiração, esboçou outro modelo, em couro, revelando uma sexy ausência de material que deixava à mostra todo o dorso do pé. Menos couro, mais pele. Por fim, realçou os saltos agulha com cristais.

Sal chamaria aquilo de “versão nupcial de sapatos sedutores”. O pensamento trouxe um sorriso aos lábios de Jenny. Desde que trabalhava para a Bellagio, aprendera muito sobre sapatos. Para alguns, eram sinônimo de conforto. Porém, para a maioria, estavam ligados à conquista de metas. Sapatos “sedutores”, “profissionais”, “chamativos”.

Jenny observou os próprios calçados e mexeu os dedos dos pés. Sandálias de couro preto, com saltos de madeira. As unhas do pé pintadas com esmalte moderno e o anel azul-safira eram as únicas concessões à moda e à autoexpressão. As unhas da mão não estavam pintadas, e ela usava uma calça comprida preta, estilo “não me note”, com blazer. Um rabo de cavalo na altura da nuca, e ela estava longe de ser concorrência para herdeiras. Ficaria feliz em passar a vida esboçando.

O telefone tocou, desviando sua concentração do bloco de desenhos. Quando olhou o relógio praguejou. Havia se passado uma hora.

- Droga! – resmungou, antes de atender no segundo toque.
- Encontrou os desenhos? – perguntou Marc Waterson.
- Sim, encontrei – confirmou, acrescentando alguns traços vermelhos ao lado do sapato branco para destacá-lo.
- Traga-os para a sala de reunião dos executivos para que eu possa analisá-los, antes da chegada de Brooke.
- Sem problemas. Estarei aí em alguns minutos – retrucou ela, os nervos à flor da pele em contraste com o tom calmo da voz.

Esperava entregar os esboços a Marc Waterson e sair. Cruzando os corredores, Jenny acenou para vários colegas de trabalho e, tendo em vista as três rosquinhas que comera, subiu a pé os três lances de escada até o décimo andar.

Aquele andar parecia um mundo à parte, com luxuosos tapetes orientais e pisos de carvalho. Peças de mobília antigas e requintadas decoravam as instalações dos altos executivos, em vez dos móveis pré-fabricados da sala em que ela trabalhava. Ao passar por um escritório, sentiu o cheiro de fumaça de cigarro e torceu o nariz. Teve de suportar o olhar curioso da recepcionista, conhecida como Thelma, que a guiou até a sala de reunião.

Jenny sentiu como se os pés pesassem toneladas. E se Marc detestasse os desenhos? E se não agradassem a Brooke? A experiência a fez lembrar seu primeiro dia de aula, quando criança. Temera que alguém dissesse que ela não estava à altura da turma. Com um nó de tensão no peito, por um instante, considerou deixar a pasta com os desenhos nas mãos da secretária e retornar ao próprio escritório. Do lado de fora da sala de reunião, Jenny se deteve admirando um quadro de Picasso.

A porta se escancarou, fazendo-a se sobressaltar, antes de se deparar com o olhar curioso de Marc Waterson.

– Algum problema com os desenhos, Jill?

Que lisonjeiro! Ele esquecera seu nome.

– Jenny – corrigiu ela.

– Desculpe-me, Jenny – disse Marc. – Algum problema?

– Nenhum – respondeu ela, estendendo-lhe a pasta. – Todos seus.

Porém, Marc se afastou para o lado.

– Entre.

Mais uma vez, Jenny se sentiu congelar por dentro. Seria obrigada a testemunhar a reação inicial de Marc? *Acho que sim*, pensou, penetrando, relutante, na sala luxuosa.

– Vamos para a sala dos fundos.

Jenny nunca entrara lá, mas ouvira falar sobre aquela parte do escritório. Abastecida com os mais finos vinhos, uísques envelhecidos e macia mobília de couro, a “sala dos fundos” era reservada aos altos executivos da Bellagio e clientes especiais. Embora Jenny soubesse da intenção da empresa em angariar publicidade desenhando os sapatos do casamento de Brooke, não imaginava que aquele projeto era tão importante. Afinal, Sal era conhecido pelas suas criações para a indústria cinematográfica.

Mais uma vez, sentiu um frio na barriga. Em que estava se metendo? Seguindo Marc, desfrutou da visão extraordinária de seu traseiro firme e musculoso, enquanto ele a guiava à sala dos fundos.

– Sente-se – disse ele, enquanto se acomodava em uma cadeira de couro ao lado do sofá.

Não é essa a minha vontade, pensou Jenny enquanto, hesitante, escolhia a cadeira oposta à dele.

O silêncio na sala só servia para aumentar seu nervosismo. Precisava lembrar a si mesma que não seria o fim do mundo, se Marc não aprovasse os desenhos. Poderia arranjar outro emprego. Deus sabia que ela passara

por dúzias deles, para desespero dos irmãos. Aquele, porém, fora o que mais a agradara e a fizera ficar por mais tempo.

– O escarpim de cetim é muito extravagante – Marc opinou.

– Pensei... – Jenny tossiu. – Sal pensou que combinaria com a personalidade de Brooke. Ela é uma mulher ousada e gosta de ter estilo próprio.

– Isso é um eufemismo – retrucou ele em tom seco, antes de erguer o desenho dos sapatos de salto de cristal. – Não parece o estilo de Sal. Ele tende ao tradicional no que se refere a casamentos.

Desconcertada, Jenny pigarreou.

– Mais uma vez, acho que Sal levou em consideração a personalidade de Brooke. Esse design é mais moderno.

– E sexy – acrescentou Marc. – Vamos ver o que Brooke acha.

Interpretando aquilo como uma dispensa, Jenny fez menção de se erguer.

– Se puder me dizer o que ela achou, ficarei feliz em transmitir a Sal.

– Quero que fique aqui.

Surpresa, Jenny se deixou afundar outra vez na cadeira.

– Tem certeza? Está precisando de meus serviços de pedicure?

– Não. Quero apenas que me impeça de matar minha prima.

Jenny pestanejou várias vezes.

– O que disse?

Marc ajustou o nó da gravata.

– Nós dois sabemos que Brooke é uma menina rica, mimada e exigente que não pensa em ninguém, além de si mesma. Não consigo permanecer mais do que 15 minutos ao lado dela, sem dizer o que penso. – Os músculos da mandíbula bem marcada de Marc se contraíram pela impaciência. – Os sapatos para o casamento de Brooke trarão uma publicidade sem precedentes à Bellagio, e já que Sal não está presente, gostaria que você ficasse. Conseguiu controlar minha prima muito bem da última vez, portanto, quero que repita a dose.

Cinco perguntas espocaram na mente de Jenny, mas a irritação estampada no rosto de Marc desencorajava qualquer tentativa de satisfazer a própria curiosidade. Ao que parecia, teria de improvisar baseada apenas em instintos. Até aí, nenhuma novidade. Passara metade da vida caminhando sobre a corda bamba sem rede de proteção, e aquele dia não seria diferente.

Mais uma vez, Jenny se ergueu.

– Aonde vai? – perguntou ele.

– Apenas procurar champanhe – retrucou Jenny, se encaminhando para a geladeira. – Tem algum chocolate por aqui?

– Está quase na hora do almoço.

– Para você – resmungou, abrindo a porta da geladeira e, com um gesto afirmativo de cabeça, pegou uma das garrafas de champanhe. – Este é ótimo – decretou, colocando-a de volta ao lugar e erguendo uma segunda. – Este não é tão bom e este... – prosseguiu, pousando a segunda e erguendo a terceira garrafa. – ... é como um Cadillac velho, o carro da vovó, champanhe da vovó – concluiu, perscrutando dentro de um armário.

– Champanhe da vovó – repetiu ele. – Onde aprendeu isso?

– No meu emprego anterior – informou Jenny, dando de ombros. – Quando eu era garçoneiro, aprendi muito sobre o que as pessoas apreciavam em uma bebida. Nem sempre está relacionado ao sabor, mas sim ao que a bebida projeta.

– É mesmo? – disse Marc, em um tom entre um questionamento e uma afirmação, enquanto se inclinava para trás na cadeira e formava um triângulo com os dedos indicadores e os polegares. Uma posição que emanava poder. Donald Trump fazia aquilo o tempo todo durante o programa *The Apprentice*. O olhar intenso fez o cabelo da sua nuca se eriçar.

– Um empresário não pede um daiquiri ou drinque com enfeite de guarda-chuva ao fechar um acordo. Geralmente toma uísque ou conhaque, da marca e do ano adequados. Quando um homem mais velho quer impressionar uma mulher com champanhe, pede aquele a que me referi como sendo da vovó. E, quando um homem jovem quer impressionar uma mulher, pede esse que estou recomendando.

– A filosofia das bebidas alcoólicas – disse Marc.

– Algo do tipo – concordou ela, abrindo outro armário. Ao avistar um caixa de trufas, sentiu alívio. – Oh, ótimo. Está resolvido, então. Chocolate e champanhe. – Jenny arriscou um olhar a Marc. O homem era uma entidade desconhecida e algo lhe dizia que chocolate e champanhe não o satisfariam.

– Está com fome? Quer que eu peça algo para você comer? Um sanduíche de rosbife? – Ela relanceou o olhar ao relógio. – Muito cedo para tomar uísque?

– Um refrigerante está bom – respondeu Marc, como se soubesse que ela estava tentando aplicar sua psicologia de bar nele, da mesma forma que fizera com Brooke.

– Tem certeza? Está parecendo um pouco... – Jenny se calou, quando ele ergueu uma das sobrancelhas escuras, deixando claro que não estava acostumado a ter as escolhas questionadas. – ... tenso. Há algo que possa providenciar para tornar a reunião menos estressante?

– Uma prima diferente – retrucou ele, com um sorriso enigmático.

DOIS MINUTOS depois, Marc observava a prima saracotear para dentro da sala usando jeans de cintura baixa, blusa curta, bolsa de grife famosa e o que ele suspeitava ser uma tremenda ressaca por trás dos óculos escuros caros. O cabelo curto exibia a cor vermelha naquele dia, e sua figura era assustadora.

– Desculpe o atraso, primo querido – disse ela, beijando-o sem encostar os lábios ao rosto. – Fui dormir tarde e foi difícil acordar de manhã.

– Dá para notar – resmungou ele.

Brooke fechou o semblante.

– Onde está Sal? Ele é bem mais agradável do que você.

– Não está se sentindo bem. Teve de ir ao médico – respondeu Marc, embora soubesse a verdade. Sal ficaria afastado por um tempo, o que não poderia ter acontecido em momento mais inoportuno.

– Bem, diga a ele que sinto muito. – Brooke relanceou o olhar a Jenny e estacou. – Você me parece familiar. Eu a vi antes?

– Apenas uma vez – respondeu Jenny. – Aceita um champanhe? Ou trufas?

A expressão de Brooke se iluminou.

– Oh, divino! E então, o que Sal desenhou? Ou vim até aqui à toa?

– Aqui está – disse Marc, espalhando os desenhos sobre a mesa e percebendo que Jenny abria o champanhe com maestria. Nenhum desperdício do líquido borbulhante e apenas um estouro abafado sob a toalha para retirar a rolha. Embora tivesse mentido para salvar Sal, fora sincera sobre a experiência como garçoneiro. Encheu três quartos da taça e dispôs as trufas na mesa ao lado do sofá. Jenny tinha um tom de voz suave, quase terno, e não ostentava uma aparência chamativa, refletiu, observando a calça e o blazer pretos. Marc imaginou como ficaria aquele cabelo quando solto. E, pelo amor de Deus!, onde ela arranjava aqueles óculos horripilantes?

– Obrigada – murmurou Brooke, distraída, sorvendo um gole ruidoso. Em seguida, pegou uma trufa e deu uma mordida. – Estão ótimas.

– Os sapatos – lembrou Marc, sentindo a impaciência crescer.

Brooke deixou escapar um suspiro e inclinou a cabeça para o lado, enquanto analisava.

– Os de cetim estão bons, mas acho que prefiro estes – disse, apontando para o par de salto agulha com cristais. – Terei apenas de retirá-los para a festa. Sou capaz de correr com saltos altos, mas dançar depois de alguns drinques nestes sapatos seria traiçoeiro.

– Podemos diminuir o tamanho do salto – sugeriu Jenny.

Brooke fez que não com a cabeça.

– Não. Gostei da altura. Tem algo de exorbitante – acrescentou com um sorriso. – Como eu.

– Talvez possamos desenhar outro sapato para você usar na festa – ofereceu Jenny.

Adaptável, pensou Marc, acrescentando a habilidade em uma lista mental. A secretária de Sal possuía a qualidade essencial de saber ouvir.

Brooke ofegou e baixou os óculos escuros para olhar por cima deles.

– Amei essa ideia.

– Bem, também precisará de um par para a viagem de lua de mel – acrescentou Jenny.

Brooke comeu outro pedaço da trufa e anuiu.

– Concordo.

– Precisamos começar a trabalhar nos sapatos de suas damas de honra.

Brooke deu de ombros.

– Estou chegando lá. Preciso escolher entre dois modelos. Aviso assim que decidir.

– A próxima reunião será filmada – informou Marc. – Portanto, seria bom se pudesse chegar na hora exata.

Os olhos de Brooke se iluminaram.

– Isso mesmo. Poderíamos ser mais dramáticos.

Marc sentiu um aperto no peito.

– O que quer dizer com “mais dramáticos”?

Brooke terminou de comer a trufa e gesticulou com uma das mãos.

– Bem, essa reunião é agradável, mas também chata. Seria melhor se eu experimentasse os sapatos. Pode fazer alguns modelos para mim? Seria

interessante alguns inadequados, como naqueles programas de televisão que repaginam os participantes.

– Inadequados – repetiu Marc, contraindo a mandíbula. O CEO, Alfredo Bellagio, teria uma síncope se a ouvisse dizer isso em público. – A Bellagio não faz sapatos inadequados.

Brooke suspirou.

– Tão sensível. Está bem, não inadequados, mas alguns concorrentes. Porque só escolherei um... bem, três – emendou ela. – Se contarmos com o da festa e da partida para a lua de mel. Mas talvez fosse melhor não mostrar quais os pares que escolhi, porque assim manteríamos o suspense.

Embora em seu modo excêntrico, a prima tinha razão. Mas como poderia controlar os excessos de Brooke se ela queria fazer drama até para selecionar os sapatos?

– Tem certeza que não quer um pouco de champanhe também? – perguntou Jenny, sensível ao humor de Marc. – Ou uma dose de uísque?

Marc negou com a cabeça.

– Não, obrigado. – Alguém tinha de pensar com clareza. – Concordo com o drama, mas vamos planejar tudo muito bem, para não soar falso.

– Ok – concordou Brooke, erguendo a taça vazia que Jenny se apressou em encher. – Vai ser muito divertido. Um reality show sobre meu casamento. Até papai ficará extasiado.

– Um reality show? – perguntou Jenny, dirigindo um olhar inquiridor a Marc.

– Oh, sim – Brooke se apressou em responder. – Marc não contou? – Ela o cutucou com força. – Que vergonha!

– Ainda não fizemos um press release.

Brooke deu uma risadinha.

– Oh! Talvez eu tenha deixado escapar algo ontem, à noite.

Marc começou a sentir azia. O reality show poderia alçar a Bellagio a outro patamar. Estava pronto para o desafio, mas como ficara responsável por vender uma imagem positiva da empresa, não tinha noção de como conseguir isso sem ter algum domínio sobre a situação. Brooke podia ser a noiva, mas ainda estava fora de controle. Sabia que o casamento seria apressado devido ao prazo que o pai dera. Ela havia postergado se comprometer até o último instante.

– Tudo bem – disse Jenny. – Às vezes, boatos são mais importantes do que a realidade.

O sorriso de Brooke secou e por um átimo de segundo exibiu um semblante sério.

– É verdade. – Ela tomou outro gole, antes de dar uma risada estrondosa.
– E sou perita em boatos. – Brooke colocou os óculos de volta. – Marc se encarregará de fazer tudo dar certo. Foi por isso que o todo-poderoso Alfredo Bellagio o colocou à frente do projeto. Ele é jovem, fotogênico e tão criterioso que seria capaz de administrar o país de olhos fechados, o que dizer a Bellagio Shoes. – Brooke consultou o relógio de pulso. – Meu tempo acabou. Importa-se se eu levar as trufas?

– Fique à vontade – respondeu Jenny, oferecendo-lhe o prato e o guardanapo.

– E se não se importar, acho que vou encher essa taça e levá-la comigo, também.

Jenny ergueu a garrafa.

– Não está dirigindo, certo?

– Não. Estou com chofer hoje. Ordens do meu pai. – Brooke atirou um beijo, enquanto Jenny enchia a taça. – Vejo-o mais tarde, Marc. Não se mate de trabalhar. Está começando a se parecer com meu pai e isso não é bom. *Ciao!* – disse ela, antes de deixar a sala.

Um silêncio pesado se abateu entre ambos.

– Tem certeza que não quer uma dose de uísque?

Os olhos de Marc encontraram os dela.

– Tenho. Agora sabe a situação. Parece que Brooke gostou de seus esboços. Está disposta a assumir todo o projeto?

Com a garrafa pendendo das mãos, Jenny o olhou como um alce diante de faróis altos.

– O que quis dizer com “Parece que Brooke gostou de seus esboços”? Ou com o “todo o projeto”?

– Quis dizer que Sal não disse a você nada sobre estar no médico esta manhã, certo? – perguntou ele.

Jenny engoliu em seco.

– Não, mas ele está tendo alguns problemas, então, pensei...

– Pensou que ele foi ao médico?

Prendendo o lábio inferior entre os dentes, ela não respondeu.

Leal até o fim, pensou Marc. Seria perfeita para aquele tipo de trabalho.

– Sal está em uma clínica de reabilitação. Ele me telefonou, depois que conversamos.

Jenny se viu boquiaberta.

– Oh!

– Surpresa?

O olhar de Jenny encontrou o dele, antes de ela o desviar.

– Fico feliz que Sal esteja procurando ajuda. Ele é um chefe excelente.

– E um mentor – completou Marc, observando-a erguer a cabeça com um gesto brusco. – Quando eu disse a Sal que o momento não era propício, ele revelou que você o tem acobertado há meses. Definiu-a como criativa, brilhante e inovadora. Afirmou que é capaz de assumir o projeto desse casamento sem problema algum. E então, aceita ou não?

CAPÍTULO 2

PERPLEXA, JENNY sentiu as mãos fraquejarem e a garrafa de champanhe deslizar entre os dedos. Tentou agarrá-la, mas parecia estar em câmera lenta.

Marc foi bem mais rápido e conseguiu segurar a garrafa, antes que se espatifasse no chão.

Com uma careta, Jenny fez um movimento negativo com a cabeça.

– Perdão, eu... uh... – gaguejou. – Excelente reflexo.

Marc anuiu e estacou diante dela.

– Precisaré passar por uma entrevista no Departamento de Relações Públicas, onde terá de fazer um treinamento. A pior parte será lidar com Brooke até o fim do projeto. Também não levará o crédito pelos desenhos que fizer. Estamos tentando promover o nome Sal Amoré por Bellagio como nossa principal linha de sapatos de noite e nupciais. Eu tinha dúvida se você seria capaz de assumir o projeto, mas Sal me garantiu que sim. Aconselhou-me a analisar seu currículo outra vez. Eu não sabia que você cursou faculdade de Design de Moda e que fez estágio em um de nossos concorrentes.

Jenny também não sabia disso. O choque fez seu queixo pender mais um pouco. Marc devia ter confundido o currículo dela com o de alguém. Nunca fizera faculdade de Design, a menos que o curso de cerâmica contasse como tal. E muito menos estagiara em um dos concorrentes da Bellagio, a não ser que o emprego temporário como vendedora do departamento de calçados de uma das lojas do maior concorrente da Bellagio contasse.

Tinha de corrigi-lo. Devia, de fato, esclarecer o mal-entendido.

– Acho que está havendo algum engano... – começou ela.

Porém, Marc ergueu uma das mãos.

– Sal me preveniu de que você concordaria em não levar o crédito e me disse para não deixá-la bancar a modesta.

– Não estou bancando – insistiu ela. – Eu não...

Mais uma vez, Marc a interrompeu.

– A empresa precisa de você nesse projeto.

Jenny entreabriu os lábios para tentar elucidá-lo, mas uma lembrança espocou no fundo de sua mente. Quando a contratara, Sal havia dito que teria de fazer algumas pequenas alterações em seu currículo, antes de submetê-lo ao Departamento de Recursos Humanos. Ela pensara que o chefe estava se referindo à recente mudança de endereço e de número do seguro social para questões relativas ao plano de saúde. Que constrangedor! Tinha de esclarecer os fatos naquele exato minuto.

E abrir mão de uma oportunidade única apenas porque não cursara a faculdade de Design.

Não. Tinha que desfazer aquele engano. Era a coisa certa a fazer.

– Claro que será promovida e ganhará um aumento de salário – disse Marc.

Jenny se viu pendendo para o lado obscuro. Uma promoção. De verdade. Não algo como sair da fritadeira para ser balconista em uma rede de lanchonetes. A mente girava em um turbilhão de possibilidades. Tudo bem não levar o crédito, pensou, embora se sentisse um pouco incomodada. A sensação a pegou de surpresa. Jenny pensara que se contentaria em fazer esboços e criações no anonimato até se aposentar, mas talvez estivesse enganada. Afinal, também possuía um ego. Queria receber algum crédito. Irritada, franziu a testa. Que momento inoportuno para aquele tipo de sentimento.

– E qual seria meu cargo?

– Designer assistente. O que mais deseja?

Boa pergunta, pensou ela, sem ter ideia do que responder. As únicas vezes em que alguém lhe fazia aquela pergunta era no restaurante, via de regra, quando pedia comida em domicílio.

– Não sou... – Jenny deixou escapar um profundo suspiro. – Tenho de pensar no assunto, se não se importar.

Marc a estudou e anuiu com um gesto lento de cabeça.

– Está bem. Podemos conversar sobre isso amanhã.

– Está bem – murmurou Jenny, estudando-o. A descendência italiana de Marc ficava evidente no cabelo escuro e na pele morena. Já a ancestralidade escocesa se revelava na estrutura óssea sólida e nos olhos azul-acinzentados. Era dono de um par de sobrancelhas deslumbrantes, pensou ela. Aquela era a primeira vez em que se encontrava próxima o suficiente para perceber os detalhes da beleza masculina do vice-presidente da Bellagio.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou ele, com a testa franzida. – Parece chocada.

Jenny chacoalhou a cabeça, tentando clarear as ideias.

– Bem, isso me pegou de surpresa. Costumo me recuperar rápido de um susto, mas aconteceu muita coisa ao mesmo tempo. Além do mais, devo ter acabado de sair do estado de hiperglicemia causado pelas rosquinhas que comi.

Marc retorceu os lábios.

– Quer tirar o resto do dia de folga?

Uau! Ele estava sendo quase gentil, o que Jenny nunca julgara possível. Uma surpresa atrás da outra.

– Não preciso do resto do dia, mas tirarei algumas horas extras de almoço, se não se importar. Uma longa caminhada me ajudará.

– Sim, claro – retrucou ele. – Lembre-se apenas que o acordo de sigilo que assinou quando começou a trabalhar na empresa ainda está em vigor.

Jenny se lembrava de ter lido por alto aquele acordo, junto com os formulários do Seguro Social, dedução de impostos e seguro saúde. Na ocasião, estava mais preocupada em começar o mais rápido possível no emprego para pagar o aluguel e as prestações do carro.

– Então, não posso discutir isso com ninguém.

– Exatamente.

– Exceto talvez com um gato – brincou ela, pensando em Romeo, o gato de rua que adotara.

– C...e...r...t...o – respondeu Marc, arrastando a palavra e olhando-a de maneira estranha.

– Você não tem um bicho de estimação, certo? – perguntou ela.

– Não – respondeu Marc. – Por quê?

Jenny deu de ombros.

– Por nada. O cargo que ocupa exige demais de você. Imagino que não tenha tempo nem vontade de tomar conta de um bicho de estimação.

– O que você quer dizer com isso?

Mais uma vez, Jenny deu de ombros, desejando não ser tão tagarela.

– Nada. – Devia aprender a manter a boca fechada. A irmã advogada sempre a orientara a fornecer o mínimo de informações possível aos agentes da lei e às pessoas que tinham controle sobre seus rendimentos.

Marc estreitou o olhar, parecendo hesitar, antes de desviá-lo e tornar a encará-la.

– Existe um motivo por trás do seu comentário sobre os animais de estimação, mas acho desnecessário saber qual.

– É verdade.

Marc franziu a testa.

– O que é verdade?

– Tudo que acabou de dizer – respondeu ela com um sorriso, porque sentia como se estivesse se enterrando no buraco gigante que acabara de cavar. – Obrigada pelas horas extras de almoço. Conversarei com você amanhã. – Jenny relanceou o olhar aos desenhos dos sapatos. – Importa-se se os levar comigo?

– Não, mas providencie cópias para mim.

– Está bem – concordou Jenny, enquanto recolhia os desenhos, experimentando um desconforto monumental devido ao olhar atento de Marc. – Isso foi interessante – disse ela, encaminhando-se à porta. – Até breve – acrescentou, girando a maçaneta e acenando para ele.

Marc retribuiu o aceno, ainda a observando como se achasse que faltava um parafuso nela. O que não estava tão distante da verdade. Há muito havia aprendido que, em um mundo de círculos, ela era um triângulo.

Às 20h, Marc adentrou o saguão com piso de ladrilhos italianos do apartamento onde morava carregando um laptop e uma pasta executiva. O lugar estava imerso na escuridão e em silêncio sepulcral. Ele estacou por um instante. A quietude era tanta que permitia ouvir as batidas do próprio coração.

Durante dez segundos, Marc desfrutou do silêncio, uma trégua temporária dos sons do escritório e do tráfego. Cruzou o corredor indo à cozinha, onde verificou a correspondência, antes de pousá-la sobre a bancada. Relanceando um olhar à televisão de tela panorâmica, lembrou-se de ligá-la durante o jogo do Braves, enquanto trabalhava à noite. Pousou a

pasta sobre a mesa ao lado do sofá, afrouxou a gravata e se dirigiu à geladeira para pegar uma cerveja. Aquela marca em particular trazia à lembrança uma viagem que fizera anos antes, quando dispunha de mais tempo e menos responsabilidades profissionais.

Marc sentiu uma pontada de dor no peito. Deus! Parecia ter sido há eras. Fazia tanto tempo assim?

Tentando pensar em outra coisa, tomou um gole grande e subiu para o quarto, ainda no estado em que o deixara pela manhã. Limpo e organizado. Do jeito que gostava. Rejeitara a sugestão do decorador de ornamentar a cama king-size com uma pilha de almofadas. Nunca gostara de nada atulhado. Repudiava desordem porque tivera de resolver muitas.

A mente vagou para a secretária de Sal, como se chamava mesmo? Jillian? Jerri? Marc deu de ombros, recordando o comentário incoerente que ela fizera sobre bichos de estimação. Qual teria sido sua intenção? Não deveria se importar, mas era um homem curioso. Ela estava certa. Sobre Brooke, sobre Sal e, de alguma forma, sobre ele. Marc retirou a gravata e desabotoou a camisa.

Naquela tarde, havia reexaminado o currículo dela. Era uma jovem qualificada para fazer de tudo um pouco. De acordo com o que lera, passara muitos anos explorando oportunidades profissionais, antes de concluir a faculdade de Design e entrar para a Bellagio, 22 meses atrás. Pelo currículo, notara uma tendência de não terminar o que começara, e isso o incomodou. Precisava de alguém que se comprometesse com o projeto até o fim. Mas ela concluía a faculdade de Design, bem como o estágio, lembrou a si mesmo. Talvez a secretária de Sal só precisasse encontrar o lugar adequado. Sentando na cama, tirou os sapatos e os guardou na sapateira, dentro do closet. Em seguida, se livrou da calça social, pendurou-a com as demais e pegou um jeans. A Bellagio possuía outros desenhistas. Diabos, poderia ter solicitado um da Itália se quisesse. Porém, Sal havia sido persuasivo. Além disso, a lealdade e os desenhos daquela secretária o impressionaram. Marc sabia reconhecer talentos. O CEO, Alfredo Bellagio, deixaria a decisão em suas mãos. O patrão o incumbira de maximizar as oportunidades da Bellagio com aquele reality show, sem perder o controle de tudo que se relacionasse ao projeto. O que seria um enorme desafio, considerando que Brooke era a noiva. Sem contar o ego italiano exacerbado.

Tomou outro gole de cerveja e desceu para o andar térreo. Era engraçado como o silêncio o agradara por alguns minutos, mas depois começou a incomodá-lo. Pensou no comentário da fulaninha sobre bicho de estimação. Aquela moça estava certa. Se não tinha tempo para se dedicar a um relacionamento, como poderia cuidar de um pet?

A maioria dos homens de sua faixa etária tinha esposa e filhos, mas Marc achava que ainda não tinha encontrado a mulher certa, no momento certo. Claro que havia se envolvido, mas ora a mulher não servia, ora o momento não era propício.

Retornar todos os dias para uma casa vazia se tornara enfadonho. Portanto, traçara um plano. Embora não tivesse logrado êxito quatro meses após tê-lo colocado em prática, permanecia confiante.

A campainha tocou, seguida de uma rápida batida na porta e um grito.

– Marco, abra! Fisguei uma maravilhosa.

Enquanto abria a porta, Marc deu uma risada ao reconhecer a voz do primo distante, favorito e melhor amigo.

– Precisa anunciar para toda a vizinhança?

Gino, três anos mais velho que Marc, casado e pai de três filhos, pareceu ofendido.

– Não disse nada de mais. “Fisguei” pode se referir a muitas coisas. Pegar um peixe ou qualquer outra coisa. – Gino baixou o tom de voz. – Nesse caso, trata-se de matéria-prima de primeira qualidade para esposa. – O amigo deu um abraço apertado. – Tenho até mesmo uma foto. Posso pegar uma cerveja? Preciso ir embora logo. Sonja está deixando a cama quente para mim, se entende o que quero dizer – concluiu com uma piscadela.

– Não entendo o que não tenho – resmungou Marc, tomando outro gole da cerveja. Quatro meses atrás, tomara a decisão de se casar. Fazer sexo nunca fora problema. Na verdade, era muito fácil. Difícil era encontrar uma mulher com quem quisesse dormir por mais de duas noites.

Gino dissera que ele precisava de um tipo diferente de mulher. Menos ambiciosa, em busca de lar e marido, em vez de carreira de sucesso. Portanto, Marc traçou uma estratégia para arranjar uma esposa. O amigo se encarregara de encontrar candidatas. Como estímulo para conseguir completar a tarefa dentro do período de um ano ou menos, Marc optou pelo celibato até encontrar “a mulher certa”.

Gino insistira para ele sair pelo menos duas vezes com cada mulher antes de descartá-la. Marc tinha como meta o mínimo de um encontro por

semana, marca que nem sempre conseguia alcançar devido às viagens de trabalho e às emergências particulares com o avô.

Abstêmio há quatro meses. Estava atingindo o ponto de ser impossível assistir a um comercial de depilador elétrico feminino sem ostentar uma ereção.

– Quem é a Srta. Maravilhosa? – perguntou, arrancando o envelope pardo da mão de Gino, que retirava uma cerveja da geladeira.

– É loura e linda. Ex-miss Condado de Brunswick.

Marc olhou o amigo de esguelha.

– Uma vencedora de concurso de beleza – disse ele, observando a foto de uma loura de seios fartos. Tinha de admitir que a mulher era, de fato, um avião.

– Vencedora de um concurso municipal de beleza, com dois diplomas, um em História e outro em Psicologia.

Marc fez um movimento negativo com a cabeça.

– Nada de psicólogas. Não quero uma psicóloga.

– Ela possui apenas o diploma. Não está raciocinando direito. Ela não se graduou em Engenharia, Contabilidade ou Medicina. Além disso, você não sabe quais são os planos dessa moça para o futuro.

– E quais são? – questionou Marc, cético.

– Tornar o mundo um lugar melhor, sendo a esposa e a mãe mais dedicada que puder.

Marc se imaginou recebendo uma massagem de corpo inteiro de uma loura de seios fartos, determinada a desempenhar com perfeição seus deveres de esposa. *Ooohhh, querida, sim, um pouco mais abaixo...* Marc sentiu a resposta imediata do corpo ao pensamento excitante. Deixando escapar um suspiro, tomou outro gole.

– E qual é a aptidão dela?

Gino exibiu um sorriso malicioso.

– Ginástica.

Marc engoliu em seco um gemido. O que poderia ser melhor do que uma loura decidida a proporcionar sexo acrobático?

– Ela está disponível esta semana?

– É só dizer o dia.

Gino permaneceu por mais alguns minutos, antes de voltar para casa e se ocupar em saciar Sonja sob as cobertas.

Marc pensou nos três pestinhas de Gino e foi invadido por uma sensação de vazio. Esfregou o peito, mas não conseguiu se livrar do sentimento. Franzindo a testa, girou na direção da fruteira e pegou uma maçã. Aquilo era apenas uma sensação estranha, após um dia confuso, garantiu a si mesmo, pegando outra bebida. Estava satisfeito com a própria vida. Possuía um apartamento que muitos cobiçavam. Diabos, vivia no mesmo condomínio de Elton John e Whitney Houston, embora não desse a menor importância a isso. Tinha um emprego e um salário que matava os outros de inveja. E não estava rodeado de bagunça ou confusão, com exceção das responsabilidades para com o avô. Marc pegou o controle remoto e ligou a televisão.

O som da partida com o Braves preencheu o ambiente, abrandando a sensação estranha. Afundou no sofá de couro marrom, abriu o laptop e repetiu a rotina diária. Verificou a agenda para o dia seguinte e traçou um plano de ação para cada reunião, compromisso e telefonema. Marc era conhecido por elaborar planos de ação para tudo. Quase nunca era pego de surpresa e, quando acontecia, a disciplina de se dedicar ao planejamento estratégico sempre o ajudava a resolver o imprevisto.

JENNY SUBIU os degraus até o apartamento sublocado em que morava no segundo andar, fazendo malabarismos para equilibrar os dois sacos de mantimentos. Pegou a chave e a enfiou na fechadura, o que se revelou desnecessário.

– Stella? – Jenny chamou, enquanto girava a maçaneta.

A menina de sete anos, filha da vizinha, saiu do quarto, segurando um gato.

– Olá!

– Olá, docinho. Como está Romeo? – perguntou Jenny, referindo-se ao gato que na verdade não lhe pertencia. Certo dia, o bichano havia aparecido na porta da frente do apartamento, sem um dos olhos, as costelas quase furando a pele e uma quantidade de pulgas capaz de infestar o mundo.

– Ele queria um abraço – disse Stella.

O coração de Jenny se contraiu dentro do peito. O mais provável era que Stella precisasse de um abraço. A menina a fazia lembrar-se de si mesma naquela idade. Sempre com uma expressão perdida estampada no rosto, exceto nos momentos em que estava desenhando ou se dedicando a algum

projeto de artesanato. A mãe de Stella fizera um acordo com outra vizinha para tomar conta da filha, quando ela voltasse da escola, mas nos momentos em que Stella se sentia entediada, ia para o apartamento de Jenny brincar com Romeo.

– Bem, Romeo é um gato de sorte por receber abraços de uma fadinha – disse Jenny, dando-lhe um abraço apertado, antes de acariciar o gato atrás da orelha. O semblante de Stella se iluminou com a menção do apelido. Jenny a convencera de que ela possuía um sorriso mágico. – Sua mãe teve de trabalhar até mais tarde hoje, outra vez? – perguntou Jenny e, observando a menina anuir, acrescentou: – Biscoitos ou espaguete?

– Os dois? – perguntou Stella, esperançosa.

Jenny sorriu.

– O que almoçou hoje?

A menina torceu o nariz.

– Bolo de carne moída.

Aquilo explicava a fome de Stella.

– O que me diz de comermos os biscoitos, enquanto fazemos seu dever de casa?

– Está bem – concordou Stella.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, após consumirem todo o espaguete, Jenny a ajudou com os problemas de matemática, enquanto devoravam os biscoitos com gotas de chocolate que ela havia aquecido. A tarefa a fazia quase revirar os olhos. Jenny sempre detestara os problemas de matemática quando criança e, desde então, nada mudara. As informações irrelevantes a deixavam louca. Por fim, conseguiram resolver as questões e as transcreveram para o caderno de Stella.

Na metade de processo, ouviram uma batida na porta e a mãe de Stella, Anna, botou a cabeça para dentro do apartamento.

– Minha menina está aí? – perguntou com um sorriso cansado.

Stella se ergueu, desajeitada, e correu para abraçá-la.

– Olá, mamãe!

Jenny observou mãe e filha se abraçarem. Mais uma vez, sentiu um aperto no peito. As duas só tinham uma à outra.

– Obrigada por ficar com ela – agradeceu Anna. – Meu patrão me fez ficar até mais tarde de novo. Sei que ela fica entediada. Eu vou matriculá-la em cursos assim que puder pagar.

– Sem problemas. Gosto da companhia da fadinha.

Mais uma vez, a menina se iluminou.

– Boa noite, Jenny!

– Boa noite, fadinha – respondeu ela, antes de fechar a porta. Em seguida, retirou os pratos da mesa e os lavou, porque mais uma vez a máquina de lavar louça não estava funcionando.

A mente vagou para a reunião que tivera com Brooke e Marc e se sentiu animada. Fora solicitada a desenhar os sapatos de casamento de Brooke Tarantino. Claro que a noiva daria um bocado de trabalho, mas aquilo não a preocupava. Já estava acostumada a trabalhar com idiotas e excêntricos. Brooke ainda não encontrara a própria identidade, o que era compreensível.

Ouviu a campainha e, arriscando um olhar ao relógio, sorriu, pois sabia de quem se tratava. Nem se deu ao trabalho de atender. Dois segundos e meio depois, Chad, que ela conhecera quando trabalhava em um restaurante, abriu a porta e entrou.

Cabelo negro, pele morena, olhos escuros irradiando vivacidade e um corpo de fazer qualquer mulher desejar devorá-lo vivo, seu amigo entrou com o andar pomposo, abraçou-a pelos ombros e roçou os lábios na bochecha de Jenny.

– Olá, bonita. Vamos à Loco's Tavern para arrasar na pista de dança? – sussurrou Chad, sedutor, ao seu ouvido.

Jenny inspirou profundamente. O amigo sempre estava mais perfumado do que ela.

– O que está usando desta vez? Tem uma fragrância deliciosa.

– *Eu* tenho uma fragrância deliciosa – corrigiu ele.

Chad revelou o nome do perfume masculino e reiterou o convite para dançarem naquela noite.

– Você não me engana. Sei que essa é a Noite das Mulheres na Loco's Tavern. Quer ficar com todos os meus drinks com desconto, enquanto você arrasa na pista de dança com outra pessoa.

Jenny observou os olhos deslumbrantes do amigo e suspirou. Era uma pena que Chad não estivesse nem um pouco interessado nela ou em qualquer mulher. Ele tinha um namorado.

– Onde está Paul?

– Trabalhando no cemitério esta semana. Estava me sentindo entediado, então ele sugeriu que eu fosse ao Loco's com você. – O amigo fez uma pausa. – Ora, podemos dançar juntos.

– Foi o que você disse da última vez... antes de me abandonar pelo concurso de salsa.

– Não vou abandoná-la. Prometo. Permitirei até mesmo que me convença a lhe ensinar alguns passos de salsa. – Aquilo atraiu a atenção de Jenny. Chad era um dançarino e tanto. – Estou quase desistindo de ser descoberto – disse em tom taciturno.

– Nunca entendi isso. Se quer ser modelo, deveria ir para Nova York.

– Eu posso desfilhar sapatos – insinuou ele, com um sorriso largo.

Não era a primeira vez que Chad expressava aquele desejo. Como se ela tivesse alguma influência sobre os mandachuvas da Bellagio.

– Já disse – começou ela, retirando a mão do rosto do amigo e abaixando o tom de voz. – Seu pé não é grande o suficiente.

Chad resfolegou, indignado.

– Meus pés são enormes. Na verdade, são tão grandes que arranco suspiros quando...

Jenny tapou os ouvidos.

– Eu já disse que não quero ouvir detalhes de sua vida sexual.

– Foi você quem começou, falando mal de meus... – Chad limpou a garganta. – ... pés. Basta – disse, arrancando-lhe o pano de prato das mãos e o atirando sobre a bancada. – Vamos arrasar na pista, Cinderela.

Jenny se deixou levar. Uma noite na companhia de um homem estonteante, que a ensinaria a dançar salsa, não soava nada mal.

– Não posso ficar até muito tarde. Tenho que trabalhar, amanhã.

Chad deu de ombros, erguendo a bolsa que ela deixara pendurada no encosto de uma cadeira da cozinha, e a guiou na direção da porta.

– E daí? Você atende o telefone e organiza papelada de trabalho. Quantos neurônios são necessários para essa função?

– Depende do dia. Às vezes, consome todos os meus neurônios. – No dia seguinte, teria uma reunião com Marc.

Chad dirigiu um olhar curioso, embora cético.

– E está com pressentimento de que amanhã será um desses dias, minha pequena vidente?

Embora o amigo soubesse que o sexto sentido de Jenny não costumava falhar, gostava de provocá-la.

– Sim – respondeu ela, pensando sobre Marc e sentindo um arrepio na nuca. – Algo me diz que amanhã precisarei de todo o potencial dos meus neurônios.

Duras horas mais tarde, após dois drinques, Jenny gargalhava de seus esforços em aprender salsa.

– Ora, vamos, você consegue – estimulou Chad, quando ela tropeçou pela milionésima vez. – Libere a paixão que existe dentro de você, invoque sua deusa interior e *me acompanhe*.

– Se procurar com muita atenção, talvez encontre essa paixão contida, mas não estou tão certa em relação à deusa interior.

Chad a afastou com um movimento rápido e a puxou de volta contra o corpo.

– Então, você precisa inventá-la. Se quiser aprender salsa, tem que se jogar, liberar a paixão, despertar a deusa interior e seguir os passos. – Chad apertou-a pela cintura, obrigando-a a virar na direção que ele queria. – Siga com paixão. Uma diva sabe que pode exigir qualquer coisa e conseguir.

– Como pode saber tanto sobre salsa e mulheres? – perguntou ela, avaliando o que o amigo dissera.

Quando ele a girou com um movimento forte, Jenny gostou da sensação vertiginosa. Chad não a deixaria cair. Era capaz de seduzi-la a dançar, mas não a fazer sexo. Estava segura com ele.

Porém, a mente de Jenny não conseguia se afastar da reunião que teria com Marc no dia seguinte. Não havia rede de proteção com aquele homem. Imaginou se teria coragem de seduzi-lo se tivesse a oportunidade. Quanto ao trabalho dos sonhos que havia sido oferecido em uma bandeja de prata, era impossível não considerar o que aconteceria se alguém tivesse a curiosidade de verificar as credenciais que Sal incluía em seu currículo. Mais uma vez se veria sem rede de proteção.

– Confia em mim? – perguntou Chad, desafiando-a com o olhar.

Invadida por uma pontada de excitação, ela anuiu. Chad era um amigo. A única coisa que poderia despertar o interesse dele eram os drinques com desconto aos quais Jenny tinha direito naquela noite.

De repente, sentiu o mundo girar e a cabeça pender, quase tocando o chão. Encontrava-se suspensa, à mercê de Chad. Misturado ao zumbido que sentia nos ouvidos, escutou aplausos.

Chad exibiu os dentes alvos em um sorriso que expressava aprovação.

– Tem três segundos para me puxar de volta – disse ela, sentindo-se zozza. – Ou nunca mais me acompanhará em uma noite das mulheres.

Chad soltou uma risada estrondosa e a virou no mesmo instante, deixando-lhe o corpo em contato íntimo com o dele.

– Estava enganada sobre sua deusa interior. Ela está bem aí.

COM EXCEÇÃO da mobília luxuosa, o escritório de Marc Waterson a fez se lembrar da sala do diretor da escola primária que frequentara. E o mais engraçado era que ainda conseguia recordar a conversa.

– *Jenny, tanto sua irmã quanto seu irmão fazem parte do nosso programa educativo para alunos superdotados. Sabemos que é inteligente e que poderia fazer parte do mesmo programa, caso se esforçasse um pouco mais.*

E ela se esforçara. Mas matemática e ciências a matavam de tédio.

Sentada diante de Marc Waterson enquanto ele terminava uma chamada, ela esfregou as palmas úmidas uma na outra e inspirou fundo na tentativa de livrar o peito do peso. Dissera a si mesma para evocar sua deusa interior para a reunião, mas até o momento não lograra êxito.

Não era o mesmo que estar no escritório do diretor do colégio, concluiu. Tratava-se de uma promoção. Mais ou menos. O problema era a mesa, pensou Jenny, observando o móvel imenso de cerejeira que a separava do sensual e todo-poderoso Marc Waterson. Ao que tudo indicava, ele não tinha a menor dificuldade em ignorá-la, apesar do fato de ela estar vestida no estilo “profissional sexy”: saia preta, acima dos joelhos, e suéter justo.

Um gemido de frustração borbulhou na garganta de Jenny, deixando-a chocada quando escapou pelos lábios com o som semelhante ao de uma eructação inconveniente. Oh, droga! Esperava apenas que Marc não tivesse escutado...

Mas ele olhou para ela com as sobrancelhas erguidas. Em seguida, ergueu o dedo indicador sinalizando um minuto.

– Está bem, Gino, estou livre esta noite. Sabe se ela tem preferência por comida italiana ou frutos do mar? Não estava escrito no relatório – disse ele, com uma risada abafada. – Pensarei em alguma coisa e pedirei a Cynthia para fazer as reservas. – Marc gemeu e passou uma das mãos pelo cabelo espesso deslumbrante. – Deus, espero que a Miss Condado de Brunswick seja a mulher certa. Isso já está ficando chato. – Ele deixou escapar outra risada baixa. – Lembre-se que você também vai lucrar, se der certo. – E com um gesto positivo de cabeça, acrescentou: – *Ciao.*

A mulher certa? Marc estava procurando a mulher certa? E parecia muito determinado a encontrá-la. Miss Condado de Brunswick, uma vencedora de concurso de beleza, pensou, empinando o nariz. Muito superficial. Julgara

Marc Waterson acima dessas frivolidades, pensou experimentando uma tola pontada de decepção no peito. Infelizmente, ela não possuía os requisitos necessários a um concurso de beleza, exceto talvez para trabalhar nos bastidores.

Segundos após concluir o telefonema, Marc apertou o botão do interfone.

– Cynthia, por favor, faça reservas para duas pessoas no Atlanta Grille, no The Ritz. E não me passe nenhuma ligação até segunda ordem. Obrigado – disse ele, voltando a atenção a Jenny.

Ser alvo do olhar de Marc a fez se sentir ainda mais incomodada. Permitiu-se mudar de posição na cadeira e cruzar as pernas.

– Jenna, conseguiu chegar a uma conclusão sobre o projeto?

– Jenny – corrigiu ela, lutando contra um assomo de irritação.

– Desculpe, Jenny – Marc se apressou em corrigir, embora não parecesse lamentar.

– Estou interessada. Gostaria de ter mais detalhes sobre o que é esperado de mim e qual será a remuneração – respondeu ela, satisfeita por não gaguejar e agradecida pelo fato de ter passado toda a manhã treinando. *Sou uma deusa, ouça o meu brado*, mentalizou. Mas ao mesmo tempo imaginava se Marc usava colônia pós-barba e se conseguiria sentir a fragrância caso se aproximasse o suficiente. Quando ele revelou a cifra, Jenny quase cantou “Aleluia”, mas se conteve e tentou não devorar aquela boca sensual com o olhar enquanto Marc falava. Em seguida, ele listou todos os encargos, expectativas, bem como o nome da nova função: designer assistente.

As duas palavras soaram como música aos ouvidos de Jenny. *Que interessante!*, pensou. Os empregos pelos quais passara sempre foram meios de sobrevivência, o suficiente para pagar as contas, e ela nunca se importara com o prestígio. Na verdade, sempre estivera muito ocupada procurando o próximo emprego porque ora havia pedido demissão do último, ora a empresa havia falido. Não gostava de nenhum deles a ponto de se preocupar com o tempo em que durariam. Mas aquele era diferente.

– Concordo com o salário – disse ela, forçando-se a usar o eufemismo. – O nome do cargo também, mas estou preocupada com minha situação na empresa quando o projeto for concluído. O que farei então?

– O que quer fazer?

Quero fazer sexo selvagem com você... o que quer que isso signifique. Jenny engoliu em seco e tentou clarear a mente. *Deusa, deusa, deusa.*

– Gostaria de desenhar minha própria linha de calçados sociais – declarou ousadamente, cada palavra escapando dos lábios.

Marc pestanejou várias vezes.

Jenny tinha certeza de que o surpreendera. Aquele homem era do tipo que nunca parecia confuso.

– É um pedido audacioso.

– Não para você e Sal. Ambos concordam que sou apta para o cargo, considerando que estão me recrutando para um projeto de grande porte. – Mesmo que a decisão de contratá-la tivesse deixado Marc em uma situação delicada.

– Trata-se de uma situação inusitada – disse ele, ajustando o nó da gravata. Jenny ficou chocada com a demonstração de desconforto. Ela *consequira* abalar Marc Waterson. Estava tendo uma surpresa atrás da outra. – Não conheço seu trabalho o suficiente para saber se é capaz de criar uma linha inteira e sustentá-la. Lançar uma nova coleção requer um grande investimento.

– Se Sal não voltar, terá de investir em alguém.

– Não há nenhuma razão para crer que ele não voltará. E se isso acontecer, daríamos continuidade à linha que ele criou durante anos.

Aquilo soava como uma resposta negativa e a aborreceu. Pela primeira vez na vida estava fazendo algo notável e não se incomodaria se as pessoas ficassem sabendo.

O olhar de Marc encontrou o dela.

– Não receberá o crédito pelos sapatos que desenhará para Brooke. – Jenny anuiu. – E isso a incomoda – concluiu ele.

Jenny repetiu o gesto positivo de cabeça.

Marc tamborilou com a caneta cara sobre a mesa.

– Vamos combinar o seguinte: prepare alguns esboços de sapatos sociais e, se eu achar que vale a pena, farei uma apresentação ao marketing. Começaremos daí.

Era uma chance. Mais do que possuía quando transpusera a porta daquele escritório.

CAPÍTULO 3

No DIA seguinte, a promoção pareceu, mais do que nunca, algo fictício. Jenny atendeu os telefonemas, arquivou documentos e executou toda a rotina diária, sendo que agora também tinha de desenhar.

Durante o almoço, que comeu na mesa de trabalho, o telefone tocou mais uma vez. Ela franziu a testa para o aparelho, relutante em atender, mas por fim, resolveu fazê-lo.

– Jenny Prillaman, secretária de Sal Amoré.
– Pegue o projeto Tarantino. Tem talento para isso – disse Sal, do outro lado da linha.

O choque quase a fez deixar cair o fone.

– Sal! Onde você está?
– Na clínica de reabilitação. Tive que me esconder para dar esse telefonema. Aceite o projeto.
– Mas Marc Waterson pensa que me formei na faculdade de Design.
– Nesse caso, a falta de informação não fará nenhum mal a Marc. Às vezes, os gestores não entendem a forma de criação dos artistas.
– Mas não sou uma artista – protestou Jenny. – Desenho apenas por hobby.

– Não subestime seu talento. Agora tem o cargo de designer assistente. Faça seu trabalho. Eu telefono quando sair daqui. *Ciao*.

– Mas eles pensam que sou algo que não sou – argumentou Jenny. – Sal, Sal... – Mas a ligação foi cortada. Estava falando com uma linha muda. O pânico a dominou. Estava de fato sozinha naquela empreitada. Obteria sucesso ou fracassaria por conta própria.

A insegurança apertou sua garganta. E se não conseguisse atender às expectativas? Após toda aquela bravata e se passar por deusa, o que aconteceria se fosse um fiasco?

Jenny respirou fundo e observou os sapatos sociais nos quais trabalhara nas últimas horas.

Não se trata da paz mundial, disse a si mesma. Apenas de sapatos.

A maioria dos funcionários deixava o prédio por volta das 17h30, portanto Jenny decidiu aproveitar o silêncio para esboçar mais alguns modelos. Esboçar parecia menos ameaçador do que desenhar sob encomenda.

Algun tempo depois, sentiu o estômago roncando. Ergueu o olhar ao relógio e se surpreendeu ao constatar que havia se passado quase duas horas. Ao analisar os esboços, Jenny se sentiu satisfeita com o começo. Estava na hora de ir para casa, pensou enquanto decidia em qual lanchonete poderia comprar o jantar.

Quando saiu pela porta dos fundos do prédio, foi surpreendida por um aguaceiro. Não trouxera guarda-chuva e ficaria ensopada. Melhor ao final do dia do que no início, pensou, filosófica, enquanto corria na direção do próprio carro. Quando entrou, secou-se o melhor que pôde, enfiou a chave na ignição e a girou.

Um som engasgado encheu o interior do carro. Jenny fez uma careta. Não era um bom sinal. Tentou mais uma vez apenas. Mesmo resultado, embora o som saísse ainda mais fraco. Com um suspiro exasperado, saiu do carro e foi até o capô. Erguendo-o, observou o motor, procurando uma resposta.

MARC ENTROU no carro e fechou o guarda-chuva compacto, antes de colocá-lo atrás do banco do passageiro para que pudesse alcançá-lo com facilidade quando chegasse em casa.

Trabalhara até mais tarde devido a um compromisso externo que teria no dia seguinte. E também porque não estava disposto a enfrentar o interrogatório sobre o encontro da noite anterior. Se avaliasse a pretendente de acordo apenas com os padrões da lista que fizera, ela seria perfeita.

Marc manobrou o carro para fora da vaga exclusiva próxima ao prédio e desceu a rampa. Em sua visão periférica, captou um par de faróis baixos

acesos. Ao olhar naquela direção, divisou uma figura inclinada sobre o carro com o capô erguido.

Pobre tola, pensou. Era para isso que serviam os aplicativos de celular que forneciam auxílio mecânico e serviços de guincho. A chuva que se acumulava no para-brisa do carro pesou na consciência de Marc.

O estacionamento estava deserto. Resmungando, girou o volante na direção do veículo.

Ao emparelhar, baixou o vidro e colocou a cabeça para fora.

– Quer que chame um mecânico?

A figura indistinta na escuridão girou e Marc a reconheceu de imediato. Era a secretária de Sal.

Ao se olharem, Marc percebeu a expressão quase apavorada no rosto da mulher. Diabos, ele não era tão pavoroso assim, certo?

– Sr. Waterson!

– Pode me chamar de Marc – disse ele, irritado com o fato de a secretária de Sal continuar parada na chuva. – Ouça, Ginger, por que não entra no meu carro e então decidimos o que fazer com o seu?

Pestanejando várias vezes para dispersar a água, ela passou as mãos no rosto.

– Jenny – corrigiu mais uma vez, ainda hesitante em aceitar a oferta. – Vou molhar o banco do seu carro.

– Tenho toalhas. Entre.

Jenny esticou a mão para dentro do carro, desligou os faróis e entrou no veículo luxuoso. Ela exalava fragrâncias de chuva, menta e chocolate.

Marc sentiu o estômago roncar.

– O que estava comendo?

– Pastilhas de chocolate com menta. Sempre tenho em minha bolsa para situações de emergência.

– Mas não o cartão do seguro? – perguntou ele.

– Não são gostosos. Quer uma?

– Sim, obrigado – respondeu ele, aceitando o confeito. Com o cabelo colado e os óculos de armação esquisita, ela o fazia lembrar um filhote de cachorro que fora salvo de se afogar.

Esticando a mão para o banco traseiro, Marc pegou uma toalha e passou para ela.

– Pegue. O que acha que houve com seu carro?

Jenny retirou o blazer e esfregou a toalha no corpo.

– Pode ser bateria, alternador ou contato de partida. Se eu estiver mesmo com sorte, os três. – Ela fez uma careta. – Acho que terei que chamar o guincho. Sabia que deveria ter renovado o seguro do carro.

Marc percebeu uma mecha do cabelo de Jenny sobre a testa.

– Vou chamar o socorro. Tem alguma oficina...

– Ron's Garage, na Peachtree.

Marc chamou o socorro e desligou.

– Será que ainda está aberta?

– Não, mas eles têm um local para deixar a chave do carro.

– E como voltará para casa?

Jenny mordeu o lábio inferior.

– Oh, não havia pensado nisso. Deve haver alguém que possa vir me buscar.

– Ou não – retrucou Marc. – Eu a levarei.

Jenny o encarou por um longo instante.

– É muito gentil de sua parte.

Não havia nenhum tom de lisonja artificial naquelas palavras.

– Parece surpresa.

– Uh, bem... – Jenny pigarreou. – Imaginei que tivesse algo mais importante a fazer. – Os olhos se arregalaram quando ela pareceu se lembrar de algo. – Você não tem um encontro?

– Isso foi ontem à noite. Como sabe?

– Eu estava em seu escritório, enquanto você conversava sobre o assunto ao telefone.

Marc anuiu. Precisava ser mais cauteloso ao discutir o plano que traçara na frente de outras pessoas. Deus o ajudasse se aquele assunto caísse na boca dos funcionários da empresa.

– Como foi seu encontro?

Pego de surpresa pela pergunta, Marc a fitou.

– Foi bom. Ela é bonita, agradável e uma boa ouvinte. Exige muita dedicação.

– Ah – disse ela, com um gesto positivo de cabeça. – Você prefere nenhuma dedicação.

– Baixa ou média – corrigiu ele.

– Deveria começar com um cachorro – disse ela.

A sugestão não pareceu fazer sentido.

– Por quê?

– Seria uma espécie de treinamento. Se não está acostumado a se dedicar, os cachorros são bastante resilientes. Não o farão dormir no sofá, nem darão gelo, mas se os ignorar por muito tempo, saberão se fazer notar.

– Com uma sujeira no chão – disse ele, negando com a cabeça. – Não quero um filhote de cachorro.

– Eu não recomendaria um filhote e sim um cachorro adulto.

– Você faz parte de alguma associação de abrigo de animais ou algo parecido?

– Não – respondeu ela. – Estava apenas sugerindo um modo de solucionar seu problema com a dedicação.

– E quem disse que tenho um problema?

Jenny entreabriu os lábios para dizer algo, mas tornou a fechá-los como se estivesse repensando o que iria dizer.

Aquilo o irritou. Queria saber o que ela estivera prestes a dizer.

Jenny vasculhou a bolsa.

– Quer outra pastilha?

– Está tentando mudar de assunto? – perguntou Marc.

– Sim, para algo doce – acrescentou ela.

Marc aceitou o confeito, encarando-a com os olhos semicerrados.

A secretária de Sal era uma pessoa estranha. Possuía uma pele perfeita, pensou ele, o que ficava evidente, uma vez que toda a maquiagem fora lavada pela chuva. O cabelo estava começando a perder a umidade. Os cílios eram longos e negros. Os olhos de um azul intenso por trás das lentes dos óculos de armação vermelha. Marc imaginou o que a levara a escolher aquele modelo.

– Poderia parar de me olhar desse jeito?

Marc achou engraçado.

– Por quê?

– Porque não é assim que eu gostaria que Marc Waterson, o vice-presidente todo-poderoso, se lembrasse de mim.

Marc a estudou com olhar curioso.

– E como deseja que Marc Waterson, o vice-presidente todo-poderoso, se lembre de você?

– Como uma pessoa composta, competente, alguém que ele deseje promover.

Marc apertou os lábios diante de tanta sinceridade. Ela colocara todas as cartas na mesa.

– Todos têm um dia ruim de vez em quando – disse, se inclinando na direção dela.

– Talvez – concordou Jenny. – Mas você dá a impressão de nunca ter tido um.

O fato de ela ter notado o surpreendeu.

– Se isso foi um elogio... – começou ele.

– Não foi – interrompeu Jenny, antes que ele pudesse concluir.

Marc experimentou a pontada de uma sensação indefinida no peito. A franqueza daquela mulher o desconcertava e ele não tinha certeza se aquilo o agradava ou não. Talvez fosse uma vantagem ela usar óculos. Aqueles olhos azuis pareciam capazes de derreter o aço.

– Lá está o reboque – disse ela e Marc aproveitou para não insistir no assunto.

Após seguirem o reboque até a oficina, Jenny deixou as chaves no local indicado pelo estabelecimento e deu a Marc as coordenadas do trajeto até sua residência.

Em determinado momento, Marc ouviu uma espécie de gemido.

– O que foi isso? – perguntou, diminuindo a velocidade do carro.

– Nada. Apenas a minha barriga tola. Vire na próxima, à esquerda.

Marc não gostava de ficar sem respostas, portanto desviou para o acostamento da via e freou o carro.

– O que foi aquilo? – exigiu saber. – Solto um som parecido com um miado de gato.

Jenny gemeu.

– Não poderia tê-lo ignorado?

– Foi muito distinto – disse ele, imaginando que aquele som pudesse ter tido alguma conotação sexual.

Jenny cobriu o rosto com as mãos.

– Acabamos de passar por minha lanchonete preferida.

– Se está com fome, por que não disse logo? – perguntou Marc, enquanto fazia o retorno.

– Porque não precisa...

– Já estou a caminho.

– Você já fez muito por mim.

– Isso não é nada demais.

– Sim, mas aposto que essa lanchonete não é a sua favorita.

Como poderia saber?

– Está bem, acha que eu prefiro qual?

Marc sentiu a intensidade com que aqueles olhos azuis o fitavam por um longo instante. Por fim, Jenny disse que o achava o tipo que pedia pizza em casa e, em seguida, arriscou o nome da lanchonete que ele escolheria se tivesse de optar por uma.

Marc a observou, enquanto manobrava pela pista do drive-thru.

– Como sabe?

– Um palpite feliz. Tenho esses pressentimentos de vez em quando. Quero o combo com oito pedaços de frango, batatas fritas e refrigerante. E molho polinésio.

Marc fez o pedido, pagou e ela colocou o mesmo valor no console do painel.

– Parece que tem problemas em aceitar que lhe paguem qualquer coisa, certo?

– Não estamos tendo um encontro.

Não, não estamos, pensou ele, imaginando por que estava achando aquela noite muito mais interessante do que a anterior.

Jenny passou o restante das coordenadas e, por fim, Marc estacionou diante do prédio onde ela morava.

– Muito obrigada, sr. Waterson – disse ela, com semblante e tom de voz sérios.

– Marc – corrigiu ele, sem conseguir resistir ao impulso de afastar a mecha de cabelo da testa. Jenny ofegou de leve e o som atraiu o olhar de Marc para os lábios carnudos e rosados. *Perfeitos para serem beijados*, pensou, repreendendo-se em seguida. Diabos! De onde viera aquela ideia? Ainda chocado, se afastou.

– Não há o que agradecer. Dê-me notícias sobre seu carro. Precisa de uma carona para o trabalho, amanhã?

Jenny se apressou em negar com a cabeça.

– Posso pegar carona com uma vizinha. De qualquer forma, obrigada. – Ela vasculhou o conteúdo da bolsa e colocou duas pastilhas de chocolate com menta na mão de Marc. – Isso deve sustentá-lo até pedir a pizza.

– Ou passar na minha lanchonete favorita – retrucou ele.

– Boa noite – disse Jenny, saltando do carro.

Marc a observou subir os degraus correndo, sob a chuva e, em seguida, desaparecer. Que mulher estranha, pensou. Não era muito bonita.

Obviamente ambiciosa. Imaginou como seria seu corpo, já que nunca se dera ao trabalho de notar.

NA NOITE seguinte, Jenny acrescentou algumas especiarias ao seu frango creole. Stella voltara para casa, acompanhada da mãe, e ela decidira se banquetear com seu jantar pré-pronto favorito.

Ouviu uma batida na porta e percebeu os lábios se curvarem em um sorriso, apesar do humor azedo. Chad outra vez.

O amigo abriu a porta e assoviou alto.

– Olhe para isso! Ela tem pernas!

Jenny deu uma risada e revirou os olhos.

– O que acha que utilizo para caminhar? Muletas?

– Estão sempre escondidas em calças jeans ou sociais, portanto esqueci desse detalhe – disse ele, arrancando a colher da mão de Jenny para provar o frango creole. – Está faltando alguma coisa. Precisa de mais pimenta – disse Chad, abrindo o armário e pegando o frasco.

– Está servido? – perguntou ela, assim que ele assumiu o fogão. Chad era uma adorável combinação de amigo leal e parasita. Ele nunca esquecia a data de aniversário de Jenny. Certa vez, quando ela estava na fossa por ter terminado um namoro malsucedido, Chad trouxera brownies e suportara ao seu lado três sessões de *Oklahoma!*.

– Sim, obrigado. É muita gentileza de sua parte me convidar. Tem algum pão saboroso por aqui, ou ainda está naquela dieta insossa de South Beach?

– Tem pão fresco.

Chad abriu um sorriso largo.

– Ótimo.

– Paul ainda está trabalhando no cemitério? – perguntou ela.

Chad anuiu.

– Pensei em sairmos para comer algo, mas como preparou jantar, seria uma pena desperdiçá-lo.

Pão-duro.

– Você tentou com seus vizinhos, antes – disse Jenny, sentando em uma das cadeiras da cozinha.

Sem constrangimento, Chad concordou.

– Com dois. Teria tentado primeiro com você, se morasse mais perto.

– É mesmo um grande sacrifício entrar no carro e dirigir cinco quilômetros.

Chad franziu a testa.

– Está parecendo um pouco azeda esta noite. Qual é o problema? Não estava esperando uma boa notícia no trabalho?

– Sim – confirmou Jenny. – Mais ou menos. Fui promovida e recebi um aumento de salário.

– Isso é fantástico! Deveríamos comemorar! – exclamou ele, com um sorriso de orelha a orelha. – Você poderia me convidar para sair.

– É complicado. O cargo inclui algumas condições. É meu, mas não de fato meu – disse ela, percebendo que não estava fazendo sentido algum. – É temporário.

– Então, fique com o dinheiro e aproveite o momento.

– É o que farei, depois que pagar a bateria nova do meu carro – respondeu ela, com um suspiro pesaroso. – É que isso me levou a pensar. Reparou que tudo que possuo não me pertence de fato? Tomo conta de uma menina extraordinária, após a escola, quase todos os dias, mas não é minha filha. Tenho um cargo novo, que na realidade não é meu. Tenho um amigo que me leva para dançar salsa, mas não é meu namorado.

Chad pareceu chocado.

– Não sabia que se sentia assim em relação a mim.

Jenny revirou os olhos.

– Não entendeu. Estou apenas desabafando. O apartamento onde moro não é meu. É sublocado.

– Então, arranje outro.

– Gosto do preço e do lugar.

– Então, pare de se queixar.

– Além disso, meu chefe não consegue se lembrar do meu nome.

– Pensei tê-la ouvido dizer que seu chefe era um cara legal. Sal alguma coisa.

– Estou me referindo a outro. O vice-presidente. – Jenny suspirou outra vez. – Ele é lindo, mas não consegue sequer me enxergar.

Chad estacou para encará-la.

– Ó meu Deus! Amor não correspondido?

Os olhos azuis de Jenny se arregalaram.

– Desejo não correspondido – corrigiu.

Foi a vez de Chad exibir uma expressão chocada.

– Amiga, nunca pensei. Você sempre pareceu tão... tão...

Jenny cobriu as orelhas com as mãos.

– Se disser assexuada, eu grito.

Chad afastou suas mãos das orelhas.

– Eu ia dizer tímida, inibida. – O amigo fez uma pausa. – Nunca se cansa de ser tão passiva? Se esse vice-presidente é tão atraente assim, por que não o leva para a cama e esquece o assunto? – Chad deu de ombros. – Se o cargo não é seu, então não vejo problema – disse, antes de erguer uma das sobrancelhas. – A não ser que esteja se guardando para o Príncipe Encantado. Não é virgem, certo?

Jenny lançou um olhar furioso e soltou as mãos.

– Isso não é da sua conta, mas não sou.

– Não parece ter sido uma experiência muito satisfatória a julgar por sua expressão – provocou o amigo.

– Foi mais de uma – retrucou Jenny, mas logo se calou. Fizera amor com apenas dois homens e não achara nenhuma das duas experiências extraordinária. – Além do mais, a situação não é simples. Ele está saindo com a vencedora de um concurso de beleza.

Chad arregalou os olhos, enquanto se servia de frango creole e arroz.

– Vencedora de um concurso de beleza – repetiu. – Imagino a que tipo de cirurgia plástica ela se submeteu.

Jenny soltou uma risada, mesmo a contragosto.

– Talvez nenhuma. Pode ser uma beldade natural.

– Querida, o natural e o belo quase nunca podem ser incluídos na mesma frase.

– Não importa. Não sou do tipo que participa de concursos de beleza.

Chad se acomodou em uma cadeira.

– Bem, não com essa aparência.

Ultrajada, Jenny comprimiu os lábios.

– O que quer dizer com isso? Não com esta roupa? Mas esta saia está acima dos meus joelhos e o suéter é justo. É um estilo profissional sexy – disse ela.

– Para a minha mãe – resmungou ele, antes de colocar uma garfada na boca. No mesmo instante, abanou a mão diante da boca. – Oh, está muito ardido.

– Você abusou da pimenta no molho.

– Pare de falar e me dê um pedaço de pão.

Jenny pegou o pão sobre a bancada da cozinha e cortou um naco com a mão. No mesmo instante, Chad o colocou na boca e mastigou.

– Obrigado – agradeceu, antes de acrescentar mais arroz ao prato. – Isso não é estilo profissional sexy. Essa saia poderia estar mais curta, embora não precise estar colada ao corpo. Gosto daquelas que ondulam quando a mulher anda. E você precisa deixar um pouco mais do colo à mostra.

– Não tenho um colo muito avantajado.

– Então produza um – sugeriu, agitando um pedaço de pão na direção dela. – Se os homens podem criar um colo, as mulheres também podem. Além do mais, precisa usar sapatos mais sensuais.

– Não quando fico de pé a maior parte do dia.

– Achei que queria ousar e acabar na cama do vice-presidente – retrucou ele, sem hesitar. – É melhor se desfazer desses óculos vermelhos também e fazer algo diferente com esse cabelo.

– Gosto dos meus óculos de armação vermelha – contrapôs Jenny, obstinada, tocando a armação, consolada com o fato de usá-los há seis anos e ter conseguido levar a irmã à loucura com isso.

– Não são sedutores. São esquisitos.

– Bem, talvez eu seja esquisita.

– Não precisa fazer propaganda disso se quiser levar o vice-presidente para a cama.

– Essa é uma forma vulgar de colocar a questão.

Chad a olhou de esguelha.

– Tem pretensões de ser a Sra. Vice-presidente?

Jenny sentiu um arrepio na nuca e um tremor involuntário pelo corpo. Marc seria um marido exigente. A esposa teria de construir seu mundo e pautar a própria vida em torno dele. E, como parecia ser rígido até a medula dos ossos, o convívio seria insuportável.

– Seria um pesadelo – confessou.

– Mas o acha atraente.

Ohhhhh, sim. Jenny anuiu.

– Tudo que o faz desagradável como marido o torna irresistível como amante. Ele emana uma aura de poder e tem um corpo espetacular. Os lábios são carnudos, mas ao mesmo tempo firmes. É um homem intenso no sentido passional. Do tipo que nos faz imaginar como seria se perdesse o controle... – Jenny se calou, envergonhada.

Chad a estudou por um longo instante.

– Oh, nunca vi seus hormônios tão borbulhantes. É uma pena – acrescentou ele. – Poderia ser divertido, mas acho que não gosta de se arriscar. – O amigo deu palmadas leves na mão. – Eu lhe darei um bom vibrador de Natal.

CAPÍTULO 4

NA QUINTA-FEIRA seguinte, Jenny, enfim, se desfez dos óculos de armação vermelha e os substituiu por lentes de contato descartáveis. Calçou os sapatos novos de salto alto, da Bellagio, claro, deixou o cabelo cascadear sobre os ombros e vestiu um suéter justo e uma saia preta. Colocou protetores de gel em pontos estratégicos do sapato para que os pés não se rebelassem antes do final do dia.

Temendo chamar atenção para seu novo visual, Jenny se manteve entocada no próprio escritório pela maior parte do dia, até criar coragem para mostrar a Marc alguns desenhos dos sapatos sociais que fizera.

Com as palmas das mãos úmidas, entrou no elevador e, três andares acima, se encaminhou à mesa da secretária.

– Marc não voltará hoje. Não estava com hora marcada, certo? – Cynthia perguntou, clicando no mouse e observando a tela do computador.

– Não – respondeu Jenny, sentindo-se tola. Que anticlímax! Deveria ter marcado uma hora, mas no dia anterior não conseguira a audácia necessária.

– Ele costuma sair mais cedo às terças e quintas para visitar o avô. Quer marcar um horário para amanhã?

– Claro – concordou Jenny.

– Olá, Cynthia. Preciso falar com Marc sobre a nova estratégia de marketing para os varejistas – disse um homem às costas de Jenny.

– Sabe que ele não está aqui, Will – respondeu a secretária. – Hoje é terça-feira.

Jenny girou e viu Will fazer uma careta.

– Droga, esqueci. A visita ao avô. – E com um olhar malicioso para as duas mulheres, acrescentou: – Essa é a explicação oficial. A que corre nos bastidores é que ele sai para uma rapidinha. – O homem mediu Jenny de cima a baixo. – Você deve ser nova aqui. Acho que nunca fomos apresentados – disse ele, estendendo a mão. – Sou Will Turnbull.

Não haviam sido apresentados, mas Jenny o conhecia. Ele, era óbvio, nunca a notara. Will era um homem tão egocêntrico que a surpreendeu o fato de tê-la percebido agora.

– Jenny Prillaman. Trabalho no departamento de design com Sal.

Will ergueu as sobrancelhas.

– Sorte sua. Aquele homem é uma lenda. Não o tenho visto ultimamente.

– Sal está muito ocupado com os desenhos para o casamento de Brooke Tarantino.

– Sim, esse é um projeto interessante. Talvez possamos sair para jantar qualquer dia desses. Eu telefono – concluiu Will, presumindo que ela tivesse concordado, e com isso partiu.

Jenny voltou a atenção a Cynthia, que a observava com olhar curioso.

– Acho que ele gostou de seu novo visual – disse a secretária de Marc.

Jenny puxou a bainha do suéter para baixo, constrangida.

– Talvez tenha me excedido – disse ela, antes de morder o lábio inferior.

– Não, você está ótima – afirmou Cynthia. – Se eu fosse mais nova e 20 quilos mais magra, também usaria uma saia como essa. – E relanceando o olhar aos pés de Jenny. – Tive três filhos e meus pés já não aguentam esses saltos. Use-os enquanto puder.

– Obrigada – Jenny agradeceu.

– Sei que não é da minha conta, mas acho que deve tomar cuidado com Will. – A secretária baixou o tom de voz a um sussurro. – Ele gosta de pensar que é um garanhão.

– Pensar é a única coisa que ele vai conseguir comigo.

Cynthia deu uma risada.

– Garota esperta. A que horas quer marcar a reunião com Marc amanhã? Ele tem 15 minutos livres logo pela manhã ou posso encaixá-la em um intervalo de dez minutos à tarde.

– À tarde – Jenny optou, refletindo que necessitaria de um café, antes de encarar Marc Waterson. Talvez de uma rosquinha recheada, também.

MARC ABRIU a porta da casa de repouso e inspirou os aromas de laranja e desinfetante. O de laranja se esforçava, mas o de desinfetante estava vencendo a batalha. A fragrância não o agradava, mas era melhor cheiro de limpeza do que de sujeira.

Selecionara com critério mais de uma dúzia de casas de repouso para o avô Waterson e escolhera aquela, baseado em uma abrangente lista de motivos. A despeito das inúmeras responsabilidades que possuía na Bellagio, a escolha da casa de repouso fora um fardo bem mais pesado. Com a morte do pai de Marc e os outros netos vivendo do outro lado do país, ele se vira sozinho para cuidar do idoso. E também era a única visita que ele recebia.

Marc mostrou a credencial à recepcionista e ela apertou um botão para permitir a entrada pela porta trancada. As instalações de segurança eram um fator importante para Marc, porque o avô tinha a tendência de perambular de vez em quando. Os médicos creditavam as crescentes idiossincrasias do idoso à demência. Marc nunca sabia ao certo com que presentear-lo, mas detestava chegar de mãos vazias. Naquele dia, trouxe-lhe um livro de fotografias de belos jardins. Os avós haviam cuidado de um jardim juntos, quando ambos eram saudáveis.

Marc encontrou o avô sentado na sala de recreação, olhando além da janela.

– Vovô?

O idoso girou a cabeça. Os olhos azuis se iluminaram ao reconhecê-lo.

– Marc, meu garoto, que bom revê-lo!

Sentindo-se relaxar, Marc percebeu que não havia se dado conta de que estava tenso. Aquele seria um dia tranquilo. O avô conseguira reconhecê-lo de imediato. Ele estendeu a mão e o senhor idoso a segurou nas dele.

– Eu trouxe um livro – disse Marc, sentando-se ao lado do sr. Waterson e entregando a brochura a ele. – Há fotos de belos jardins aí.

O avô folheou as páginas com as mãos nodosas.

– Belas fotos. Não precisava se dar ao trabalho de me trazer um presente.

– Mas eu quis trazer. Como está se sentindo hoje?

– Muito bem. Estou sentindo que vai chover. – O avô movimentou os dedos. – Minhas juntas estão rígidas.

– Quem precisa de um meteorologista quando se tem artrite, certo?

O avô sorriu.

– Isso mesmo. E como você está? Tem pescado algum peixe? Tem ido aos jogos do Braves?

Marc negou com a cabeça, recordando as vezes em que fora pescar com o avô, quando ambos eram mais novos. Desde que o idoso fraturara o quadril, no ano anterior, Marc decidiu que as viagens ao campo seriam muito custosas para o senhor.

– Tenho estado muito ocupado no trabalho, mas assisti a um dos jogos na televisão, outra noite.

– O mesmo que eu assisti. Aquele interbases tem de se ligar mais no jogo – e voltando o olhar ao neto: – Conseguiu arranjar uma esposa?

Marc fez um movimento negativo com a cabeça e sorriu. O avô fazia a mesma pergunta há, pelo menos, cinco anos.

– Ainda não, mas estou procurando.

– Precisa de uma esposa. Ter uma companheira é muito bom – afirmou o avô.

– Desde que seja uma boa esposa – retrucou Marc, pensando na Miss Condado de Brunswick, a mulher com quem fora jantar há algumas noites. Dona de uma beleza deslumbrante, a miss se mostrara bastante atenciosa. Matéria-prima perfeita para uma esposa. E ele não conseguia se lembrar de ter se sentido tão entediado em toda a sua vida. Estava começando a imaginar se o plano que traçara precisava sofrer algumas alterações. Acima de tudo, no que se referia ao celibato.

– Ora! O problema é que para você tudo é muito fácil. Não precisa batalhar para conseguir – decretou o avô.

– O que quer dizer com isso? – perguntou Marc, a mente se voltando naturalmente para a Bellagio. – Sei o que é trabalhar duro – disse ele. – Trabalho 60 horas por semana ou mais.

– Não estou me referindo à empresa de sapatos – retrucou o avô agitando os dedos na direção de Marc. – Estou falando das mulheres. Você as consegue muito fácil. Não tem de se esforçar para conquistá-las e por isso não lhes dá valor. – Marc se viu inclinado a protestar, mas as palavras do avô se aproximavam muito da verdade. – Sei que não quer uma mulher que bagunce sua vida, mas é disso que está precisando.

Marc negou com a cabeça.

– Sei do que preciso. Uma mulher tranquila, bonita, que não seja exigente, que se contente em ser a sra. Waterson e mãe de não mais do que dois filhos.

– E com que vai contribuir, além de seu dinheiro e espermatozoides? – questionou o avô. A pergunta o atingiu em cheio. – O problema é que não sabe como cuidar de uma mulher por mais do que um fim de semana.

Marc engoliu em seco. Mais uma vez o avô chegou perto da realidade.

– Admito que preciso melhorar nessa área. Por que todos sentem a necessidade de dizer em que eu preciso melhorar? Uma de minhas funcionárias me disse que eu deveria adotar um cachorro, porque isso me prepararia para um relacionamento com uma mulher.

O avô deixou escapar uma risada rouca.

– Boa ideia. Mas não pegue um filhote. Não está preparado para isso.

Marc voltou um olhar curioso ao avô.

– Foi exatamente isso que ela me disse.

O avô ergueu as sobrancelhas.

– Essa funcionária é jovem?

– Sim. Por quê?

– Bonita?

Marc deu de ombros.

– Não sei se poderia classificá-la como bonita. Os olhos são belos, a pele é perfeita, o cabelo também é bonito, mas... – Marc se calou ao perceber o olhar luminoso do avô. – Oh, de jeito nenhum. Ela é muito ambiciosa. Além do mais, é artista e, acredite, essa classe pode ser bastante excêntrica.

– Mas ela é inteligente – argumentou o avô.

– Parece que sim – concordou Marc. A forma como Jenny lidava com Sal e Brooke deixava claro que era uma pessoa inteligente e, sem dúvida, talentosa.

– Ela o incomoda – afirmou o avô. – E isso é bom.

Marc discordou em silêncio e mudou de assunto.

No DIA seguinte, Jenny vestiu a mesma saia e sapatos com um suéter diferente. Não possuía uma grande variedade de roupas estilo profissional sexy e o aumento de salário prometido ainda não figurava em seu contracheque. Teve de lutar para não colocar os óculos de armação vermelha, mas a lembrança das palavras de Chad a demoveram da ideia. *Acho que não gosta de se arriscar.*

A verdade era que não tinha por costume se arriscar. Nunca desejara nada o suficiente a ponto de correr riscos. Mas aquele emprego era

diferente. Gostava do que fazia. Embora não parecesse provável que a Bellagio concordasse em lançar uma coleção assinada por ela, podia ganhar experiência e ir trabalhar em outro lugar. E, apesar de não ser matéria-prima para se tornar esposa de Marc Waterson, talvez tivesse o mínimo necessário para chamar a atenção dele. Era pouco provável, pensou ela, enquanto aguardava no escritório de Marc o seu horário, que acabara se atrasando. Havia colocado uma caixa de couro, estilo masculina, cheia de pastilhas de chocolate com menta em um canto da mesa do patrão, como uma forma de agradecimento à ajuda que ele dera na noite em que a bateria de seu carro arriara. Inquieta, Jenny se ergueu e vagou pela sala, observando o brilho da mobília polida. Percebeu e admirou a obra de arte pendurada na parede. Avistando algumas fotos na prateleira atrás da mesa, não conseguiu resistir à curiosidade de vê-las mais de perto.

Uma delas retratava uma mulher e um homem de cabelo escuro com Marc vestido com beca e capelo. O pai e a mãe, pensou ela observando a semelhança que revelava o parentesco. Ao lado, havia outra foto, de um casal de cabelo grisalho. Os avós, supôs. Em seguida, estudou outra, do fundador da Bellagio, Antonio Bellagio, com uma criança de mais ou menos 3 anos. Aproximou o rosto da fotografia e percebeu que a criança era Marc. Um lindo menino, pensou, relanceando o olhar à mesa dele.

Impecável. Apenas algumas pastas de papéis empilhadas com esmero sobre o tampo. Ao notar que a gaveta da esquerda estava aberta, observou com mais atenção e divisou o folheto de propaganda de uma joalheria no topo. Sentindo-se uma intrometida, Jenny se inclinou para perto e vislumbrou uma página repleta de anéis de noivado. Alguns pomposos, cravejados de diamantes, que a fizeram se lembrar de ter visto algo parecido em um filme de ficção científica. Não tinha nada contra anéis com pedras grandes, pensou ela, torcendo o nariz, mas aqueles eram horrorosos. E pensar que julgara Marc um homem de bom gosto.

O som da voz do patrão do lado de fora da porta a fez se sobressaltar. No mesmo instante, contornou a mesa e se sentou na cadeira oposta.

– Desculpe-me por fazê-la esperar. A reunião acabou se alongando – justificou ele, enquanto transpunha a porta.

– Sem problemas – retrucou Jenny, considerando um crime um homem ficar tão belo em um terno preto.

Após fechar a porta, Marc se sentou.

– Muito bem, Gena, tem algo que queira submeter à minha análise?

Jenny suprimiu um gemido.

– Jenny. Meu nome é Jenny – corrigiu ela com um pouco mais de irritação do que pretendia.

Por fim, o olhar de Marc encontrou o dela.

– Jenny – repetiu ele, olhando-a de cima a baixo. – Desculpe.

– Uh-huh – disse Jenny em um tom de voz casual, antes de pousar os esboços dos sapatos sociais que fizera sobre a mesa.

Marc relanceou o olhar aos papéis e de volta a ela. Tornou a olhar para os papéis e por fim a encará-la.

– Desculpe, mas fez algo diferente com seu cabelo ou algo parecido? Está com uma aparência diferente.

– Sim – disse ela, de repente, tímida. Em seguida, gesticulou com a cabeça para os esboços. – Qual o agradou mais?

– Gostei desse jeito – disse ele.

– O quê?

– Seu cabelo. Gostei dele solto. – Ele franziu a testa como se não conseguisse discernir o que mais estava diferente na aparência de Jenny.

Experimentando uma rápida descarga de adrenalina, ela decidiu deixar que Marc descobrisse por si mesmo.

– Os sapatos – disse, apontando para os esboços. – Qual foi o que mais o agradou?

Mais uma vez o olhar de Marc se voltou para os papéis.

– Este – respondeu, apontando para o esboço de sapato de veludo com recortes.

– Mas este tem potencial, também – acrescentou, referindo-se à sandália de couro de tirinhas vermelha, com salto agulha. – Bom começo – elogiou, voltando a fitá-la.

Jenny percebeu os olhos se demorarem em seus lábios e escorregarem para baixo, se fixando no ponto onde os dois primeiros botões abertos do suéter deixavam à mostra um vislumbre do colo. Outra descarga de adrenalina, dessa vez misturada à timidez, a varou. Em um gesto automático, ela ergueu a mão para ajustar os óculos, mas nada encontrou e resolveu colocar uma mecha de cabelo para trás da orelha.

– Farei mais esboços – disse ela.

– Boa ideia... – Marc se calou quando o interfone tocou. – Brooke. Está bem, pode passar a ligação. Olá, Brooke – cumprimentou ele. Jenny conseguia distinguir a voz feminina, mas não as palavras do outro lado da linha. – Uh-huh. E quando será? – Ele comprimiu os lábios. – Está em cima da hora.

Está bem, está bem – acrescentou, beliscando o dorso do nariz. – E quer que a secretária de Sal vá, também. Está bem, nos encontramos lá. – Marc interrompeu a ligação. – Brooke quer nossa presença em uma festa, sábado, à noite. É uma reunião prévia ao início das filmagens do reality show. – Marc fez uma pausa. – Os óculos. Você usava óculos – afirmou, parecendo satisfeito consigo mesmo, como se tivesse acabado de resolver um enigma.

– Sim, usava. A que horas será a festa?

Marc se ergueu, ainda a observando.

– Às 20h. Quando comprou lentes de contato?

– Eu as tinha. Não sabia onde havia colocado meus óculos, portanto tive de usá-las hoje. Sabe me dizer qual é o traje da festa?

– Deveria perder seus óculos com mais frequência – aconselhou ele, em um tom de voz grave que a fez experimentar uma sensação estranha no baixo-ventre. – Você tem olhos incríveis.

– Obrigada. Você também – Jenny deixou escapar sem pensar, o que a deixou horrorizada.

Aqueles olhos deslumbrantes se arregalaram, surpresos.

– Tenho?

Jenny sentiu a temperatura do rosto aumentar, no mínimo, uns 15 graus. Tinha certeza que estava da cor de um tomate maduro, pensou, irritada.

– Claro que tem, além de cabelo deslumbrante, estrutura óssea invejável e corpo escultural. Mas você sabe disso, portanto, tenho certeza de que estou sendo repetitiva.

Marc pestanejou, confuso.

– Obrigado... acho.

– De nada – retrucou Jenny da maneira mais ríspida que conseguiu. – Qual o traje da festa?

– Coquetel – respondeu ele. O olhar ainda fixo nela como um radar em um carro que passasse a 150 km/h em uma zona de velocidade máxima de 80 km/h.

– Está bem, obrigada por ter me recebido – disse ela, recolhendo os esboços. – Acho que o verei no sábado, à noite.

– Claro. Não precisa do caminho para chegar ao endereço? – perguntou Marc.

– Bem lembrado – retrucou ela, ávida por sair do escritório. Mas não era isso que desejara? Que ele a notasse? Mas, agora que conseguira, o coração

batia como um tambor contra as costelas e Jenny se sentia um peixe fora d'água. – Pode pedir à sua secretária que as envie para meu e-mail?

– Sim, claro. Como está seu carro?

Oh, não! Agora ele estava sendo gentil. Jenny estacou de imediato e o encarou.

– Está bem. Obrigada por perguntar. Era a bateria. Mais uma vez gostaria de agradecer pela ajuda. – Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes. – Deixei em sua mesa um símbolo da minha gratidão.

Marc baixou o olhar e notou a caixa de couro. Quando a pegou, abriu um sorriso.

– Pastilhas de chocolate com menta.

– Seu estoque de emergência – disse ela.

Quando os olhos encontraram os dela, Jenny sentiu um lampejo de entendimento entre ambos. Como se fizessem parte de uma sociedade secreta. Aquilo foi o bastante para fazer seu coração disparar.

– Obrigado – agradeceu ele. – Acho que nunca recebi doces de presente de uma mulher.

Oh, não! Marc estava pensando que as pastilhas de chocolate eram a forma que encontrara de flertar com ele? De se insinuar? O que ela faria, se soubesse como. Mas os confeitos eram de fato um agradecimento. Ou pensara que eram. Jenny mordeu o lábio inferior, e se esforçou para pensar em uma resposta galanteadora.

– Talvez isso as torne ainda mais saborosas – conseguiu dizer, surpreendendo a si mesma.

– Talvez – Marc devolveu, e ela percebeu um leve brilho sensual nos olhos. – Terá de me manter abastecido.

Com a sensação de que estava penetrando em águas bravias, Jenny resistiu à ânsia de recuar.

– Será necessário descobrir a intensidade de seu apetite... para pastilhas de chocolate com menta – apressou-se em acrescentar.

– Concordo.

Sentindo a tensão apertar a garganta, Jenny decidiu ir embora, antes que fizesse algo estúpido.

– Farei isso. Mais uma vez agradeço pelo tempo que me dispensou e, por favor, não esqueça de pedir à sua secretária que me envie o endereço da festa.

– Sim, pedirei. Mais uma vez, obrigado pelas pastilhas.

– De nada – retrucou ela, sentindo o olhar de Marc a acompanhar. Prendendo a respiração até chegar à própria sala, fechou a porta e se recostou contra a madeira.

Ó meu Deus! Marc Waterson a notara e meio que flertara com ela! O coração ainda estava acelerado e o rosto devia ter a cor de alguém que passou um dia inteiro ao sol.

Uma dúzia de pensamentos cruzou sua mente. Está bem, até então, aquela empolgação por Marc Waterson não passara de uma fantasia divertida, como a que tinha com Huey Lewis. Mas desejava de fato vê-la transformada em realidade? E, caramba, seriam os homens tão superficiais a ponto de não perceberem uma mulher até que ela subisse a batinha da saia e retirasse os óculos?

Aquilo era ridículo, pensou Jenny, franzindo a testa, desgostosa. Certo, respondeu a consciência. E seria ela tão superficial a ponto de notar Marc Waterson apenas por seu rosto perfeito e corpo escultural?

Jenny fez uma careta para si mesma e decidiu telefonar para Chad. Tivesse coragem ou não para dar continuidade à fantasia com Marc, iria precisar de ajuda para se preparar para a festa.

Duas horas depois, quando estava pronta para fechar o expediente, soou o alerta do e-mail. Ao verificá-lo, deparou-se com uma mensagem de Marc.

J, não há necessidade de irmos em dois carros. Eu a buscarei às 19h45. M.

Depois de passar três horas fazendo compras com Chad, no sábado, Jenny ainda resmungava quando os dois entraram em seu apartamento.

– O vestido está muito curto e vou acabar machucando alguém com aqueles saltos agulha gigantescos. Você vai ver.

Chad exibiu um sorriso malicioso.

– O que pode não ser tão ruim assim. Talvez esse vice-presidente tenha uma tendência sadomasoquista. Além disso, você estará usando um blazer. E de cor púrpura-escuro, em vez do vermelho que escolhi. Uma roupa quase adequada a um ambiente de trabalho.

– Se eu fosse uma prostituta – retrucou ela, incrédula. Jenny estava tão nervosa que chegou a aventar a possibilidade de cancelar o compromisso.

– Ainda acho que deveria ir sem calcinha – sugeriu Chad, conferindo o conteúdo da geladeira. – Vou abrir essa garrafa de vinho. Você está

precisando de umas taças. E eu também. – Ele abriu a garrafa, encheu uma taça e a entregou a Jenny.

– Não estou segura, Chad – disse ela, após dois goles do vinho. – Essa não sou eu.

Chad se serviu de uma taça e gemeu.

– Talvez o seu “eu” precise se remodelar um pouco. Além do mais, esta é a minha grande oportunidade de orientar uma heterossexual sobre como se produzir para conseguir o bofe dos seus sonhos. Não estrague tudo – acrescentou, envolvendo-lhe a cintura com um dos braços. – O que de pior pode acontecer?

– Eu fazer alguma besteira – disse ela.

– Farei com que fique tão estonteante que não importará o que fizer.

– E se ele achar que estou parecendo uma vadia?

– Um sonho se tornando realidade – retrucou Chad. Jenny dirigiu um olhar furioso. – Ficaré com uma aparência elegante, porém sexy. Está bem, estamos vendo a questão pelo prisma errado. O que de melhor pode acontecer?

Aquilo era fácil.

– Marc se lembrar do meu nome.

– Durante ou depois do sexo?

Jenny o olhou, surpresa. Apesar do vestido sensual e dos preservativos que Chad insistira para ela levar na bolsa, sabia que não havia a menor possibilidade de fazer sexo com Marc Waterson. Sem chances. Teria de dar um passo de cada vez.

– Não acredito que Marc e eu faremos sexo nesta festa. Ficaria satisfeita com o simples fato de ele se lembrar de meu nome. Ponto.

Chad fez um gesto negativo com a cabeça, dispensando um olhar compassivo.

– Oh, pobre menina, tem de aprender a sonhar alto.

– Ouço isso desde que me conheço por gente – resmungou Jenny, tomando outro gole de vinho.

CAPÍTULO 5

MARC SALTOU do carro esporte luxuoso e acionou o alarme com o controle remoto na chave, antes de subir os dois lances de escada até o apartamento de Jenny. Enquanto escalava os degraus, se lembrou do primeiro ano da faculdade e uma sensação de nostalgia o invadiu. A vida era bem mais simples, antes da morte do pai, quando suas únicas preocupações se limitavam a tirar a nota máxima nos exames parciais e levar uma das meninas da fraternidade de mulheres para a cama na noite de sexta-feira. Agora, mais velho e experiente, carregava o fardo de ser o responsável pela família. Na verdade, não se surpreenderia se Brooke tivesse sido obrigada a convidá-lo. As festas da prima costumavam acabar em batida da polícia para prender os desordeiros.

No instante em que Marc erguia a mão para tocar a campainha, a porta se escancarou e Jenny surgiu, com o rosto corado e o cabelo cascadeando, brilhante e solto, sobre os ombros. Os olhos azuis o percorreram da cabeça aos pés. A intensidade daquele olhar o fez sentir calor dentro do terno.

– Olá – disse ela, ofegante. – Jenny tinha o hálito de menta e algo um pouco mais picante. – Você está maravilhoso.

Marc não conseguiu conter uma risada abafada. Aquele elogio ousado o fez sentir uma sensação gratificante.

– Acho que acabou de roubar minha fala – retrucou, observando o vestido púrpura curto e o blazer. Jenny tinha pernas maravilhosas, pensou, notando e apreciando as sandálias de salto agulha. – Essas não são Bellagio – comentou.

– Não, mas são da minha marca favorita. São lindas, não acha? – perguntou ela, baixando o olhar às sandálias.

– Nada mau – Marc concedeu. – Está pronta?

– Quase – respondeu ela, antes de se inclinar para trancar a porta, o que proporcionou uma visão privilegiada do contorno das nádegas sob o vestido, fazendo Marc desejar que Jenny não estivesse usando o blazer. Xingando a si mesmo em silêncio, fez um movimento negativo com a cabeça. Só podia ser a falta de sexo. Aquela mulher sequer fazia seu tipo.

Jenny girou e voltou a medi-lo de cima a baixo. Os lábios carnudos se curvaram em um sorriso que guardava, no mínimo, uma dúzia de segredos.

– Tudo que sei sobre as festas de Brooke é o que leio nos jornais. Como acha que será esta?

Marc deixou escapar um gemido, enquanto caminhava ao lado dela na direção do carro.

– Espero que diferente daquelas que você costuma ler nos jornais. Sem polícia nem prisão. Será na casa da família, com a presença da imprensa, portanto, não deve acabar em selvageria. Brooke gosta de esportes de equipe e acho que essa é uma forma de tentar fazer com que todos trabalhem juntos.

Marc abriu a porta do carro e a observou trazer as pernas para dentro do veículo baixo, como uma debutante bem-educada, que não permitia sequer um vislumbre da calcinha.

Praguejando mais uma vez em silêncio, ele fechou a porta e contornou o carro para ocupar o lugar do motorista.

– Acha que dará certo? A teoria da formação de equipe? – perguntou Jenny, enquanto ele colocava o cinto de segurança.

– Depende do objetivo. Dará certo para Brooke ou para a Bellagio?

– Não é o mesmo, certo? – disse ela, movendo as pernas para a lateral, na direção dele.

– Infelizmente, não.

– Então, qual o seu papel nessa parceria? – Jenny quis saber.

Marc mudou a marcha, ciente até a medula dos ossos da proximidade daquelas pernas bem-torneadas. Com o canto do olho, percebeu que Jenny acariciava um dos joelhos com a mão. Se fosse outra mulher, em uma circunstância diferente, pousaria a mão naquele joelho, a escorregaria pela coxa sedosa e então... *Pararia de pensar com os órgãos sexuais*, pensou, irritado.

– Bom senso – disse ele, tentando afastar os pensamentos eróticos da mente. – Meu papel é infundir bom senso nesse projeto.

APÓS o curto trajeto até a propriedade Tarantino, Marc entregou a chave a um dos manobristas. Ao ouvir a batida alucinada da música, antes de guiar Jenny pelos degraus, na direção de uma ampla varanda, concluiu que a festa já havia perdido o controle.

Relutante em enfrentar o barulho infernal, preferiu conduzi-la ao longo de uma varanda externa.

– O que acha? – perguntou, percebendo Jenny varrer com o olhar toda a extensão da elegante propriedade.

– É enorme e suntuosa. Lembra-me de algo tirado de *E o vento levou* e elevado à décima potência.

– Sempre achei que essa casa pendia para a ostentação. Não dá a impressão de um lar – disse ele.

– O objetivo não é dar a impressão de um lar – retrucou Jenny, escorregando a mão por uma coluna de mármore. – O foco é o show. A arte levada ao extremo.

– Ah, o discurso dos artistas – disse Marc. – Admiro o fato de você conseguir equilibrar a arte com uma finalidade. Alguns artistas têm dificuldade em fazer isso. Passou pela fase temperamental de prima-dona, enquanto estava na faculdade de Design?

Por um instante, Jenny o encarou sem entender e, em seguida, desviou o olhar.

– Oh, a faculdade de Design – disse ela, antes de morder o lábio inferior. – Não. Nunca fiz o estilo prima-dona. Na verdade, meu professor de salsa disse que tenho de despertar minha deusa interior.

Marc deu uma risada diante da autodepreciação tão sincera.

– O que a levou a fazer aulas de salsa?

– Bem, foi uma aula grátis – respondeu ela. – E acho que era um dos itens que constavam na minha lista de coisas que desejo fazer. – Os olhos azuis percorreram todo o corpo de Marc e, em seguida, ela exibiu outro sorriso enigmático que o fez experimentar uma sensação estranha. – Você faz listas?

– Talvez tenha feito em alguma ocasião – respondeu Marc, sem conseguir se lembrar. Entre a morte do pai e o cargo que passou a ocupar na Bellagio, os últimos anos haviam transcorrido como em uma névoa. – Acho que tenho estado muito ocupado.

Jenny anuiu, demonstrando compreensão.

– Humm. Acho que não é nada fácil para um homem tão jovem ser vice-presidente de uma empresa desse porte.

– Sim – concordou ele. Era como se Jenny estivesse vendo mais do que seu exterior naquele breve momento. Marc prendeu a respiração por um segundo a mais e depois soltou o ar. – Acho melhor entrarmos.

– Sim – murmurou Jenny, soando como se também tivesse opiniões ambíguas em relação à festa.

– Não vai ser tão ruim quanto está pensando – garantiu ele, enquanto girava a maçaneta. – Talvez até se divirta.

Tão logo abriu a porta, Marc foi assolado por um turbilhão de vozes e o som ensurdecedor da música. Lotados de convidados, os cômodos estavam em penumbra. A atmosfera impregnada de aromas de rosas, hormônios e fumaça de cigarros lícitos e ilícitos.

Um jovem, que parecia vagamente familiar, se aproximou dos dois.

– Olá, sou Justin. Seu primo – acrescentou, quando Marc pareceu não o reconhecer. – Estou trabalhando como assistente temporário de Brooke até terminar minha tese, no próximo semestre. Portanto, sou o relações-públicas oficial. Bem-vindos à festa, Marc e...?

– Jenny Prillaman. Trabalho no departamento de design da Bellagio – acrescentou ela, oferecendo a mão. – Prazer em conhecê-lo.

– O prazer é todo meu – retrucou o homem, aceitando a mão estendida. – O que deseja beber?

– Gostaria de falar com Brooke primeiro – disse Marc. Se aquela festa fosse exclusiva para a equipe do programa, então, ao que parecia, seriam centenas.

– Claro. Deixe-me procurá-la – respondeu Justin, afastando-se e seguindo pelo corredor.

– Você não o reconheceu, certo? – perguntou ela próximo ao ouvido de Marc, com um tom divertido na voz.

– Tenho um milhão de primos e nem sempre frequento os eventos que reúnem a família inteira – retrucou Marc, elevando o tom de voz para se fazer ouvir acima da música e das conversas.

– Isso não tem nada a ver com não conseguir se lembrar de nomes e rostos.

– Costumo me concentrar nas prioridades. O resto é lixo.

– Oh, essa doeu! – disse Jenny. – Então, é por isso que não conseguia se lembrar do meu nome.

Marc abriu a boca para se defender, mas percebeu que ela o deixara em um beco sem saída. Irritado com o fato de ter de desfazer a impressão que deixara de que não sabia nada sobre ela, Marc inclinou a cabeça e falou ao seu ouvido.

– Você é Jenny Prillaman. Tem 26 anos. Foi contratada no dia 13 de novembro. Trabalhou como garçõete, agente de sinistros de seguros, caixa de banco, agente imobiliário, supervisora de lavagem de carros e gerente de lanchonete. É formada pela American Intercontinental University e estagiou com um dos nossos concorrentes. Qual deles? – perguntou ele, interrompendo o próprio monólogo. Jenny o encarou com olhar perdido. – Qual concorrente? – repetiu Marc.

Jenny desviou o olhar.

– Oh, veja, Justin está acenando para nós. Deve ter achado Brooke.

Marc abriu caminho entre a multidão até o final do corredor. Justin empurrou uma porta que dava para uma pequena sala de visitas, onde Brooke era o centro das atenções de uma aglomeração de pessoas. Ela ergueu a taça como se brindasse aos dois. Marc abriu caminho entre as pessoas.

– Preciso falar com você um minuto.

– Oh, claro! Estou feliz que tenham vindo. Está tudo maravilhoso, certo? – perguntou ela, com um sorriso de orelha a orelha.

– Um pouco diferente do que imaginei – respondeu Marc. – Algumas dessas pessoas estão ligadas ao reality show?

– Claro – respondeu Brooke. – Max, venha cá. Max é nosso produtor. Esse é meu primo Marc. É copresidente da Bellagio Shoes.

– Vice-presidente – corrigiu ele, evitando prejudicar o homem que usava o cabelo grisalho preso em um rabo de cavalo que chegava no meio das costas. – Prazer em conhecê-lo.

– O prazer é meu. – Max envolveu os quadris de Brooke com um dos braços. – A Bellagio Shoes terá uma grande exposição. Acho que Brooke tem o tipo de personalidade capaz de atrair muito interesse por parte do público.

Brooke bateu o quadril contra o dele de maneira insinuante.

– Oh, já vai começar! Você é um galanteador nato. – E agitou o indicador na direção dele. – Mas não funcionará comigo. Estou comprometida agora.

Marc resistiu ao ímpeto de colocar o dedo na garganta, fingindo vomitar.

– Por falar em comprometida, onde está Walker?

– Quem? – Brooke perguntou.

– Walker – repetiu Marc. – Seu futuro marido – acrescentou em um tom de voz significativo na intenção de desestimular o produtor lascivo.

Brooke gesticulou com uma das mãos.

– Está ocupado em outra sala. Onde está sua acompanhante?

– Eu não trouxe uma acompanhante – respondeu Marc.

– Claro que trouxe – retrucou a prima, olhando além dele. – Oh, é a secretária de Sal. Jenny, fico feliz que tenha vindo. Está arrasando com esse visual.

– Obrigada – agradeceu Jenny. – Você também está ótima e a festa... – Ela ergueu um dos ombros. – ... também está muito boa.

Um elogio vago, porém entusiasmado. Ao se deparar com o olhar de Jenny, Marc retorceu os lábios. Aquela mulher era muito gentil.

– Oh, você é um doce. Ela não é uma querida, Marc? – perguntou Brooke, mas não esperou por sua resposta, porque sua atenção já estava focada em Jenny outra vez. – Deveria ter se livrado daqueles óculos há muito tempo. Venha, vamos tomar um drinque. Eu a apresentarei a alguns convidados.

– Mas antes – interveio Marc – terá de pedir para apagarem os cigarros de erva.

Brooke o encarou com uma expressão contrariada.

– Tem de ser tão estraga-prazeres assim?

Marc rilhou os dentes.

– Lembra-se da festa que deu na Flórida? Não quer que seus convidados acabem presos, certo?

– Acho que não – concordou a prima. – Pedirei a Justin para cuidar disso.

– Brooke sinalizou para o assistente e sussurrou algo ao ouvido. Em seguida, segurou o braço de Jenny. – Venha. Vou lhe servir um martíni, talvez dois. O que quer beber, Marc?

– Uma dose de uísque. Puro – acrescentou.

– Eu pedirei para lhe servirem um duplo – disse Brooke e ele observou a prima guiar Jenny na direção do bar. Apesar do fato de ela ser mais velha do que Brooke, era como se estivesse assistindo a uma mundana levando a virgem inocente para o caminho da perdição. A prima tinha a aparência exata do que era.

Dois executivos do departamento de relações públicas da Bellagio se aproximaram de Marc.

– Podemos alugá-lo por alguns minutos? – perguntou Trina Roberts. – Gostaríamos de apresentá-lo a algumas pessoas importantes para o projeto.

– É para isso que vim – respondeu Marc.

– Queremos dar a essas pessoas um rosto para a gerência da Bellagio. Proporcionar certo equilíbrio ao que Brooke fará por nós.

– Não sei se isso será possível – retrucou ele, observando a prima que parecia tentar dar um nó no cabo de uma cereja com a língua. Ao olhar para o lado, viu Jenny retirar um cabo de cereja da boca com um sorriso vitorioso. Aquilo o pegou de surpresa. *Quem estaria ensinando quem?* Durante a hora que se seguiu, Marc foi guiado por várias salas, cumprimentou algumas pessoas, conversou com outras e promoveu a Bellagio Shoes. Em determinado momento, recebeu um copo com a dose de uísque duplo que a prima prometera. Ao ouvir o som da música latina acompanhada de assovios estridentes e gritos histéricos, aproximou-se de um grupo de pessoas próximo à banda.

– É isso aí, boneca – um homem gritou.

– Isso mesmo, Jenny! – berrou Brooke.

Jenny?

Resmungando pedidos de licença, Marc transpôs o grupo de pessoas e descobriu Jenny dançando com um homem moreno, de cabelo negro, que a girava de um lado para outro com uma rapidez alucinante. Ele espalmou uma das mãos no quadril de Jenny, que os ondulava de leve. Em seguida, escorregou a outra mão pelo cabelo castanho solto e esvoaçante, tocando-a no rosto. Tudo sem perderem o ritmo da música.

O rosto de Jenny estava corado. Os olhos semicerrados e sensuais. Devia ser aquela a aparência dela quando fazia sexo, pensou ele, sentindo o corpo zunir. Tomou outro gole do uísque para esfriar, mas a visão da saia ondulando contra as pernas bem-torneadas, possibilitando vislumbres das coxas tentadoras, apenas o excitou mais.

Jenny tocou o próprio quadril, empertigando os ombros, como em um convite sensual, e o parceiro a girou outra vez. A dança parecia um ato sexual no compasso da música. E fazia muito tempo que ele estava abstinência.

O homem tocou o rosto de Jenny. Em seguida, envolveu a cintura com um dos braços e arqueou o corpo com um movimento sensual. Ela atirou a cabeça para trás e o parceiro a girou outra vez. Após outro giro, o homem a

dobrou com um movimento dramático. O cabelo de Jenny tocou o chão como uma cortina cor de avelã. Os lábios carnudos se entreabriram e os olhos azuis se fecharam como se expressassem o êxtase que sentiria se um homem a estivesse penetrando.

Marc se deteve à margem do grupo, ostentando uma ereção, que talvez perdurasse até o Natal. Ocorreu-lhe que seria difícil voltar a ver Jenny da mesma forma outra vez. Além do modo como dançava, outra imagem espocou no banco de memória de Marc para se deter lá eternamente: o vislumbre da tanga de renda preta que ela usava.

Sob os aplausos da multidão reunida, o parceiro a puxou para cima e sussurrou algo ao seu ouvido. Após deixar escapar uma risada, Jenny sorriu para o homem e, em seguida, para o grupo. Quando avistou Marc, os olhos azuis se arregalaram com uma expressão de quem tinha sido pego com a boca na botija.

Marc ergueu o drinque em um brinde e ela pegou o blazer e a bolsa-carteira. Em seguida, se encaminhou na direção dele.

– Podemos ir para outra sala? – perguntou Jenny. – Estou morrendo de sede e aqui tem muitos olhos grudados em mim.

Com uma das mãos nas costas de Jenny, ele a guiou para fora do salão.

– É impossível dançar daquela forma e não chamar atenção.

– O mérito não é meu – justificou ela. – Ele é um ótimo guia. A mulher tem apenas de seguir os passos.

– Eu diria que fez mais do que apenas seguir – murmurou Marc.

Jenny arriscou um olhar ao rosto moreno, a expressão exalando vulnerabilidade.

– Não deveria ter feito isso em uma festa de cunho profissional, certo? Brooke ficou me pressionando. Aposto que fiz papel de idiota. Isso é vergonhoso.

Marc se viu intrigado com o contraste formado pela mulher sensual que acabara de ver dançar e a menina insegura que se revelava no momento.

– Não há motivo para se envergonhar. Não se despiu. Apenas dançou. Estava muito... sexy.

Um semblante surpreso se estampou no rosto de Jenny.

– Então, estou perdoada por dançar na presença do vice-presidente?

– Sim – respondeu ele, ciente do resvalar do quadril de Jenny no dele. – Quer beber alguma coisa?

Jenny aceitou.

– Estou com sede. De água – acrescentou. – Ainda estou me sentindo meio zonha por causa dos martinis.

O primeiro bar que alcançaram só servia drinques.

– Acho que tem algumas garrafas de água na despensa do mordomo – disse o barman. – Quer que eu peça ao garçom para trazer uma?

– Não há necessidade – retrucou Marc. – Sei onde fica a copa.

– Estou surpresa que tenha esse tipo de informação – comentou Jenny, seguindo-o pelo corredor. – Pensei que apenas os empregados soubessem onde fica a despensa do mordomo.

– É um ótimo lugar para se esconder durante as intermináveis reuniões de família – explicou ele, enquanto viravam uma curva no corredor. – Chegamos – disse Marc, abrindo uma porta. – Não tem lustres ornamentados, mas é funcional. – Ele precisou abrir dois armários até encontrar as garrafas de água. – Importa-se se não estiver gelada?

Jenny negou com a cabeça.

Antes de entregar a garrafa, ele retirou a tampa. Os dedos de ambos se tocaram, fazendo-o experimentar um lampejo de algo indefinido. Marc a olhou nos olhos.

– Obrigada – agradeceu ela, com voz rouca, antes de tomar um grande gole.

Marc a observou passar a língua pelos lábios e uma onda de tentação proibida o atingiu com a mesma intensidade de um bloco de concreto. No gole seguinte, ele começou a sentir o coração martelar as costelas.

– Quer um pouco? – perguntou ela, erguendo a garrafa.

A banda começou a tocar uma música lenta e sensual. Um ritmo intenso e inebriante, do tipo que instigava corpos a se roçarem, beijos roubados e carinhos sensuais.

– Sim – disse ele, aceitando a garrafa. Em seguida, fechou os lábios no gargalo que os dela haviam tocado e tomou um gole, antes de devolver a garrafa com um movimento lento.

Jenny tomou outro gole, com o olhar preso ao dele. A batida da música reverberava pelo corpo de Marc. Havia mil razões pelas quais não deveria se sentir atraído por aquela mulher, disse a si mesmo, embora no momento não conseguisse se lembrar de nenhuma. Uma estranha expectativa parecia gravitar na atmosfera entre ambos. Ele prendeu a respiração, enquanto percebia as emoções se alternando naqueles olhos azuis: desejo, apreensão, paixão. Timidez? Foi o que pensou ter captado, antes de Jenny fechá-los por

um segundo e tornar a abri-los. Mordendo o lábio inferior, ela pousou a garrafa de água na bancada e o encarou como se estivesse aceitando um desafio.

– Quer dançar? – perguntou com um fio de voz rouca. O convite o pegou de surpresa e um estranho desejo o invadiu. Era quase como se Jenny tivesse lido sua mente, como se soubesse o que ele queria, embora não tivesse sido capaz de pedir. Marc não se considerava um homem impulsivo, mas sentiu as amarras da repressão se partirem. Aquele convite não fora planejado. E a reação que ele experimentava era ainda mais inesperada. Costumava reagir melhor a acontecimentos planejados e esperados, mas a descarga de adrenalina que varava o corpo dava-lhe um prazer enorme. Fazia com que se sentisse vivo e não tão desgastado. – É apenas uma dança – disse Jenny, movendo um dos ombros em um gesto vulnerável e sexy, que dissipou qualquer resistência em Marc. Mordendo o lábio inferior, ela arriscou um olhar à porta aberta. Não havia necessidade de palavras. Os olhos diziam tudo.

Marc fechou a porta, mas a música ainda se infiltrava através das frestas.

– Sim – disse ele, abrindo os braços. Não demorou um segundo para que Jenny aceitasse o convite. Ela exalava uma fragrância adocicada e picante ao mesmo tempo. O cabelo parecia um fio de seda contra o queixo de Marc. Uma das mãos delicadas pousou no ombro largo e ele a envolveu pela cintura. Os seios firmes se colaram ao peito dele, obrigando-o a conter um gemido. Jenny era tão feminina, tão cheia de tudo que ele não desfrutava havia muito tempo.

Ambos oscilaram para um lado e para outro. Ele tocou a cintura dela com pressão moderada. Jenny respondeu de imediato, colando os quadris aos dele. Marc estava excitado, mas Jenny não parecia incomodada. Ela escorregou os dedos pelo cabelo espesso e escuro em uma carícia inebriante, ao mesmo tempo suave e sensual.

Marc pegou uma das mãos dela e a pousou atrás da própria nuca, o que fez com que todo o corpo de Jenny entrasse em contato com o dele. Com um suspiro, ela inclinou a cabeça para trás. O desejo incontido refletido nos olhos azuis o forçou a prender a respiração.

Essa mulher está ao seu dispor, a libido o estimulou. Toda ao seu dispor.

Em algum canto do cérebro de Marc, a lembrança da promessa de celibato espocou como uma fagulha, para logo se dissipar. Poderia pôr um ponto final naquilo, antes que fugisse ao controle.

Porém, escravo dos caprichos da libido, não conseguiu se conter e roçou os quadris nos dela. Jenny era feminina de uma forma deliciosa e ficava mais excitada a cada minuto que passava. Em resposta, ela ondulou o corpo com um movimento sutil, provocando uma descarga de adrenalina em Marc. Queria aqueles lábios carnudos nos dele e os teria.

CAPÍTULO 6

JENNY NÃO conseguia acreditar que estava ali. Envoltos naqueles braços fortes, o corpo colado com intimidade ao de Marc. Amava a forma como a mão forte a pressionava contra a parede rígida daquele corpo escultural. Adorava a sensação formigante do cabelo espesso e escuro entre os próprios dedos. Desejava enterrar o nariz contra o pescoço largo para sentir mais de perto a inebriante fragrância pós-barba que já penetrava suas narinas.

Você é maravilhoso, pensou ela.

– Não, você é maravilhosa – corrigiu ele e só então Jenny percebeu que dera voz ao pensamento. Mas, no segundo seguinte, a cabeça de Marc estava se inclinando para baixo e os lábios firmes tocaram os dela.

Ó Deus! Agora ele a estava beijando. Jenny disse a si mesma para não entrar em pânico. *Siga o ritmo da música, das sensações*, orientara Chad, enquanto dançavam a salsa.

Deixando-se guiar pelo instinto, Jenny entreabriu os lábios e sentiu o sabor da língua quente que invadiu sua boca.

O gemido de aprovação que ele deixou escapar a encheu de coragem. Só podia estar sonhando. Aquilo não estava acontecendo. Era impossível Marc a estar beijando como se ela fosse a única mulher sob a face da Terra.

Aprofundando o beijo, ele espalmou as mãos sobre os quadris curvilíneos, de uma forma que a fez sentir cada centímetro do corpo musculoso. Jenny estremeceu e mais uma vez ele não conseguiu conter um gemido.

Marc recuou alguns centímetros e praguejou contra os lábios carnudos. Ela sentiu cada vibração daquele som.

– Você é tão quente e doce ao mesmo tempo.

À meia-luz da despensa, aquele parecia um cenário irreal. Um instante suspenso no espaço. Um lapso de tempo que o instinto a aconselhava a agarrar com unhas e dentes. Obediente, Jenny se permitiu deixar que o momento se alongasse o máximo possível.

Escorregou uma das mãos para dentro do blazer de Marc, convidando-o a retirá-lo. Percebeu que os olhos dele se tornaram escuros.

Após uma breve pausa, apenas para se livrar do blazer, ele voltou a tomar os lábios de Jenny. Dessa vez, foi ele quem assumiu o controle, ditando um ritmo selvagem e pecaminoso à dança das línguas. Espalmou as mãos nas nádegas firmes de Jenny e aprofundou o beijo.

A atmosfera estava tão quente e carregada que Jenny mal conseguia respirar. Mas ele parecia determinado a levar aquele interlúdio às últimas consequências. Escorregou uma das mãos por baixo da saia do vestido dela e apalpou suas nádegas antes de prender a renda lateral da calcinha preta entre os dedos.

Os joelhos de Jenny congelaram. A pulsação disparou, deixando-a tonta. Tinha a sensação de estar dentro de um trem-bala desgovernado, sem nenhum meio de pará-lo, mas também sem muita convicção se de fato desejava detê-lo. Quando os dedos longos de Marc exploraram sua intimidade, sentiu que o coração iria explodir dentro do peito.

– Ó Deus, você está tão úmida, gostosa... – murmurou Marc em um tom carregado de sensualidade. – E apertada.

Desejando a proximidade total, Jenny puxou a camisa para fora do cós da calça e escorregou as mãos sobre o abdome definido agora exposto. Os músculos rígidos se contraíram.

Marc deslizou um dos dedos para dentro dela e a ânsia que a dominava se elevou a um grau insuportável.

– Eu quero você – sussurrou ela, colocando as mãos para dentro da calça comprida e da cueca até encontrar a rigidez da ereção. Quando o tocou, Marc deixou escapar um xingamento.

– Isso quer dizer que está bom ou ruim? – questionou Jenny, ainda o estimulando.

Outro xingamento escapou dos lábios de Marc.

– Muito bom – respondeu ele, descendo o zíper.

Jenny sentiu os joelhos começarem a tremer. Uma faísca de relutância insinuou se inflamar em seu cérebro, mas logo se apagou. Iria acontecer.

Não tentaria deter o curso dos acontecimentos. Iria acontecer.

Tateando às cegas pela bolsa, na bancada atrás dela, Jenny tentou enrijecer os joelhos.

– Dê-me meio minuto – ela conseguiu dizer, quando as mãos tocaram a bolsa. Vasculhando o conteúdo, encontrou uma embalagem de papel laminado e a pegou. Por um segundo, imaginou se Marc não a consideraria uma vadia, por estar prevenida com preservativos, mas logo afastou o pensamento. Não importava. O que estava vivendo no momento serviria apenas para enriquecer seu parco estoque de lembranças eróticas que serviriam de alento quando estivesse com 80 anos.

– Graças a Deus! – exclamou Marc. – Não trouxe nada.

Enquanto Jenny se amparava na bancada, ele abriu a embalagem e colocou o preservativo. E, quando se atrapalhou, ela o ajudou.

Marc deixou escapar um gemido sensual quando as mãos delicadas, porém firmes, ajustaram o preservativo por toda a extensão de sua rigidez. Em seguida, fitou-a com um olhar predador que a fez estremecer. *Em que estou me metendo?*, pensou ela.

Inclinando a cabeça para baixo, Marc capturou os lábios com um beijo molhado que pareceu transportá-la a outra dimensão. As mãos fortes escorregaram sob a calcinha de renda e a deslizaram pelas coxas macias, até que caíssem aos pés calçados com as sandálias de salto agulha. Ele se ajoelhou e ergueu um pé de cada vez para livrá-la da peça íntima.

Jenny o observou tocá-la, naquele momento, com ternura e cuidado. Sentiu um aperto no peito diante da imagem daquele homem ajoelhado a seus pés. Uma das mãos longas se fecharam contra o tornozelo delicado.

– Você tem pernas maravilhosas – elogiou ele, deixando a mão vagar para cima, até a parte posterior do joelho e mais acima. Em seguida, pressionou os lábios contra o interior da coxa aveludada e o contato erótico a fez gemer suavemente.

Os olhos azuis encontraram os dela e Marc se ergueu, puxando a bainha da saia para cima.

– Tem certeza que é isso que deseja? – perguntou ele.

– Sim – retrucou Jenny, a voz contida na garganta constrita.

– Total certeza? – insistiu ele, dessa vez escorregando o dedo para tocá-la entre as coxas.

Jenny se sentiu derreter por dentro.

– Sim – repetiu, baixando as mãos para tocar a ereção. – E você? Tem certeza?

– Diabos, sim! – afirmou ele a erguendo. – Enrosque as pernas em minha cintura – ordenou.

Apoiando-se nos ombros largos, Jenny obedeceu. Passou-se um segundo. Dois... e então, ele a penetrou.

– Você é tão apertada.

E ele era tão grande! Jenny tinha a sensação de estar sendo esgarçada. Marc se moveu na direção da porta dos fundos da despensa e ela sentiu a madeira contra as costas.

– Diga-me apenas que essa porta não vai se abrir – ela se viu incapaz de conter a pergunta.

– Não vai – garantiu Marc entre os dentes cerrados. – Não tem ideia da sensação maravilhosa que está me proporcionando. Como é bom estar dentro de você. *Ohhhh!*

Jenny relaxou um pouco os músculos internos e ele começou a investir com estocadas firmes, os olhos fixos nos dela todo o tempo. Jenny sentiu a tensão sexual crescer outra vez. Era tão sexy olhá-lo nos olhos, enquanto ele se movia dentro dela. Não se lembrava de alguma vez ter se sentido tão desejável. Com uma última estocada, ele deixou escapar um rugido primitivo, que exprimia triunfo, possessão e entrega.

Marc xingou novamente.

– Você é tão gostosa. Nunca imaginei – murmurou, tentando respirar. – Maravilhosa, J...

Com o coração ainda flutuando, ela cobriu os lábios dele com uma das mãos.

– Não diga meu nome a menos que o saiba.

A tensão sexual ainda a fazia zunir por dentro. Não havia gozado, mas não se importava. Marc estava tão excitado, quente e *desesperado* por ela.

Carregando-a na direção da bancada, ele a olhou nos olhos de uma forma que a deixou sem ar. Em seguida depositou um beijo na mão antes de afastá-la dos lábios.

– Jenny – disse Marc. – Foi maravilhoso.

Sentindo o coração perder uma batida, ela sorriu.

– Sim, acho que foi, certo?

Um silêncio se seguiu, nada desconfortável, a sensação era mais de harmonia.

De repente, Marc franziu a testa e inclinou a cabeça para o lado.

– Que barulho é esse?

Jenny tentou se concentrar nos ruídos do lado de fora da copa e captou um som estridente.

– Parece um alarme de incên...

Os olhos de Marc se arregalaram em alerta.

– Diabos, precisamos sair daqui – disse ele, vestindo a calça comprida.

Jenny pegou a bolsa e ele recolheu o blazer do chão. Em seguida, entregou a calcinha e a puxou pela mão para fora da despensa do mordomo e da copa. Uma horda de convidados se amontoavam em todas as portas de saída.

– Conheço outro caminho – disse ele, guiando-a por uma série de corredores e por fim para o ar frio da noite. – Fique aqui – orientou. – Preciso descobrir o que aconteceu e se todos conseguiram sair com segurança. Isso pode se transformar em um pesadelo.

Após observá-lo voltar para dentro da casa, Jenny desviou o olhar para o caminho ladeado de árvores que levava ao portão de saída da residência. O solo retinha a umidade do orvalho e nuvens delgadas teciam um véu diáfano que permitia a insinuação da luz prateada da lua. Um arrepio varou seu corpo. A temperatura havia caído e ela deixara o blazer na despensa do mordomo.

– Ao menos você ficou com a calcinha – disse a si mesma, enfiando a peça diminuta de renda na bolsa e abraçando o próprio corpo. – Não que isso seja de grande utilidade. – No espaço de pele exposta entre as sandálias de tiras e as nádegas nuas, iria congelar.

Com os joelhos ainda trêmulos pelos efeitos do sexo, resolveu se recostar contra uma coluna. Não havia fantasiado sobre o que aconteceria depois do ato, mas, se o tivesse feito, por certo não imaginaria aquele cenário.

Vinte minutos depois e com os dentes tiritando, Jenny decidiu cruzar o caminho arborizado e ver se conseguia descobrir o que estava acontecendo. Deparou-se com uma aglomeração de pessoas paradas em torno de uma piscina. Um barman servia drinks em um bangalô-bar.

Jenny observou a piscina, imaginando se era aquecida.

– Seus lábios estão azuis – disse um rapaz com aparência de universitário. – Deve ter tomado muitas daquelas margaritas azuis.

Jenny negou com a cabeça.

– Não. Estou com frio.

– Tem um aquecedor externo ali. – O rapaz apontou para um lugar do outro lado da piscina, onde um grupo estava reunido. – Estamos esperando apenas a autorização para voltarmos lá para dentro.

– Sabe quem acionou o alarme de incêndio? – perguntou ela.

O rapaz negou com um gesto de cabeça.

– Não, mas este lugar não parece estar pegando fogo. A festa devia ser retomada. Ei, você não é a mulher que estava dançando mambo, mais cedo?

– Salsa – corrigiu ela.

O rapaz ergueu uma das sobrancelhas.

– Quer me mostrar alguns passos? – perguntou, meneando os quadris.

– Desculpe, mas agora não. Tenho um encontro marcado com aquele aquecedor externo.

– Eu poderia mantê-la aquecida – ofereceu ele.

– Não, obrigada – retrucou Jenny, enquanto se encaminhava na direção do aquecedor.

Esperava que ninguém quisesse conversar com ela, porque estava se sentindo estranha. Queria de volta os óculos de armação vermelha e as roupas de tons escuros. Tinha de descobrir como se sentia por ter feito sexo em uma despensa com Marc Waterson.

Aproximando-se do aquecedor, experimentou um frisson diante daquele pensamento. Sabia como se sentia por ter feito sexo em uma despensa com Marc Waterson. Fora maravilhoso, louco e sexy. Sentia-se ousada, pecaminosa... e um pouco dolorida, mas nada intenso. Era como se tivesse sido retesada, percebeu, mudando a posição de um pé para outro e esfregando as coxas expostas uma na outra para testar se sentia dor.

– Desculpe, pessoal, mas a festa acabou – gritou Brooke, parada à porta dos fundos ao lado de Marc. A multidão protestou em uníssono. – Sei que é desagradável, mas se quiserem continuar festejando, podemos esticar no Compound – sugeriu ela, com um sorriso esperançoso.

Apesar da natureza rebelde, Brooke gostava de agradar as pessoas. Queria ver seus convidados satisfeitos. Talvez houvesse um tempo em que Brooke tivesse desejado que os pais também ficassem satisfeitos com ela, mas havia decidido que chamar atenção era melhor do que conseguir aprovação. Jenny não pôde evitar certa compaixão pela jovem rebelde, porque algo lhe dizia que a prima de Marc não era de fato feliz.

Mas e ela, era feliz? Jenny franziu a testa. Não estava exatamente extasiada com a própria vida, mas a maior parte do tempo sentia-se bem.

Com exceção do currículo adulterado. Aquilo se encravara em sua mente como um espinho de que não conseguia se livrar. Tinha de descobrir um modo de abordar aquele assunto.

Marc lhe dirigiu o olhar e ela fez um movimento positivo com a cabeça. Após dizer algo ao ouvido de Brooke, ele se aproximou. Parecia ter total controle da situação. Era difícil acreditar que tinha transado com ela há menos de uma hora.

– Foi um pandemônio. Vou levá-la para casa agora. Eu a procurei nos fundos, mas não a encontrei – disse ele.

– Houve incêndio?

Marc anuiu, guiando-a pelo caminho arborizado.

– Alguém estava fumando um baseado em um dos toaletes e deixou cair uma brasa.

Jenny fez uma careta.

– E as pessoas estão bem?

– O cara inalou um pouco de fumaça. Queríamos que fosse para o hospital, mas acho que ele ficou com medo de ser pego com drogas, por isso pediu para alguém o levar para casa. Houve algum estrago no toalete.

– Uau! O que os Tarantino acharão disso?

– Não ficarão nem um pouco satisfeitos. Estão em um cruzeiro e, depois de conversar com Brooke, descobri que eles não foram informados sobre a festa.

Jenny quase se encolheu.

– Oh, não!

– Oh, sim. Providenciei um empreiteiro para reparar o estrago amanhã. E o que Brooke faz? Transfere a festa para uma boate. Ela deve ser a mulher mais irresponsável do planeta.

– Não é bem assim – disse Jenny, quando contornavam a parte da frente da propriedade e ele acenava para um dos manobristas de serviço.

O rapaz gritou a marca do carro e disse que o traria dentro de um instante.

Marc suspirou e dirigiu um olhar incrédulo a Jenny.

– O que quis dizer com “não é bem assim”?

– Acho que ela se sente responsável por outras coisas. É provável que Brooke conte com você para resolver o problema do rapaz desmaiado no banheiro, enquanto ela se encarrega de fazer com que os convidados não

saíam desapontados. Quer apostar quanto que ela pagará bebidas para todos?

Marc anuiu.

– Sim, é bem provável.

– Brooke é muito generosa.

Mais uma vez Marc concordou com um gesto de cabeça, mas havia um toque de cinismo.

– Generosa com o dinheiro do pai. Ainda não consigo acreditar que Brooke vai se casar.

Jenny tinha suas dúvidas quanto àquilo.

– Se ela se casar.

Marc girou a cabeça para fitá-la com olhar confuso.

– O que quer dizer com isso?

– Que noivado é uma coisa, uma cerimônia na igreja é outra e o casamento em si é outra ainda.

O manobrista trouxe o carro de Marc. Ele deu uma gorjeta para o rapaz e a ajudou a entrar no veículo baixo. Ciente de que estava sem a roupa íntima, Jenny moveu as pernas com todo o cuidado.

– Muito bem – elogiou Marc com um sorriso, quando se colocou ao volante e girou a chave.

– O que quer dizer com “muito bem”? – perguntou ela.

– Estou me referindo à forma como entrou no carro. Tem certeza de que não fez curso de etiqueta? Não permitiu sequer um vislumbre de sua calcinha.

Aceitando a provocação leve, Jenny decidiu revidar.

– Deve ser porque minha calcinha se encontra na bolsa – respondeu, enquanto ele passava a marcha e acelerava.

Marc a olhou de relance e o motor emitia um ruído arranhado por ele ter tirado o pé da embreagem antes de terminar de passar a marcha. Contraindo as belas feições, pareceu se recompor a tempo e afundou o pé no freio antes de o carro parar.

Marc pigarreou.

– Acabou de dizer que não está usando nada...

– Você a tirou... deveria saber – respondeu Jenny. – Não tivemos tempo, antes de deixar a copa.

Mais uma vez Marc pigarreou, fixando o olhar nas pernas bem-torneadas.

– Certo – disse. – Certo. – Seguiu-se um longo silêncio. – O que estava dizendo sobre o casamento de Brooke?

– Não sei se ela conseguirá permanecer casada.

Marc discordou com um movimento de cabeça.

– Ela não seria irresponsável a esse ponto. Além disso, o pai ameaçou deserdá-la se ela não tomasse juízo. Ficaria surpresa se soubesse o que as pessoas são capazes de fazer por dinheiro – disse ele. – Não seria diferente com Brooke.

Jenny sentiu uma pontada na consciência. Estaria se vendendo por dinheiro também? O pensamento não a agradou.

Nem um pouco.

Outro silêncio se seguiu, dessa vez menos confortável, menos harmônico. Podia quase ver as emoções de Marc cruzando o ar como em um show de laser. Ao analisar o semblante detectou certo desconforto. Arrependimento. Ai! O último doeu. Jenny resolveu olhar pela janela.

– E então, você está bem? – perguntou Marc.

Jenny assentiu com um gesto de cabeça, voltando a encará-lo.

– Senti um pouco de frio do lado de fora da casa.

Marc relanceou o olhar.

– Você estava sem o blazer. Droga! Esqueci desse detalhe. Eu o pegarei para você.

– Obrigada – agradeceu ela.

Depois disso, Marc voltou a ficar em silêncio. A tensão que gravitava na atmosfera a irritou tanto que Jenny ligou o rádio do carro e mudou de estação até encontrar algo que a agradava. Ainda entediada, acionou o botão para abrir o teto solar.

Marc a olhou, incrédulo.

– Você não disse que estava com frio? Então, por que...?

Porque não estou suportando seu ar de arrependimento, Jenny teve vontade de responder, mas não o fez.

– Não gosto de silêncio – respondeu, aumentando o volume do rádio.

Algum tempo depois, Marc entrou no estacionamento do prédio onde ela morava. Jenny resolveu não esperar para ver se ele a acompanharia até o apartamento e também não tinha intenção de convidá-lo a entrar.

Quando estacionou o carro, Marc desligou o rádio e tocou a chave para desligar o motor.

– Não é necessário. – Jenny esticou a mão para impedi-lo. Com o rosto a milímetros do dela, Marc dirigiu um olhar repleto de questionamentos. Ela recuou um pouco e exibiu um sorriso. – Obrigada pela carona. As três – acrescentou olhando nos olhos.

– As três? – repetiu ele, sem entender.

– A carona de ida, a de volta... e a carona na despensa – disse ela, pressionando os lábios aos dele em um beijo rápido. – Boa noite – acrescentou, saltando do veículo e disparando pelos degraus.

Porém, quando se encontrava no meio da escada, Marc a alcançou.

– Estava pensando acompanhá-la até seu apartamento – disse ele.

– Não há necessidade – retrucou Jenny.

– Pois eu acho que há – insistiu ele.

Jenny preferia que ele não se mostrasse tão obstinado. Seria melhor se manter no controle. Em vez disso, limitou-se a sentir o transtorno que dele emanava a cada passo do caminho até a porta do apartamento.

Girando na direção de Marc, ela deixou escapar um suspiro exasperado.

– Mais uma vez, muito obrigada.

– Não. Eu é que agradeço – retrucou ele, erguendo-lhe a mão e depositando um beijo no dorso.

CAPÍTULO 7

NA MANHÃ seguinte, Jenny acordou com uma batida na porta. Quem seria? Marc? Não, aquele beijo cavalheiresco que ele depositara na mão fora a forma encontrada de colocar a relação de ambos em seu devido lugar. *Maldição, que vergonha!*, pensou. Ficara acordada pela maior parte da noite, mas por fim, acabara pegando no sono.

Com a visão embaçada, Jenny se arrastou para fora da cama, olhou pelo olho mágico e fez uma careta. Anna e Stella haviam trazido o café da manhã prometido.

– Só um minuto – disse Jenny. – Perdi a hora. – Correu até o quarto, vestiu um jeans e voltou para abrir a porta.

– Bom dia – disse ela. Dava para sentir o aroma mesmo com a porta fechada. – Vocês duas são muito boas para mim.

– É apenas uma forma de agradecer por permitir que Stella fique em sua casa até eu chegar, quando trabalho até mais tarde – disse Anna, carregando uma cesta de comida. A vizinha era uma mulher franzina, muito feminina, com cabelo castanho longo e encaracolado. Ao ver a aparência de Jenny, os olhos mais velhos do que a idade que possuía se arregalaram.

– Uau, você está com olheiras muito profundas esta manhã. Deve ter tido uma noite e tanto.

Jenny anuiu, com uma risada autodepreciativa.

– Parece que sim – respondeu, dando palmadas leves na cabeça de Stella.
– Como está a fadinha esta manhã?

– Quero uma das roscas de canela – disse a menina, baixando o olhar à cesta menor que trazia na mão.

– Aposto que sim – retrucou Jenny. – Vou pegar pratos e copos.

– Não – interveio Anna. – Você ficará sentada e será servida por nós.
– Isso é demais – protestou Jenny, desobedecendo às ordens e juntando os pratos e copos. – Farei um pouco de café. Acho que estou precisando.
– Talvez não devêssemos ter vindo tão cedo – disse Anna, parecendo insegura.

– Não se preocupe. Chegaram na hora certa. Eu é que dormi mais do que devia.

Jenny ligou a cafeteira.

– Posso assistir ao Bob Esponja? – perguntou Stella.

– Posso assistir, por favor – corrigiu Anna, retirando da cesta um tabuleiro com a torta salgada de ovos com salsichas e queijo e algumas frutas frescas.

– Posso, por favor – disse Stella.

– Sim, pode – permitiu Jenny, observando a menina desaparecer.

– O que fez na noite passada? – perguntou Anna em tom de voz baixo.

– Fui a uma festa em Buckhead – respondeu ela, enquanto servia suco de laranja.

– Uau! Nada menos do que o bairro mais sofisticado de Atlanta – disse a vizinha. – Sofisticada, animada ou ambos?

– Ambos. Fui com o vice-presidente da empresa em que trabalho. – Jenny baixou o tom de voz. – Ele é um gato.

Anna ofegou.

– Você não fez nada... – A vizinha limpou a garganta. – ... nada de que possa se arrepender, certo?

– Nada de que me arrependo – afirmou Jenny, determinada. Recusava-se a lamentar o que acontecera. Havia planejado tudo antes e se certificara de usar proteção.

Anna a estudou por alguns instantes.

– Tem certeza?

Jenny sabia que a vizinha era obcecada com sexo seguro, devido à surpresa que tivera quando se descobrira grávida de Stella. O homem que a engravidara se recusou a casar e as abandonou logo após o parto.

– Usei preservativo.

Anna levou uma das mãos ao pescoço.

– Você fez sexo com seu chefe?

– Fiz – confirmou Jenny. – Estou feliz por ter feito e, se pudesse, faria de novo.

Os olhos de Anna se arregalaram ainda mais.

– Está apaixonada por ele?

– Sinto atração física – corrigiu Jenny. – Acho que todas as mulheres deveriam ter ao menos um caso de amor ardente para fazê-las sorrir aos 80 anos. Esse é ou foi o meu.

– Mas... e quanto ao seu emprego? – Anna dispôs a comida nos pratos e colocou um deles em uma pequena bandeja que levou para Stella.

Jenny gesticulou com uma das mãos.

– Vamos ver no que isso vai dar. Estou envolvida em um projeto especial, mas temporário, e não sei qual será o resultado.

– Acha que pode perder o emprego? – perguntou Anna e Jenny sentiu o coração se contrair dentro do peito diante do terror em seu tom de voz. Ficar desempregada era o maior pesadelo da vizinha.

– Não sei, mas não estou preocupada com isso. Arranjarei outro. Foi o que sempre fiz.

– É bem mais corajosa que eu – disse Anna, enquanto se sentava à pequena mesa do café da manhã. – Tenho tanto medo de perder meu emprego que não consigo recusar quando meu patrão pede para que eu faça horas extras, mesmo que não sejam remuneradas.

– Não pensa em tentar outro emprego?

Anna anuiu.

– Ultimamente, sim. Ouvindo você falar... – A vizinha prosseguiu, com um movimento negativo da cabeça. – Sabe há quanto tempo não tenho um encontro?

– Continuo achando que deveria procurar o pai de Stella. Ele tem de dar pensão, independentemente de serem casados ou não.

– Se eu conseguisse encontrá-lo – resmungou Anna.

Jenny colocou uma garfada da torta salgada na boca e gemeu.

– Está deliciosa. Nunca paro para tomar um lauto café da manhã.

– Eu também não – respondeu Anna. – Acho que fiz isso por mim também.

Outra batida soou à porta e Jenny franziu a testa.

– Quem pode... – Ela se calou, antes de deixar a mesa. – Talvez seja Chad. Ele parece ter um faro apurado para comida.

– Ou talvez seja o vice-presidente – arriscou Anna, adejando os cílios.

Jenny fez que não com a cabeça.

– Acho que não. Ele deve estar torcendo para eu ter uma amnésia. – Quando olhou pelo olho mágico se surpreendeu ao ver Justin, o assistente de Brooke e primo de Marc. No mesmo instante, abriu a porta.

– Olá.

O homem entregou o blazer que ela deixara na festa, na noite anterior.

– Marc me telefonou e pediu para lhe trazer isto.

– Obrigada – agradeceu Jenny, pegando o blazer e se sentindo aliviada por não ter deixado a calcinha na despensa do mordomo também.

– Não há de quê. Desculpe interrompê-la. Pelo aroma deve estar comendo algo delicioso – disse ele.

– Estamos. Minha vizinha fez um café da manhã caprichado para mim. – Jenny hesitou diante do olhar pidão de Justin. – Por que não entra?

– Não. Não é necessário. Passei apenas para entregar o blazer.

Anna se aproximou.

– Justin, Anna – Jenny fez a apresentação informal. – Justin disse que sua comida está com aroma delicioso e está louco para entrar, mas a etiqueta não permite.

Justin corou.

Anna estalou a língua.

– Não deixe que a etiqueta o deixe passar forme. Temos muita comida e se não se importar com o som do Bob Esponja ao fundo, é bem-vindo para se juntar a nós.

– Está bem, já que insistem – retrucou ele, deixando o olhar se deter em Anna.

Em questão de minutos, Justin havia devorado uma grande porção da torta de ovos com salsicha e queijo e tomado dois copos de suco de laranja.

– Para onde vai toda essa comida? – perguntou Anna. – Você é tão magro!

– Tenho um metabolismo muito acelerado. Além do mais, sou solteiro e me alimento mal – disse ele, fazendo uma careta. – Portanto, quando achar que fez muita comida, é só me telefonar.

– Pensei que comesse como um lorde na casa de Brooke – disse Jenny, dirigindo-se, em seguida, a Anna. – Justin é membro da família Tarantino.

– Distante – acrescentou ele. – Estou fazendo minha tese de doutorado e fui pressionado a aceitar a função de assistente de Brooke até ela casar.

– Por que tenho a impressão de que esse é um trabalho mais de vigilância e babá?

Justin engoliu um pedaço da rosca de canela.

– Porque é uma mulher inteligente. Acho que seria um exagero chamar de trabalho de babá. Isso poderia sugerir que tenho algum controle sobre Brooke. – Justin exibiu um sorriso. – O que não é verdade.

– Por que eles pediram a você para desempenhar essa função? – perguntou Anna, enchendo a xícara de café de Justin.

– Obrigado. Você é uma deusa. Porque todos os outros recusaram – respondeu com uma risada. – Está bem. Isso é apenas parte da verdade. Sou considerado enfadonho, sensato e nunca fui preso. Além disso, sou competente.

Romeo passou sob a mesa e começou a roçar o corpo nas pernas de Justin.

– Oh, olá. Está esperando ganhar um pedaço de salsicha e ovos? Algo me diz que é salsicha – disse ele, dando um pedaço para o bichano.

Jenny trocou um olhar com Anna em um diálogo tácito.

Justin é educado e tem classe.

É culto.

Gosta de gatos.

E não é feio.

E em uníssono:

Será gay?

Jenny pigarreou.

– Então, o que faz quando não está vigiando Brooke ou trabalhando em sua tese? Tem namorada?

Justin franziu a testa.

– Não namoro há algum tempo. Tive um relacionamento sério, mas acho que ela gostava de variar.

– Isso é péssimo – retrucou Jenny, compassiva. – Anna passou por algo parecido com o pai da filha dela.

– É mesmo? – perguntou Justin, relanceando o olhar a Anna e, em seguida, a Stella. – Ao menos ficou com uma filha, que parece ser um doce de criança.

– Sim, é verdade – concordou Anna. – Ouça, tenho o péssimo hábito de fazer comida demais. Gostaria mesmo que o chamasse quando isso acontecer?

Justin cobriu a mão dela com a sua.

– Isso seria como um sonho se tornando realidade – respondeu.

Jenny sorriu em seu íntimo, enquanto pegava outra rosca de canela que a amiga fizera. Observando aqueles dois, podia farejar várias possibilidades no ar.

MARC NÃO conseguia se lembrar de ter feito algo tão estúpido. Fechou os olhos, repreendendo a si mesmo por ter perdido o controle com Jenny na noite de sábado. Observar o próprio reflexo no espelho naquele dia e no anterior se tornara tarefa quase impossível. Graças a Deus, não tinha um espelho no escritório.

Esfregando a testa, se sentiu assolado pela vergonha e o desapontamento consigo mesmo. Havia sido nomeado para um cargo de gestão de alto nível porque a diretoria acreditava que, apesar de obstinado, ele era um homem sensato e nem um pouco impulsivo. Podia imaginar o que os advogados da empresa diriam dele. Embora não acreditasse que Jenny consideraria aquilo assédio sexual, não era possível saber o que se passava na cabeça de uma mulher depois de transar. Ainda mais naquelas circunstâncias.

Em outra situação, poderia ter levado flores no domingo ou a convidado para almoçar. Em vez disso, passara o dia se condenando por ter cedido aos instintos primitivos com uma funcionária enquanto traçava um plano de ação para lidar com o problema.

O interfone tocou e Marc o atendeu.

– A srta. Prillaman está aqui para vê-lo – anunciou a secretária. – Pode recebê-la?

Marc sentiu uma pontada no peito. Aquilo fazia parte de seu plano de ação, embora a ideia não o atraísse.

– Dê-me um minuto e depois pode mandá-la entrar.

– Sim, senhor.

Marc inspirou fundo e ajeitou a gravata, recitando na mente as palavras que escolhera para aquela conversa delicada.

A porta se escancarou e Jenny entrou. O cabelo estava solto, com um movimento sedoso. Ela trajava uma saia não muito curta, mas o suficiente para fazer o olhar de Marc se fixar nas pernas bem-torneadas. O suéter justo o lembrou de que não havia explorado cada centímetro daquele corpo. Jenny tinha o hálito de menta, o que significava que chupara uma daquelas pastilhas.

– Olá – cumprimentou ela com um sorriso.

Quando os olhos azuis encontraram os dele, Marc sentiu como se tivesse sido atingido por um raio.

– Olá. Obrigado por ter vindo.

O sorriso de Jenny se alargou.

– Não tive escolha. – Ela ocupou a cadeira em frente à mesa e cruzou as pernas.

Uma lembrança sensual, quase erótica, daquelas pernas enroscadas em sua cintura invadiu sua mente. Marc se apressou em afastá-la e fechou a porta do escritório. Voltando mais uma vez o olhar a Jenny, ele tossiu.

– Acho que precisamos esclarecer o que aconteceu entre nós na noite de sábado. Primeiro, quero me desculpar por ter nos colocado em uma situação comprometedoras. Deveria ter tido um pouco mais de autocontrole.

O silêncio prolongado de Jenny o fez sentir um arrepio na nuca.

– Está dizendo que se arrependeu de ter feito sexo comigo? Foi tão ruim assim?

As perguntas revelavam uma vulnerabilidade feminina que provocou uma sensação estranha no peito.

– Diabos, não! Mas não deveríamos ter feito aquilo.

– Por que não? – perguntou Jenny, arrastando as palavras com dificuldade.

– Porque, para todos os efeitos, sou seu chefe...

– Mas eu pensei que a Bellagio não tivesse uma política que proíbe o envolvimento emocional entre funcionários – argumentou ela.

– E não temos, mas como estou em uma posição de influência sobre seu futuro na empresa, meu envolvimento com você pode ser considerado assédio sexual em troca de uma possível promoção...

Jenny pareceu insultada.

– Não transei com você para conseguir uma promoção, mas sim porque desejava. – Marc sentiu uma pontada de satisfação diante daquela defesa indignada. – Além do mais, foi consensual. Certamente não me obrigou a nada.

Uma onda de alívio o atingiu.

– É bom saber que pensa assim. Às vezes, quando os ânimos esfriam, as pessoas têm opiniões diferentes sobre o sexo. – Marc fez uma pausa. – No pior dos cenários, você poderia ter interpretado o que fizemos da maneira errada e ficado indignada a ponto de mover alguma ação.

– Ação? – repetiu Jenny, obviamente confusa.

– Ação judicial – esclareceu ele, relutante.

Os olhos azuis se arregalaram.

– Está se referindo a processá-lo por ter transado maravilhosamente comigo?

As palavras massagearam o ego de Marc nos lugares certos.

– Bem, nem todo mundo pensaria dessa forma.

Jenny fez um movimento negativo com a cabeça.

– Não entendo por que deveria processá-lo. O sexo foi ótimo. Quero dizer, não gozei, mas não se processa um homem por esse motivo.

O ego massageado de Marc sofreu um baque e ele ergueu o olhar para encará-la.

– Não teve um orgasmo?

Jenny deu de ombros.

– Não. Mas foi maravilhoso assim mesmo – afirmou. – Mas como foi muito rápido e eu precisava de mais um tempo... – Ela se calou. – Mas por que isso deveria me incomodar? Foi o sexo mais excitante que fiz.

Arremessado em duas direções diferentes, Marc engoliu em seco um gemido de frustração. O fato de não ter conseguido fazê-la gozar o incomodava, e muito. Por outro lado, a expressão estampada no rosto de Jenny e as palavras eloquentes diziam que, de fato, ela gostara.

– E quanto a você? – perguntou ela.

– O que quer saber?

– O que achou? – questionou Jenny em um tom de voz mais baixo, que o fez lembrar os momentos excitantes que compartilharam naquela despensa.

Experimentando uma onda de calor intenso, Marc aconselhou a si mesmo a esfriar.

– Não importa como foi para mim. Não deveria ter acontecido. Sinto muito, prometo que não vai se repetir.

Jenny o encarou em silêncio por um longo instante.

– Mas como foi para você? – repetiu a pergunta, os olhos azuis procurando os dele.

– Já disse que não importa...

– Para mim, importa – interrompeu ela. – Disse como foi para mim. É justo que eu saiba como se sentiu, além do fato de pensar que cometeu um pecado corporativo.

Marc sentiu a garganta se fechar e pigarreou.

– Foi bom. Muito bom. Você foi... – Ele fez um movimento negativo com a cabeça. – ... incrível.

Jenny pestanejou, surpresa. Os lábios carnudos se curvaram em um sorriso de satisfação.

– Está falando sério? É bom saber disso.

– Mas não podemos repetir a dose – Marc se adiantou, antes que ela alimentasse ideias. Mas a quem estava querendo enganar? Antes que *ele* alimentasse ideias.

Com um suspiro profundo, Jenny se inclinou para trás na cadeira.

– Precisa fazer tanto drama? Adiantaria, se eu desse minha palavra de bandeirante de que não vou processá-lo?

Marc teve de suprimir um sorriso diante do pensamento de que Jenny em nada lembrara uma bandeirante no sábado, à noite.

– Um relacionamento entre nós seria...

– Relacionamento? – perguntou ela, incrédula. – Não pensei que estávamos falando de um relacionamento.

Marc estacou, estudando-a.

– Do que achou que estávamos falando?

Jenny se inclinou para a frente, os olhos azuis intensos grudados nos dele.

– Não estava pensando em nada duradouro – disse ela.

Aquilo contribuiu apenas para aumentar a curiosidade de Marc.

– Então, em que estava pensando?

Tímida, Jenny desviou o olhar e mordeu o lábio inferior. Em seguida, voltou a encará-lo.

– Em termos um caso. Quente, apaixonado e temporário. – A voz sussurrada teve o efeito de uma carícia íntima em Marc. – Quero pegá-lo emprestado e não prendê-lo para sempre.

A libido de Marc despertou para a vida. O modo como Jenny o medira de cima a baixo quando empregara o termo “emprestado” soou como se desejasse deixá-lo muito satisfeito no processo. Ao mesmo tempo, experimentou um pequeno incômodo pelo fato de ela não estar interessada em nada duradouro.

– Essa deve ter sido a oferta mais provocante e tentadora que já recebi – disse ele, e o devasso em seu interior o aconselhou a aceitar a proposta de imediato, começando por possuí-la sobre a mesa do escritório. Para evitar que o cérebro entrasse em combustão espontânea diante daquele cenário,

Marc se forçou a imaginar que se encontrava sob as Cataratas do Niágara em um dia de inverno. Lembrou a si mesmo que aquilo não se encaixava em nenhum ponto do plano de ação que traçara.

– Pelo bem de nós dois, tanto profissional quanto pessoal, não será possível – decretou ele.

O desapontamento fez escurecer as profundezas daqueles olhos azuis.

– Talvez tenha razão – disse ela, anuindo. – Alguém precisa ser objetivo e prudente.

– Certo – concordou Marc, aliviado com a compreensão imediata.

Jenny se ergueu, com um sorriso enigmático nos lábios.

– Podemos ficar com a lembrança daqueles momentos na despensa do mordomo.

– É verdade – anuiu Marc com um gesto lento de cabeça por saber que jamais seria capaz de esquecê-los.

O olhar de Jenny encontrou o dele, provocando-lhe uma descarga elétrica.

– Se mudar de ideia é só me dizer.

Marc a observou sair da sala, ainda sentindo o aroma de menta. Disse a si mesmo que fizera sua parte, que tomara a decisão certa. Conseguira descartar a possibilidade de voltar a transar selvagememente com Jenny. E não mudaria de ideia.

Jenny Prillaman não fazia parte de seu plano de ação.

NÃO DEVERIA estar procurando por ela, Marc pensou, enquanto varria com o olhar a área de exposições da Semana da Moda de Atlanta à procura de Jenny. Todos os outros designers cumpriam seus papéis, acompanhando a exposição de sapatos, mas ela não se encontrava em lugar algum.

A irritação de Marc não se devia apenas ao fato de Jenny não estar onde deveria, mas por ela parecer evitá-lo com uma leveza e naturalidade que o incomodava.

Em sua visão periférica, captou um vislumbre colorido. Girou e a viu entrar no salão, usando um suéter vermelho, algum tipo de lenço texturizado e uma saia preta que o fez recordar a sensação de ter aqueles quadris em suas mãos. Os pés estavam calçados com escares vermelhos.

O cabelo se encontrava solto, cascadeando sobre os ombros, e ela sorriu para a recepcionista à porta.

Por alguma razão tola que não sabia definir, a irritação de Marc aumentou, enquanto caminhava na direção dela.

– Fico feliz que tenha conseguido vir – disse ele.

Jenny sorriu e, em seguida, desviou o olhar para os sapatos expostos.

– Oh, eu não perderia isso.

– Está um pouco atrasada – comentou ele.

Jenny continuava a observar os sapatos, inclinando-se para a frente e tocando um escaupim de veludo preto, com bordas onduladas.

– Sei que a exposição durará duas horas. Perguntei por aí e me informaram que se eu chegasse na segunda hora, não perderia nada. – Ela relanceou o olhar. – Perdi?

Marc se forçou a desviar o olhar da saia que realçava o contorno curvilíneo das nádegas firmes.

– Acho que não. Estava imaginando onde você estaria. Afinal, esta é a exposição de sapatos e, portanto, a mais importante para a Bellagio.

Jenny inclinou a cabeça para o lado.

– Acha mesmo? Fui à exposição de um designer étnico e achei espetacular. Acho que incorporar elementos diversos no desenho de um sapato os tornará ainda mais modernos e atraentes para a clientela. – Ela gesticulou com uma das mãos para os sapatos expostos. – Esses modelos são bons como catálogo, mas já deram. Tenho certeza que o objetivo é continuar a produzir os favoritos, mas deixaram de ser novidade. Preciso encontrar algo melhor.

Por um átimo de segundo, Marc imaginou se Jenny não estaria se referindo a ele. Ela o havia usado e agora estava procurando algo melhor. Uma sensação estranha e primitiva revolveu seu íntimo. Ele mostraria o que era melhor até deixá-la gemendo e gritando por mais.

Mas a realidade se interpôs no caminho daqueles pensamentos. Mostraria... se não fosse o chefe dela.

CAPÍTULO 8

“Sapatos vermelhos podem levá-la aonde quiser ir. Veja o que fizeram por Dorothy.” (do filme O mágico de Oz)

Jenny Prillaman, designer assistente de sapatos

TRAJADA A rigor, a elite de Atlanta compareceu em massa ao desfile de gala beneficente. A maior parte dos convidados se acomodou no auditório, que ostentava um palco bem iluminado e uma passarela.

– Nunca vi tantas filantropas retocadas com botox e com cintas modeladoras em toda a minha vida – disse Trina Roberts, uma das funcionárias do Departamento de Relações Públicas da Bellagio, sentada ao lado de Jenny. – E, acredite, no meio onde fui criada, havia muitas.

Jenny anuiu para a jovem que parecia combinar classe com alguns toques de rebeldia. Não a conhecia bem, mas até o momento simpatizara com ela.

– Criada em Buckhead? – perguntou Jenny, referindo-se ao local que concentrava a nata da sociedade de Atlanta.

Trina anuiu, exibindo um sorriso.

– Mas nunca fui uma debutante. Recusei o suborno de ganhar um carro de luxo para me submeter àquele papel.

– Um carro de luxo? Uau, mas não bastava colocar um vestido adequado, comparecer à festa e sorrir o tempo todo?

– Se fosse só isso – respondeu Trina, girando, em seguida, na direção da entrada do auditório. – Lá está Brooke com Walker. Aquele homem é sexy e inteligente. Jamais imaginei que ele fosse gamar em Brooke – disse ela, inclinando a cabeça para o lado, enquanto reconsiderava. – Exceto pelo fato

de Brooke ser linda e rica. E divertida. Ainda assim, sempre achei que ele seria muito conservador para um tipo como ela. – Trina deu de ombros. – Isso mostra que não sou boa julgadora de caráter.

– Talvez tenha algo a ver com aquela máxima de que os opostos se atraem. Ou talvez Brooke tenha esgotado o estoque de inconseqüências em sua vida e queira alguém sensato a seu lado.

Trina dirigiu um olhar cético.

– Acredita mesmo nisso?

Jenny refletiu por um longo instante e negou com a cabeça.

– Não. Acho que essa não é uma união romântica. Mas poderia mudar com o tempo.

– Talvez – retrucou Trina, arriscando o olhar ao casal atraente mais uma vez. – Embora Walker não pareça um tipo muito fácil de se lidar.

– Como assim? – Jenny quis saber.

– Ele faz o tipo dominador, o que não serviria para mim. Minha filosofia sobre os homens é mantê-los à esquerda ou à direita, mas nunca no centro. Podem atrapalhar a visão.

Jenny anuiu, pensando em Marc. Ele também era o tipo dominador.

– Boa filosofia.

– Funcionou para mim até agora – disse Trina, com um sorriso estampado no rosto, antes de consultar o relógio de pulso e baixar a voz. – Marc chegará em breve. Ouvi dizer que ele virá acompanhado esta noite.

– É mesmo? – perguntou Jenny, tentando se convencer de que aquilo não a incomodava, embora estivesse morrendo de curiosidade. – Quem será? – perguntou forçando o tom mais casual que pôde conjurar.

– Ouvi dizer que ele trará uma miss. – Trina deu de ombros. – E qual é a surpresa? Aquele homem poderia ter qualquer mulher que quisesse.

– É verdade – murmurou Jenny, sentido o ácido corroer o estômago. – Vou dar uma passada no toalete, antes do show começar. Quer que traga uma taça de vinho ou outra coisa, quando voltar?

Trina negou com a cabeça.

– Não, obrigada. Lembre-se de que terá champanhe na recepção, após o desfile. Pode ir. Eu guardo seu lugar.

– Obrigada – agradeceu Jenny, abrindo caminho pela nave do auditório que se encontrava apinhada de gente. Alcançou o toalete ao fim do saguão e descobriu que estava fechado para o público. Contraindo as feições em uma expressão desgostosa, desceu para o andar térreo e encontrou um toalete

ao final do corredor. Quando saiu dele, passou por um bebedouro e aproveitou para engolir um antiácido com um pouco de água. Ao erguer a cabeça, ouviu um baque surdo, seguido de um grito de dor.

Correndo na direção da escada, encontrou uma mulher idosa, segurando a perna, com as feições distorcidas em uma expressão de dor.

– Ó meu Deus! – exclamou Jenny, ajoelhando-se ao lado da mulher. – A senhora está bem?

– Machuquei minha perna – respondeu a mulher com os dentes cerrados. – Espero que não a tenha quebrado – acrescentou, com expressão de sofrimento. – Pensei que estava sendo esperta por vir ao toalete aqui no andar de baixo. Achei que não pegaria fila.

– Tem razão. Não há ninguém aqui. Preciso buscar ajuda para você. – Jenny mordeu o lábio inferior. – Sinto muito ter deixado-a sozinha.

– Talvez consiga levantar se me ajudar – disse a mulher.

Jenny observou, indecisa, a mulher franzina. Ela parecia ter uns 80 anos, cabelo branco e olhos azuis. Era tão magra que lembrava um passarinho. Atendo-se aos detalhes, percebeu que ela trajava um terninho de grife famosa e o conteúdo da bolsa igualmente cara se encontrava espalhado pelo chão.

– Parece estar sentindo muita dor – disse Jenny, enquanto recolhia os pertences da mulher e os colocava na bolsa caída no chão.

– Vamos tentar – pediu a senhora, mordendo o lábio inferior, quando tentou se pôr de pé.

Jenny a segurou pela cintura e a ajudou a se erguer.

O semblante da senhora se iluminou.

– Talvez eu consiga andar. Pode não ser tão grave quanto... – Quando tentou pisar com a perna machucada, gritou de dor. O rosto da senhora se tornou lívido, o que fez Jenny experimentar um momento de pânico. E se ela entrasse em choque?

– Tem de se sentar outra vez. Não é muito esforço. É melhor eu ir pedir ajuda. Vou subir e trazer alguém para tirá-la daqui. Não demoro. Estarei de volta em um minuto – dizendo isso, ajudou a mulher a se sentar e disparou pela escada. Puxou a alavanca da porta, mas não conseguiu abri-la. Franzindo a testa, tentou outra vez, sem sucesso. Do outro lado da porta, ouviu a multidão aplaudir e o apresentador começar a falar. A música aumentou de volume. Mais uma vez, Jenny puxou a alavanca e sentiu o coração descer para os pés. Estava trancada do lado de fora do auditório.

GINO PROVIDENCIARA outra vencedora de concurso de beleza para Marc. A candidata da vez era a Miss do Condado de Chattahoochee River, Amelia Haynes. O cabelo ruivo perfeito se encontrava atado em um tipo de coque intrincado no topo da cabeça, de onde parecia impossível se desprender um fio, mesmo se submetido a um furacão. A jovem pestanejava os olhos verde-esmeralda a cada três segundos. Marc cronometrara as piscadas.

– Tem certeza que poderá me apresentar aos estilistas, após o show? – perguntou Amelia. – Seria tão legal! – exclamou, inclinando-se na direção dele para colocar a mão sobre o joelho de Marc e expor o colo farto no processo. – Ficaria muito *agradecida*.

O termo “agradecida” podia ser traduzido como sexo. A Miss Chattahoochee prometia um paraíso hedônico. Marc só não tinha certeza se ela admitiria que despenteasse seu cabelo.

Havia decidido que seria uma boa ideia comparecer ao evento acompanhado de uma mulher. Bom para que voltasse a se concentrar no plano de encontrar uma esposa e para deixar claro para Jenny que a transa na despensa do mordomo fora uma experiência isolada, que não se repetiria.

Um lampejo de memória espocou no cérebro revelando Jenny, com o rosto corado e as pernas enroscadas em sua cintura. Marc sentiu a reação masculina imediata diante do simples pensamento. No mesmo instante, tratou de empurrar a imagem para o fundo da mente e focar na Miss Chattahoochee.

Imaginou onde diabos estaria Jenny ao perceber o lugar vago ao lado de Trina Roberts. A relações-públicas informara que ela fora ao toalete, mas o desfile começara há 15 minutos. Uma suspeita sombria tomou vulto na mente de Marc, enquanto uma modelo desfilava os últimos lançamentos de uma grife famosa. Imaginou se haveria algum tipo de despensa ou copa naquele prédio no qual Jenny pudesse estar.

JENNY BERROU a plenos pulmões e bateu na porta com toda força que possuía durante 20 minutos, até que a voz começou a falhar. Xingando em voz baixa, desferiu um último soco na madeira maciça e ofegou. Diante da completa falta de resposta, sentia-se como um mímico.

Deixando escapar um suspiro, desceu a escada na direção da senhora com a perna machucada. A mulher ergueu o olhar.

– Não conseguiu ajuda, certo? Vamos ficar a noite toda trancadas aqui, não é mesmo? – A voz da idosa falhou.

Jenny segurou a mão dela.

– Não. Não vamos. Abrirão aquela porta a qualquer momento – afirmou com uma certeza que estava longe de sentir. – Temos apenas que manter a calma e descobrir o que fazer. Como está sua perna?

A mulher fechou os olhos e fez uma careta de dor.

– Está doendo. Muito.

Jenny sentiu uma onda de compaixão invadi-la.

– Oh, sinto muito que isso tenha acontecido com você. Mas logo conseguiremos ajuda. Precisamos apenas aguentar um pouco mais. Alguém terá de vir até aqui. – Lembrou do telefone celular e o retirou da bolsa. – Vou tentar ligar para alguém. – Digitou os números 911 e recebeu a mensagem que o telefone estava fora de área. – Acho que é isso o que acontece quando se está presa nas entranhas de um centro de convenções. – Ela suspirou. – Sou Jenny Prillaman.

– Miranda LaSalle. Obrigada por permanecer ao meu lado.

– Sem problemas – retrucou Jenny. – Aceita uma pastilha de chocolate com menta?

Miranda pestanejou sem conseguir entender de imediato.

– Oh, sim. Obrigada.

Muito educada, pensou Jenny, desembrulhando o doce para a mulher, antes de se acomodar em uma posição mais confortável.

– Não gosto da ideia de a senhora ter quebrado a perna e nem de estarmos presas aqui, mas há algumas vantagens nesta situação.

Miranda a fitou como se estivesse diante de uma insana.

– Tais como? – perguntou, fazendo outra careta de dor.

Jenny deu palmadas leves no ombro da senhora.

– Não tente conversar. Recoste-se e relaxe até que o socorro chegue.

Miranda fechou os olhos.

– Espero que não demore.

– As vantagens de não estar no desfile é não ter de olhar aquelas modelos altas, donas de corpos esculturais e se sentir inferior.

– O segredo é não se comparar – retrucou Miranda, com os olhos ainda fechados. – Nunca se compare.

– Mas elas são perfeitas e magras – argumentou Jenny. – Pode ser deprimente ficar perto delas.

– Você é tão jovem – resmungou Miranda. – Minha mãe sempre dizia que um bom coração, uma boa mente e uma boa educação sempre triunfam diante da beleza exterior no final.

– Sim, mas quem quer esperar até o final? – perguntou Jenny. Miranda deu uma risada baixa, seguida de outra expressão de dor. – E se não me engano, você deve ter tido muitos homens na vida, certo? – Os olhos de Miranda se entreabriram como se fossem duas lascas de gelo.

– Está sugerindo que fui uma mulher de má reputação?

– Não – Jenny se apressou em afirmar. – Você possui uma estrutura óssea delicada e seus olhos são de um azul profundo. Imagino que isso tenha deixado os homens apaixonados.

– Obrigada – Miranda agradeceu.

– Mas se você tivesse sido uma mulher de má reputação, aposto que teria histórias eletrizantes para me contar e eu adoraria ouvi-las.

DURANTE O intervalo, Trina Roberts puxou Marc de lado.

– Estou um pouco preocupada com Jenny.

– Por quê? – perguntou Marc. Ele a havia imaginado fazendo sexo em mais de 20 posições diferentes na despensa do mordomo.

– Talvez ela tenha passado mal ou algo parecido. Vou procurá-la.

Marc ofegou. Trina havia pensado em uma possibilidade bem mais lógica do que a dele sobre o que poderia ter acontecido com Jenny.

– Se souber de alguma coisa, me informe.

– Vai me apresentar agora? – perguntou Amelia, piscando os olhos de um verde surreal.

– Claro – respondeu ele, dizendo a si mesmo que aquela mulher era uma esposa em potencial. Estavam apenas no primeiro encontro e talvez aquele pisca-pisca descontrolado pudesse ser corrigido.

– Vamos para a coxia. – Alguns instantes depois, Marc guiava a miss na direção de um homem de meia-idade, cercado por um grupo de pessoas. – Aquele é Greg LaSalle – explicou para Amelia. – Produto de pai francês com mãe americana. A família é proprietária da The House of LaSalle e, nos últimos anos, se tornou um dos maiores designers de trajes femininos do mundo.

– Ele costuma fazer muitos desfiles? – perguntou Amelia, com o olhar fixo no estilista.

Marc anuiu.

– Sempre apresenta sua coleção na Semana de Moda de Nova York, em desfiles europeus e outros regionais. As roupas que ele desenha podem ser encontradas nas lojas mais sofisticadas do mundo.

Amelia espalmou a mão contra o peito e inspirou profundamente.

– Isso é tão excitante.

Marc esperou alguns segundos e Greg o avistou.

– Marc, que bom encontrá-lo. O que está achando do desfile?

Trocaram um aperto de mão.

– É muito bom revê-lo, também. O desfile está magnífico, como de costume. Sempre consegue me impressionar com seus modelos confortáveis e modernos.

Greg inclinou a cabeça e sorriu.

– Não mereço tantos elogios.

– Gostaria de apresentar uma amiga. Greg LaSalle, essa é Amelia Haynes, uma fã do seu trabalho.

– *Enchanté*, Amelia. Fico encantado em saber que uma jovem admira meus modelos.

– Oh, é uma honra conhecê-lo. – A Miss Chattahoochee retrucou, ansiosa.

– Marc me contou que você faz muito desfiles, portanto, se precisar de uma modelo extra, espero que se lembre de mim.

Marc observou, estarecido, enquanto Amelia colocava um cartão na mão de Greg. O estilista dirigiu um olhar confuso a Marc, mas naquele momento, um segurança se aproximava de Greg.

– Sr. LaSalle, aconteceu uma emergência com a sua avó.

Os olhos de Greg se arregalaram.

– *Mon dieu!* Minha avó? O que aconteceu com ela? Pedi a alguém que fizesse companhia para ela durante o desfile.

– Ela caiu da escada quando estava a caminho do toalete feminino e ficou trancada...

– *Trancada* – repetiu Greg horrorizado. – *Mon dieu!* Ela ficou trancada e abandonada... – Ele se calou. – Leve-me imediatamente até ela.

– Claro, senhor, mas ela não estava sozinha. Uma jovem lhe fez companhia. Uma ambulância está a caminho.

Marc deu um passo à frente.

– Posso ajudar, conheço os hospitais de Atlanta.

– Claro – concordou Greg. – Obrigado.

Marc girou na direção de Amelia.

– Sinto ter de deixá-la, mas acho que seria melhor nos encontrarmos mais tarde. Está bem?

– Claro – concordou Amelia. – Espero apenas que ele não perca meu cartão.

Marc engoliu em seco um gemido, enquanto se juntava a Greg e ao segurança.

– É grave? Ela está inconsciente? – perguntou o designer, enquanto o segurança os guiava pela escada.

– Oh, ela está consciente, mas sentindo dor. Acho que deve ter quebrado a perna.

Os três homens viraram a esquina do corredor e quando se encontravam a meio caminho da outra escada se depararam com uma aglomeração que lhes impedia a passagem.

– Afastem-se – pediu o segurança. – Temos um parente aqui. Com licença, abram caminho.

Segundos depois, Marc avistou a idosa, sentada em um degrau, com o rosto pálido pela dor. Ao seu lado, papéis laminados. Embalagens de pastilhas de chocolate com menta.

Marc sentiu um aperto no peito enquanto olhava ao redor. Avistou Jenny, concentrada, conversando com dois paramédicos. Muito bem, então ela não estivera transando em alguma despensa. Não que aquilo fizesse qualquer diferença, disse a si mesmo.

Greg disparou na direção da avó ao mesmo tempo que um dos paramédicos se ajoelhava ao lado dela e tomava a pulsação.

– Olá – disse Jenny atrás de Marc.

– Olá – respondeu ele relanceando o olhar. – Parece que teve uma noite animada.

Jenny anuiu.

– Um tanto assustadora. Temi que ela entrasse em choque.

Marc retorceu os lábios.

– Que bom que estava com seu estoque de pastilhas de chocolate com menta.

Jenny sorriu.

– Nunca se sabe quando serão necessárias.

– Ali está meu anjo – disse a avó de Greg acenando para Jenny. – Ela ficou ao meu lado o tempo todo.

Greg se ergueu.

– Muito obrigado, *mademoiselle*. – E relanceando o olhar a Marc. – Você a conhece?

– Ela trabalha na Bellagio. É secretária de Sal – disse, corrigindo-se em seguida: – Designer assistente. Greg LaSalle, esta é Jenny Prillaman.

– *Enchanté, mademoiselle* – disse o estilista, segurando-lhe a mão. – Devo-lhe muito.

Jenny fez um movimento negativo com a cabeça.

– Tudo que fiz foi tagarelar ao ouvido dela e dar algumas pastilhas de chocolate com menta.

– Muito modesta – disse Greg com um meio sorriso. – Se puder fazer alguma coisa por você, é só me dizer. – Voltou-se para Marc. – Que hospital recomendaria?

Marc o orientou da melhor forma, enquanto observava Jenny depositar um beijo na testa da sra. La Salle.

Após os paramédicos colocarem a senhora na maca, Jenny entregou uma de suas pastilhas. Os lábios da sra. LaSalle se curvaram em um sorriso fraco, enquanto ela acenava.

Jenny deu um passo atrás e retribuiu o aceno. Após a ambulância partir, deixou escapar um profundo suspiro.

– Acho que estou precisando de uma taça de vinho.

– Vou buscar uma para você – ofereceu Marc.

Mas Jenny gesticulou enquanto subia a escada.

– Tudo bem. Não é necessário.

Marc a observou, pensativo.

– Por que não entregou seu cartão de visitas para Greg LaSalle?

Jenny dirigiu um olhar confuso.

– E por que faria isso? Acho que não tenho cartões de visita. E, mesmo que tivesse, seria muito inconveniente – disse ela, subindo o restante dos degraus. Quando chegaram ao topo, ela apontou na direção de um dos bares no auditório.

– Obrigada – disse ela, caminhando em direção ao da esquerda. Quando percebeu que Marc a seguia, estacou. – Não precisa pegar uma taça de vinho para mim. Posso fazer isso sozinha.

– Tenho certeza que sim, mas como seu chefe acho que posso me incumbir disso.

– Marc, estou aqui – chamou Amelia.

Jenny relanceou o olhar à miss que acenava. Marc teve uma sensação inquietante pelo fato de Jenny ver Amelia. Isso é loucura, disse a si mesmo, afastando o incômodo.

– Meus parabéns – disse Jenny. – Ela é linda. Que concurso de beleza venceu?

– É a Miss Chattahoochee – respondeu ele.

Jenny anuiu e mordeu o lábio inferior, como se suprimisse uma risada.

– Desculpe, mas meu cérebro não está apto a dar a resposta adequada. Divirta-se.

Marc não saberia dizer por que a impediu de se afastar. Poderia ignorar o motivo, mas não conseguiu.

– Jenny – chamou ele, tocando-a no ombro.

– O que é? – perguntou ela, girando e encontrando o olhar dele.

– Ela é... – Os olhos azuis cortantes como o laser o deixaram sem palavras.

– Ela é estonteante e curvilínea – completou Jenny. Em seguida, o presenteou com o sorriso enigmático que Marc não via há algum tempo. – Mas aposto que não faz estoque de pastilhas de chocolate com menta.

CAPÍTULO 9

A ESPOSA de Gino, Sonja, fazia o tipo de lasanha que era o sonho de qualquer solteiro, embora entupisse todas as artérias. Ao menos morreria feliz, pensou Marc, enquanto sorria para Sonja que servia uma porção generosa, junto com pão e salada de espinafre.

Ao fundo, soavam os gritos dos três filhos de Sonja e Gino. O amigo os estava colocando para o banho.

– Tem certeza que não quer esperar por Gino? – perguntou Marc.

Sonja negou com a cabeça.

– Não. Ele vem logo. Já alimentei os três selvagens, portanto, podemos comer enquanto vemos o jogo do Braves.

– Não precisamos comer vendo o jogo – retrucou Marc, tentando ser educado.

Sonja sorriu.

– Tudo bem. Também gosto do Braves e os meninos ficam quietos quando assistem ao beisebol.

– Alguns momentos de paz em meio ao caos? – perguntou ele, dirigindo-se à confortável sala de televisão.

Sonja anuiu.

– Posso até mesmo estudar física – disse ela, segurando um livro grosso.
– Ou ler minha revista de fofocas em paz.

– Física? – perguntou Marc, surpreso. Gino sempre o aconselhara a encontrar uma mulher sem ambição, dizendo-lhe que falava por experiência própria.

Sonja confirmou com um gesto de cabeça.

– Estou trabalhando em minha tese de mestrado.

Gino entrou na sala que nada mais era do que um prolongamento da cozinha, com as roupas úmidas e uma bolota de espuma de sabão grudada à testa, que Sonja se apressou em limpar.

– Onde estão os meninos?

– Eu os afoguei – respondeu Gino, erguendo as duas mãos em um gesto tranquilizador diante da expressão preocupada da esposa. – Eu os enxuguei e disse para vestirem os pijamas, antes de descerem para assistir ao jogo.

Um tropel ruidoso se fez ouvir da escada e Gino apontou naquela direção.

– Está vendo? Se tivesse esperado três segundos, não precisaria ter perguntado – disse, abraçando a esposa. – O que é essa delícia que está cheirando tão bem?

– Lasanha – disse Sonja com um sorriso na voz.

– Meu prato favorito! – exclamou ele, antes de beijá-la. – Assim como você.

– É bom que seja o único – retrucou ela, entregando-lhe um prato bem servido.

– Consegui a melhor.

Quando avistou Marc, piscou para ele e se sentou em uma poltrona ao lado do amigo.

– Fico feliz que tenha vindo. Como está o trabalho? E Amelia? – perguntou, anuindo e gesticulando uma das mãos de maneira sugestiva. – Bem gostosa, não acha?

– Para quem gosta de pisca-pisca – respondeu Marc.

Gino franziu a testa.

– O que quer dizer com isso?

– Que é possível acertar o relógio com a frequência que ela pisca. A cada três segundos.

– Talvez ela estivesse com algum problema nos olhos naquela noite. Não deveria ser tão severo.

– Ela também entregou um cartão de visitas ao estilista que apresentei e suplicou para que ele a contratasse como modelo. Se isso não for ambição, então não conheço o significado dessa palavra – disse Marc.

Gino enrugou a testa.

– Eu jurava que ela não tinha ambições profissionais. – O amigo deu de ombros. – Acho melhor sair com ela mais uma vez. Você é muito exigente. Consome minhas apresentações com a mesma rapidez que comemos um prato de massa.

Sonja emitiu um som de desagrado e fez um movimento negativo com a cabeça.

– Não acredito que está deixando Gino escolher candidatas a esposa para você.

– Por que não? – perguntou Marc, saboreando a lasanha. – Ele está muito bem casado com uma mulher maravilhosa que o deixa louco para voltar para casa todos os dias. Gino deve ter sabido escolher.

Sonja revirou os olhos.

– Talvez Gino não tenha contado que não foi ele quem me escolheu e sim o contrário.

Marc olhou para o amigo que, de repente, parecia encabulado.

– Como assim?

Gino deu de ombros.

– Sonja está sendo um pouco exagerada.

A esposa estreitou o olhar, enquanto escorregava os dedos pelo cabelo encaracolado de Gino, fazendo-o gemer.

– Oh, não agora. Mais tarde. Não... – Ele fechou os olhos e suspirou, enquanto Sonja continuava massageando sua cabeça.

– O que Gino quis dizer é que ele costumava sair com beldades sem cérebro. Para pagar a faculdade, eu trabalhava como garçom no mesmo restaurante onde ele levava essas mulheres. Ele era charmoso e bonito.

Gino adejou as sobrancelhas e sorriu.

– Ela se sentiu atraída por mim desde o início.

– Mas não conseguia entender por que Gino era tão tolo no que se referia às mulheres.

Gino fez uma careta.

– Tolo é exagero – disse ele.

Sonja massageou as têmporas e ele se calou.

– Certa noite, fui até o restaurante, quando não estava trabalhando, apenas para pegar meu pagamento. Eu estava usando saia porque teria um encontro mais tarde. Gino estava lá com uma de suas beldades fúteis.

Gino abriu os olhos com muito esforço.

– E finalmente pude ver as pernas dela.

Com um movimento negativo da cabeça, Sonja franziu a testa.

– Sempre as pernas. Ele sempre escolhia as namoradas baseado nessa parte da anatomia feminina – disse ela, como se aquilo fosse um disparate.

– Ei! Foram as pernas que me fizeram notá-la – Gino se defendeu.

– Quando ele retornou ao restaurante, começou a flertar comigo. Disse que gostaria de ver minhas pernas outra vez. Eu respondi que tinha receio de exibir minhas pernas para um homem que trocava de mulher como quem trocava de roupa.

Gino olhou para Marc.

– As mulheres com quem eu saía não se mostravam nem um pouco...

– Cautelosas – completou Marc, divertindo-se com a história. Anos atrás, Gino contara uma versão bem diferente.

– Então, passei a frequentar o restaurante sozinho – revelou o amigo. – Além de a garçonete ser bem mais divertida do que as mulheres com quem eu saía, queria uma chance de ver aquelas pernas outra vez.

– Mas ele não me convidou para sair – disse Sonja.

– Eu sabia que ela era diferente e eu não estava preparado para abrir mão de minha liberdade.

– Estava com medo que eu o esnobasse – entregou Sonja. – Quando chegou ao restaurante na outra noite em que eu estava vestida para sair, ficou furioso.

– Por que ela estava mostrando as pernas para outro homem, quando era eu quem jantava com ela quase todas as noites e dava 25 por cento de gorjeta?

– Então, ele me convidou para sair – revelou Sonja. – E eu aceitei.

– Mas ela foi ao encontro usando calça comprida – disse Gino, franzindo a testa.

– Tinha de fazer com que ele me desejasse pelos motivos certos – defendeu-se a esposa.

– Convidei-a para outro encontro e ela apareceu de calça comprida outra vez. Depois, conheci a família de Sonja – disse ele. – Consertei o carro dela quando quebrou. Passaram-se três meses e ela continuava a usar calça comprida.

– Sabia que Gino era um homem que gostava de um desafio. E no sexto encontro... – Sonja contou, com um sorriso enigmático.

– Ela usou uma minissaia que quase me matou. – O amigo confessou. – Acabamos transando no carro, antes de eu a acompanhar até a porta.

– E aí você se tornou uma causa perdida – completou Sonja, com ternura.

Gino a pegou pela mão e a puxou para perto, dando um beijo demorado.

– Era uma causa perdida, bem antes disso.

Marc não sabia se sorria ou se desviava o olhar diante da emoção que formava um campo magnético entre os dois. Por fim, pigarreou.

– Detesto interrompê-los, mas, agora há pouco, Sonja me disse que está trabalhando em sua tese de mestrado? Isso não seria um impedimento no quesito ambição?

Gino dirigiu o olhar para ele e mudou de posição, desconfortável, na poltrona.

– Tem que entender que nem sempre o que é bom para mim, tem de ser para você.

Sonja revirou os olhos.

– Homens! Como complicam as coisas. Uma mulher pode ter a ambição de amar o marido e a família e ao mesmo tempo desenvolver o intelecto, também. Principalmente com um pouco de ajuda do marido.

– Então, cometi um grande erro em permitir que Gino escolhesse minhas namoradas? Isso significa que Sonja é quem as devia selecionar?

Gino negou com um gesto veemente de cabeça.

– Sonja não entende nada de homens comuns. Entende muito de mim, mas não de homens medianos.

– Está me chamando de homem mediano? – questionou Marc, incapaz de impedir uma risada abafada.

– Não exatamente mediano – retrucou Gino, gesticulando com as mãos. – Porém, mais mediano do que eu.

Marc trocou um olhar com Sonja.

– Algum conselho?

– Não seria capaz de selecionar uma esposa para você, mas posso dizer o seguinte: precisa de alguém que complique sua vida. Você tem tudo muito fácil e se enoja à toa. O ideal para você seria uma mulher de bom coração que crie algum caos em seu mundo perfeito.

Educadamente, Marc concordou com a cabeça, mas em seu íntimo, rejeitou o conselho no mesmo instante. Não queria o caos. Não queria confusão. Tudo que desejava era paz e tranquilidade. Sonja estava errada.

CAPÍTULO 10

MARC REPETIA de maneira incessante para si mesmo que estava fazendo aquilo pelo bem da Bellagio. A combinação de câmeras com Brooke poderia ser letal para a imagem da empresa. Brooke insistira que ele e Jenny se juntassem a ela e Walker na casa de praia da família, em St. Simons.

Marc argumentara que sua presença era desnecessária, mas a prima se mostrara irredutível.

– Quatro pessoas será perfeito. Podemos tirar algumas fotos de Walker comigo na praia e, mais tarde, você e Jenny podem mostrar os sapatos para nós. Poderá fazer o papel de “Mr. Bellagio” e meu primo ao mesmo tempo. Isso tornará o processo menos careta e mais interessante. Será apenas uma noite. Além do mais, já combinei com a equipe do reality show.

Portanto, no momento, Marc se encontrava imerso em um inferno pessoal, com o objeto de seu desejo a centímetros de distância. No exíguo confinamento do carro esporte, ele passou os primeiros 45 minutos de viagem para a Ilha St. Simons ao celular, pelo viva-voz, ditando respostas a e-mails para a assistente, marcando compromissos e participando de uma teleconferência.

Durante todo o tempo, percebeu Jenny preenchendo a papelada de trabalho, fazendo uma lista e desenhando esboços em um bloco. Ela estava usando um jeans justo e havia retirado os tamancos de madeira de plataforma alta assim que entrara no carro. Marc não conseguia deixar de notar todas as vezes em que ela mudava de posição. E isso acontecia com bastante frequência. A razão, dissera a si mesmo, devia ser o espaço apertado no interior do veículo que não possibilitava uma posição cômoda.

As unhas do pé estavam pintadas na cor violeta e o pequeno anel de pedra azul refletia os raios de sol a cada movimento que ela fazia.

Marc não queria conversar. Não desejava criar um vínculo entre ambos. Queria que as coisas voltassem a ser como eram, antes daquela noite na despensa do mordomo. Era seu papel ditar o tom, mas aquele silêncio era tão opressivo quanto uma sala envolta em fumaça densa, com as janelas fechadas, embora a fragrância que predominasse no interior do carro fosse a do suave perfume de Jenny. Caso se inclinasse um pouco mais para perto, poderia senti-lo melhor. Para se distrair, ligou o rádio do carro e sintonizou em programas de entrevistas nas horas seguintes.

Jenny retirou da bolsa um livro de capa gasta que ostentava uma foto de Manolo Blahnik, junto com dois pacotes de castanhas-de-caju e ofereceu um deles a Marc.

– Está servido?

– Sim, obrigado, mas podemos parar para almoçar – disse ele, de repente, se dando conta de que estava faminto.

– Não tinha ideia de que tipo de motorista você era – comentou Jenny. – Alguns homens têm aversão a parar por qualquer motivo, antes de chegarem ao destino.

– Meu pai era assim, até se aposentar – respondeu Marc, recordando as viagens da família à região litorânea. A excitação e a expectativa costumavam guerrear com a pressão de uma bexiga cheia e um estômago vazio.

– Precisa parar?

Jenny deixou escapar um suspiro de alívio.

– Pensei que nunca perguntaria.

No mesmo instante, Marc começou a procurar um posto de beira de estrada.

– Por que não pediu?

– Parecia concentrado em seu trabalho – respondeu ela. – Não quis interromper.

– Durante a última hora, estive ouvindo um programa de entrevistas – retrucou ele.

– Parecia concentrado no programa, também – argumentou Jenny.

– Concentrado em uma conversa sobre reparos em peças de tapeçaria? – perguntou Marc, incrédulo.

– Bem, nunca se sabe. Tapeçaria podia ser uma de suas obsessões secretas. Não quis interromper. Oh, aleluia! Lá está nosso paraíso – disse ela, apontando para uma placa com o nome de uma lanchonete famosa por seus sanduíches de carne. – Carne vermelha para você e toalete para mim.

Quando Marc manobrou o carro para o estacionamento do restaurante, Jenny havia mudado de posição não menos do que dez vezes em cinco minutos. Mal estacionou e ela saltou.

– Vejo-o em um minuto – disse Jenny, atirando o bloco de desenho sobre o banco do carona.

Uma pontada afiada de culpa varou a consciência, fazendo-o xingar baixinho. Se não estivesse tão determinado em ditar um tom circunspeto entre ambos, talvez tivesse dado à pobre mulher a chance de ir ao toalete. As pessoas faziam isso por seus bichos de estimação, pelo amor de Deus!

Relanceou o olhar ao bloco de desenho e decidiu bisbilhotar. Páginas de sapatos. Maravilhosos. Não podia negar a criatividade de Jenny. Folheou mais um pouco e viu a figura de um homem, sentado dentro de um sapato de salto alto. O desenho se assemelhava a uma caricatura. O homem estava falando ao telefone celular, com um balão acima da cabeça, em que se lia: “blá-blá-blá...”

O homem do desenho se parecia muito com ele.

Aquela seria a aparência de sua boca? Marc conferiu no espelho retrovisor. E os cílios? Mais uma vez analisou o desenho, lisonjeado. E insultado. Jenny lhe atribuíra um corpo magnífico. Não possuía ombros tão largos assim. Estava sem gravata e tinha a camisa aberta para revelar um peito musculoso, salpicado de pelos.

Agraciara-o com uma aparência exterior privilegiada. Porém, o que estava escrito no balão feriu seu ego. Jenny devia julgá-lo presunçoso, egocêntrico e alheio ao que o cercava.

Não importava, disse a si mesmo, mas aquele era um desenho interessante. Gostaria de analisá-lo melhor. Pegou a folha, enfiou-a na maleta de trabalho e saiu do carro.

– É um belo lugar – murmurou Jenny, enquanto ele estacionava ao lado de uma casa de madeira branca de quatro andares, que misturava as características do Sul pré-Guerra Civil com alguns toques modernos, tais como piscina, pátio e Jacuzzi. – Achei mais bonita do que a casa de Atlanta.

– Mas a manutenção é uma dor de cabeça constante – informou Marc. – Furacões, enchentes, tempestades. Uma fonte infinita de reparos.

– Mas tem o aroma do mar.

– É um sorvedouro de dinheiro.

– Que vista! – exclamou ela, incapaz de desviar o olhar da água azul-topázio e dos veleiros que oscilavam ao sabor das marolas.

Marc gemeu.

– Esqueci que estou falando com uma artista e não com uma pessoa prática e objetiva.

– Sou prática – protestou ela. – No que realmente importa, sou prática. Mas... – Jenny se calou e deu de ombros. – Você não entende – prosseguiu, dirigindo-se ao quintal da casa.

– Ei! Para onde está indo?

– Ver o oceano – gritou ela de volta.

– Estamos aqui para visitar Brooke e Walker.

– Eles podem esperar dois minutos – retrucou ela, correndo para não ouvir a resposta. Estava quase enlouquecendo. Ficar presa no confinamento daquele carro pequeno durante cinco horas, em companhia de Marc Waterson, poderia ter sido um sonho se tornando realidade. Em vez disso, alternara entre o desejo de fazer algo ousado como passar a mão naquelas coxas musculosas ou colocar a cabeça fora da janela e despejar em um grito toda a sua frustração. Nunca imaginara que ele fosse tão inacessível. Não fora aquela a imagem que Marc passara na despensa do mordomo. Uma vez, ele dissera que precisava ser sensato para equilibrar a falta de bom senso da prima. Oh, não, seria ele um antiquado chato? Que pena! Depois de tantas fantasias com Marc!

Tentando esquecer a frustração, Jenny se deliciou com a sensação da areia sob os pés e marchou em direção ao mar. A água gelada a fez se sobressaltar.

– Muito fria? – perguntou Marc, atrás dela. – É sempre assim em outubro.

– Só um pouco – respondeu Jenny, mantendo os pés submersos. – Encontrou Brooke e Walker?

Marc respondeu com um movimento negativo de cabeça. Os raios solares se refletiam nos óculos escuros dele.

– Ainda não. Talvez tenham ido fazer um passeio de barco. – Marc se dirigiu à lateral do quintal e fez que não com a cabeça. – Não, ainda está aqui.

– O barco? – perguntou ela, seguindo-o. – Oh, um barco!

– Gosta do mar?

– Adoro, mas quase não tenho oportunidade de sair da cidade. Sempre quis pilotar um desses. Tenho uma amiga que costuma listar as coisas que deseja fazer. Acho que comecei a fazer isso, sem me dar conta.

– Pilotar um barco está em sua lista? – perguntou ele, os lábios se curvando em um meio sorriso.

– Sim – respondeu Jenny, pensando no momento em que fizeram sexo. – Entre outras coisas.

– Se não tivéssemos de gravar Brooke e Walker esta noite, talvez a ajudasse a realizar esse desejo.

– Oh, fica para outra hora. Mantereis isso em minha lista. Acho que deveríamos entrar para procurar Brooke agora.

Marc deixou escapar uma risada sarcástica.

– Seria divertido ouvir você explicar por que achou mais importante correr na direção do oceano do que subir para encontrá-la.

– Tenho certeza de que Brooke entenderia. É tudo uma questão de prioridade.

– Gosto de prevenir as pessoas contra situações desagradáveis, sempre que tenho oportunidade – disse Marc, tocando a campainha. Ninguém atendeu. Tentou outra vez, sem sucesso. Retirando uma chave do bolso, abriu a porta. A casa estava imersa em silêncio, mas era óbvio que havia sido preparada para receber visitantes. Uma cesta de queijos e frutas frescas, uma garrafa de vinho e duas taças se encontravam dispostas em uma mesa italiana lateral no saguão. As lâmpadas estavam acesas e o assoalho de madeira, bem como a mobília, brilhava com o polimento recente.

– Brooke? – chamou Marc, mas não obteve resposta.

Jenny o seguiu até a sala de televisão.

– Achei que encontraríamos sinais da equipe de filmagem – disse ela, deslizando os dedos pela mesa de cerejeira envelhecida ao lado do sofá.

– Espere aqui. Vou verificar se há alguém lá em cima – disse ele, subindo os degraus de uma escada dos fundos.

Jenny o ouviu chamar o nome de Brooke várias vezes, sem obter resposta. Vagou pelo andar térreo, apreciando a mistura exuberante da história com as conveniências modernas. A cozinha era um sonho, com o piso de madeira, bancadas de granito, quatro fornos, dois micro-ondas e

uma geladeira de proporções gigantescas. Jenny perscrutou o conteúdo e se deparou com frios, queijos, legumes, bifes e morangos cobertos com chocolate.

Forçando-se a deixar a cozinha, dirigiu-se à varanda protegida com tela nos fundos da casa, que descortinava uma vista privilegiada do oceano Atlântico e da piscina logo em frente. Jenny se deixou afundar em uma cadeira reclinável acolchoada.

Aquilo era o paraíso, pensou, inspirando o ar marítimo entontecedor. Aquela paisagem, a brisa, tudo. Sorveu cada sensação que o momento proporcionava. O grasnar das gaivotas, o brilho diamantino do mar, a suntuosidade da piscina com boias infláveis à deriva.

Em um canto da mente, ouviu Marc dizendo algo, mas não conseguiu distinguir as palavras. Ele continuou a falar, mas Jenny se encontrava perdida na beleza e na perfeição cristalina do momento.

– Não está me ouvindo? – perguntou Marc, postando-se diante dela. – Eles não estão aqui. Tentei contatar Brooke pelo celular, mas não tive sucesso. Telefonei para nosso Departamento de Relações Públicas e fui informado de que a gravação de hoje foi cancelada. – Ele franziu a testa. – Alguma coisa errada? Está se sentindo mal?

– Não, estava apenas aproveitando a paisagem – respondeu ela. – É tão deslumbrante! – Deu uma risada. – Talvez melhor do que sexo.

Marc a olhou como se estivesse diante de uma insana.

– O que é...

O celular tocou e ele atendeu de imediato.

– Waterson – disse em tom de voz brusco. – Brooke! – exclamou, dirigindo um olhar a Jenny e anuindo com um gesto de cabeça. Porém, logo paralisou. – Você o quê? – perguntou.

Jenny não conseguia distinguir as palavras, mas ouviu a voz estridente de Brooke grasnando do outro lado da linha. O tom irritado não deixava margem à dúvida.

Marc ergueu as sobrancelhas, confuso.

– Terminou com Walker porque ele tinha um compromisso que o impediu de vir para St. Simons? Brooke, você tem de criar juízo. Algumas pessoas trabalham para se sustentar. Nem todo mundo pode viver ao seu dispor. – A voz de Brooke se tornou ainda mais aguda do outro lado da linha. – Não consigo acreditar que esteja cancelando o casamento por um motivo tão mesquinho...

Com uma careta, Marc afastou o fone do ouvido.

– Ela enlouqueceu – disse, antes de entregar o telefone para Jenny. – Fale com ela.

– Eu? Por que eu? – perguntou se afastando para trás, como se o telefone tivesse piolhos.

– Considere isso uma ordem do vice-presidente – disse Marc. – Estou usufruindo dos privilégios do meu cargo.

Hesitante, Jenny aceitou o aparelho estendido e o colocou ao ouvido. Brooke ainda estava esbravejando.

– Ele nunca tem tempo para mim. Não sou importante para o meu noivo. E se não valho uma breve viagem a St. Simons para gravar o reality show, então não me casarei com ele. Que tipo de vida teria com um homem desses? Seria como uma viúva, antes mesmo de me casar. – Brooke inspirou, trêmula, dando a Jenny a oportunidade de falar.

– Olá, quem está falando é Jenny.

Seguiu-se um silêncio.

– Oh, Jenny – Brooke se lamentou. – Não consigo acreditar que Walker desistiu disso no último minuto. Estou tão envergonhada. Tive de telefonar para a equipe de filmagem e dizer que estava doente. E Walker não se incomoda nem um pouco. Usei milhões de argumentos, mas não consegui fazê-lo mudar de ideia. Mesmo quando chorei – disse ela com um soluço. – Mesmo quando ameacei cancelar o casamento. Walker não deve me amar de verdade.

Brooke estava histérica, pensou Jenny, suprimindo um suspiro e se perguntando se aquela seria uma união baseada em amor. Não havia a menor possibilidade de dar conselhos naquela situação. Lembrou um programa de rádio que ouvira quando se encontrava presa em um engarrafamento colossal, sobre como desenvolver a habilidade da escuta ativa. A técnica servia para neutralizar situações explosivas. Talvez fosse o momento de empregá-la.

– Tenho certeza de que isso feriu seus sentimentos para valer – disse ela.

– Feriu? – repetiu Brooke, ainda soluçando. – Estou arrasada. Walker partiu para a viagem que tinha de fazer a Indiana, como se nada o abalasse, e eu fiquei destruída. – Brooke fungou. – Se ele de fato me amasse, não seria capaz de me deixar.

Jenny imaginou o quanto daquela destruição se devia ao fato de Brooke não ter conseguido impor a própria vontade.

– Posso imaginar como deve estar desapontada. – Ao se deparar com o olhar furioso de Marc, o dispensou com um gesto de mão.

Brooke suspirou.

– Oh, sem dúvida. Estou me sentindo impotente. E furiosa – acrescentou.
– E insignificante. Nunca me senti assim em toda a minha vida.

Porque finalmente alguém lhe disse “não”, pensou Jenny.

– Essa sensação é mesmo muito ruim.

– Não vou admitir isso – afirmou Brooke. – Disse a Walker que o casamento estava cancelado.

– Ninguém gosta de se sentir insignificante – concordou Jenny. – Para onde disse que ele ia, a Indiana?

– Não sei. Ele tem de fazer algum tipo de apresentação para um grupo de diretores para fechar um grande negócio.

– Deve ser algo muito importante – argumentou Jenny.

– Por que está dizendo isso?

– Bem, pense um pouco. Se tivesse de escolher entre ir para Indiana fazer uma apresentação e ir para St. Simons desfrutar de um fim de semana romântico com seu lindo noivo, o que faria?

– Foi isso que eu disse. – Brooke choramingou.

– Exatamente. Por isso estou lhe dizendo que deve ser algo muito importante para Walker sacrificar um final de semana ao seu lado.

Outro silêncio se seguiu.

– Acha mesmo?

– Sim, faz muito sentido.

– Mas ele falou como se eu fosse insignificante.

– Essa não foi uma atitude elegante – retrucou Jenny. Ou inteligente. Embora detestasse ser cínica, não conseguia deixar de imaginar se o que motivara Walker a querer se casar com Brooke não fora a promoção da própria empresa. – Mas ser seu noivo deve ser assustador para um homem.

– Assustador? – repetiu Brooke. – Sou uma boa pessoa. Não sou assustadora.

– Não estou me referindo a você, mas sim a tudo que vem atrelado a Brooke Tarantino. Todos sabem que você vai herdar milhões. Deve ser torturante para o ego de um homem comparar a fortuna do seu pai com a própria renda.

Mais um silêncio prolongado.

– Bem, isso é uma bobagem. Não me casaria com um homem se julgasse impossível um futuro com ele. Isso é uma bobagem – repetiu ela, fungando.
– Ainda assim, não posso me casar com Walker. Não posso me unir a um homem que faz com que eu me sinta insignificante.

– Sim, concordo – apoiou Jenny. – Mas você teve um dia difícil. Acho que não deve ficar se torturando com isso.

– Tem razão. Não ficarei sentada, lamentando-me pelo resto do dia. Farei compras – decidiu Brooke, assoando o nariz. – Desculpe. Depois, sairei para jantar e dançar. Walker vai se arrepender do que fez.

As feições de Jenny se contraíram em uma careta. Sim, a julgar pelo tom de voz de Brooke, o noivo se arrependeria de uma forma ou de outra.

– Acho que deve fazer algo divertido.

– Sabe que farei. Jenny, você é uma querida. Fico feliz em ter falado com você. Sinto muito fazê-la desperdiçar seu dia com o chato do Marc. Tentarei compensá-la em outra ocasião.

– Não se preocupe com isso – retrucou Jenny. – Até logo. – Desligou o celular e o entregou a Marc.

– Não posso acreditar que a apoiou. Brooke estava ensandecida e você se limitou a alimentar esse desatino a cada palavra que disse.

– Não estava alimentando desatino algum. Apenas me mostrei compassiva em relação aos sentimentos de Brooke, algo que você teve imensa dificuldade em fazer, ao que parece.

– Claro que tive. Brooke é uma garota mimada e insuportável. E agora cancelou o casamento. Ela parece um monte de bombas-relógio explodindo ou prontas a explodir a qualquer momento.

– Exatamente – concordou Jenny. – E por esse motivo, a situação deve ser neutralizada. Brooke precisa dar vazão aos pensamentos insanos e ter alguém que os valide. – Mesmo sendo idiotas? – argumentou Marc.

– Não eram idiotas. Eram os sentimentos dela e você não tem o direito de lhe dizer como se sentir, assim como Brooke também não tem direito de fazer o mesmo com você.

Marc entreabriu os lábios para argumentar, mas pareceu ponderar aquelas palavras.

– Disse-lhe que não deveria se casar com Walker.

– Concordei quando ela disse que não poderia se casar com alguém que a faz se sentir insignificante. Após uma boa sessão de compras e uma noite de diversão, quem sabe o que acontecerá? Talvez ela se sinta de outra forma.

Marc estreitou os olhos.

– O que quer dizer com “se sinta de outra forma”?

– Brooke é uma mulher passional. Os sentimentos mudam. Por ora, você está certo. O casamento está cancelado, bem como a filmagem.

– É melhor voltarmos para a estrada – disse ele, deixando escapar um gemido. – Que desperdício!

Jenny alternou o olhar entre o oceano deslumbrante e o homem estonteante à sua frente.

– Concordo plenamente.

CAPÍTULO 11

NO MEIO do caminho para a ponte levadiça, na saída da Ilha St. Simons, os dois se depararam com um congestionamento de proporções colossais.

– Que diabos aconteceu? – resmungou Marc, esticando o pescoço na tentativa de descobrir o que estava causando tamanho engarrafamento. – Que horas são? – conferiu o relógio de pulso. – Ainda não são 13h. Não deveria haver tanto tráfego assim.

– Talvez tenha havido uma batida – sugeriu Jenny.

– O que não me surpreenderia. Este dia já começou errado. – Embora tentasse ignorá-la, Marc não conseguia impedir o olhar de gravitar na direção do pé descalço que ela apoiara sobre a coxa oposta. Não tivera a oportunidade de ver os pés de Jenny quando estava dentro dela na despensa do mordomo. Com exceção da tanga, Jenny permanecera completamente vestida. Ora! Por que diabos aquilo o fazia se sentir traído não tinha a menor ideia.

Marc sintonizou a estação local no rádio do carro, na esperança de saber o que estava acontecendo. Alguns segundos depois, o locutor anunciou o problema.

– Acabamos de receber a notícia de que a ponte levadiça não está funcionando. Se você pretende deixar a ilha e está parado no trânsito poderá levar muitas horas para conseguir. Parece que, dessa vez, o problema é complicado, ouvintes. Os técnicos acreditam que o reparo não será concluído antes das 3h da manhã. – O locutor assobiou alto. – Talvez seja hora de pensar em um plano B. E por falar em plano B, vamos ouvir Huey Lewis and the News...

Marc xingou alto e desligou o rádio.

– Oh, não! – exclamou Jenny. – Ligue outra vez.
– Por quê? O locutor terminou de dar a notícia.
– Ele vai tocar Huey Lewis – disse ela, como se aquela fosse toda a informação de que Marc precisava.

– E daí? – perguntou ele, inclinando a cabeça para o lado.
– E daí que eu gosto de Huey Lewis – retrucou ela, baixando o tom de voz em seguida. – Meio que tenho uma paixonite por ele.

Jenny mordeu o lábio inferior e o gesto pareceu muito sexy e tentador para Marc. Pestanejando, ele deu uma risada abafada e religou o rádio. Estavam presos em St. Simons e ela estava preocupada em ouvir Huey Lewis, pensou, com um gesto negativo de cabeça.

– O que foi? – questionou Jenny, defensiva.
– Não está aflita por não poder sair da ilha? – perguntou ele.
Jenny olhou ao redor, antes de estudá-lo como se estivesse analisando um louco.

– Deveria estar estressada por passar mais algumas horas em um lugar paradisíaco, onde o sol está brilhando e provavelmente tenho um lugar para ficar? E mesmo que não tenha, me contentaria em me esparramar em uma daquelas espreguiçadeiras de Brooke à beira da piscina. – Ela deixou escapar um suspiro sonhador que evocava imagens lascivas. – Se não puder realizar minha fantasia número 105, ou seja, passear de veleiro. – Apoiando uma das mãos no painel, Jenny se inclinou para perto dele e uma lufada da fragrância inebriante invadiu as narinas de Marc. A combinação de exasperação tranquila com sabedoria feminina expressa nos olhos azuis pareceu sexy quando não deveria. – Nunca ouviu falar de tirar proveito de uma situação adversa? – Ela fez um gesto com a mão englobando tudo que estava ao redor. – Isso é tirar proveito de uma situação maravilhosa. – E mexendo a cabeça em negativa: – Não sei por que pensei que pudesse compreender. Você não pensa como o resto de nós.

– O que quer dizer com isso?
– Mas talvez seja essa a razão que o torna um executivo tão bem-sucedido – ponderou ela, como se Marc não estivesse presente, o que o irritou ainda mais. – Às vezes, é mais fácil admirar alguém de longe – murmurou.

– Jenny – começou ele, quase não conseguindo resistir ao desejo de erguer o queixo dela para encontrar seu olhar. – A que está se referindo?
Com um profundo suspiro, ela o encarou.

– Nunca pensa em apenas se divertir? – Marc entreabriu os lábios e voltou a fechá-los. *Não*, pensou. Pelo menos não naquele dia. Para começar, não fizera aquela viagem de livre e espontânea vontade. Ainda mais na companhia de Jenny. Sua cota de diversão com ela fora o suficiente. Jenny desviou o olhar. – Acho que não.

Marc lembrou do esboço caricato que ela fizera dele e teve a sensação de estar sendo cutucado com um graveto. A noção de que Jenny não o achava divertido o incomodava, embora não quisesse pensar nas razões no momento.

Tomando uma decisão repentina, Marc acionou a seta, girou o volante e ergueu uma das mãos, sinalizando para outro veículo que vinha na mão oposta. Quando o motorista freou, ele fez uma curva em “U” no meio da estrada.

– Caramba! – Marc podia sentir o olhar de Jenny cravado nele. – Por que essa manobra radical?

– Se quisermos velejar – disse ele, surpreendido por um repentino senso de humor –, não temos tempo a perder.

Relanceando o olhar a Jenny, experimentou uma onda de satisfação ao se deparar com os olhos azuis arregalados como dois pires.

– Vamos velejar? Está falando sério? – perguntou ela, com a mesma animação de uma criança diante de um sorvete.

– Sim, estou – confirmou Marc, passando a quarta marcha.

COM ALGUMAS coordenadas de Marc, ela disparou pela escada, na direção do segundo quarto à esquerda. Era um aposento destinado a hóspedes, dissera ele. Decorado em tons suaves azul-esverdeados, com notas de pêssego e creme, o cômodo a fazia lembrar a praia. A mobília pintada emprestava uma atmosfera airosa ao quarto. Sim, pensou Jenny, morreria feliz em um lugar como aquele.

Vasculhou as gavetas da cômoda, como Marc a orientara, e encontrou um protetor solar e vários biquínis diminutos.

Marc não sabia, mas ela planejava mergulhar no mar. Embora tivesse considerado a possibilidade, não trouxera nenhum biquíni, porque tivera a impressão de que aquela seria uma viagem apenas de trabalho.

Jenny mordeu o lábio inferior e reduziu suas escolhas a três modelos. Todas as partes de baixo eram tangas e as de cima pequenos triângulos de

tecidos em cores vivas. Sem dúvida, reservados às amigas magérrimas de Brooke. Dando de ombros, Jenny, por fim, escolheu o de cor púrpura e aplicou um pouco de protetor solar. Arriscou um rápido olhar ao espelho e jurou em tom solene que, quando chegasse o momento, pularia do barco para mergulhar na água.

Após vestir um short jeans e uma camiseta sem mangas que encontrou em outra gaveta, vasculhou o closet, onde achou uma toalha e sandálias rasteiras. Em seguida, colocou os óculos escuros, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo no alto da cabeça e desceu a escada para encontrar Marc.

– Não se esqueceu de aplicar o filtro solar? – perguntou ele, medindo-a de cima a baixo.

Jenny anuiu.

– Não me esqueci de nada.

– Esse short e camiseta não são seus, certo? – provocou ele.

Jenny foi atingida por uma onda de timidez e uma sensação desagradável de não estar à altura do esperado. Decidida a não permitir que um ataque de complexo de inferioridade estragasse o passeio, ajustou os óculos sobre o nariz.

– Não, mas prefiro não esquentar a cabeça com isso. Sei que não sou tão magra quanto as amigas de Brooke, mas era o que havia disponível. Podemos ir? – perguntou, encaminhando-se à porta dos fundos. Jenny a abriu e cruzou a varanda, antes de descer os degraus.

Marc a alcançou quando ela passava pela piscina.

– Ei! Não precisa correr – disse ele. – Não estava criticando seu corpo. Mas acho que sentirá frio no mar.

– Ficarei bem. Estou levando uma toalha – respondeu ela, mantendo o passo apressado e esperando que Marc entendesse que não queria se aprofundar no assunto.

– Não me surpreenderia se me dissessem que uma daquelas amigas de Brooke é anoréxica. – Jenny gemeu em seu íntimo e continuou a caminhar. Ele pigarreou. – Você tem curvas.

Aquilo a fez estacar de modo abrupto.

– Escute, sei que não sou uma modelo elegante e tenho perfeita noção de que possuo um corpo comum. Apenas mediano. Temos de continuar discutindo sobre isso?

Marc a encarou por um longo instante. Mesmo através dos óculos escuros, ela podia sentir a intensidade daquele olhar.

– Não temos de discutir sobre isso – concordou ele por fim. Jenny deixou escapar um suspiro aliviado, quando entrou na doca. – Mas eu não diria que tem um corpo mediano – murmurou ele. – O coração de Jenny deu uma cambalhota no peito e ela teve de se concentrar para não tropeçar no chão de madeira. – Suas pernas são extraordinárias – elogiou Marc. – E tem um belo... – calou-se.

Morta de curiosidade, Jenny girou.

– Um belo o quê? – perguntou.

– Traseiro – respondeu ele. Pestanejando, surpresa, ela desejou retirar os óculos dele para ler a expressão daqueles olhos azul-acinzentados. – Não posso emitir opinião sobre o restante do seu corpo, exceto que fica elegante com as roupas que usa.

Jenny se viu afetada por um misto de lisonja e irritação. Tinha dificuldade em respirar. Então, seu corpo agradava Marc. Oh, sim! Mesmo assim ele rejeitara a ideia de darem continuidade a um relacionamento. Oh, não!

– A escolha foi sua. Poderia ter visto cada centímetro do meu corpo se estivesse interessado – retrucou ela, mas infelizmente, as palavras escaparam da boca em um sussurro indistinto. Droga! Onde estava sua deusa interior, quando precisava dela?

MARC MANOBRAVA o barco para fora da doca, enquanto ela permanecia ao lado, observando cada movimento. Ele mostrou o acelerador manual.

– Então, você dirige o leme com uma das mãos e acelera rapidamente com a outra.

Marc deu uma risada.

– Tem de tomar cuidado com o acelerador quando há banhistas e outros barcos por perto.

– Não estou vendo nenhum banhista e há poucos barcos – disse ela, erguendo a cabeça na direção do sol e fechando os olhos quando uma brisa fresca acariciou o rosto.

Marc acelerou e ela se apressou em recuperar o equilíbrio. Em seguida, o fitou com um sorriso.

– Isso é maravilhoso! – exclamou, erguendo a voz para se fazer ouvir acima do ruído do motor.

O entusiasmo de Jenny lembrava o de uma criança e o fez sentir algo indefinido revolvendo o peito. Ela estava certa. Era um lindo dia. O sol

brilhava no oceano e a brisa parecia varrer a lama de seu cérebro. Encontrava-se no mar, com uma mulher estranha, porém fascinante.

– Se gosta tanto de passear de barco, por que não comprou um? – perguntou ele.

Jenny revirou os olhos.

– Você conhece meu carro. Teria de apostar no cavalo vencedor do grande prêmio ou ganhar um aumento de salário considerável. Ei, talvez possa falar com meu chefe que preciso de um barco para estimular minha criatividade – disse ela, com uma risada marota.

– Acho que não aprendeu essa piada na faculdade de Artes – provocou ele.

O sorriso de Jenny vacilou, antes de ela desviar o olhar.

– Acho que não.

– Estou curioso – disse Marc. – Se ama tanto o mar, por que não se muda para perto da praia ou até mesmo para cá?

Jenny pareceu pensar por um instante e, em seguida, deu de ombros.

– Não sei. Fui criada em Atlanta e sempre trabalhei lá.

– É muito apegada à sua família?

– Não muito. Meu irmão e minha irmã têm carreiras bem-sucedidas e famílias que lhes consomem muito tempo. Costumamos nos reunir nos feriados.

– E seus pais?

– Minha mãe vive no Arizona e papai faleceu há muito tempo.

Uma pontada dolorosa de afinidade varou o peito de Marc diante daquela revelação.

– Sinto muito. Meu pai também morreu muitos anos atrás.

Os olhos azuis encontraram os dele.

– É difícil perdê-los, seja em que momento for, certo?

Marc anuiu.

– Sim, mas meu avô ainda está vivo.

– Aquele que visita com frequência?

– Sim. Como sabe?

– Oh, ouvi comentários dos funcionários. Uma pessoa disse que você visitava seu avô e a outra respondeu que achava que isso era apenas uma desculpa.

– Desculpa para quê?

Jenny deu de ombros.

– Para qualquer coisa. A criatividade das pessoas pode ser ultrajante. Poderia virar o Homem-Aranha no dia de sua folga.

– Quanta criatividade! Quem disse isso?

Jenny hesitou.

– Eu. Estava apenas brincando.

Marc deu uma risada.

– E o que os outros dizem?

– Já falei demais – respondeu ela, com um gesto negativo de cabeça. – Quando vai permitir que eu pilote?

– O que os outros dizem?

– Nada de importante – respondeu ela. – Nunca ouviu dizer que as pessoas que fazem fofoca dos outros não têm vida própria? – Jenny agitou os dedos. – Deixe-me pegar esse leme.

Quando viu os dedos delicados gesticularem, Marc teve um lampejo de lembrança das mesmas mãos sedosas em seu corpo, tocando-o de maneira íntima. Aquilo o atingiu em cheio, pegando-o de surpresa.

Não dava a menor importância para as especulações que faziam sobre ele, mas ficou curioso em saber o que a deixara tão constrangida a ponto de não querer contar.

– Você só vai pilotar se me contar – decretou.

Jenny o encarou durante um minuto e, em seguida, deu um gemido de desgosto.

– Está bem. Está bem. Alguém especulou que você não vai visitar seu avô quando sai à tarde. Na verdade, vai se encontrar com uma amante. – Jenny inspirou para tomar fôlego. – Mas ambos sabemos que isso não é verdade, porque se tivesse de escolher uma amante, seria eu. Mas não fará isso porque ficou horrorizado consigo mesmo pela forma como perdeu a cabeça comigo na despesa do mordomo.

Marc sentiu o queixo pender e ela exibiu um sorriso vitorioso.

– Passe-me o leme.

Marc gesticulou para que ela se posicionasse atrás do leme.

– Use as duas mãos – orientou.

– Mas eu quero acelerar, também – protestou Jenny.

– Depois que praticar com as duas mãos no leme. Tem de se acostumar à forma como o barco responde. – Marc apontou em uma direção onde não havia outros barcos. – Dirija-se para lá. E não se sinta horrorizada consigo

mesma pelo que aconteceu na... uh... – Ele tossiu. – ... dispensa do mordomo.

Jenny inclinou a cabeça para encará-lo e o barco inclinou.

– Ei! – disse ele, diminuindo a velocidade e pousando uma das mãos sobre a dela. – Preste atenção.

– Está bem – concordou Jenny, concentrando-se na água. – Por que me sentiria horrorizada? Foi incrível. Maravilhoso. – Ela suspirou. – Simplesmente incrível.

– Mas você não gozou – lembrou ele.

Jenny gesticulou com uma das mãos.

– Sim... bem, tem razão, mas ainda assim foi maravilhoso. Não acha?

Marc sentiu a temperatura do corpo subir.

– Sim, foi.

– Então, por que me arrependeria? Usamos preservativo – disse ela, e Marc a observou franzir a testa. – A não ser que me considere uma mulher vulgar. Isso seria péssimo, mas não há nada que eu possa fazer. Qual a profundidade da água aqui?

– Talvez uns nove metros. Por quê?

– Podemos parar por alguns minutos?

– Por quê?

– Porque eu quero – respondeu ela.

– Está bem – concordou Marc, desacelerando.

Jenny o encarou com um sorriso no rosto.

– Isso é, de fato, maravilhoso.

A expressão do rosto delicado o fez ter um estranho presságio.

– Fico feliz que esteja gostando.

– É realmente divino.

Um silêncio incômodo se abateu entre ambos.

– Oh, olhe! – exclamou Jenny, apontando na direção oposta. – São golfinhos?

O instinto fez Marc desviar o olhar naquela direção.

– Não sei. Acho que a água não está quente o suficiente para eles – acrescentou, ainda observando o mar, sem avistar nada. – Onde está vendo...

O som de água esguichando atrás dele o fez girar para descobrir que Jenny havia desaparecido, deixando o short, a camiseta e as sandálias no deque. No mesmo instante, seu alarme interno soou.

– Jenny! – gritou, inclinando-se sobre o parapeito em direção à água.

A cabeça de Jenny emergiu, fazendo-o experimentar uma estranha sensação de alívio.

– Olá – gritou ela, acenando com um sorriso de orelha a orelha.

– O que está fazendo? Vai congelar aí. – Marc mirou as roupas que ela deixara no deque. – Está nua?

– Quase – respondeu ela, com um ar malicioso. – Peguei um biquíni na cômoda do quarto de hóspedes. – Jenny deu algumas braçadas na direção do barco. – Portanto, terá de ser um cavalheiro e virar de costas quando eu subir.

– O que a faz pensar que eu seria um cavalheiro? – perguntou ele, imaginando o quanto o traje de banho revelaria.

– Porque essa é sua natureza. Você é sensato e cavalheiro.

Após a experiência que teve com Jenny, muito o surpreendeu o modo como ela o descrevera. Percebendo que os dentes de Jenny tiritavam, estendeu-lhe a mão.

– Precisa sair daí.

Jenny negou com um gesto de cabeça, sustentando-se na tona com o movimento dos pés.

– Terá de fechar os olhos.

– Não fecharei. Preciso mantê-los abertos para ajudá-la a subir a bordo. – Jenny mordeu o lábio inferior. – Estou falando sério. Nessa temperatura, está correndo o risco de ter uma hipotermia.

Jenny olhou para um lado e depois para o outro, antes de voltar a fitá-lo.

– Está bem. Pode ver a parte da frente do meu corpo, mas não a de trás.

– Está bem – concordou ele. – Dê-me sua mão.

Jenny estendeu a mão úmida e ele a içou da água. Cambaleando sobre a lateral do barco, ela esfregou os braços com as mãos. O gesto o fez experimentar uma pontada no peito. Jenny parecia necessitar de um abraço. O movimento que ela fazia com as mãos permitia vislumbrar a pele branca dos braços. Os seios quase escapavam dos triângulos de pano, os mamilos túrgidos pelo frio. O traje de banho deixava à mostra quase toda a extensão da parte inferior do corpo de Jenny, com exceção do que estava coberto pelo diminuto triângulo entre as coxas bem-torneadas.

– Minha toalha, minha toalha, minha toalha – repetia ela, mais para si mesma do que para Marc, antes de encontrá-la pousada sobre uma cadeira e a enrolar no corpo.

Mas não foi rápida o suficiente e Marc pôde desfrutar de um vislumbre da visão das nádegas expostas por aquela tanga. Recordou a sensação de tê-las nas mãos, a forma como Jenny se mostrara receptiva, apertada em torno dele, enquanto a penetrava.

Marc esfregou o rosto com uma das mãos e deixou escapar um gemido. Deveria ter aceitado a sugestão de Jenny e mantido os olhos fechados. Aquela pele macia estava toda arrepiada e os lábios carnudos tão roxos quanto a cor daquelas tiras de pano que algum idiota denominara traje de banho. Por alguma razão, aquela mulher fazia brotar todos os instintos primitivos que Marc mantinha sob controle. Jenny era o perigo em pessoa.

CAPÍTULO 12

MARC APROVEITOU toda a luz do dia, antes de retornar à doca. Pilotar o barco com Jenny o havia feito recuperar o humor. Era tão jovem quando pilotara um barco pela primeira vez que mal conseguia se lembrar da sensação. A curiosidade e... diabos, o entusiasmo que ela demonstrara pela experiência eram contagiantes. Ele os levara para mar aberto e permitira que ela acelerasse à vontade. Com os olhos azuis arregalados pela excitação, Jenny havia empurrado a alavanca do acelerador para cima, enquanto dava uma risada ofegante.

Ignorando as pontadas cada vez mais aguçadas do desejo, Marc esticava ao máximo o passeio. Durante a última meia hora, percebera que Jenny abraçava o próprio corpo, por isso emprestara a própria camiseta. Fora impossível não perceber a aprovação estampada nos olhos azuis que percorriam seu peito e braços. Ela tentava não ser óbvia, mas não conseguia resistir. Aquela atenção fazia bem. Era excitante que Jenny tivesse de se esforçar para controlar o desejo que sentia por ele. Sem dúvida, teria permitido que a beijasse no barco. Diabos! Talvez o deixasse fazer mais do que isso. Os lábios carnudos por certo teriam o sabor salgado do mar e a pele, a textura da seda sob suas mãos. Jenny exploraria seu peito e ele escorregaria os dedos sob aqueles diminutos triângulos de tecido para acariciar os seios. Imaginou se ela permitiria que retirasse a parte superior do biquíni e sugasse seus mamilos. E se tivesse desligado o motor, teria Jenny permitido que ele arrancasse a tanga e se enterrasse entre as suas coxas macias?

Marc engoliu em seco um xingamento. O simples ato de imaginar o deixara com uma ereção que não cederia por algum tempo.

Nas docas, Jenny deixou escapar um suspiro de contentamento e ergueu o olhar para encará-lo.

– Foi maravilhoso – disse ela, com um sorriso nos lábios. – Não sei como agradecer. – Estacou e Marc pôde ver que aquele sorriso se tornara pecaminoso. – Bem, posso imaginar algumas formas, mas não me é permitido – sussurrou. – Portanto, muito obrigada.

Jenny retirou a camiseta que ele emprestara e, à luz frouxa do ocaso, Marc pôde ver a vermelhidão que cobria sua pele.

– Tem certeza que aplicou filtro solar? – perguntou, pressionando-lhe o ombro.

Jenny fez uma careta de dor.

– Apliquei. Juro. Peguei uma embalagem no armário do quarto de hóspedes e espalhei pelo corpo todo.

– Vá tomar um banho. Quando terminar de amarrar o barco, verei se consigo encontrar alguma loção calmante.

– Talvez retirar a água salgada do corpo ajude – disse Jenny, esperançosa. – Obrigada, mais uma vez – murmurou, antes de parecer hesitar e erguer o olhar. Em seguida, inclinou a cabeça para cima e pressionou os lábios aos dele.

Com o coração acelerado, Marc prendeu a respiração e pensou em aprofundar o beijo. Porém, Jenny se afastou sem dar chance.

– Vejo-o mais tarde – disse e disparou na direção da casa.

Marc a observou cruzar a doca e passar pela piscina. Quando ela estava subindo os degraus na direção da varanda dos fundos, foi recompensado com a breve visão das belas nádegas.

Jenny estava à sua mercê.

A possibilidade era tentadora. Jenny era pura excitação, prazer e prometia não criar amarras. E dissera que ele era muito exigente para seu gosto, o que quer que aquilo significasse.

Com a ereção pulsando, Marc lembrou a si mesmo da posição que ocupava na Bellagio. Trabalhara duro para se tornar o vice-presidente da empresa. Tinha um cargo de poder e influência.

Um envolvimento com Jenny poderia fazê-lo retroceder cinco anos no conceito do conselho administrativo. Ela não valia tanto, disse a si mesmo, fazendo daquelas palavras um mantra.

– Ai, ai, ai – Jenny sussurrou entre os dentes, enquanto vestia uma blusa leve de algodão de alças finas e um short que valorizava as nádegas curvilíneas.

Esperava que Marc tivesse encontrado a loção calmante.

Ouviu uma batida na porta.

– Entre, entre, se você trouxe a loção calmante, meu primogênito será seu.

A expressão de Marc congelou e a mão que segurava um frasco com uma loção verde estacou no meio do movimento.

O que a fez dar uma risada.

– Não se preocupe – disse ela. – É apenas uma expressão. Você ainda nem passou no teste do animal de estimação. Não tem a menor condição de ser pai. E eu também ainda não estou pronta para ser mãe, mas estou ansiosa pela loção calmante. Deus o abençoe! – acrescentou, saltando da cama para arrancar o frasco da mão de Marc. Em seguida, voltou para a cama, verteu uma quantidade generosa da loção refrescante na palma e a espalhou pelo peito. – Oh, sim, nem parece que segundos atrás minha pele parecia estar sendo frita.

– Então, qual era o problema com o filtro solar?

Jenny dirigiu um olhar transtornado.

– Veja o fator de proteção solar.

Marc ergueu o frasco do protetor solar que se encontrava sobre a cômoda e leu o número escrito com caracteres pequenos.

– Quatro. – Fez um movimento negativo com a cabeça. – Não é de se admirar. Você precisa, no mínimo, de um fator de proteção solar 40.

– Eu sei – disse ela, esticando o braço para aplicar a loção nos ombros.

– Deixe-me fazer isso – ofereceu Marc, espalhando com movimentos suaves a loção gelada sobre a pele sensível. – Será que formará bolhas?

– Espero que não – retrucou ela. – Mas se formar, terá valido a pena. Foi um dia maravilhoso.

– Achou tão bom assim? – Ele aplicou a loção entre as omoplatas de Jenny e mais abaixo. A pele estava rosada e macia, mas ela mantinha a espinha rígida. Marc admirou os cachos indisciplinados na altura da nuca, que expressavam a personalidade da dona. Macios nas extremidades, rebeldes na raiz.

– Oh, sim, muito bom – murmurou ela. – O tempo estava divino. Pilotar o barco foi muito divertido. E você se revelou uma ótima companhia.

– Acha mesmo? – Marc ergueu e a blusa de algodão solta e aplicou a loção na base da espinha.

Com um movimento positivo de cabeça, Jenny fechou os olhos, parecendo relaxar um pouco.

– Oh, isso é tão bom.

A reação dela não era sexual, lembrou ele a si mesmo. No mínimo, estava se sentindo confortável e, no máximo, seria apenas um alívio temporário. Mas algo no modo como Jenny fechou os olhos e suspirou o estimulou a continuar. Marc escorregou as mãos para as laterais da cintura bem marcada e em torno do abdome macio.

Os olhos azuis de Jenny se arregalaram.

– Ohh! Isso é gelado – disse ela com uma risada rouca. Após tomar fôlego, tornou a fechar os olhos. – É engraçado como suas mãos logo conseguem dissipar a sensação gelada inicial.

Marc baixou o olhar às coxas rosadas e a lembrança excitante de estar envolto naquela maciez enquanto a penetrava espocou na sua mente. Sem chances de repetir o feito naquela noite, repreendeu-se, observando a pele queimada pelo sol. *Nem naquela noite, nem nunca.*

Uma gota da loção caiu sobre a coxa esquerda de Jenny, fazendo-a contraí-la, embora permanecesse com os olhos fechados. Marc corrigiu a inclinação do frasco. Ela mudou as pernas de posição para deixar uma maior extensão de pele à mostra.

– Até onde vai a queimadura?

– Por todos os lados – respondeu ela.

Marc hesitou.

– Está sentindo incômodo para sentar?

– Sim, mas poderia estar pior. Esse é um bom exemplo do porquê uma mulher deve proteger sua... se proteger – corrigiu.

Marc deu uma risada abafada e espalhou um pouco da loção nos braços delicados.

Jenny os esticou à frente do corpo para facilitar a tarefa. Sentando-se na cama, ele voltou a massagear o abdome ao perceber que a loção não ficara bem espalhada naquela região.

Jenny suspirou, mantendo as mãos estendidas. Quando baixou o olhar à parte da frente da blusa de algodão fino, Marc percebeu os mamilos rígidos que pressionavam o tecido.

– Frio? – perguntou.

Jenny anuiu, mantendo os olhos fechados.

– E quente.

Marc continuou a massagear o abdome, subindo as mãos, em seguida, para a caixa torácica, enquanto a mente vagava. Imaginou como Jenny seria na cama, caso se arriscasse a fazer sexo com ela. Como responderia às preliminares? Algo lhe dizia que aquela mulher era uma amante generosa. Havia sido da primeira vez.

Os mamilos seriam tão sedosos quanto botões de rosas sob seu toque. Imaginou que tipos de sons ela emitiria quando atingisse o clímax. Jenny possuía uma sensualidade natural que o tentava, além de ser espontânea e feminina.

Os dedos formigavam para subir mais alguns centímetros e tocar os seios firmes, provocá-la até que gemesse e observá-la contrair as pernas quando a fosse tomada pela excitação no baixo-ventre.

Deixou que um dos dedos resvalasse sob um dos seios macios. Os lábios carnudos se entreabriram, antes de ela prender o inferior entre os dentes.

Marc estava duro como uma pedra. Como diabos podia raciocinar se o sangue havia se concentrado todo em sua virilha. *Problemas, problemas, problemas*, uma voz fraca gritou em seu cérebro. *Aquilo só traria problemas.*

Lutando para encher os pulmões de ar, Marc se forçou a afastar as mãos do abdome macio. As palmas formigavam como se ainda a estivessem tocando. Marc limpou a garganta.

– Isso deve ajudar um pouco – resmungou. – Vou descer e ver o que há na geladeira para comermos no jantar.

Jenny abriu os olhos, mas as pálpebras semicerradas a deixavam com uma expressão sexy, enquanto umedecia os lábios e suspirava.

– Obrigada – sussurrou. – Parece uma boa ideia. Vou colocar uma camiseta e já desço.

NA MANHÃ seguinte, ambos acordaram cedo e pegaram estrada. Com exceção da tensão latente que sempre parecia gravitar entre ela e Marc, a viagem foi quase sociável. Jenny tinha várias suspeitas sobre o que melhorara o humor de Marc. A primeira era que eles não haviam feito sexo. A segunda era a volta para casa pondo fim àquela convivência forçada. Claro que, por coincidência, eram as mesmas razões que a faziam se sentir desapontada.

Além do fato de não conseguir encontrar o desenho caricato que fizera de Marc durante a viagem para St. Simons a estar deixando cismada.

– Está calada – disse ele. – As queimaduras de sol estão incomodando?

– Não muito. Ainda sinto a pele um pouco sensível, mas acho que a loção calmante ajudou muito. Obrigada.

– O prazer foi... – Marc se calou e tossiu. – Não há de quê.

Marc quase dissera “o prazer foi meu”, mas conseguiu se conter a tempo. Jenny relanceou o olhar. Talvez não estivesse tão desinteressado quanto queria parecer?

O telefone celular de Marc tocou e ele acionou o viva-voz do carro.

– Alô?

– Olá. Sou eu, Brooke. – A voz feminina soou do outro lado da linha.

Marc dirigiu um rápido olhar a Jenny.

– O que houve?

– O casamento ainda está de pé – disse ela. – Fui impulsiva. Walker me enviou três dúzias de rosas e um belo bracelete. Vamos ter um encontro romântico amanhã.

Marc pigarreou.

– Que ótima notícia! Fico feliz que tudo tenha terminado bem.

– Queria apenas dar a notícia para você. Até logo.

Marc desligou o telefone.

– Não vai citar o velho bordão “eu não disse”?

Jenny negou com a cabeça.

– De forma alguma. Com Brooke, qualquer resultado poderia ser esperado.

Marc franziu a testa.

– Obrigado por lembrar que minha prima é a encarnação da volubilidade.

Jenny deu uma risada abafada.

– Acho que pode considerar isso como parte da grande aventura.

– Sinto-me melhor quando posso planejar.

– Dá para notar que é resistente à espontaneidade.

Aquilo chamou atenção de Marc.

– O que quis dizer com isso?

– Foi apenas um comentário.

– E você gosta da espontaneidade – disse ele.

– Acho que a espontaneidade e a oportunidade costumam andar de mãos dadas.

– Desde que consiga se manter no topo do...

O celular de Marc tocou mais uma vez, e ele deixou escapar um suspiro exasperado.

– Marc Waterson.

– Marc, é Gino. – A voz masculina grave e vibrante reverberou no interior do veículo. – Como está, amigão?

– Estou bem. Voltando de St. Simons depois de um compromisso de trabalho cancelado com minha prima Brooke, mas depois conto essa história. O que você manda? Está ligando para me convidar para jantar em sua casa ou para ver o jogo na minha?

– Nenhum dos dois – respondeu Gino. – O motivo da minha ligação é discutir sua nova candidata. Tenho um pressentimento de que essa despertará seu interesse e outras coisas. – Dando uma risada maliciosa, acrescentou: – Se entende o que quero dizer.

Jenny o estudava com olhar penetrante. Ele relanceou o olhar e voltou a se concentrar na estrada.

– Devo chegar em casa dentro de algumas horas e telefone. Está bem?

– Sim, mas antes deixe-me dar uma prévia. É morena, muito bem distribuída e está no ramo de bufês. Sabe cozinhar melhor do que ninguém. Além disso, foi eleita Miss Rainha do Tomate.

Desconfortável, Marc mudou de posição no banco do motorista.

– Gino, pensei que havíamos descartado as rainhas de beleza. Na verdade, após aquela conversa com Sonja, acho que precisamos fazer umas alterações...

– Oh, não podemos mudar as coisas agora, só porque deu ouvidos ao discurso de Sonja. Estamos quase lá. Posso sentir. Sei que encontrarei a mulher certa para...

– Gino, podemos conversar sobre isso mais tarde? – interrompeu Marc, conciso.

– Está bem, mas acho que poderíamos marcar logo um encontro para manter a bola rolando. Prefere a noite de segunda ou terça-feira?

– Nenhuma das duas – respondeu Marc, sem conseguir omitir o tom de frustração na voz.

– Ora vamos, não vai desistir agora, certo?

Marc suspirou.

– Terça-feira à noite, no restaurante The Palm, às 19h. Falo com você mais tarde – disse ele, interrompendo a ligação.

Em seguida, moveu a cabeça em um meio círculo, como se estivesse tentando esticar os músculos tensos do pescoço. Jenny nunca o vira tão constrangido. Era fascinante. E acharia ainda mais encantador se não sentisse como se o próprio ego estivesse sendo esmagado como um inseto sob a sola de um sapato.

A tensão no silêncio que se seguiu atingiu um nível insuportável.

Marc deu de ombros.

– Desculpe por fazê-la ouvir isso – resmungou. – É um assunto pessoal.

– Tudo bem. Outra rainha da beleza – acrescentou ela, sem conseguir se conter.

Marc deixou escapar outro suspiro exasperado.

– Tenho um acordo com Gino.

– Ele providencia as candidatas. É surpreendente que não queira selecioná-las sozinho.

– Eu poderia fazê-lo – disse ele. – Mas isso é parte do problema. Não quero parecer arrogante, mas não sou dispensado com muita frequência. E o fato é que não estava investindo no tipo de mulher com quem desejo me casar.

– Que não seja pegajosa, não tenha ambições, exceto agradá-lo e construir uma família – disse Jenny, listando as qualidades que se lembrava da outra vez que discutira o plano de Marc. *Seios fartos, sem neurônios ou exigências*, acrescentou em silêncio. Não havia motivo para se sentir irritada ou mal-humorada. Tampouco para se sentir magoada. Na verdade, aquilo não devia afetá-la em nada. Não queria Marc para sempre. Tudo que desejava era um caso ardente com ele, e o tivera. Mais ou menos. Tivera parte de um caso ardente. Jenny sentiu o cabelo da nuca se eriçar.

– Já conversamos sobre isso.

– Sim – concordou Marc, esticando o pescoço e fazendo um meio círculo com a cabeça. – Não há necessidade de voltarmos ao assunto.

– Se deseja uma abordagem pragmática, fico surpresa que não tenha recorrido a algum site de namoro ou a um profissional desse ramo – disse ela, esforçando-se para se manter neutra.

– Gino me conhece há muito tempo, portanto, pensei que ele fosse o mais indicado.

– Hummm. Bem, talvez a Miss Rainha do Tomate seja a mulher certa – disse Jenny, forçando um tom alegre na voz.

Marc passou uma das mãos pelo cabelo e negou com a cabeça.

– Não sei por que, mas parece estranho estar conversando sobre meus encontros com você.

– Relaxe – disse ela. – Também tenho um encontro marcado para a mesma noite.

– É mesmo? – A nota de surpresa na voz de Marc desferiu outra punhalada no ego.

– Sim – respondeu ela, recusando-se a se sentir culpada por inventar o encontro. – Um cara me convidou para sair. Alguns homens me acham atraente.

– Não insinuei que não é atraente. Já disse isso. Apenas não... – Marc se calou. – Não sabia que tinha um encontro marcado para terça-feira.

– Não havia razão para contar – retrucou Jenny. – Afinal, é meu chefe e, portanto, não estaria interessado nesse tipo de informação.

– Certo. – Marc concordou com um gesto de cabeça. – Tem razão. Outro silêncio pesado se prolongou.

– Então, como ele é?

Ótimo, pensou Jenny. Agora teria de descrever o pretendente imaginário.

– Tem um senso de humor afiado e é muito bonito. Do tipo que atrai a atenção das mulheres. Sabe dançar e tem uma boa conversa. Vai ser uma noite divertida.

Marc anuiu.

– Em que ele trabalha?

Jenny quase não resistiu ao desejo de se retorcer no assento.

– Não sei ao certo. Acho que ele acabou de ser promovido – respondeu ela, mudando de assunto, antes que o constrangimento a matasse. – Nunca ouvi falar desse concurso de beleza, Rainha do Tomate. E você?

– Também não.

– Acho que descobrirá do que se trata – disse ela, incapaz de omitir um tom debochado na voz.

– Sim, tem razão – concordou Marc. – Talvez possamos comparar nossos resultados.

– Como assim?

– Você me diria como foi seu encontro e eu contaria sobre o meu.

Nem em um milhão de anos. Jenny não saberia dizer qual perspectiva a fazia se sentir pior: inventar detalhes sobre um suposto encontro amoroso ou ouvir o relato verdadeiro sobre a noite de Marc com a Miss Rainha do Tomate.

CAPÍTULO 13

– **V**OU DIRETO para o inferno – sussurrou Jenny para Anna, enquanto a observava colocar algo com uma aparência deliciosa no forno. – O que está cozinhando?

– Frango ao parmesão com limão e alcaparras – informou Anna, baixando o tom de voz enquanto secava as mãos em um pano de prato. – Por que diz isso?

– Uma vez não foi o suficiente – confessou Jenny. – Quero Marc Waterson de novo.

Anna gemeu.

– Oh, não! Esse homem é seu chefe. Pode acabar perdendo o emprego. E na melhor das hipóteses, pode perder qualquer chance de ele levá-la a sério.

– Acho que não há a menor possibilidade de Marc me levar a sério.

– Por quê? É talentosa, confiável e...

E sem graduação em Artes.

– Esqueça. Apenas tenho certeza de que ele não me leva a sério. É triste, irritante, mas real. A outra realidade é que eu o quero outra vez, mas ele terá um encontro com a Miss Rainha do Tomate esta noite e...

As feições de Anna se contraíram em uma expressão desgostosa.

– Rainha do Tomate – repetiu.

– Sim, eu sei – concordou Jenny com um suspiro. – Sei que a chance de tê-lo outra vez é remota, mas meu ego está começando a se sentir um pouco...

– Ela se calou, procurando o termo adequado.

– Ressentido?

– Despedaçado. Acho que Marc pensa que nunca saio com homem nenhum. – E ao perceber que Anna também pensava da mesma forma, acrescentou: – Está bem. Não saio tanto assim...

– Que tal, nunca?

– Mas eu poderia sair, certo?

– Claro que sim. É uma mulher atraente, inteligente, divertida e solteira.

Jenny sorriu.

– É melhor parar, senão acabarei contratando-a como minha empresária. Gostaria que Marc me visse saindo com outro homem para mostrar que estou dizendo a verdade. Sei para onde ele irá com a Miss Rainha do Tomate.

Anna fez uma expressão de espanto.

– Oh, você não ousaria aparecer no mesmo lugar que ele marcou com a moça. Não tem medo que Marc pense que o está perseguindo?

– Não. Não vou abordá-lo. Aparecerei lá para que ele me veja.

Mais uma vez, Anna a observou por um longo momento.

– E o que espera conseguir, depois que ele a vir com outro homem?

– Não sei. Talvez Marc passe a me ver de outra forma. O fato de outro homem a desejar costuma valorizá-la aos olhos de certos caras. É uma bobagem, mas é preciso admitir que é verdade.

– Está bem – retrucou Anna com um movimento positivo de cabeça. – Mas qual é seu objetivo?

Quero que Marc me veja como uma mulher desejável, à qual não consegue resistir.

– Não sei se conseguirei atingir meu objetivo final, mas gostaria de ter a oportunidade de reanimar meu ego. O problema é que preciso de um homem para isso. E que seja bonito.

– Tem de ser heterossexual?

– Como assim?

– Chad seria perfeito para o papel, se não tiver compromisso para terça.

– Por que não pensei nele antes? Ele concordará em ir se o programa incluir uma refeição grátis. Só terei de controlá-lo para que não peça o vinho mais caro da carta.

O QUE Chad quase fez. Jenny o impediu no momento em que ele estava incorporando o papel de playboy rico e quase colocando a conta bancária

no vermelho.

– Acho que uma taça do *chardonnay* da casa estaria ótimo – decretou ela. Chad ficou emocionado.

– Não vai ao menos pedir uma garrafa?

– Está bem. Uma garrafa do *chardonnay* da casa – Jenny cedeu, o olhar se movendo, nervoso, pelo restaurante, à procura de Marc e da Miss Rainha do Tomate.

O garçom se retirou e Chad tamborilou os dedos sobre a mesa.

– Sei que está aqui por causa do seu vice-presidente sexy, mas devia ao menos fingir algum interesse em mim.

Jenny voltou o olhar ao amigo.

– Desculpe. Como você está?

– Bem... – disse ele, dando de ombros e desviando o olhar. – Não sei se dará certo com Paul.

Surpresa, Jenny segurou a mão do amigo.

– É mesmo? Pensei que tudo estivesse bem entre vocês.

Chad exibiu um sorriso diabólico.

– Estou brincando, bobinha. Está tudo ótimo. Queria apenas testar sua habilidade em prestar atenção em alguma coisa que não seja a entrada do restaurante.

Jenny o olhou, furiosa.

– Não teve graça. Nenhuma.

– Não pude resistir. Está muito tensa – disse ele, relanceando o olhar à porta de entrada do restaurante e arregalando os olhos. – Acho que vi uma rainha do tomate.

– Onde? – perguntou Jenny, virando a cabeça com um gesto brusco que quase rendeu um torcicolo. No mesmo instante, avistou Marc com a beldade morena de corpo escultural. O cabelo longo atado em um penteado perfeito parecia congelado no lugar enquanto ela cruzava o restaurante. Os seios também não balançavam. O vestido de cetim verde era tão justo que a fez imaginar como a mulher conseguia respirar.

Jenny baixou o olhar ao vestido preto e curto que usava, dizendo a si mesma para não se sentir como um saco de batatas.

Chad começou a tecer comentários.

– Aplique para alongar o cabelo, implante nos seios, plástica no nariz e colágeno nos lábios.

Jenny se dedicou a um instante de trivialidade feminina.

– É impressão minha ou os lábios lembram os do Pato Donald?

Chad deu uma risada rouca, chamando atenção dos demais clientes. Jenny viu Marc olhando naquela direção e congelou. O coração pareceu ratear. Quando os olhos azuis encontraram os dela, ele pestanejou várias vezes.

– Sorria e o cumprimente com um gesto de cabeça – Chad orientou entre os dentes cerrados. – Ele está olhando para cá.

Jenny mais do que depressa curvou os lábios, colocando os dentes à mostra e gesticulou a cabeça.

Marc respondeu com o mesmo cumprimento.

– Boa menina. Agora volte a respirar. – O garçom chegou com o vinho, enquanto Jenny tentava respirar um pouco. Chad se entregou ao ritual de aprovar a bebida carmesim e, em seguida, segurou a mão de Jenny. – Podemos fazer os pedidos?

– Você é um homem maravilhoso – disse ela, agradecida por Chad ser um amigo tão gentil. – Deixe-me ver o cardápio. – Jenny observou as opções e pediu bolinhos de siri.

O olhar vagou mais uma vez na direção da Rainha do Tomate, enquanto Chad fazia os pedidos ao garçom, que logo depois se afastou.

– Como aquela mulher consegue sorrir sem enrugar os olhos? Será um truque de rainha da beleza?

– Não. É um truque do botox, querida. Em minha modesta opinião, fiz melhor trabalho com sua maquiagem e cabelo. Aquela mulher se excede. Detesto dizer isso, mas ela poderia passar tranquilamente por uma drag queen.

Jenny desviou o olhar para Chad e deu uma risada alta.

– Só está falando isso para eu me sentir melhor.

O amigo resfolegou.

– Ela não tem muitas partes originais no corpo.

– E isso faz diferença?

– Depende do homem – retrucou Chad. – Alguns gostam de mulheres exuberantes, sabe disso. É como exibir um troféu.

Jenny ergueu a taça de vinho e tomou um grande gole. Talvez Marc gostasse de exibir um troféu. Afinal, dirigia um carro de uma das marcas mais conceituadas do mundo e usava um relógio não menos ostentador.

– Ah, chegou o antepasto!

– Não pedi antepasto.

– Eu pedi – disse Chad com um sorriso. – *Escargot*. Está com uma aparência ótima. Servida?

– Não. Tenho dificuldade em comer algo que escorrega pela parede da varanda e que eu mato com sal.

Chad fez uma careta.

– Não conseguirá estragar minha refeição – disse ele. – Afinal, não sou eu quem está pagando.

– Não me lembre! – disse ela, relanceando um olhar a Marc para encontrá-lo observando-a. Aquilo a surpreendeu. Ele a encarou por um instante. Em seguida, desviou o olhar para Chad e voltou a se concentrar na Miss Rainha do Tomate.

– Relaxe, ele está agoniado – disse Chad, não deixando margem a dúvidas de que estava apreciando os *escargots*.

– Como pode saber?

– Ele está olhando para você e para o relógio de pulso mais do que dá atenção à acompanhante.

O semblante de Jenny se iluminou.

– Acha mesmo?

Chad anuiu, esticando o braço sobre a mesa para segurar a mão dela e levá-la aos lábios.

Jenny sentiu o queixo pender.

– Está parecendo quase heterossexual – sussurrou ela.

– Essa é a ideia. Estou fazendo jus ao que estou gastando?

– Até agora, sim – respondeu ela.

Não demorou para que a salada de Chad fosse servida e eles conversaram, enquanto Jenny lançava olhares fortuitos à mesa de Marc. Os pratos chegaram e ela dividiu um de seus bolinhos de siri com Chad, que devorava uma lagosta.

– Vai ficar olhando para ele ou vai lá cumprimentá-lo?

– Como assim? Não posso simplesmente interromper um jantar romântico.

– Claro que pode. E talvez ele goste.

– Não sei. Aposto que Marc está cada segundo mais interessado no decote da Rainha do Tomate.

– Grande coisa! Só a levando para a cama é que descobrirá se ela é chata ou não. Na minha opinião, é daquelas que não gostam de borrar a maquiagem. – Jenny sentiu o estômago revirar e a irritação que sentia devia

ter ficado evidente. – Ó meu Deus! Estou vendo ojeriza à ideia de imaginá-lo pelando aquele tomate, certo? O simples pensamento a deixou transtornada.

– Apenas por um segundo – admitiu Jenny. – Mas sou capaz de superar. Além do mais, se Marc é daqueles que gostam de exibir bonecas, o que uma mulher como eu poderia querer com ele? – Tomou um gole do vinho. – Preciso ir ao toalete.

Jenny pousou o guardanapo ao lado do prato e se retirou. Necessitando de um momento para se recompor, lavou as mãos e aspergiu água no pescoço. Em seguida, reaplicou o batom, durante todo o tempo repetiu para si mesma que não se importava se Marc acabasse a noite amarrotando os lençóis com a Miss Rainha do Tomate. Droga! Como fora Gino quem os apresentara, Marc poderia até mesmo decidir se casar com ela.

Mais uma vez, sentiu o estômago revirar e franziu a testa diante do espelho. *Controle-se*, disse a si mesma. Não desejava um relacionamento duradouro com Marc. Tudo que queria era pegá-lo emprestado por um tempo. Inspirando fundo, Jenny deixou o toalete e quase colidiu com Marc. As mãos longas se fecharam em seus braços para estabilizá-la.

– Opa! – disse ele.

– Desculpe, não o vi. Está meio escuro aqui.

– Tudo bem. Como você está? – perguntou ele, soltando-lhe os braços.

– Bem – respondeu Jenny. – E você?

– Bem. Estou bem – disse ele. – A comida daqui é ótima.

– Sim, deliciosa. – Seguiu-se um silêncio constrangedor. – E o serviço – acrescentou Jenny – também é excelente.

– Sem dúvida. Essa é uma das razões pelas quais gosto de comer aqui. – O olhar de Marc prendeu o dela. – Como está indo seu encontro?

O coração de Jenny batia como um tambor contra as costelas.

– Ele está adorando a comida – respondeu. – Como disse, é um homem muito divertido.

– O rosto dele me parece familiar, mas não consigo me lembrar de onde o vi.

Jenny engoliu em seco. E se Marc descobrisse quem era Chad e para que lado ele pendia?

– Talvez ele tenha um daqueles rostos que sempre nos parecem familiares.

– Talvez – concordou Marc, mas ela quase podia ver a mente sagaz vasculhando as imagens armazenadas. – Qual é o nome dele?

– Chad Garcia.

– Hummm. Vão dançar depois do jantar?

– Não sei. Ainda não decidimos. Acho que comi demais para dançar. Talvez queira fazer algo mais tranquilo. E o seu encontro, como está indo?

– Muito bem.

– Ela é linda – elogiou Jenny.

– Uh-huh – concordou ele em um tom distraído.

– Miss Rainha do Tomate, certo?

– Sim.

– Ela de fato tem uns tomates enormes. É impressionante o que os médicos conseguem fazer hoje em dia, certo?

No instante em que as palavras maliciosas escaparam dos lábios, Jenny teve vontade de engoli-las de volta. Aquele era sem dúvida um dos momentos em que a boca continuava a trabalhar enquanto o cérebro embotava. Estava horrorizada consigo mesma. Por que deveria se importar se Marc preferia os tomates da miss?

Marc paralisou, antes de puxá-la para um canto do corredor e encostá-la à parede.

– Está insinuando que os atributos de minha acompanhante são artificiais?

Jenny entreabriu os lábios e voltou a fechá-los.

– Como eu poderia saber? – Ela deveria acabar a frase por ali, mas não conseguiu se conter. – Aquela mulher parece ter sido toda remodelada.

– E como pode saber? – disse Marc.

– Os atributos de sua acompanhante são artificiais – decretou Jenny. A pequena porção educada e paciente que possuía foi sobrepujada por instintos obscuros e primitivos que a deixaram aterrorizada.

– E os seus não são – disse Marc.

Jenny sustentou o olhar por um longo instante, antes de sussurrar:

– Deveria saber.

Algo carnal faiscou naqueles olhos e, antes que ela se desse conta do que estava acontecendo, Marc espalmou a mão longa atrás da nuca, puxou-a na direção dele e capturou os lábios com um beijo ousado.

– Por que fez isso? – perguntou Jenny, quando por fim ele interrompeu o beijo.

– Para você pensar, caso decida fazer algo mais tranquilo com seu acompanhante depois do jantar. – Os lábios sensuais se curvaram em um sorriso torto e malicioso. – Embora eu tenha acabado de me lembrar de onde o conheço. Ele trabalhava em um bar no centro da cidade e paquerava um dos meus parceiros de squash. Seu acompanhante é gay, certo? Estava tentando me enganar?

Jenny sentiu um calor abrasador subir para o rosto e agradeceu à sua boa estrela por estar escuro no corredor.

– Ele pode ser gay, mas pelo menos não tem atributos artificiais. – Jenny recuou e empinou o queixo em uma expressão desafiadora. – Há muitos homens heterossexuais com quem eu poderia sair. Na semana passada, recusei o convite de um homem que trabalha na Bellagio. Chad estava disponível esta noite. Ele poderia estar disposto a me levar para uma boate, onde eu pudesse conhecer homens heterossexuais. Na verdade, talvez façamos isso após o jantar.

Jenny começou a se afastar, mas ele a segurou e a puxou para trás.

– Não me incomode nem um pouco, mas não deveria se enfiar na cama de qualquer um, apenas para me provar algo.

– Não farei isso para provar nada.

– Também não tem que fazer para provar a si mesma que é sexy.

– Se não se importa, então por que está tentando me convencer a não ir para a cama com outro homem?

– Não estou – defendeu-se ele. – Não tenho nada a ver com isso.

– Tem razão – rebateu Jenny, sorrindo. – Assim como também não é da minha conta se você gosta de tomates artificiais ou naturais.

As narinas de Marc se dilataram, enquanto ele a encarava com um olhar conflituoso.

– Não tive muito tempo de apreciar seus tomates – disse ele.

– Foi escolha sua – disparou Jenny.

Os olhos de Marc se tornaram escuros com uma mistura de emoções indecifráveis. Praguejando baixo, ele a puxou outra vez contra o corpo e se apossou dos lábios carnudos com um beijo profundo e exigente que a fez lembrar a vez que o imaginara como um guerreiro antigo.

Entreabrindo os lábios para permitir a invasão da língua ousada, ela ergueu as mãos e enterrou os dedos na massa espessa de cabelo escuro.

Com um gemido baixo, Marc a empurrou contra a parede e pressionou o corpo ao dela desde os joelhos até o peito. A rigidez da ereção a deixou

chocada. Não conseguia acreditar que era capaz de despertar um desejo tão intenso em Marc.

Em um recôndito da mente que não se encontrava embotado pelos hormônios, ela ouviu risadinhas baixas. No mesmo instante, Marc recuou alguns centímetros.

Jenny inspirou profundamente e soltou o ar devagar.

– *Uau!*

Marc fez um movimento negativo com a cabeça.

– Isso é loucura.

Ainda abraçada a ele, Jenny assentiu.

– Você... uh... vai na frente, está bem? – sugeriu ele.

Jenny fez que sim com a cabeça, mas os pés não conseguiam se mover. *Vá*, instou a si mesma. Fechando os olhos, se sacolejou em pensamento.

– Muito bem – murmurou, descerrando as pálpebras.

O olhar de Marc soltava labaredas e ela sentiu a necessidade de tomar um copo de água.

– Até logo – despediu-se.

– Boa noite – respondeu Marc baixando o olhar aos lábios carnudos como se os estivesse beijando outra vez.

Jenny afastou uma mecha de cabelo do rosto e forçou os pés a se deslocarem pelo corredor. *Não olhe para trás*, aconselhou a si mesma. *Ou corre o risco de se tornar uma estátua de sal. Ou pior, se atirar sobre ele.*

Conseguiu colocar um pé na frente do outro até alcançar a mesa, onde um extasiado Chad terminava de comer a lagosta.

– Por que demorou tanto? Está perdendo uma refeição fabulosa... – O amigo relanceou o olhar e não conseguiu conter uma expressão de espanto. – Está parecendo...

– Acho que deveríamos ir embora – disse ela, tomando todo o conteúdo do copo de água que estava sobre a mesa. Em seguida, Jenny acenou para o garçom. *A conta, por favor*, pediu, fazendo mímica.

– Ir embora? – repetiu Chad, franzindo a testa. – Ainda nem comemos a sobremesa.

– Podemos parar em uma lanchonete e tomar um sorvete – sugeriu ela, pegando o copo de água de Chad e bebendo um grande gole.

– E por que me conformaria com um sorvete de copinho se posso saborear um *crème brûlée*?

– Por que vou embora daqui assim que pagar a conta e você vai tomar um sorvete. Se quer comer *crème brûlée*, fique à vontade. – O garçom chegou com a conta. – Obrigada.

Sentindo o escrutínio do amigo, Jenny mordeu o lábio inferior, quando o garçom se afastou. Em seguida tomou outro gole de água.

– Seu batom está borrado – disse ele, entregando-lhe o guardanapo que ela deixara sobre a mesa. – Dê-me isso – pediu, esticando a mão. – Eu pagarei.

Jenny limpou os lábios.

– Não, prometi que pagaria.

– Essa é por minha conta, criança – disse ele, retirando um cartão de crédito da carteira e entregando ao garçom. – Acho que não está em condições de assinar seu nome, o que dirá fazer contas. Seu cabelo passa a aparência de alguém que acabou de sair da cama. Até onde sei, não existem camas aqui, então o que fez? Deu uns amassos dentro de alguma despensa?

Não dessa vez, pensou ela, sentindo-se um tanto histérica.

– Não. Não em uma despensa.

Chad baixou o tom de voz.

– Está com aparência de quem estava transando.

– Não exatamente – respondeu Jenny, aliviada com o retorno do garçom levando a nota. – Preciso mesmo sair daqui.

– Foi tão grave assim? – perguntou Chad, fazendo o cálculo de quanto tinha de deixar de gorjeta e assinando a nota.

– Sim – murmurou, disparando pela porta do restaurante com Chad em seu encalço.

AINDA AGITADA pela experiência com Marc, ela decidiu conversar com Romeo quando voltou para casa. Não demorou muito e havia enfadado o gato a ponto de fazê-lo dormir. Porém, Anna apareceu pouco depois de Jenny começar uma limpeza desnecessária na cozinha.

– Não posso demorar. Stella está dormindo. Estou morrendo de curiosidade. Como foi a noite?

– Não sei dizer – respondeu ela, limpando a pia.

A vizinha ergueu as sobrancelhas em uma expressão confusa.

– Marc apareceu com a Miss Rainha do Tomate?

– Sim – respondeu Jenny, gesticulando a cabeça em afirmativa, enquanto ainda tentava entender o que acontecera entre ela e Marc naquele corredor escuro. – Ele me beijou – revelou, ensaboando a superfície da bancada.

– Ele fez o quê? – questionou Anna, incrédula.

– Marc me beijou. Tivemos uma discussão e ele me beijou. Duas vezes.

Anna se limitou a encará-la.

Jenny largou a esponja sobre a bancada e fez um movimento negativo com a cabeça.

– Ainda estou tentando entender o que aconteceu, também. Não sei ao certo o que fazer. É ridículo. Temos de parar de negar o que há entre nós e nos entregarmos à atração, mas Marc teme que eu o processe.

– Que você o processe – repetiu Anna.

– Algo como acusá-lo de assédio sexual pelo fato de ser meu chefe.

– Mas ele não a está assediando, certo?

– Gostaria que estivesse – respondeu Jenny. – Acha que uma carta surtiria efeito?

– Que tipo de carta?

– Uma em que eu promettesse não processá-lo se fizermos sexo. – A ideia ia contra a natureza de Jenny. Era algo tão oficial, profissional e assexuado. A palavra que empenhara devia ser suficiente. Tentou se imaginar no lugar de Marc. Se ela fosse uma alta executiva, do tipo vice-presidente, desejaria ter um documento escrito?

– Mas... e quanto ao seu emprego?

Jenny mordeu o lábio inferior.

– Eu poderia perdê-lo. – E pensou na graduação fictícia incluída em seu currículo. – Mas eu poderia perdê-lo de qualquer forma.

– Mas você gosta do seu emprego, certo?

Jenny anuiu.

– Muito – respondeu com um profundo suspiro. – Nunca gostei tanto de um emprego, mas ainda assim poderia perdê-lo. Na verdade, é o que pode acabar acontecendo se o projeto desse casamento for por água abaixo. – Jenny gesticulou com uma das mãos. – Basta de falar sobre mim. Como foi sua noite com Justin, o bicão?

Os lábios de Anna se curvaram em um sorriso largo.

– Ele não é mais um bicão. Convidou-me para sair.

CAPÍTULO 14

– BOM DIA, Cynthia. Sei que não tenho hora marcada com Marc, mas há alguma chance de ele me receber por um minuto?

O coração de Jenny batia acelerado e a palma da mão umedecia o papel que segurava, enquanto ela lutava para manter um tom casual na voz.

– Bom dia. Está linda de vermelho! – disse a secretária de Marc. – Ele está no escritório. Deixe-me perguntar. – Ela apertou o botão do interfone.

– Marc, Jenny Prillaman está aqui e disse que tem um assunto rápido a tratar com você. Pode recebê-la? – Cynthia anuiu. – Pode entrar.

– Obrigada – agradeceu Jenny com um sorriso. O coração parecendo querer saltar pela boca enquanto entrava e fechava a porta.

– Bom dia – disse ela.

– Bom dia – respondeu Marc, fitando-a com expressão curiosa. – É sobre os sapatos de Brooke ou...

Mas Jenny já estava negando com a cabeça.

– Não.

Marc assentiu com um gesto lento de cabeça.

– Sobre ontem à noite – começou ele. – Peço-lhe desculpas por...

– Estou cansada de seus pedidos de desculpa – interrompeu Jenny. – Passei algum tempo pensando sobre essa situação e tenho uma proposta a fazer. Não consegui deixar de pensar em você e, considerando a noite passada, posso concluir que você também não conseguiu. Na minha opinião, seja o que for que exista entre nós, continuará a nos assombrar se não fizermos algo a respeito. – Jenny inspirou fundo para se acalmar e se preparou para a humilhação, a rejeição ou qualquer outro sentimento

desagradável a que estivesse sujeita. Em seguida, pousou a carta que escrevera naquela manhã sobre a mesa do escritório.

Marc a leu em voz alta.

– Concordo em inocentar Marc Waterson e a empresa Bellagio por qualquer tipo de relacionamento pessoal que eu possa vir a ter com ele. Afirmo, sob juramento, que não reivindicarei nenhuma indenização compensatória na justiça devido a esse relacionamento. Em outras palavras, não processarei ninguém. Assinado, Jenny Prillaman. Testemunhado por Anna Reynolds. Quem é Anna?

– Minha vizinha.

– Ela sabe sobre nós?

Jenny anuiu.

– Anna não seria capaz de contar nem para ela própria.

Marc estudou o documento e se deixou afundar na cadeira atrás da mesa, antes de erguer a xícara de café aos lábios.

– Sente-se.

– Prefiro ficar de pé.

Marc fez um movimento negativo com a cabeça, enquanto a encarava.

– Você é um estranho paradoxo. É gentil e sabe lidar com os rompantes de Brooke, mas não obedece quando eu peço para se sentar.

– Você não pediu. Ordenou.

– Poderia se sentar, por favor?

Jenny deu um suspiro exasperado e obedeceu. A verdade era que se encontrava muito agitada para se sentar. Além do mais, queria estar apta a disparar pela porta se Marc risse de sua proposta.

– Tem noção de que eu poderia demiti-la, sem justificativa, sem aviso prévio e você estaria na rua da amargura? Está correndo um grande risco – disse ele.

– Sim, mas acho que não faria isso.

– Por que não?

– Porque acho que você possui uma natureza íntegra. Mas mesmo que não tenha, o que importa no momento é se estou disposta a correr esse risco e a resposta é “sim”.

– Isso poderia acabar mal – disse Marc.

Jenny podia sentir que ele se preparava para dar uma resposta negativa e não estava disposta a esperar que aquilo acontecesse.

– Tem razão. Poderia. – Ela se ergueu da cadeira. – Não tentarei convencê-lo a ficar comigo. Acabei de tornar as coisas mais fáceis. Se dependesse de mim, não teria escrito essa carta idiota, mas você está em uma posição muito diferente da minha. Não pode adivinhar se sou o tipo de mulher que o processaria. Não me conhece bem, ponto. Cabe a você decidir se de fato deseja ficar comigo – concluiu, encaminhando-se na direção da porta.

Porém, Marc segurou-a pela mão, antes que ela conseguisse alcançar a porta, e a puxou contra o corpo.

– Você vem até aqui, solta a bomba e me dá apenas dez segundos para decidir.

– Se tem de refletir por tanto tempo, então é porque não deseja – disse ela, sentindo-se um pouco trêmula.

– A resposta é “sim”. Seria sim, mesmo antes de ter entrado por aquela porta. E antes que tivesse escrito aquela maldita carta. – Marc a pressionou contra o corpo. – Eu a quero. Não entendo muito bem o que está acontecendo entre nós. Você me aborrece e faz com que me sinta bem ao mesmo tempo. Eu a quero – repetiu ele, antes de inclinar a cabeça e capturar os lábios, invadindo-lhe o interior da boca com a língua. Segundos depois, recuou, com um gesto negativo de cabeça e se afastou como se tentasse se recompor. – Esse é o problema. Esqueço onde me encontro quando estou com você. Teremos de nos impor alguns limites, do contrário, a notícia se espalhará pelo escritório como fogo em palha.

Com o coração ainda martelando a caixa torácica, ela engoliu em seco.

– Limites.

– Sim – disse Marc, passando as mãos pelo cabelo. – Como, por exemplo, não podemos fazer sexo no escritório. Precisamos manter essa relação em segredo. Mas seria melhor evitarmos frequentar a casa um do outro. Teremos um caso, cujo propósito será expurgar o outro do organismo.

Jenny concordou, mas uma sensação incômoda abrandou o entusiasmo.

– Isso está soando um pouco... – Ela contraiu as feições em uma careta. – ... repugnante.

– Não, não será repugnante. Apenas temos de manter as coisas sob controle. Dessa forma, ambos estaremos protegidos. Teremos de ser pragmáticos e cuidadosos. Não podemos transar na minha mesa.

Os dois desviaram o olhar para a mesa. Uma imagem erótica se formou na mente de Jenny. Quando encontrou o olhar de Marc, percebeu que os

pensamentos dele haviam tomado aquela mesma direção.

– Se alguém nos surpreender... – começou ele, passando as mãos pelo cabelo outra vez.

– Sim – interrompeu Jenny, mordendo o lábio inferior. As emoções oscilavam entre a excitação e o desânimo diante da expressão distante de Marc. Imaginara que, tão logo afastasse a possibilidade de um processo judicial do caminho, estariam livres para se divertir. Teria de pensar nisso mais tarde, talvez quando voltasse ao próprio escritório.

– Bem, sabe como entrar em contato comigo. Tenha um bom-dia – disse ela, disparando pela porta.

MARC OBSERVOU a carta que ela deixara por um longo instante, depois que Jenny partiu, e praguejou em silêncio. Desejara fazer sexo com ela sobre o tampo de sua mesa. Estava louco. A culpa era do celibato, disse a si mesmo. Mas não explicava por que não se sentia inclinado a levar nenhuma das beldades com quem saíra nos últimos tempos para a cama.

– Por que Jenny? – resmungou, com um gesto negativo de cabeça. Aquilo o irritava. Tudo havia desandado desde o dia em que a levara à festa de Brooke e... Marc afastou a lembrança. Não precisava pensar no assunto agora. Necessitava elaborar um plano de ação sobre como manter aquele caso sob controle. Tinha de se proteger, mas, acima de tudo, tinha de proteger Jenny. A falta de pudor que ela demonstrava em relação ao que existia entre ambos poderia prejudicá-la e muito no âmbito profissional.

Sentando-se, esboçou os parâmetros. “1. Não fazer sexo no escritório. 2. Evitar encontros românticos em público. 3. Evitar encontros na casa um do outro.” Marc gemeu diante da perspectiva de Gino aparecer de surpresa. “4. Não fazer promessas tolas. 5. Evitar envolvimento com familiares, com exceção de Brooke. 6. Evitar presentes. 7. Evitar discussões sobre o futuro do relacionamento. 8. Evitar exclusividade. 9. Obrigatório o uso de métodos anticoncepcionais.”

Em pensamento, elaborou a declaração de missão: expurgar um ao outro do organismo, para que possamos levar adiante nossos objetivos.

Marc fez uma anotação mental de dar a Jenny o número de seu celular.

NA NOITE seguinte, Brooke convidou vários funcionários da Bellagio, o produtor e alguns assistentes do reality show para um autêntico jantar

chinês em sua casa. Insistiu para que todos se sentassem no chão e usassem *hashis*. Marc fez questão de não se sentar ao lado de Jenny para que ninguém percebesse que os dois estavam tendo um caso. Acomodou-se entre Brooke e a assistente de relações públicas, Trina. O noivo de Brooke estava sentado ao lado dela.

– Quero que todos relaxem e deixem as inibições de lado. – disse Brooke.
– Após o jantar teremos massagens nas mãos. – E com um sorriso malicioso. – Teria optado por massagem no corpo inteiro, mas sei que teria dificuldade em convencer a todos a tirarem as roupas em frente às câmeras.

Em frente às câmeras. Qual seria o objetivo da prima? Uma orgia?

– Por que tenho a impressão de estar dentro de um trem prestes a descarrilar? – resmungou ele ao ouvido de Trina.

– Basta não beber muito vinho e ficará bem – disse ela com uma risada abafada. – Pode usar a desculpa de ter de trabalhar cedo, amanhã – acrescentou em tom de voz baixo.

– Boa ideia – concordou Marc, olhando ao redor e encontrando um cinegrafista atrás de um enorme vaso de plantas. – Foi muito gentil da parte de Brooke avisar que estamos sendo filmados. – Ele relanceou o olhar a Jenny, que estava sentada entre o produtor e um assistente tagarela. Ela fazia gestos positivos com a cabeça e sorria, enquanto batalhava com os *hashis*, para conseguir colocar apenas dois grãos de arroz na boca. Em seguida, tentou outra vez e conseguiu pegar um pedaço de camarão.

– Está tendo dificuldades, certo? – Max, o produtor, perguntou. – Deixe-me ajudá-la.

– Oh, não. Está tudo bem. Não precisa...

Max fechou uma das mãos sobre a dela.

– Posicione os dedos dessa forma – disse ele, mostrando-lhe a técnica. – Certo – acrescentou, guiando a comida para dentro da boca de Jenny e afastando os *hashis* em seguida. – Muito bem. Uma mulher adorável como você não pode passar fome.

Jenny escorregou a língua pelos lábios.

– Acho que não corro esse risco, mas, de qualquer forma, obrigada.

– Sempre às ordens – retrucou ele.

– Max não é um querido? – disse Brooke. – Ele é o máximo.

Marc observou Max se inclinar na direção de Jenny, pousando-lhe uma das mãos nas costas, enquanto dizia algo em voz baixa. Com as bochechas

do rosto enrubescidas, ela mordeu o lábio inferior.

Marc sentiu uma pontada no peito. Aquele homem estava tentando seduzi-la. Não parava de olhar para o decote do suéter que ela usava e como Jenny estava de saia, ela mudava a posição das pernas com frequência para não deixar a roupa de baixo à mostra.

– Marc, Kendall está querendo saber sobre a posição da Bellagio no exterior – disse Brooke. – Ela trabalha com publicidade para a rádio e televisão.

Marc teve de forçar o olhar a se desviar de Jenny para focá-lo na mulher sentada diante dele.

– Estamos trabalhando em parcerias com as mais sofisticadas lojas de departamentos no México, Canadá e América do Sul. Fizemos até mesmo incursões por Japão e Rússia.

– Ainda não tiveram muita sorte na Europa? – perguntou ela.

– Acho que essa é uma questão de rancor. O primeiro Bellagio veio para a América, apaixonou-se por uma menina da alta-sociedade da Geórgia e percebeu que a única forma de conquistá-la seria se estabelecendo em Atlanta. Os italianos ainda se sentem ressentidos com isso.

Kendall deu uma risada.

– Então, como pretende conquistá-los?

– Com modelos originais – disse ele. – Estamos sempre contratando designers talentosos e inovadores.

– Como Jenny – Brooke interveio. – Ela está trabalhando em esboços para o meu casamento.

– Pensei que Sal estivesse à frente do projeto.

– E está – Marc se apressou em tranquilizar Kendall. – Jenny trabalha sob a supervisão dele. Ele analisa, orienta e aprova.

Mais uma vez relanceou o olhar a Jenny e viu Max a ajudando a comer com os *hashis*. Havia colocado uma das mãos em concha sob o queixo de Jenny para amparar a comida que porventura caísse.

Quando ela encontrou o olhar de Marc, ofegou e começou a tossir sem parar, como se a comida tivesse descido pelo lugar errado. Max deu palmadas leves nas costas.

A irritação fez o cabelo da nuca de Marc se eriçar. Aquele homem não podia manter as mãos afastadas dela?

– Foi excelente a ideia de faturar sobre a série com Brooke, lançando comerciais estrelados por ela.

– Temos grandes expectativas sobre o impacto dessa série – retrucou Marc, relanceando o olhar à prima, que parecia estar discutindo em tom baixo com o noivo, e a expressão parecia amuada. De novo, não. Não em rede nacional.

– Jenny, talvez possa explicar como se dá o processo entre as ideias e a criação, enquanto converso por alguns minutos com minha prima. – Jenny dirigiu um olhar confuso. – Pode falar sobre alguns de seus desenhos – acrescentou ele, girando na direção de Brooke e a chamando com o movimento do dedo indicador.

– Sobre o que precisamos conversar?

– Preciso falar com você um minuto – respondeu Marc.

Brooke suspirou.

– Com licença.

Quando Marc se ergueu, ouviu Jenny limpar a garganta.

– Divido os sapatos em diferentes categorias – começou ela. – Os sedutores confortáveis e os sedutores de salto agulha.

O grupo irrompeu em uma risada. Marc virou no corredor e guiou a prima para a sala de visitas.

– O que está havendo entre você e Walker?

– Ele não quer fazer a massagem de mãos. Que desmancha-prazeres! – acrescentou ela, desgostosa. – Quando falei que suas mãos seriam massageadas, ele se negou a deixar. Disse que isso se pareceria com preliminares em plena televisão.

– Ele tem razão.

– Sabia que concordaria com ele. Está vendo o que acontece quando tento manter as coisas picantes? Walker me bloqueia.

– Talvez devesse manter as coisas picantes quando estiverem a sós. Por certo, a reação de Walker seria outra.

– O que quer dizer com isso?

– Que talvez ele não se sinta à vontade em sustentar uma ereção em rede nacional. Se as mãos dele forem massageadas, a imaginação de Walker pode alçar voo, o corpo começar a reagir e...

Os olhos de Brooke se iluminaram.

– Não pensei nisso.

– Claro – retrucou Marc. – Mas eu a chamei aqui porque, se protagonizar uma discussão com seu noivo diante das câmeras, não passará a imagem da queridinha do século.

– Não pensei sobre isso, também. – As feições de Brooke se contraíram em uma expressão contrariada. – E o que farei com a massagem das mãos?

– Quantos massagistas contratou?

– Dois.

– Muito bem, comece por você e peça para fazerem em Trina ao mesmo tempo. Depois disso, no produtor e...

– Em Jenny. Ele parece estar louco por ela.

– Não. Eu ia sugerir Kendall – disse Marc, experimentando uma pontada de irritação. – Nesse momento, os funcionários da Bellagio começarão se despedir, com a desculpa de que terão de trabalhar cedo, amanhã.

Brooke franziu a testa.

– Você não é nada divertido.

– Pense nisso como sua oportunidade de brilhar – retrucou Marc. – Pode gemer e se contorcer de prazer o quanto quiser. E se precisar arranjar uma desculpa para que Walker não faça a massagem, é só dizer que as únicas mãos que podem massageá-lo são as suas.

Os dois voltaram a se juntar ao grupo. Jenny estava avaliando o sapato de uma mulher.

– Adoro sapato boneca. À primeira vista, pode parecer quase clássico e inocente, mas o axadrezado deu um aspecto mais ousado a ele, e olhe este salto – disse ela, escorregando o dedo pelo salto alto, antes de relancear o olhar a Kendall e sorrir. – Acho que há uma menina má caminhando sobre esses sapatos.

Kendall sorriu, deixando claro que se sentiu lisonjeada com o comentário.

– E quanto aos seus? – perguntou Max, apontando para os sapatos vazados de camurça preta de Jenny.

– Os meus foram comprados em uma liquidação – ela se apressou em dizer, provocando a risada uníssona dos presentes.

Porém, Max parecia disposto a insistir.

– Ainda assim, dizem algo de sua personalidade. Por favor, brinde-nos com a análise de seus sapatos – pediu ele, em tom de voz sedutor.

Marc estreitou o olhar.

Jenny retirou um dos sapatos e o ergueu.

– A cor preta é ao mesmo tempo clássica e quente. E o vazado é como um jogo de esconde-esconde. O sapato cobre quase todo o pé, mas deixa à

mostra vislumbres da pele. O salto agulha destrói o pé da mulher, mas faz maravilhas por suas pernas.

– Posso ver que sim – murmurou Max.

– Além de proporcionar a capacidade sobre-humana de transformar uma mulher baixa em alta – concluiu ela. – Agora basta. Quando começará a massagem de mãos?

– Ótima transição – disse Brooke. – Começaremos agora.

Marc observou Brooke e Trina receberem a massagem nas mãos. A assistente de relações públicas fechou os olhos e se recostou à parede. Brooke, por sua vez, se mostrou bem mais sexual, deixando escapar gemidos e suspiros durante todo o processo.

O restante do grupo se limitava a dar risadinhas com a reação de Brooke.

Walker enterrou a cabeça nas mãos. Parecia preferir estar em uma câmara de tortura do que ali.

Não demorou muito e os massagistas concluíram o trabalho nas duas primeiras clientes. Eles lavaram as mãos e Brooke apontou para as próximas vítimas.

– Max e Kendall.

– Oh, acho que Jenny deveria ser massageada – disse Max e segurou as mãos dela. – Afinal, trabalham um bocado desenhando.

Jenny tentou puxar as mãos.

– Oh, tudo bem. Não...

– Tenho certeza que o chefe dela aprovaria – disse Max.

Marc sentiu uma queimação intensa no estômago. Devia ter sido o molho de soja.

– Fica para outra ocasião. Temos uma reunião logo pela manhã. Portanto, lamento dizer, mas o pessoal da Bellagio terá de partir.

Jenny pareceu confusa.

– De manhã cedo...

Marc lançou um olhar significativo.

Jenny pestanejou várias vezes.

– Oh, aquela reunião. Esqueci completamente – disse ela, soltando as mãos. – Terá de aproveitar essa massagem por nós dois. – Ela se ergueu. – Brooke, obrigada por me convidar. Você é única – elogiou. – Quem mais teria uma ideia como essa?

A expressão de Brooke se iluminou, enquanto se erguia para abraçá-la.

– Você sempre tão gentil. Por mim, a manteria por perto sempre, mas Marc me esganaria.

Max entregou um cartão de visitas.

– Telefone-me para marcarmos um jantar. Ou qualquer outra coisa – acrescentou, com uma piscadela.

– Obrigada – agradeceu Jenny, dirigindo um olhar de desespero a Marc. – Não está na hora de irmos?

– Sim – respondeu ele. – Obrigado mais uma vez a todos. Esperamos vê-los em breve. Boa noite.

Marc guiou Jenny e Trina para fora.

– Obrigado por vir, Trina. Temos de marcar outra reunião com você, o gerente do seu departamento e o produtor para nos certificarmos de que está tudo caminhando conforme o esperado.

– Entrarei em contato com Cynthia – respondeu a relações-públicas.

– Ótimo. – Marc viu Jenny se despedindo com um aceno, antes de começar a descer a escada. – Espere!

Trina se encaminhou na outra direção.

– Boa noite.

– Boa noite – respondeu Jenny, antes de desviar o olhar para Marc. – Precisa me dizer alguma coisa?

– Sim. Pensei que podíamos sair.

Os olhos azuis se arregalaram, surpresos.

– Quando?

– Agora.

O queixo de Jenny pareceu despencar.

– Uh... onde?

Marc deu de ombros.

– Pensei em reservar um quarto para nós no Ritz.

– Um quarto – disse Jenny, pensativa, antes de franzir a testa e continuar caminhando. – Não trouxe uma bolsa com as coisas de que necessitaria para passar a noite.

– Você tem tudo que é necessário – retrucou ele em um tom de voz rouco. Aquilo a fez estacar e girar para encará-lo.

– Não passaríamos a noite toda?

A ideia o agradava, mas Marc estava tendo dificuldade em entender a reação de Jenny.

– Poderíamos, mas seria necessário sairmos bem cedo para não perdermos a hora.

– Então, eu precisaria de uma muda de roupa. Do contrário, teria de passar em casa para me trocar e talvez me atrasasse. – Jenny franziu a testa e deixou escapar um profundo suspiro. – Sabe de uma coisa? Pode parecer estranho, mas isso está soando mais repugnante do que pensei que seria. É como contratar um serviço de acompanhante. – Ela ergueu o olhar para encará-lo. – Preciso pensar sobre isso. Acho que vou deixar para outra oportunidade.

Surpreso, Marc a estudou por um longo instante.

– Está fazendo algum tipo de jogo?

Jenny fez um movimento negativo com a cabeça.

– Não. Apenas pensei que seria diferente.

– Como?

– Não sei. Mais divertido. Mais agradável.

– O Ritz é um hotel excelente.

Algo escureceu os olhos azuis, antes de ela os desviar.

– Acha que as prostitutas o frequentam? – perguntou Jenny.

– Você não é uma prostituta.

– Sim, de fato, não estou sendo paga – retrucou ela, em tom de voz sereno, erguendo uma das mãos quando Marc ameaçou responder. – E nem quero ser, mais isso está parecendo um pouco esquisito. Pensei que seria como aquela noite na despensa do mordomo.

– Se passássemos um tempo sozinhos, poderia ser – retrucou ele.

Jenny parecia confusa e dividida.

– Desculpe, mas talvez tenha sido a parte do planejamento.

– O que há de errado com o planejamento?

– Não sei. Meio que perdeu o encanto para mim. Sinto muito mesmo. –

Jenny mordeu o lábio inferior. – Podemos deixar para outra noite?

Marc não conseguia entender, mas teria de ser cego para não ver a indecisão dela. Não queria pressioná-la. Queria Jenny tão disposta quanto ele.

– Sim, podemos deixar para outra noite – respondeu, antes de depositar um beijo no seu rosto.

Marc a observou caminhar até o carro pequeno. Jenny ligou o motor que engasgou algumas vezes, antes de pegar. Devia ser algum problema na

correia dentada. No dia seguinte, a alertaria. Ao que tudo indicava, naquela noite teria que refletir sobre o que fizera para afugentá-la daquela forma.

Quando chegou em casa encontrou Gino esparramado em sua poltrona favorita, com uma garrafa de cerveja em uma das mãos e o controle remoto na outra.

Surpreso, Marc consultou o relógio de pulso. Àquela hora da noite, o amigo costumava estar aninhado em seu casulo de amor aconchegante, em vez de estar mudando os canais de sua televisão sem cessar.

– O que está fazendo aqui?

– Sonja está furiosa comigo, portanto, achei melhor dar um tempo para a poeira assentar.

– O que você fez? – perguntou Marc, enquanto afrouxava a gravata e pegava uma garrafa de cerveja na geladeira.

– Ultimamente tenho chegado tarde em casa com frequência. Estou treinando o time de futebol do meu filho e, em outras noites, tenho jogado com amigos no bar. Ela reclamou por ter de tomar conta das crianças sozinha e alegou que precisamos passar mais tempo juntos. Interpretei como se ela estivesse se referindo ao sexo, e quando perguntei se era isso, Sonja ficou ainda mais furiosa. Disse que, a não ser que se trate de uma prostituta, uma mulher precisa de atenção tanto emocional quanto física. E então, decidi que não quer me ver por um tempo – acrescentou Gino, carrancudo. – Estou ocupando a casa do cachorro, portanto, pensei em passar um tempo aqui. Não se importa, certo?

Marc fez que não com a cabeça.

– Sem problemas. Estou voltando de um jantar de negócios que acabou se transformando em um reality show na casa dos pais de Brooke. Não exatamente o meu tipo de programa noturno preferido.

– Ainda bem que está passando um jogo – disse Gino, apontando para a tela da televisão. – Mesmo que seja um péssimo jogo.

– É verdade. E então, o que fará em relação a Sonja?

– Compensá-la. Darei flores e a levarei para jantar em seu restaurante preferido. Gastarei uma fortuna, mas Sonja vale a pena. – E exibindo uma expressão animada. – Nunca devemos subestimar uma boa mulher. Esqueci que ter uma esposa é como ter uma planta que precisa ser regada todos os dias.

– Ou um bicho de estimação – retrucou Marc, recordando algo que Jenny dissera sobre animais domésticos e relacionamentos. – Eles precisam de

comida, abrigo e atenção.

– É verdade – concordou Gino, parecendo admirado. – Fico surpreso que saiba disso, mesmo não tendo um relacionamento.

– Não sou idiota. – Marc se defendeu. – Sei que mulheres requerem atenção. Algumas mais do que outras. Umas são até mesmo criteriosas sobre que tipo de atenção.

Marc sentiu o olhar atento de Gino por um longo instante.

– Está saindo com alguém que não consta em minha lista.

Marc praguejou em silêncio.

– O que quer dizer com saindo?

– Oh, não. – Gino revirou os olhos. – Não deveria estar saindo com outras, enquanto estou tentando arranjar uma esposa para você.

– Não é um relacionamento duradouro. Apenas uma distração. Preciso tirar essa mulher de dentro de mim.

– Está estragando nosso plano.

– Detesto dizer isso, mas o plano não está dando certo.

– E acha que essa mulher o ajudará?

– Acho que se eu conseguir tirá-la da minha cabeça e do meu corpo, estarei livre para dar continuidade ao plano.

– Quem é essa mulher?

– Alguém que conheci na empresa – retrucou Marc, evitando revelar que se tratava de Jenny, funcionária da Bellagio. Aquela situação ainda o deixava desconfortável. – Decidimos ter um relacionamento sem compromisso. Mas quando sugeri irmos para um hotel, depois do jantar de hoje, ela recusou.

– Mulheres. São volúveis e difíceis de agradar. – Gino tomou um longo gole da cerveja. – Não sei por que continuamos a tentar. – O amigo se calou e deu uma risada. – Oh, sim, sei. – E relanceando o olhar para Marc. – Oponho-me a esse caso que está tendo.

– É temporário.

– Mas vai atrapalhar a procura por sua esposa perfeita.

Marc deu de ombros.

– Como disse, preciso tirá-la de dentro de mim.

– Bem, nesse caso – disse Gino, desgostoso –, tenho a dizer que, de acordo com minha esposa, esse negócio de relacionamento sem compromisso não existe. Sonja afirma que sempre haverá emoções. E,

como ela faz questão de me lembrar constantemente, um homem tem de seduzir uma mulher no aspecto emocional para tê-la no aspecto sexual.

CAPÍTULO 15

“Sapatos de salto alto permitem trapacear a ginástica. Nos breves segundos necessários para calçá-los, você não só conquista um par de pernas deslumbrante, mas também consegue uma empinada de 25 por cento nas nádegas. Que aparelho de ginástica consegue superar esse feito?”

Jenny Prillaman, designer de sapatos assistente

NA NOITE seguinte, Jenny insistiu em tomar conta de Stella para que Anna pudesse jantar fora com Justin. Também fez questão de emprestar a bolsa de mão e o lenço para a amiga.

– Pare com isso – protestou Anna quando ela ofereceu também seu suéter de caxemira. – Isto é suficiente. Não usarei seu suéter. O que está tentando fazer? Emprestar-me todo o seu guarda-roupa?

– Quero apenas que se divirta esta noite. E você parece um pouco nervosa – disse Jenny, observando a amiga estacar diante do espelho e ajeitar o cabelo pela enésima vez.

– Mas eu estou um pouco nervosa – admitiu Anna em baixo tom de voz. – Ou melhor, muito nervosa – acrescentou, levando a mão ao estômago. – Espero conseguir comer.

– É melhor comer – respondeu Jenny. – Justin anda filando comida em sua casa há semanas. Tem de pedir o prato mais caro do cardápio e, se não conseguir comer tudo, mande embrulhar e traga para casa.

– Sim, senhora – disse Anna com um breve sorriso. – Fiquei surpresa que tenha tido disponibilidade para ficar com Stella esta noite.

Jenny suspirou.

– É uma situação estranha.

– Eu sabia que tudo mudaria depois que entregasse aquele acordo descabido – disse Anna.

– De fato, mudou – retrucou Jenny, com a testa franzida. – Mas é mais um problema meu.

– Claro. Não é o tipo de mulher talhada para casos passageiros. Tentei alertá-la – disse a amiga.

– Sou talhada para ter casos passageiros – insistiu Jenny. – Casos passageiros exigem emoção e paixão. Possuo ambas. Não sirvo é para fazer sexo mecânico, frio e sem paixão envolvida.

Anna a encarou, surpresa.

– É isso o que ele está proporcionando?

– Não – admitiu Jenny. – Marc está... – Calou-se com um movimento negativo de cabeça. – Eu estou... – Mais uma vez deixou a frase morrer. A verdade era que todo aquele planejamento de Marc a fizera refletir. Imaginou se ele acharia seu corpo tão atraente quanto antes. Se continuaria tendo a capacidade de excitá-lo daquela maneira. E se isso não acontecesse? E se Marc fizesse sexo com ela mais uma vez e decidisse que não a achava mais tão atraente? Todas aquelas dúvidas acabaram por produzir um enorme nó de incerteza no peito. – Não quero falar sobre isso agora. Você está deslumbrante. Importa-se se Stella e eu ficarmos vendo filme até um pouco mais tarde?

Anna negou com a cabeça.

– Não. Tudo bem. Ela pode até mesmo comer uma metade de rosca de canela. Mas nada de cafeína, por favor.

Jenny ergueu uma das mãos como em uma jura solene.

– Dou minha palavra de honra.

A campainha tocou, fazendo Anna se sobressaltar.

– Talvez essa tenha sido uma péssima ideia – resmungou.

– Pare com isso. Relaxe e se divirta – Jenny a estimulou ao mesmo tempo que Stella entrava na sala. – Justin é um homem de sorte por conseguir um encontro com uma mulher como você.

Anna revirou os olhos.

– Sim, certo.

– Estou falando sério – retrucou Jenny, caminhando na direção da porta e a escancarando. – Olá, você está arrasando. Veio pegar seu prêmio?

Anna gemeu e deu um rápido abraço na filha.

– Seja boazinha com Jenny.

– Eu serei – respondeu Stella. – Olá, Justin.

– Olá, Stella – respondeu ele, sorrindo para a menina.

Jenny observou Anna dar outro abraço na filha, antes de se dirigir à porta. Sentiu uma pontada de inveja no coração diante da visão do casal. Nada complicado. Apenas um simples e agradável encontro.

– Está muito bonito – elogiou Anna.

– Não tanto quanto você – retrucou ele.

– Boa noite, crianças. E nada de toques de recolher – acrescentou Jenny com um sorriso, antes de fechar a porta.

– O que é toque de recolher? – Stella quis saber.

– É a hora que temos de voltar para casa. Como, por exemplo, quando está brincando na rua e sua mãe recomenda que entre, antes de escurecer.

Stella pareceu preocupada.

– Então, mamãe não terá mais de voltar para casa?

Jenny envolveu a menina em um breve abraço.

– Oh, não. Ela chegará mais tarde. Estava apenas dizendo para não se apressar, porque nós nos divertiremos.

Stella sorriu.

– Vamos ver um filme e comer doces.

– Isso mesmo – concordou Jenny.

No meio de *Monstros S.A.*, Stella adormeceu no colo de Jenny. Ela levou a menina até o toalete para escovar os dentes antes de deitar.

Os créditos do filme estavam passando na tela quando o celular de Jenny tocou. Sem reconhecer o número que apareceu no visor, ela atendeu.

– Alô?

– Jenny?

– Marc? – perguntou ela com o coração em disparada.

– Sim, está ocupada?

– Sim – respondeu Jenny, imaginando se ele iria convidá-la para ir a outro hotel. – Por quê?

– Queria convidá-la para tomar um sorvete.

Jenny se animou.

– Um sorvete?

– Sim, do tipo sundae.

– Com calda de chocolate quente, castanha e chantilly?

A risada que Marc deixou escapar tinha uma qualidade sexy e rouca.

– Sim, parece muito interessada para alguém que está ocupada.

– Estou tomando conta da filha da minha vizinha.

– Ah, que pena!

Jenny foi invadida por uma pontada de arrependimento.

– Sim, a menos que... – Ela fez que não com a cabeça. – Não... esqueça.

– Tenho de saber do que se trata, antes de esquecer.

– Bem, se estivesse mesmo interessado em tomar um sorvete comigo, poderia trazê-lo ao apartamento da minha vizinha, porque a filha dela está dormindo. – Jenny esperava que ele não pensasse que o convite tinha uma conotação sexual, porque não fora aquela sua intenção, o que se apressou em deixar claro. – Mas não poderemos fazer sexo – disparou.

– Não? – perguntou ele e Jenny teve a impressão de ouvir certo tom de ironia na voz grave do outro lado da linha.

– Se Stella acordasse e nos surpreendesse atracados no sofá, eu morreria.

– Mas eu não estava pensando no sofá – retrucou Marc, sem conseguir conter uma risada na voz.

– Não sei se deveria perguntar no que pensou – disse ela.

– Mas está com vontade de perguntar – afirmou Marc e com razão.

– Talvez – admitiu Jenny a contragosto.

– Depende da mobília no apartamento da sua amiga. Ela possui uma cadeira grande?

– Sim – respondeu Jenny, observando a cadeira reclinável e se imaginando no colo de Marc.

– Aposto que ela tem uma mesa – provocou Marc.

– Sim – confirmou Jenny, sentindo a temperatura do corpo subir ao imaginar os dois fazendo sexo sobre a mesa.

– Além disso, sempre há a parede e o chão – acrescentou ele.

Jenny fechou os olhos, enquanto as imagens eróticas se alternavam em sua mente.

– Não esta noite – sussurrou. No silêncio que se seguiu, algo lhe disse que não tomaria sorvete naquela noite.

– Tudo bem. Teremos outras oportunidades. – Jenny sentiu uma leve decepção. – Qual é o número do apartamento da sua amiga?

– Trinta e dois. Por quê?

– Porque, se não podemos fazer sexo, ao menos podemos tomar sorvete. Chego em meia hora.

Jenny observou o telefone, surpresa. Uma onda quente de prazer percorreu seu corpo. Tudo bem, era fácil gostar de um homem que trazia sundae às 22h, quando estava tomando conta da filha da vizinha.

Antes que Marc tocasse a campainha, ela escancarou a porta.

– Você estava falando sério! – disse ela, alternando o olhar entre Marc e o sorvete que ele segurava nas mãos. Ambos eram tão apetitosos que Jenny ficou indecisa por qual começar. – Trouxe sorvete para mim!

– Importa-se em dividir? – perguntou ele, erguendo duas colheres de plástico. – Trouxe isto também.

Jenny pegou uma das colheres e sorriu.

– Vamos ver o que podemos fazer com apenas uma.

Marc entrou e ela o guiou até o sofá.

– Não podemos fazer barulho ou teremos de dividi-lo por três. Por enquanto, Stella está dormindo.

Marc se sentou ao lado dela e olhou ao redor do apartamento.

– Como acabou virando babá em um sábado à noite?

– Bem, amo Stella, portanto, não considero isso um sacrifício. Além disso, a mãe, Anna, nunca sai de casa para se divertir. Então, fiquei feliz quando soube que ela iria desfrutar de um bom jantar com, espero, um homem legal. Seu primo, Justin.

Marc ergueu as sobrancelhas em uma expressão surpresa.

– É mesmo? Não sabia.

– Sim, e é melhor que o seu primo seja gentil com ela ou terá de se ver comigo. Não quero que este sorvete derreta, e você?

Marc sorriu.

– É muito faminta, sabia disso?

– Cale a boca e pare de me tentar.

– Mas tentá-la é tão divertido. – Marc retirou a tampa de plástico do sorvete e arrancou a colher de sua mão. – Abra a boca, doce Jenny.

Quando ela obedeceu, Marc colocou uma colherada de sorvete dentro de sua boca.

– Ótimo – murmurou ela.

– Ótimo – concordou Marc, oferecendo outra colherada.

Jenny engoliu o sorvete e o fitou nos olhos. Aquele devia ser o homem mais irresistível do planeta.

– Por que decidiu me trazer sorvete? – perguntou.

– Estava em casa, sentado, vendo futebol e imaginando o que você estaria fazendo. Então, me ocorreu que fazer qualquer coisa em sua companhia seria mais divertido do que ficar assistindo ao jogo sozinho.

Uma sensação agradável aqueceu o peito de Jenny.

– Estou lisonjeada.

– Não fique. Ainda tenho esperanças de fazer sexo com você – disse ele em tom de voz seco, levando outra colher de sorvete à boca de Jenny.

Enquanto soltava uma risada, ela teve de se controlar para não engasgar.

– Não tem ideia do quanto fica atraente quando resolve ser mau. – Ela arrancou a colher da mão dele e a agitou diante do rosto de Marc. – Minha vez. – Levou uma colherada aos lábios de Marc e o observou pegar o sorvete com a língua. A visão fez com que algo estremecesse dentro dela. O modo como ele lambeu a colher a aqueceu por dentro. – Muito bem – disse ela. – Mais uma.

Jenny repetiu o movimento e, quando ele projetou a língua para aceitar a colherada, ela sentiu a temperatura do corpo subir mais alguns graus. Os olhos azuis encontraram os dela e o impacto a deixou paralisada. A mão longa cobriu a dela, antes de Marc se inclinar e capturar os lábios dela em um beijo gelado e doce. Um átimo de segundo se passou e a língua exigente invadiu sua boca. Ele tinha sabor de baunilha, chocolate e chantilly. Jenny entreabriu os lábios para permitir aprofundar o beijo.

O gemido que ele deixou escapar reverberou nos lábios de Jenny. O som excitado chegou a todas as zonas erógenas. Ela se viu incapaz de conter o próprio gemido de prazer, invadida por um misto de excitação, afeição e paixão diante das sensações que Marc suscitava. E queria mais.

– Não quero mais nenhum sorvete no momento – murmurou ela contra os lábios sensuais, e pela visão periférica captou o movimento de Marc atirando a embalagem do sorvete sobre a mesa lateral.

– Não? – perguntou ele. – Mas você ama sorvete. O que poderia desejar mais do que isso? – questionou, em tom provocador.

– Um pouco mais de você – sussurrou ela.

– Gostei dessa resposta. – Inclinando-se para trás no sofá, ele a puxou para o colo e a beijou até que os pensamentos desertassem a mente de Jenny. O cérebro registrava apenas a sensação do corpo rígido sob o dela. Marc escorregou as mãos até espalmá-las nas nádegas macias e a puxou contra os quadris, fazendo-a ciente de sua excitação.

– Você é tão macia – disse ele.

– Ohh. – Jenny ofegou contra os lábios firmes e desejou poder se fundir àquele corpo musculoso...

Mais uma vez Marc apertou o traseiro dela e arqueou os quadris em sua direção.

– Não consigo me saciar de você. – Ele escorregou as mãos por baixo do suéter de Jenny, fechou os dedos sobre o tecido do sutiã e tocou os seios firmes.

Jenny tinha a sensação de que entraria em combustão espontânea. Uma parte ainda não embotada do cérebro captou o som da porta se abrindo. *A porta da frente*, a enfraquecida capacidade de raciocínio a alertou. *Anna e...*

Deixando escapar um xingamento, ela pulou do colo de Marc e se sentou ereta.

– Que diabos...

– É Anna – sussurrou ela. Com os dedos trêmulos, ajustou o suéter e ajeitou o cabelo, sentindo-se como uma adolescente que fora pega em flagrante.

– Oh! – disse Marc, também se sentando com a coluna reta.

Jenny se ergueu do sofá.

– Olá, Anna. Como foi o jantar? – Ao avistar Justin, percebeu o clima constrangedor que se seguiria. Marc não gostaria que o primo ficasse sabendo *o que os dois estiveram fazendo juntos*. – Oi, Justin. Marc trouxe-me um sorvete para se desculpar por me fazer trabalhar até tarde no projeto dos sapatos de Brooke. Acho que está com medo que eu abandone o barco.

– É compreensível, levando em consideração que você não só é uma designer talentosa, mas também sabe como lidar com Brooke – retrucou Justin. – Olá. Prazer em revê-lo – cumprimentou, quando Marc se ergueu do sofá.

Anna dirigiu um olhar divertido, cheio de questionamentos, a Jenny, que gesticulou a cabeça em negativa de maneira quase imperceptível.

– Anna, esse é Marc.

– Prazer em conhecê-lo.

Marc cruzou a sala e estendeu a mão.

– O prazer é meu. Jenny estava me contando que você é uma grande amiga.

– É muito fácil ser amiga de Jenny. – Anna hesitou e, em seguida, pigarreou. – Como Stella se comportou?

– Foi ótima, como sempre – respondeu Jenny, caminhando na direção da porta. – Tinha grandes planos para esta noite, mas acabou adormecendo no meio de *Monstros S.A.*

– Ótimo. Foi muito gentil em ter ficado com ela – disse Anna.

– Sem problemas. Bem, espero que não se importe se eu levar meu sorvete e partir. Como foi o jantar?

– Ótimo – disseram em uníssono Anna e Justin.

Jenny sorriu e ergueu as sobrancelhas.

– Fico feliz em saber. Quando precisar que eu tome conta da fadinha é só me dizer.

Marc estendeu a mão para apertar a de Justin.

– Onde a levou para jantar?

Justin disse o nome do restaurante e Marc aprovou de imediato.

– Excelente escolha. Tenho certeza de que voltaremos a nos encontrar durante o projeto de Brooke. Cuide-se.

– Obrigado. Farei isso.

– Boa noite – disse Jenny, saindo, com a embalagem do sundae quase derretido. Marc a seguiu e fechou a porta.

– Isso foi interessante – começou ela, enquanto caminhava na direção da porta do próprio apartamento, ciente de Marc a menos de 30 centímetros de distância.

– Vai me convidar a entrar? – perguntou ele, afastando seu cabelo para o lado e roçando os lábios ao pescoço delicado.

Jenny estremeceu e se virou de costas para a porta.

– Não deveria – disse. – Acho que uma de suas regras ditava que não devíamos... uh... frequentar a casa um do outro.

Marc a encarou por um longo instante e xingou baixo.

Jenny colocou uma colherada de sorvete na boca.

– Mas seu carro está disponível. Ou talvez pudéssemos ir para aquele bosque logo ali. Não sei se há heras venenosas ou talvez bichos-de-pé e...

Marc cobriu os lábios dela com a mão.

– Acho que devemos abrir uma exceção esta noite.

– Por quê?

Marc pestanejou várias vezes.

– Porque me pego pensando em você quando não deveria – respondeu ele.

Uma onda de prazer a engolfou, fazendo-a sorrir.

– É mesmo?

– Sim, é mesmo. – Marc se inclinou para perto e segurou as mãos dela. – Portanto, me convide a entrar.

O coração de Jenny disparou com uma mistura de expectativa e uma pontada de receio. Não havia planejado fazer sexo naquela noite. Teria depilado as pernas? Que tipo de *lingerie* estaria usando?

– O que está passando pela sua cabeça agora? – perguntou Marc, escorregando um dos dedos pela lateral do rosto delicado.

– Não vou dizer – respondeu ela, esticando a mão para trás, girando a maçaneta e abrindo a porta. Um ronronado alto os recepcionou.

– O que é isso?

– Romeo, meu gato. – Jenny acendeu a luz e liderou o caminho para dentro do apartamento.

– E consultor. Você o mencionou quando disse que teria de lidar com Brooke.

– Lembrou o nome dele, mas não o meu. – Jenny mordeu o lábio inferior, esperando que Marc não reparasse em cada detalhe do apartamento, embora tivesse quase certeza de que aqueles olhos sagazes já haviam captado tudo.

– Gostaria de tomar uma cerveja ou algo?

– Tem cerveja?

– Tento manter sempre algumas na geladeira para as visitas – respondeu ela, retirando uma garrafa da geladeira.

Marc fez um movimento negativo com a cabeça, aceitando a bebida.

– Tem os mesmos gostos que eu. Minha marca favorita. Você prefere vinho?

– Ou drinques bem doces feitos por alguém que saiba prepará-los. Ainda não atingi esse nível.

– Que tipo de drinques? – perguntou ele, sem desviar os olhos de Jenny.

Marc estava usando um suéter preto que realçava os olhos sagazes. Parecia ter planos para ela, o que provocou um frio na barriga.

– Hum, não sei o nome do meu drink favorito. Leva abacaxi, baunilha e outra coisa. É delicioso.

Marc tomou outro gole da cerveja e gesticulou com a cabeça na direção da embalagem de sorvete que ela segurava.

– Se não se apressar em tomá-lo, vai derreter todo.

Jenny tomou uma colherada e depois outra, antes de pousá-lo sobre a bancada da cozinha.

– Basta.

Marc ergueu as sobrancelhas escuras.

– Tem certeza?

Não muito, pensou ela. A mente começando a vagar. E se... no mesmo instante fechou a porta daqueles devaneios e se limitou a responder com um gesto positivo de cabeça.

Marc pousou a cerveja sobre a bancada também, e com uma das mãos atrás da nuca de Jenny a puxou na direção dele. Em seguida, inclinou a cabeça e se apossou dos lábios carnudos em um beijo interminável. Inclinando-lhe a cabeça para trás em um ângulo que proporcionava melhor acesso, introduziu a língua no interior aveludado da boca de Jenny. Ela o sentiu mudar de posição e, no segundo seguinte, se viu pressionada contra as coxas musculosas. Deixou escapar um suspiro enlevado com a sensação daquela rigidez contra o corpo. Marc continuou a explorar sua boca, prendendo o lábio inferior entre os dentes e, em seguida, escorregando a língua onde a havia mordido de leve.

Um fogo lento começou a arder no baixo-ventre de Jenny.

– Seu beijo é irresistível – murmurou ela.

Um leve sorriso curvou os lábios sensuais de Marc.

– Fico feliz que pense assim. Quer repetir a dose? – perguntou, embora não esperasse por resposta.

Marc a beijou até que ela sentisse como se estivesse se afogando. Não pelo fato de não poder respirar, mas pela forma como o próprio corpo regia. A pele estava quente, o coração disparado e os seios intumescidos. Cedendo à ânsia avassaladora de sentir sua pele, escorregou as mãos sob a camisa que ele usava e tocou o peito largo. Ele tateou pelo cóis do jeans de Jenny e o desabotoou. Em seguida, espalmou as mãos pelas nádegas macias sobre o tecido da tanga.

– Adoro essa parte de sua anatomia – murmurou ele.

O comentário a surpreendeu. Jenny sempre a considerara um tanto avantajada.

– Já disse isso antes. O que há de tão maravilhoso em minha bunda?

– São redondas, macias e firmes. E quando está de calça comprida e se inclina para a frente, fico louco só de olhar. – Marc desceu a calça jeans

pelos quadris até a altura dos joelhos. – Tire seus sapatos – comandou, enquanto mordida de leve os lábios dela.

Jenny se deu conta de que ele não tinha nenhuma dificuldade em dar ordens. Também percebeu que não se importava em obedecer a algumas delas. Chutando os tamancos de madeira para o lado, agitou as pernas para que o jeans saísse. Marc escorregou as mãos sob a calcinha de algodão que ela usava para tocar as nádegas e apertá-las de leve, enquanto roçava a ereção contra os quadris de Jenny. Ele estava excitado e a sensação daquela rigidez era maravilhosa. Era incrível como Marc conseguia se conter a ponto de não rasgar as roupas de ambos. Puxando-lhe o suéter, ela o ergueu até o peito.

– Ajude-me – ofegou.

Marc retirou a peça pela cabeça e esticou a mão para livrá-la do suéter. Antes que Jenny percebesse, estava erguendo os braços e ele desabotoava o sutiã.

A diminuta peça de renda não permaneceu em seu corpo por nem mais um segundo e logo ela sentiu os olhos fixos nos seios agora expostos. Em uma resposta imediata, percebeu os mamilos enrijecerem.

Marc ergueu as mãos e os tocou, acariciando-os com as pontas dos polegares. Jenny esfregou as coxas uma na outra e ele a puxou contra o corpo.

Ambos deixaram escapar suspiros simultâneos.

Jenny desceu as mãos para o cós do jeans que ele usava.

– Está com muitas roupas.

– Não agora. – Marc a deteve, cobrindo-lhe a mão com a dele.

– Por que não?

– Porque quero que dure mais do que da outra vez.

– Mas da outra vez foi ótimo – protestou Jenny.

– Será melhor desta – prometeu ele, erguendo-a nos braços. – Onde fica o seu quarto?

Jenny apontou para o corredor.

– Ali.

Marc cruzou o aposento e a deitou na cama, junto com ela. A coberta estava fria e macia contra as costas de Jenny.

Enquanto capturava os lábios mais uma vez, ele estimulou os mamilos, até que Jenny não conseguisse suportar a sensação. Quando a mão hábil interrompeu a carícia, ela suspirou de alívio, mas no mesmo instante Marc

começou a explorá-los com os lábios, a língua e os dentes. A cada estímulo, aumentava a pulsação entre as coxas de Jenny.

Contorcendo-se sob as carícias eróticas, ela enterrou os dedos na massa de cabelo escuro e espesso, enquanto deixava escapar um gemido. Marc escorregou a boca mais para baixo, imprimindo uma trilha de fogo pelas costelas, o abdome e mais abaixo, estacando apenas para erguer a cabeça com a devassidão refletida no olhar. Jenny sentiu uma pontada aguda de constrangimento. A verdade era que não experimentara tudo que podia ser feito entre um homem e uma mulher. Estava curiosa, mas sentia uma hesitação estranha. Havia algo de muito íntimo na ideia ser beijada por um homem naquela parte do corpo.

Prendendo a lateral da calcinha entre os dentes, Marc a desceu até o meio das coxas aveludadas. Em seguida, retirou a peça com a mão. Quando os lábios quentes pressionaram o interior da coxa, Jenny sentiu como se a frequência cardíaca tivesse ultrapassado os limites compatíveis com a vida. Mordendo o lábio inferior, ela fechou os olhos, não desejando que ele notasse sua inexperiência.

– Acho que eu deveria estar fazendo alguma coisa.

Uma risada baixa escapou dos lábios de Marc quando os aproximou da junção entre as coxas macias.

– Em breve, estará fazendo.

E então, ele a beijou onde Jenny nunca havia sido beijada. E, oh, aquele homem sabia o que fazer com a boca! A língua experiente estimulou o ponto mais sensível da feminilidade, fazendo-a abrir como uma flor sob a carícia excitante. Ele a beijava e sugava com suavidade e, a cada movimento, a tensão crescia no ventre de Jenny.

– Ó meu De... – A sensação ia se intensificando à medida que Marc a beijava e acariciava. De repente, Jenny parou de respirar e foi tomada por um espasmo violento.

Ofegando, ela puxou a cabeça de Marc para trás e o encarou.

– Oh, uau – sussurrou.

Marc abriu a braguilha do jeans e atirou um preservativo sobre o criado-mudo.

– Acho que esse foi o maior elogio que já recebi.

Ainda tentando respirar, Jenny o observou se livrar da calça jeans e da cueca. A visão a fez engolir em seco.

– Tudo que eu disse foi “oh, uau”.

Marc colocou o preservativo.

– Sim, mas foi sincero e eu consegui sentir seu orgasmo em minha boca.

Abrindo-lhe as pernas, ele a penetrou com um único movimento.

– Oh, uau! – repetiu Jenny, dessa vez sentindo os músculos internos esticarem com a invasão repentina.

– Rápido demais?

A forma como a mandíbula e os músculos dos braços se contraíam deixava visível a luta de Marc em se controlar.

– Foi uma exclamação de surpresa. Você é muito bem-dotado.

Marc deixou escapar uma risada baixa e revirou os olhos.

– Oh, você é demais.

– Acho que era isso que eu estava dizendo – retrucou ela, mexendo os quadris, hesitante. Em seguida, inspirou fundo e sentiu o corpo começar a se adaptar aos contornos de Marc. Gostava da sensação de tê-lo dentro dela. Com um suspiro profundo, Jenny encontrou seu olhar.

– Pode começar a se mover agora.

CAPÍTULO 16

MARC BAIXOU o olhar a ela, e foi tomado por emoções contrastantes. Os lábios carnudos de Jenny estavam intumescidos, o cabelo espalhado pelo travesseiro, os mamilos enrijecidos e os olhos brilhando com uma mistura de excitação e curiosidade. Desejava violá-la do topo da cabeça à ponta dos pés, detendo-se em tudo que se encontrava entre aqueles dois extremos. Porém, algo na resposta espontânea e inexperiente às suas carícias causara uma sensação estranha no peito e sentiu uma incomum necessidade de protegê-la. O corpo zunia com o desejo de se satisfazer. Toda a sua estrutura muscular parecia estirada ao máximo. Parte da razão que o fizera desejar levar Jenny para a cama outra vez era para se certificar de que ela experimentasse o mesmo prazer que ele sentira. Dissera a si mesmo que, de alguma forma, empataria o placar. Provaria para si mesmo que era capaz de demonstrar algum controle.

– Por que está me olhando desse jeito? – perguntou ela, deixando transparecer uma fagulha de insegurança no olhar.

– Porque você está linda.

– Nua – retrucou Jenny, retorcendo os lábios.

– Comigo dentro de você – disse ele, começando a se mover.

Jenny ondulou os quadris, fazendo-o gemer.

– Gosto quando faz isso – confessou ela.

– O quê? – perguntou Marc, investindo devagar dentro dela. Era como se estivesse se enterrando em um casulo aveludado e estreito.

– Esse som – respondeu Jenny.

– Não faço de propósito – disparou ele, sentindo a ereção pulsar dentro dela. Marc praguejou em silêncio. A sensação de a estar penetrando era

inebriante.

– Eu sei. É por isso que gosto – disse Jenny, escorregando as mãos sobre o peito musculoso, antes de descê-las pelas costas até as nádegas firmes.

Tocando-o com sensualidade e ternura ao mesmo tempo, fechou os olhos e seguiu o ritmo que ele ditava, arqueando os quadris a cada investida. A sensação das mãos delicadas o instando a continuar, as carícias íntimas e a aparência lânguida de Jenny compunham um conjunto impossível de resistir.

Incapaz de conter a tensão que crescia dentro dele, Marc investiu uma, duas, três vezes e atingiu um clímax alucinante. Quando os espasmos do prazer se abrandaram, enterrou a cabeça no ombro delicado e inspirou a fragrância feminina enquanto ofegava.

Jenny o abraçou pelos ombros e enroscou as pernas na cintura dele, envolvendo-o no mais completo e doce abraço que ele jamais recebera. Marc saboreou aquela sensação por um instante, antes de rolar para o lado. Ela virou na direção dele e o encarou. Após 30 segundos, Marc sentiu um aperto no peito e uma sensação familiar e incômoda cresceu dentro dele.

– Foi muito bom – disse Jenny.

Oh, não, ela queria conversar, dizer a ele o quanto foi maravilhoso e se emocionar, pensou Marc, o medo aflorando em seu íntimo.

Jenny se inclinou na direção dele e o beijou no rosto.

– É melhor você ir embora – disse, antes de rolar para fora da cama.

Marc pestanejou, confuso, enquanto desfrutava da visão daquele traseiro deslumbrante, antes de ela vestir um robe de algodão azul-bebê. Esperava ouvir qualquer coisa, menos aquelas palavras.

– O que disse? – perguntou ele.

– Que é melhor você ir embora. – Jenny passou os dedos pelo cabelo e dirigiu um olhar indiferente. – Foi você quem instituiu a regra de não me encontrar em meu apartamento. Além do mais, eu e minha vizinha costumamos tomar café da manhã juntas aos domingos e não seria uma boa ideia você estar presente. Vou buscar seu suéter.

Marc permaneceu deitado por mais um minuto com a sensação de ter sido atingido por um caminhão. Confuso, fez um movimento negativo com a cabeça e se ergueu da cama para se vestir. Jenny reapareceu, com o suéter. Em seguida, cruzou os braços e se recostou no batente da porta, enquanto ele vestia a peça pela cabeça.

– Obrigada pelo sundae e... pela visita – disse ela. Os lábios carnudos se curvaram em um daqueles sorrisos enigmáticos.

– O prazer foi todo meu – respondeu ele com sinceridade.

Jenny ergueu as mãos para pentear o cabelo dele com os dedos.

– Assim está melhor.

O gesto o pegou desprevenido. Algo que Jenny fazia com frequência, pensou enquanto a seguia pelo corredor.

– Que tal é esse café da manhã de domingo? Talvez possa preparar um para mim, qualquer domingo desses.

A risada que ela deixou escapar o surpreendeu e o fez estacar.

– Desculpe – disse Jenny. – Mas é Anna quem prepara o café da manhã para mim. Eu estaria fazendo uma troca desvantajosa se preparasse o desjejum em vez de Anna. A não ser que você saiba se sair tão bem na cozinha quanto na cama.

Marc não conseguiu evitar uma risada.

– Eu, preparando o café da manhã?

– Acho que acabou de responder à minha pergunta – disse ela, encaminhando-se à porta da frente.

– Sei fazer panquecas e ovos – comentou Marc. – E até mesmo waffles.

– Mas sabe fazer panquecas de pêssago? E crepes? – desafiou Jenny.

– Claro que sim – afirmou ele, embora nunca tivesse feito nenhum dos dois. Mas, afinal, que dificuldade poderia haver? – Portanto, talvez prepare um café da manhã para você, qualquer dia desses.

– Não sei – disse ela, com um movimento negativo de cabeça. – Você tem regras muito rígidas e, a não ser que as reconsidere, teremos de tomar café da manhã em seu carro. Mas esse não é o momento para refazer as regras – prosseguiu, esticando a mão para a maçaneta.

Marc segurou a mão dela.

– Por que não?

– Porque acabou de fazer sexo de uma maneira incrível e não pode deixar que isso afete seu julgamento. Seria como beber e dirigir.

Jenny se ergueu na ponta dos pés e roçou os lábios aos dele, na intenção de dar um beijo rápido e afetuoso, mas Marc tinha seus próprios planos. Envolveu-a nos braços e aprofundou o beijo, sentindo o sabor e excitando os dois ao mesmo tempo. Não a surpreendeu sentir a ereção rígida contra o abdome.

Quando interrompeu o beijo, ficou satisfeito com a expressão entontecida no rosto de Jenny.

– Boa noite. Ligo para você em breve.

Enquanto descia os degraus na direção do próprio carro, Marc se sentia saciado. E não.

Coçando a nuca, ergueu o olhar à porta do apartamento de Jenny. Ela estava certa em lembrá-lo das regras. Era importante para ambos mantê-las. O problema era que, embora se sentisse aliviado em escapar de uma cena pegajosa e emocionalmente desconfortável, uma grande parte dele, que não englobava apenas seu sexo, formigava para retornar àquele apartamento e passar o restante da noite com ela.

Marc franziu a testa diante da própria reação. Aquilo seria quebrar as regras que havia imposto. Talvez tivesse de repensar algumas delas.

– EU CONTAREI sobre minha noite, se você me contar sobre a sua – disse Anna na manhã seguinte, enquanto ela, Jenny e Stella comiam frutas e crepes de siri.

Jenny exibiu um sorriso enigmático.

– Não deveria estar sendo tão indiscreta, mas vou contar. Marc telefonou para me convidar para tomar um sorvete e eu, claro recusei, porque estava tomando conta de Stella.

Anna fez uma careta.

– Não deveria ocupá-la tanto – disse ela. – Podia estar disponível.

– Não. Acho que foi melhor assim. Marc trouxe sorvete para mim e nós tomamos juntos.

– E fizeram outras coisas, a julgar pela sua aparência quando Justin e eu chegamos. Fiquei aliviada por ainda estar vestida – disse Anna, colocando uma uva na boca.

– Não chegaríamos a esse ponto – retrucou Jenny. – Acho que não.

Anna deu uma risada diante da incerteza da amiga.

– Está bem, mas o que aconteceu depois que saíram daqui?

– Muita coisa – respondeu Jenny, sentindo o rosto esquentar. – Direi apenas que ele é muito sexy e muito melhor... – Ela se calou. – Não que eu tenha muitos parâmetros de comparação, mas Marc é muito... muito... – Jenny suspirou. – ... bom – acrescentou, recordando a reação que ele tivera depois do sexo. – E acho que ele entrou em pânico quando pensou que eu

pediria para dormirmos abraçados ou coisa pior, portanto, sugeri que ele fosse embora.

Os olhos de Anna se arregalaram.

– Está brincando.

Jenny fez que não com a cabeça, recordando o momento em que tomara aquela decisão. Não fora fácil, porque adoraria ficar abraçada a ele por alguns minutos a mais, porém, a expressão aterrorizada no rosto de Marc provocara um aperto no peito.

– Ele foi muito óbvio, portanto, fiz o que tinha de fazer. Atirei-o porta afora.

– E qual foi a reação dele?

– Ficou surpreso – respondeu Jenny com uma sensação vitoriosa. – Confuso. Foi ótimo.

– Fez bem em tomar a iniciativa – disse Anna.

– Sim – concordou ela, lembrando aquele último beijo que quase a fez se derreter. – Mais ou menos – acrescentou. – Mas já falamos muito sobre mim. Conte-me sobre sua noite.

– Bem, fomos a um restaurante onde a comida e o serviço eram fabulosos. Um belo lugar. Depois, Justin me levou a um *tour* pela mansão Tarantino. – Anna baixou o tom de voz. – E me mostrou os quartos, mas...

– Fez sexo em um dos quartos dos Tarantino!

– Não! – Anna se apressou em negar, relanceando o olhar a Stella que se encontrava diante da televisão. – Poderia manter o tom de voz baixo?

– Desculpe, mas estou confusa. Por que Justin mostrou os quartos se não tinha intenção de levá-la para a cama?

– Estava me mostrando a casa e tinha alguns cômodos fascinantes. Aquele quarto em estilo antigo, que aparece nas páginas de diversas revistas, e aquele outro, tipo de Hefner, que parece um paraíso do sexo. Tem cama vibratória e câmeras de vídeo – sussurrou ela. – Também vi o quarto de Brooke. Espetacular. E também dei uma passada na infame despensa do mordomo. Vocês dois deviam estar muito excitados. Não vi nenhuma superfície macia lá.

– Câmeras de vídeo no quarto Hefner – disse Jenny, com um movimento negativo da cabeça. – Bem, eu diria que teve uma noite interessante. Ele a beijou antes de partir?

– Sim. Logo depois que vocês saíram. Um beijo breve. Justin foi muito cavalheiro.

Jenny estudou a amiga.

– Parece meio desapontada.

Anna se mostrou chocada.

– Não estou. Nem um pouco – afirmou, antes de fazer uma pausa. – Está bem, talvez um pouco. Acho que estava esperando que Justin fosse um pouco mais afoito.

– Para que você dissesse “não”?

– Sim, era o que eu faria – admitiu Anna.

– Talvez ele tenha percebido isso e esteja esperando até ter certeza de que não resistirá.

Anna fez que não com a cabeça.

– Isso vai demorar muito.

NA TERÇA-FEIRA, Marc visitou o avô mais cedo, para poder comparecer à filmagem da visita de Brooke à Bellagio, naquela tarde. Quando entrou na sala dos fundos, encontrou a prima bebendo champanhe e comendo trufas de chocolate, enquanto conversava com um dos cinegrafistas. Uma mulher aplicava uma camada de base em pó no nariz de Jenny com uma esponja, enquanto Max, o produtor lascivo, ajeitava o cabelo.

Marc não simpatizava com aquele homem. Era o tipo de bode velho capaz de lançar mão de qualquer desculpa para se aproveitar de uma mulher desavisada. Como Jenny.

Sentindo queimação no estômago, Marc foi ao encontro de Jenny e do produtor.

– Olá, Max. Prazer em revê-lo. Preciso conversar com Jenny por um minuto.

– Só mais um instante. Estamos quase prontos para filmar – retrucou Max, voltando-se, em seguida para ela: – Pense sobre o que estávamos conversando.

Jenny fez um gesto evasivo com a cabeça.

– Está bem – respondeu, permitindo que Marc a guiasse para um canto.

– O que deseja?

– Apenas lembrá-la para exibir os sapatos e repetir a palavra “Bellagio” com a maior frequência possível, quando tiver oportunidade de falar. O que não será fácil com Brooke presente. E quanto a Max – acrescentou, hesitante. Ele não tinha nada a ver com isso. – Tome cuidado com ele.

– O que quer dizer com isso?
– Que produtores são famosos por fazerem promessas que não costumam cumprir.

– Oh, está se referindo ao modo como Max mencionou que está querendo produzir uma nova série sobre moda e quer que eu faça o segmento de sapatos?

Marc sentiu um aperto no peito.

– Ele fez essa proposta?

– Claro que não – retrucou Jenny. – Apenas me convidou para um final de semana em seu apartamento na Flórida para discutirmos o assunto.

– E você vai?

– Adoro praia, mas nem tanto – retrucou ela. – Max me subestima, assim como muitas outras pessoas, incluindo a mim mesma, de vez em quando.

Marc franziu a testa.

– O que quer dizer...?

Max bateu palmas.

– Está na hora de começar. Nossa adorável noiva já está pronta. E a encantadora designer também.

– Desculpe. Está na hora dos sapatos – disse Jenny com um sorriso maroto, encaminhando-se ao sofá, onde Brooke estava sentada.

Max deu algumas instruções para as duas, alguém acendeu mais algumas luzes e as câmeras começaram a filmar.

– Você limitou suas escolhas a dois modelos de sapato da coleção Sal da Bellagio. O primeiro é o Princesa de Cristal da Bellagio, feito com cristais Swarovski. O segundo é o Febre de Casamento da Bellagio porque é...

– Muito sexy – completou Brooke, levando o dedo indicador aos lábios. – Será uma escolha difícil – prosseguiu. – Deixe-me experimentar o Princesa de Cristal primeiro.

Brooke escorregou os pés para dentro dos sapatos feitos à mão sob medida para ela e desfilou pela sala, pedindo opiniões. A minissaia que estava usando fora uma ideia brilhante. Uma calça comprida teria prejudicado a visão dos sapatos. Ela voltou para onde estava Jenny e experimentou o outro par, repetindo o procedimento.

Em seguida, surpreendeu Marc, caminhando na direção dele.

– Agora quero a opinião do vice-presidente da Bellagio. Qual você escolheria? – perguntou.

– Depende do seu vestido e do que você prefere. Ambos são deslumbrantes – disse ele, ignorando a câmera. – Se a parte inferior do vestido for ornada de pérolas, é preferível estes, porque não têm tantos adornos. Se não for, os outros farão seus convidados necessitarem de óculos escuros.

O queixo de Brooke quase caiu.

– Meu Deus! – disse ela, girando na direção dos outros. – Ouviram o ótimo conselho que ele acabou de me dar?

Muito gentil da parte de Brooke falar tão bem dele em público. Marc imaginou o que ela estaria querendo.

– O objetivo da Bellagio é agradar o cliente.

– Foi o que acabou de fazer – retrucou a prima. – Ficarei com o Princesa de Cristal, porque a parte superior do meu vestido tem brilho, mas a inferior não.

O produtor instou todos a aplaudirem. Marc trocou um olhar com Jenny e ela piscou. No outro segmento, Brooke experimentou os sapatos que usaria na recepção e teve mais dificuldade em escolher. Em um impulso, com Jenny a seu lado, Brooke saiu para a rua na intenção de pedir opinião dos transeuntes. Demorou algum tempo, mas, por fim, conseguiu se decidir por um par confortável o suficiente para dançar até de madrugada.

O diretor decretou a filmagem um sucesso e, antes que Max pudesse requisitar Jenny, Marc a puxou para perto.

– Ótimo trabalho – disse ele. – Você conseguiu mencionar a Bellagio 57 vezes e não debochou de Brooke quando ela quis levá-la para as ruas com ela.

– Ei! Foi você que a orientou sobre que tipo de sapato ela precisava para a cerimônia. Parabéns, Sr. Vice-presidente. Ainda mais quando ela o pegou de surpresa.

Marc teve ímpetos de tocar o cabelo e roçar os lábios aos dela.

– Vamos fazer algo depois.

Os olhos azuis se tornaram nebulosos e sensuais.

– Como o quê?

– Qualquer coisa. Juntos – respondeu ele, impaciente.

Marc ansiara por estar com ela desde domingo, mas tivera um contratempo atrás do outro.

– Bem, podemos usar o seu carro – sugeriu ela com um sorriso provocante.

– Temos outras escolhas. Um hotel cinco estrelas seria...

Jenny deixou claro em seu semblante que desaprovava a ideia.

– Isso faria eu me sentir uma prostituta.

Marc suspirou quando Brooke se aproximou.

– Ficou satisfeito? – perguntou ela a Marc, olhando em seguida para Jenny. – Acha que me saí bem?

– Você foi brilhante – disse Jenny. – Foi uma grande jogada submeter os sapatos a uma pesquisa de opinião pública. Você estava divina e destruiu qualquer possibilidade de monotonia.

– O que quis dizer com monotonia? – perguntou Marc.

– Observar alguém escolher sapatos pode ser bem chato, mas Brooke tornou o processo mais divertido.

A expressão de Brooke se iluminou.

– Obrigada – e dirigindo-se a Marc. – Jenny é a melhor funcionária que já teve.

– Sim, tenha certeza de que desejamos mantê-la por perto.

– Acho que Jenny merece uma recompensa por seu comprometimento – disse Brooke.

– Que tipo de recompensa? – perguntou Marc, imaginando aonde ela queria chegar. Com Brooke, tudo era possível.

– Acho que ela merece uma viagem à praia. Sabe que Max está interessado em tirá-la de você?

Marc sentiu uma pontada no coração.

– Essa decisão cabe a Jenny.

– Mas você poderia ajudá-la a decidir se desse um prêmio.

– De que tipo? – perguntou ele, impaciente.

– Uma viagem para a convenção da Mexican Retailers Association que será realizada em Cancún, na próxima semana. Nós dois fomos convidados a palestrar.

Aquilo era novidade para Marc.

– Na próxima semana? Mas está em cima da hora.

Brooke deu de ombros.

– Às vezes, as oportunidades batem na porta e não podemos nos demorar a atender. Pensei em levar Walker e você vai acompanhado de Jenny. – Marc dirigiu um olhar questionador a Jenny, que parecia perplexa. – Isto é, sei que a viagem não terá o mesmo significado para vocês, porque

não estão namorando. – Brooke inclinou a cabeça para o lado. – Embora não fosse má ideia.

– Brooke – disse Marc, em tom de repreensão.

– Mas talvez não desse certo. A questão é que Jenny poderia trabalhar e passar algum tempo na praia, que ela tanto ama, a julgar pelo que falou de nossa casa na Ilha St. Simons. E dessa forma, Max não poderá usurpá-la. – Brooke deu de ombros. – Não acha uma ideia brilhante? Oh, e Max nos convidou para jantar, inclusive Jenny, é claro.

– Esta noite não posso – Jenny se apressou em dizer. – Vou tomar conta da filha da minha vizinha.

– Droga! – exclamou Brooke, se dirigindo, em seguida, a Marc. – Sei que você não precisará tomar conta de nenhuma criança, portanto, tem de ir.

– Tenho outro...

– É para o bem da Bellagio – insistiu Brooke. – Se souber jogar bem suas cartas, pode conseguir que Max coloque os calçados Bellagio em algum outro de seus shows.

– Essa é a função do pessoal de relações públicas e de marketing – retrucou Marc, impaciente.

– Sim, mas Max gosta de lidar com peixes grandes. – A prima exibiu um sorriso sarcástico e compassivo ao mesmo tempo. – E quem melhor do que você? – acrescentou, antes de se afastar.

Marc olhou para Jenny.

– Terá mesmo de tomar conta de Stella esta noite?

– Tento dar a Anna uma folga de vez em quando. Ela tem uma vida difícil como mãe solteira, e algumas horas de lazer podem fazer uma grande diferença. Como está seu avô?

Marc pensou sobre a visita ao avô e sentiu uma pontada de tristeza.

– Mais ou menos. Acho que está entediado.

– Acho que ele está precisando de uma viagem ao campo.

Marc fez que não com a cabeça.

– Tenho medo que ele caia e quebre alguma parte do corpo.

– A decisão é sua, mas entre quebrar alguma coisa e morrer de tédio, o que escolheria?

Aquilo o atingiu em cheio.

– Não pensei por esse ângulo.

Jenny tocou seu braço em um gesto confortador.

– Sei que deve ser difícil tentar proteger a integridade física de seu avô e ao mesmo tempo fazê-lo sentir-se bem, vivo. Sabe de uma coisa? A dedicação que tem por ele é uma das características que mais me fascina em você.

A admiração de Jenny burlou suas defesas e o aqueceu.

– Obrigado.

Um sorriso bailou nos lábios carnudos.

– Acho que deveria ir e aproveitar o jantar.

Marc revirou os olhos, lamentando o fato de ver sabotado o plano de ficarem juntos.

– Acho que seu programa será mais divertido.

– É provável – concordou ela, com uma risada. – Boa noite – acrescentou, antes de hesitar por um segundo.

Marc teve vontade de beijá-la. O ímpeto era tão forte que sua impressão era de estar sendo empurrado na direção dela. Para se impedir de fazê-lo, firmou os pés no chão e cerrou os punhos dentro dos bolsos da calça.

– Falo com você mais tarde.

CAPÍTULO 17

QUATRO DIAS depois, Jenny expunha a corpo pálido e lambuzado de filtro solar ao sol do México, enquanto tomava goles de margarita. O chefe alto, moreno e estonteante se encontrava parado diante dela, com a testa franzida.

– Não se pode virar as costas para Brooke nem um minuto. Mal o avião pousou e fui avisado de que ela esteve dançando sobre as mesas e se despindo, ontem, à noite. A imagem exata que precisamos para a Bellagio em meio a um encontro empresarial.

– Acha que uma pastilha de chocolate com menta o ajudará a se acalmar?
– perguntou Jenny.

Marc deu uma risada baixa e relutante.

– Agora não, mas de qualquer forma, obrigado.

Determinada a desfrutar daquele tempo ao sol, Jenny ajustou os óculos escuros ao nariz.

– Tenho certeza de que você passará a sobriedade necessária para compensar os excessos de Brooke. Subirá no palco, fará um discurso e todos se sentirão tranquilizados.

– Seria bom se minha prima não criasse tantos problemas – disse ele, se sentando na beirada da cadeira de Jenny e esfregando a mão sobre o tornozelo dela. – Tem certeza de que está usando o protetor solar certo? Tenho planos para o seu corpo que não incluem loções calmantes.

Jenny teve uma deliciosa sensação de expectativa. A decisão de acompanhá-lo naquela viagem não exigira nenhum esforço. Além do fato de nunca ter ido ao México, a ideia de estar com Marc em um ambiente tropical e sexy fora irresistível. Ainda estava se beliscando para ter certeza

de que estava de fato ali. Com ele. *Leve na esportiva*. Jenny havia decidido que aquela era a melhor forma de tratar seu relacionamento com Marc. Às vezes, tinha a impressão de estar em disputa com as próprias emoções, mas, se conseguisse se manter firme, teria chances de não sofrer tanto quando tudo chegasse ao fim. Ela ergueu o frasco do protetor solar e entregou para ele.

– Espalhei em cada centímetro do meu corpo pálido.

Marc examinou o rótulo e as instruções.

– Ótimo – disse em tom de aprovação. – Reaplique a cada vez que entrar na água.

– Não esquecerei.

Marc alternou o olhar entre o relógio de pulso e Jenny por duas vezes.

– Preciso ir. Tenho de fazer um sermão para Brooke, antes de palestrar na convenção.

– Você é o mais indicado para essa tarefa – concordou ela, reprimindo uma risada abafada.

– O que quis dizer com isso?

– Que sou a presidente do fã-club de Brooke. Foi ela que sugeriu que eu viesse para Cancún.

– Sim, mas não esqueça que fui eu quem aprovou. Ela pode ser criativa, mas é capaz de produzir escândalos nos momentos mais impróprios.

– Agora que o reality show está no ar e com excelente audiência, tem de admitir que Brooke é brilhante. Brooke é brilhante. Brooke é brilh...

Marc tapou a sua boca com uma das mãos.

– Está bem. Já ouvi.

Jenny deu uma mordida leve no dedo e observou os olhos azul-acinzentados se arregalarem, surpresos. Com um movimento negativo de cabeça, Marc se inclinou na direção dela.

– Estou esperando que me parabeneze por meu brilhantismo em reservar um hotel distante da convenção e do que Brooke e Walker estão hospedados.

– Você sabe que é brilhante – retrucou ela, se afogando no olhar sexy de Marc.

Os lábios firmes capturaram os dela em um beijo preguiçoso. As línguas se moveram quase em câmera lenta, enquanto Jenny sentia o corpo aquecer.

– Você e sua margarita têm um sabor delicioso – elogiou Marc, roçando o polegar no nariz. – Seria muito melhor se não tivéssemos de comparecer à convenção.

Surpresa, Jenny olhou para ele.

– Isso não se parece em nada com você. Está sempre no papel do homem de negócios.

Marc ergueu a cabeça e anuiu.

– Ora você é muito boa, ora é muito má para mim.

– Tem certeza de que não posso ser os dois?

– Terei de confirmar mais tarde. Não se exponha demais ao sol. Não se queime – acrescentou ele, antes de se erguer e partir.

Observando-o se afastar, Jenny pensou naquele último conselho. *Não se queime*. Havia várias maneiras de uma mulher se queimar. Mas optaria por seguir a máxima de Scarlett O'Hara e pensar sobre aquele assunto no dia seguinte. Ou no outro.

HORAS MAIS tarde, Jenny tomou banho e se vestiu para o coquetel de praxe. Quando havia acabado de calçar um par de sandálias Bellagio, ouviu uma batida na porta. Perscrutando pelo olho mágico, viu Marc. No mesmo instante, sentiu o coração dar uma cambalhota no peito e abriu a porta, incapaz de conter um sorriso largo.

– Olá!

Marc retribuiu o sorriso.

– Olá. Está linda.

– Você também.

O sorriso de Marc se alargou.

– Obrigado. Está parecendo uma menina que cabulou aula o dia inteiro e ficou feliz com isso.

Jenny anuiu.

– Acertou em cheio.

– Talvez devesse cabular aula com mais frequência – disse ele, segurando-a pelo braço e escorregando os dedos pela parte interna do pulso delicado.

A carícia provocou um arrepio de prazer.

– Sabe melhor do que ninguém que isso não é possível. A vida real não permite. Como agora, por exemplo.

Marc suspirou.

- Sim, é verdade. Está pronta?
- Deixe-me pegar minha bolsa – disse ela, erguendo-a da cama.
- Esses calçados são da Bellagio, certo?

Jenny anuiu.

– Eu os comprei pouco antes de viajar. São de fato muito caros, mas pensei que seria melhor estar calçando algo da empresa na presença dos varejistas.

- Conseguiu o desconto de funcionário, certo?
- Sim, mas ainda assim foram muito caros.
- Nunca ninguém me disse isso. – Marc a guiou até o elevador.

Jenny resfolegou.

– Provavelmente têm medo de dizer a verdade, ou seja, que a maioria das mulheres não pode ou se sente incomodada em gastar uma quantia dessas em um par de sapatos.

– Bellagio é uma marca de elite.

– Venderiam mais sapatos se criassem uma linha mais acessível – retrucou Jenny, enquanto o elevador os levava até o saguão. – Issac Mizrah fez isso com a Target.

– Mas com sapatos é diferente. As pessoas não estão pagando apenas pelo design, mas também por um nível exclusivo de mão de obra. Comprar um par de sapatos Bellagio é um investimento.

– Mas eu trocaria meus Bellagio por um final de semana na praia em um piscar de olhos.

Marc a fitou como se ela não estivesse entendendo, mas Jenny o encarou da mesma forma.

– Estou imaginando o que a fez tão desafiadora. As margaritas ou o sol mexicano.

Jenny mordeu o lábio inferior, preocupada em ter se excedido.

– Você é o chefe. Talvez seja melhor eu manter a boca fechada. Tenho certeza que o departamento de marketing da Bellagio realizou exaustivas pesquisas de mercado.

Marc colocou uma das mãos em concha sob o queixo delicado.

– Valorizo a sinceridade.

O sentimento de culpa provocou nela um arrepio desagradável por todo o corpo. À sua maneira, Marc a estava elogiando, mas não sabia a verdade

sobre o currículo que Sal alterara. A porta do elevador se abriu, poupando-a de uma resposta. Mas não foi o suficiente para o sabor amargo.

Os dois chegaram ao hotel da convenção e, após vários varejistas mexicanos a confundirem com a esposa de Marc, ela se separou dele e vagou, sozinha, pelo centro de convenções. Ouvindo uma mistura de espanhol fluente e inglês por onde passava, desejou ter prestado mais atenção nas aulas de espanhol que tivera no ensino médio.

No meio da noite, Jenny foi até o toalete. Quando entrou, viu uma mulher com um penteado sofisticado gritando a plenos pulmões em espanhol para ninguém em particular.

A mulher era bela de uma forma dramática, com cabelo negro, olhos escuros, malares proeminentes e corpo esbelto. Ela socava a parede, enquanto lágrimas escorriam, desmanchando-lhe o rímel e formando dois córregos negros de cada lado do seu rosto.

Jenny se comoveu com o estado em que a mulher se encontrava, mas se viu sem palavras para consolá-la. *Buenos días. ¿Cómo está? Lo siento. Eureka.* Havia aprendido aquelas palavras muito bem devido à luta constante com a pronúncia.

– *Lo siento* – disse Jenny.

De repente, a mulher pareceu se dar conta da presença de Jenny. *¿Qué?*

– *Lo siento* – repetiu ela.

Em uma loquacidade espanhola repleta de palavras que Jenny reconheceu como ofensivas, a mulher tomou as mãos nas dela.

Perdida, Jenny pestanejou várias vezes.

– Detesto dizer isso, mas não entendo bem o espanhol.

A mulher a encarou por um instante e soltou uma risada.

– Então, mesmo sem entender minha história, lamentou por mim.

– Parecia tão aborrecida.

A dor voltou a distorcer as feições da mulher.

– Sim, estou. Meu marido está saindo com outra mulher. Meu coração está partido.

– Oh, sinto muito. De verdade.

Uma raiva letal se estampou nos olhos da mulher.

– Gostaria de vê-lo morto, mas vou me limitar a demiti-lo – disse, arrogante, embora o lábio inferior estivesse trêmulo. – Isso o fará sofrer muito mais.

A fúria estampada no rosto transtornado fez Jenny desejar nunca inspirar a raiva daquela mulher.

– Há algo que possa fazer por você? Como posso ajudá-la? Quer que traga um drinque?

– Agradeço por sua delicadeza – disse a mulher, com um suspiro. – É melhor me recompor para encarar a multidão. Estou representando a rede varejista do meu pai na festa que está acontecendo lá em cima. Será difícil, mas terei de conseguir. – E lançando um olhar ao espelho *¡Dios!*

Jenny umedeceu uma toalha de papel com água fria.

– Não quer começar limpando o rosto com isto? Vou ver o que trouxe de maquiagem em minha bolsa.

– *Gracias* – murmurou a mulher.

– A propósito, sou Jenny Prillaman. Estou na convenção por parte da Bellagio Shoes.

A mulher fez uma cortesia com a cabeça.

– Sou Maria Cordoza Celibe. Conte-me sobre seus sapatos. Gostei dos que está usando. São da Bellagio? *¿Sí?*

– Sim – confirmou Jenny, retirando um pequeno frasco de base, um gloss e um tubo de rímel.

– Oh, uau! Não posso acreditar que eu trouxe rímel. Dizem que não devemos dividir o rímel com ninguém... – disse Jenny à mulher.

Maria retirou os três itens da mão de Jenny.

– *Gracias*. Reporei seu rímel. Devemos fazer concessões. Não acredito que Juan fez isso comigo.

Jenny a ajudou a retocar a maquiagem.

– Tem certeza de que seu marido a está traindo? Não há nenhuma chance de se tratar de algum mal-entendido?

– Ele a estava beijando – disse Maria, com a voz embargada.

– Ele a estava beijando? Ou ela o estava beijando? As duas coisas são diferentes.

Maria fechou o pó compacto e inclinou a cabeça para o lado.

– Não sei. Talvez permita que ele se explique.

– Isso aconteceu antes?

– Não – respondeu Maria, comprimindo os lábios e olhando Jenny de esguelha. – Conversarei com ele, antes de demiti-lo.

– Parece uma boa ideia. Está pronta para ir? Ou gostaria de ficar alguns momentos sozinha?

– Não, quero que me acompanhe. – Jenny pestanejou várias vezes diante do tom autoritário da mulher. – *Por favor.*

Entendendo o significado das palavras, Jenny anuiu.

– Ficarei feliz em ajudá-la.

As duas mulheres caminharam na direção da sala onde estava acontecendo o coquetel. Maria levou a mão ao peito e inspirou fundo.

– Por você, *padré* – sussurrou, antes de penetrar no salão. Várias pessoas se acercaram dela de imediato.

Jenny recuou e, momentos depois, sentiu um leve puxão em seu cabelo. Ao girar se deparou com Marc a observando com olhar curioso.

– Onde esteve?

– Tive uma experiência algo inusitada no toalete feminino.

– Mais uma vez? – questionou ele, incrédulo. – Não teve sua cota de experiências estranhas no desfile de gala, em Atlanta?

– Era de esperar que sim – concordou ela, com certo pesar. – Mas não sei. Talvez eu tenha algum tipo de carma que atrai pessoas em apuros. Encontrei uma mulher chorando no toalete. Chama-se Maria Cordoza.

– Cordoza? – Um homem atrás de Marc repetiu. – Desculpe interrompê-los, mas você disse Cordoza?

Jenny reconheceu o homem como Jeff Abbott, o contato de marketing da Bellagio no exterior.

– Olá, Jeff, conheci Maria Cordoza alguns minutos atrás. Por quê?

– Estive procurando por ela a noite toda. O pai dela é dono da loja de departamentos mais sofisticada do México.

– Jenny – Maria a chamou em meio à aglomeração que a cercava. – Venha conhecer meu primo Fern.

– Querem vir comigo? – perguntou Jenny, alternando o olhar entre Marc e Jeff.

– Quero – Jeff se voluntariou.

Marc se limitou a anuir.

– Quem é Fern? – perguntou entre os dentes.

Jenny abriu caminho pela aglomeração de pessoas que cercara Maria.

– Aqui está ela, Fern – disse Maria para um jovem atraente, ao lado dela.

– Jenny não é adorável? E tão doce. Tem um coração generoso, como o seu. Deveriam jantar juntos, *sí*?

– Jenny – repetiu Fern, segurando sua mão e a erguendo aos lábios.

– Prazer em conhecê-lo – disse ela, ansiosa por soltar a mão. – Maria, gostaria de apresentar o vice-presidente da Bellagio Shoes, Marc Waterson. E o contato de marketing da Bellagio no exterior, Jeff Abbott. Os dois ouviram maravilhas sobre as Lojas Cordoza.

Maria sorriu.

– *Gracias*. Sua Jenny é um anjo da guarda. Devem vir para o jantar. A Cordoza montou uma boutique para nossos clientes. A Bellagio Shoes poderia dar uma ótima contribuição a esse projeto, *sí*?

– *Sí* – Jeff se apressou em confirmar. – Adoraríamos nos juntar a vocês para jantar.

Jenny sentiu Marc suspirar em sua nuca.

– A noite vai ser longa – sussurrou ele.

QUATRO HORAS mais tarde, após Jenny negar com veemência por três vezes a oferta de Fern para acompanhá-la até o hotel ou levá-la para o seu apartamento, ela e Marc entraram em uma limusine. Ele a puxou contra a lateral do corpo e recostou a cabeça no apoio do banco.

– A única vez que decido fazer uma pretensa viagem de negócios, vejo-a se transformar de fato em uma viagem de trabalho. Maria Cordoza foi gentil e fiquei satisfeito com os negócios que costuramos, mas aquele jantar pareceu durar...

– Uma eternidade – completou Jenny.

– E as investidas do primo dela, Fern, em você? O homem a paparicou tanto que imaginei se a qualquer momento ele não arrancaria o garfo da sua mão e se incumbiria de dar comida na sua boca.

Jenny recostou a cabeça no ombro largo, e deu uma risada baixa.

– Nem tanto, mas Fern de fato mencionou algo sobre me levar para a cama.

O rosnado de Marc reverberou no ouvido de Jenny.

– Deveria tê-lo espetado com o garfo.

– Isso teria ofendido um cliente. Disse não, não e não. E por fim, ele entendeu o recado.

– Não, não e não – repetiu Marc, empurrando-a de leve na direção do assento do banco e a cobrindo com o corpo. – E o que diria para mim se pedisse para fazer amor em uma limusine? – Marc tomou seus lábios com um beijo entontecedor, antes que ela pudesse responder.

– Não chegaremos ao hotel em breve?
– Não se eu disser ao motorista para continuar dirigindo pela cidade – respondeu ele acariciando o cabelo macio. – Sua resposta?

– Sim, sim e sim.

As 36 horas que se seguiram foram mágicas para Jenny. Os dois tomaram café tarde, fizeram caminhadas na praia e tentaram tomar banho de sol, mas na maior parte do tempo fizeram amor e trocaram beijos na varanda. Quando estavam fazendo as malas para retornar a Atlanta, Jenny sentia-se até mesmo um pouco dolorida. Mas não a incomodava. Fora maravilhoso. Marc se mostrara relaxado, sexy e generoso. Ela amara cada minuto. Com as malas arrumadas, sentou-se na beirada da cama, observando o vasto oceano e tentando gravar a bela paisagem na memória. Quando ouviu uma batida na porta, sentiu uma pontada de dor no peito. Não queria voltar. Oh, claro, tinha ciência de que aquela viagem equivalera a uma incursão pela Disney World, mas detestava a ideia de voltar para um relacionamento secreto.

– Ela não está aqui – disse em tom de voz elevado ao mesmo tempo que se forçava a levantar da cama e abrir a porta. – Decidi ficar em Cancún. Aposto que conseguiria um emprego de garçoneiro ou talvez Maria Cordoza me contrataria para alguma função.

– Aquela mulher deve ser exigente como o diabo – retrucou Marc.

– E você não é? – perguntou ela com um sorriso.

Marc deu uma palmada leve no bumbum e observou a vista, além da janela.

– Também não estou ansioso por voltar, mas não temos alternativa.

– Sim – concordou Jenny, tristonha, e se afastou para pegar a bagagem.

Sentia lágrimas prestes a escorrer pelo rosto, mas não queria que Marc percebesse.

– Deixe-me carregar sua mala. – Ele se aproximou por trás e Jenny sentiu o peito se contrair e os olhos arderem.

– Sem problemas, *señor* – retrucou, tentando um tom leve. – Posso carregá-la sozinha.

– Mas não é necessário – insistiu Marc, girando-a para que ela o encarasse.

Jenny prendeu a respiração e baixou o olhar.

Quando Marc segurou seu queixo, forçando-a a encará-lo, ela fechou os olhos.

– Ei! Você está mesmo aborrecida.

– Sim, mas vou superar – respondeu ela, desviando o queixo.

– O que foi, querida? – perguntou Marc com voz doce e gentil.

Aquilo só serviu para aumentar a sensação de aperto no peito e na garganta. Ele nunca a chamara de “querida” antes.

– Não quero falar sobre isso.

Marc se manteve em silêncio por um instante.

– Por quê? – perguntou, puxando-a contra o corpo e pressionando os lábios ao pescoço delicado.

– Quer uma pastilha de chocolate com menta?

CAPÍTULO 18

NA TERÇA-FEIRA seguinte ao retorno de Cancún, Marc se viu atropelado pela realidade quando visitou o avô. Mais desorientado do que nunca, o idoso parecia frágil e à beira do pranto. O temor varou o peito de Marc como uma estalactite pontuda quando o ouviu suplicar:

– Por favor, não me amarre outra vez.

Marc enrolou as mangas da camisa do avô e se deparou com hematomas. Aquilo foi o bastante para acionar todo o estoque de raiva que ele possuía. Uma hora depois, havia retirado o avô da casa de repouso, despedindo-se do diretor com a promessa de entrar com uma ação judicial contra ele.

Após levar o avô ao médico, trouxe-o para casa, alimentou-o e começou a fazer ligações para contratar cuidadores até conseguir uma casa de repouso melhor. Logo percebeu que seria necessário folgar na quarta-feira para resolver aquela emergência.

Quando concluiu a última ligação, se juntou ao avô que assistia a um programa sobre pescaria na sala de televisão.

– Que tipo de isca estão usando? – perguntou Marc quando se sentou no sofá.

– Parece gafanhotos. Lembra-se quando costumávamos pescar no lago?

– Sim – respondeu Marc, inspirando fundo e compartilhando um momento de nostalgia com o avô. – Eu sempre tentava superá-lo.

O avô deu uma risada breve, com um movimento negativo de cabeça.

– Ficava tão ansioso, que chegava a cair na água. Demorou muito para aprender que a pescaria exige paciência.

– Sim, tem razão.

Segurando nos braços da cadeira, o avô permaneceu calado por algum tempo.

– Quando vai me levar de volta para a casa de repouso?

Marc sentiu uma pontada de dor no peito.

– Não voltará para lá. Ficaré aqui até que eu encontre um lugar melhor para você. E prometo que será bem melhor.

O idoso anuiu.

– Espero que sim.

Marc não esperava. Faria com que fosse melhor.

No dia seguinte, entre os cuidados e as caminhadas com o avô, Marc providenciou cuidadores em tempo integral e começou a procurar outras casas de repouso.

Teve de continuar a busca durante a quinta e a sexta-feira no trabalho e, apesar de estar com muita saudade de Jenny, sabia que não teria oportunidade de vê-la.

JENNY INTERPRETOU aquele silêncio como desprezo. Na noite de sexta-feira, colocou no DVD o musical *Oklahoma!*, estourou pipocas no micro-ondas e preparou um tabuleiro de brownies que planejava ingerir sozinha.

Uma batida na porta fez seu coração quase saltar pela boca. Esperando encontrar Marc, apressou-se a atender, mas se deparou com Chad.

– Jenny, Jenny, o que está acontecendo? Tem estado muito ocupada. Vim visitá-la no fim de semana passado, mas não a encontrei. Está tendo vida social? Deveria me deixar a par de seus planos, para que eu não fique arrasado quando não conseguir encontrá-la. – O amigo farejou o ar. – Pipoca? Chocolate? Estava esperando algo mais substancial, mas... – Ele relanceou o olhar à televisão. – Uh-oh. *Oklahoma!* Deve estar deprimida.

– Relaxe – disse ela. – E entre. Tenho alguns restos de frango na geladeira, se quiser.

Chad pegou um punhado de pipocas, antes de se encaminhar à geladeira.

– Hummm. Que molho é esse?

– É de frango polinésio.

– Parece ótimo – retrucou Chad, transferindo o prato que estava na geladeira para o micro-ondas. – Por que está deprimida?

– Não estou de fato deprimida – respondeu Jenny, sem conseguir encarar a expressão de completa incredulidade do amigo. – Está bem, estou mesmo

chateada com um assunto, mas prefiro esquecer esse problema na comida.

– Como quiser – disse Chad, inclinando-se contra a bancada. – Por onde tem andado?

– Minha carga de trabalho aumentou.

– Uh-huh, e...?

– E viajei para Cancún na semana passada. – Jenny não conseguiu resistir e contou.

Os olhos escuros de Chad quase saltaram para fora das órbitas.

– Sua bruxa! E não me levou?

Jenny revirou os olhos.

– Na verdade, não fui eu quem me levei, e sim meu chefe. Nossa empresa nos levou. – Jenny fez uma pausa. – Ou ambos.

Chad arqueou as sobrancelhas.

– Ohh! Então conseguiu ir para a cama com o homem dos seus sonhos. E como estão as coisas? Quentes e animadas?

Jenny fez que não com a cabeça.

– É um relacionamento sem compromisso.

– E é por isso que está assistindo *Oklahoma!*? – arriscou o amigo, retirando o prato de frango do micro-ondas. – Onde estão os drinques?

– Se eu começar a fazer drinques, virarei uma alcoólatra em um piscar de olhos.

Chad deu de ombros.

– Está bem, então eu os farei. Abacaxi com baunilha está bem para você?

Com a facilidade de um homem que passara muito tempo naquela cozinha, Chad pegou a coqueteleira e misturou os ingredientes. Em seguida, comeu algumas colheradas do frango e executou passos de salsa enquanto agitava os drinques. Após dispô-lo em um copo, o provou.

– Os mais velhos primeiro – disse ele. – Este é para você.

– Não estou precisando de um drink.

– Não, não. Eu insisto – disse Chad, com um sorriso malicioso. – Sou tão charmoso que tenho certeza de que se esqueceu, mas foi você quem forneceu a vodca etc.

Jenny não conseguiu conter um sorriso, enquanto ele repetia os passos de dança e entregava o drink.

– Delicioso – elogiou, após tomar um gole. – Vou levar o meu para a sala de televisão.

– Eu farei companhia e ambos babaremos diante de Gordon MacRae.

Jenny o olhou de relance.

– Gosta de Gordon MacRae?

Chad anuiu.

– Não é o meu preferido, mas gosto da história sentimentalóide e das músicas. E daquela mulher que não sabe dizer não – acrescentou Jenny.

– O nome dela é Ado Annie – disse o amigo. – Assistimos a esse filme juntos depois que você terminou com aquele idiota alguns anos atrás.

– Rob – disse Jenny, lembrando do contador taciturno que queria amarrá-la e espancá-la.

– Então, brigou com o homem dos seus sonhos? – Jenny respondeu com um movimento negativo da cabeça, enquanto colocava um punhado de pipocas na boca. – Então, por que está assistindo *Oklahoma!*?

– Eu disse que gosto de *Oklaho...*

– Jenny! – disse Chad em um tom de reprovação.

– Está bem – concedeu ela com um suspiro profundo. – Tivemos dias maravilhosos em Cancún. Não queria que terminassem e acho que ele também não, mas desde então Marc não me ligou mais.

– Uau! Essa doeu. – Chad colocou um pouco de pipocas no prato. – Acha que ele só quis se divertir um pouco e nada mais?

Jenny sentiu uma pontada de dor no peito e tomou outro gole do drinque.

– Não sei. Talvez. – Torceu o nariz. – Essa situação meio que me faz sentir como lixo. – Ela suspirou. – Talvez devesse me contentar com o fato de ter viajado para Cancún.

Chad concordou com um gesto de cabeça.

– Melhor do que *Oklahoma!*.

QUANDO JENNY chegou ao trabalho na terça-feira, havia decidido que seu ardente caso de amor tinha chegado ao fim. Era doloroso, mas estava decidida a se manter focada. Planejava se afogar em chocolate e ver *Oklahoma!* até gastar o DVD e não conseguir mais olhar para os personagens.

Portanto, naquela manhã, só estava conseguindo desenhar sapatos de deusa irritada, com saltos que mais pareciam adagas letais. Marc era um idiota, disse a si mesma. Era óbvio que aquele homem tinha problemas no departamento de laços afetivos e não devia mais pensar nele.

Continue repetindo isso, garota, e talvez acabe acreditando.

Não importava que tivesse vislumbrado traços de ternura e bom humor sob aquela carapaça impenetrável. Talvez a realidade tivesse sido distorcida pelo desejo ou fosse obra de sua mente criativa.

Recompondo-se, colocou duas embalagens extras de pastilhas de chocolate com menta na bolsa, recolheu o notebook e se encaminhou ao escritório de Marc.

A secretária a cumprimentou.

– Olá, Jenny. Faz algum tempo que não a vejo, com exceção, é claro, do reality show de Brooke. Está fazendo um excelente trabalho e ouvi dizer que estão todos eufóricos com os índices de audiência.

– Foi isso que ouvi, também – retrucou Jenny. – É um pouco estranho ser reconhecida por pessoas que você nunca viu, embora só tenha acontecido duas vezes até agora.

– O que sua família está achando?

Jenny revirou os olhos.

– Acho que eles nem sabem da existência desse programa. Não é o tipo de coisa que costumam assistir.

– Terá de gravá-lo e mostrar a eles como seu filme especial de Natal.

Jenny sorriu.

– Pensarei no assunto.

– Avisarei a Marc que você está aqui.

– O restante do pessoal já chegou para a reunião? – perguntou Jenny, não querendo ficar a sós com Marc se pudesse evitar.

– Será apenas Trina e você. Tenho certeza de que ela chegará a qualquer minuto – disse ela, erguendo o fone para anunciá-la. – Marc disse para você entrar.

Jenny abriu a porta e o encontrou ao telefone.

– Sra. Lindstrom, pensei que tivesse dito que aquelas pessoas eram treinadas para trabalhar com idosos. Retirei meu avô da casa de repouso onde ele estava porque os profissionais daquela instituição o amarraram com tanta força que causaram hematomas. É natural que ele esteja confuso.

O coração de Jenny pareceu parar de bater diante daquelas palavras e ela o observou, chocada. Marc tinha uma aparência cansada, com a barba por fazer e círculos escuros sob os olhos. Então, havia sido por isso que ele não telefonara. Uma onda de alívio misturada com desapontamento a invadiu. Gostaria que Marc tivesse sentido necessidade de ligar para ela.

Gesticulando com uma das mãos, ele a saudou e a mandou fechar a porta.

– Entendi que ele retirou três portas do lugar e isso pode ter sido estressante para o cuidador que a senhora enviou, mas nem sempre meu avô faz coisas perigosas. Basta os cuidadores o levarem para passear. Ele adora caminhar. – Jenny observou os músculos da mandíbula bem marcada se contraírem, enquanto Marc escutava a pessoa do outro lado da linha. – Estou pagando uma quantia absurda para que esse serviço seja ininterrupto. Tenho reuniões depois das... por que ela tem de sair antes do final do plantão? – perguntou ele, a exasperação tornando o tom de voz áspero. – Se ela tem problemas no joelho, não deveria estar fazendo esse tipo de trabalho. Sra. Lindstrom, espero que forneça outro cuidador para substituí-la. – Marc fez outra pausa e suspirou, cansado. – No futuro, espero que seja capaz de fornecer um cuidador substituto quando um deles não for capaz de cumprir com suas obrigações. Até logo.

Após desligar, ele fechou os olhos. Era quase possível visualizar a fumaça se desprendendo do crânio de Marc. Inspirando fundo, ele a encarou.

– Preciso cancelar minhas reuniões de hoje. Tenho de voltar para casa e ficar com meu avô até o cuidador da tarde chegar.

– Espere – disse ela, quando Marc esticou a mão para pegar o interfone. – Por que não me conta o que está acontecendo?

Marc a encarou com olhar confuso.

– Isso não é problema seu. Acabamos de chegar de uma viagem maravilhosa a Cancún. Não quero estragar tudo.

Algo dentro de Jenny relaxou ao mesmo tempo que ela lutava contra uma pontada de frustração.

– Acha que não me telefonar me fará ter arrepios de prazer?

Marc xingou baixo quando as palavras penetraram a mente.

– Não pensou que... – Ele se calou. – O que pensou?

– Algo nada agradável.

Com um suspiro pesado, Marc contornou a mesa.

– Não tive um minuto de sossego desde que voltei. Quis telefonar uma dúzia de vezes, mas precisava de uma luz no fim do túnel nessa situação com meu avô.

Marc a puxou contra o corpo e ela sentiu as batidas fortes do coração contra o ouvido.

– Desculpe. Você é como um colírio para os olhos.

Jenny envolveu o torso dele em um abraço apertado, porque se havia um momento em que ele precisava de um abraço daquele. No mesmo instante percebeu a tensão dos músculos rígidos ceder um pouco. Meia dúzia de emoções entraram em conflito no íntimo de Jenny, mas todas foram suplantadas pela necessidade de ajudá-lo.

– Deixe-me tomar conta dele esta tarde – ofereceu ela, recuando alguns centímetros.

Marc a olhou, surpreso, e fez um movimento negativo com a cabeça.

– Não. Não posso permitir que faça isso.

– Por que não?

– Não é um problema seu.

Era óbvio que Marc achava que deveria arcar com aquela responsabilidade sozinho.

Jenny massageou seus ombros.

– Você tem ombros lindos, entre outras coisas, mas não tem de sobrecarregá-los com tantas responsabilidades.

– Sim, tenho – retrucou ele. – Não posso contar com mais ninguém para isso.

– Espere. Acabei de me oferecer para ajudá-lo.

– Você não é parente dele. O problema não é...

– Não, mas sou sua amiga – retrucou Jenny. – Ao menos, gosto de pensar que sou. Não tem de arcar com essa responsabilidade sozinho, nem ser tão inflexível. Podemos dividi-la.

Marc estacou, com os lábios curvados em um meio sorriso.

– Deus, senti sua falta, mas não posso deixá-la fazer isso.

– Sim, pode. E deveria. Não tenho nada de urgente para fazer hoje, além desta reunião – e acrescentou com um sorriso. – E meus joelhos são ótimos.

Seguindo o endereço que Marc dera, Jenny passou pelo porteiro do prédio onde ele morava, no momento em que a cuidadora estava saindo.

– Você que tome conta dele – disse a mulher gorda, de meia-idade, atirando as mãos para o alto. – Não consigo lidar com esse homem.

Jenny teve a primeira visão da casa de Marc. A despeito da decoração soberba e extremo conforto, faltava algo àquele lugar, embora não conseguisse definir o quê. Gostaria de dispor de tempo para analisar com mais calma, mas suspeitava que seria melhor se encontrar com o avô dele. Ela o encontrou nos fundos da casa, trabalhando em uma porta. Era um

homem alto, com o cabelo da cor da neve. A concentração na tarefa que executava causava uma ruga profunda entre as sobrancelhas.

– Sr. Waterson, sou Jenny Prillaman, amiga de Marc.

O idoso girou para fitá-la com olhos que lembravam os do neto. Os dele eram mais brandos, mas podia apostar que um dia haviam sido aguçados como uma lâmina.

– Você é ainda mais franzina do que aquela última.

– Obrigada. O senhor também não está nada mal. Está tendo um dia de trabalho árduo – acrescentou ela, gesticulando com a cabeça para a porta em que ele trabalhava.

O sr. Waterson anuiu.

– Nenhuma dessas portas fecha bem. Precisam de ajustes.

– Ah, bem, estava pensando em convidá-lo a caminhar comigo. Poderia me mostrar como colocar as portas de volta, antes de sairmos?

– Claro que sim – respondeu o idoso, explicando o processo de colocar as dobradiças e fixar as portas no lugar.

– Está ótima – disse Jenny, empurrando a porta. – Não está rangendo e desliza bem. Onde estão as outras?

– Tem mais duas – respondeu o sr. Waterson e Jenny o ajudou com o mesmo processo.

– Bom trabalho! – exclamou ela. – Tenho um suéter. Precisa de um?

– Boa ideia. Está esfriando lá fora por causa da primavera.

Jenny percebeu a confusão, mas não o corrigiu. Em vez disso, ofereceu-lhe o braço.

– Está ventando hoje.

– Sim, mas é bom sair um pouco. Não costumo passear como antigamente.

– Marc vai corrigir isso.

O sr. Waterson anuiu.

– Você é a namorada dele?

Jenny hesitou, imaginando se o senhor estava apenas arriscando um palpite ou se percebera algo.

– Somos amigos.

– É bom ter amigos – disse ele. – E ter uma mulher, também. Vivo repetindo isso para o meu neto, mas ele não me dá ouvidos.

– Às vezes, é difícil encontrar a pessoa certa.

– Às vezes, você tem de ser a pessoa certa e manter os olhos abertos.

– Tem razão. Era a pessoa certa quando conheceu sua esposa?

O sr. Waterson soltou uma risada.

– Diabos, não! Minha esposa se casou comigo mesmo depois de o pai a proibir de me ver. Talvez essa tenha sido a razão que a levou a me escolher. Era insubordinada, mas iluminou cada dia da minha existência enquanto viveu.

– E sente saudades dela – disse Jenny, contraindo o braço contra o dele.

– Claro que sim. Mas tenho lembranças inebriantes para me fazer companhia.

– Importa-se em dividir algumas comigo?

O sr. Waterson dirigiu um olhar cético.

– Acha que se interessaria por histórias de um velho tolo?

– Talvez não o considere um velho tolo – retrucou ela. – E aposto que suas histórias são bem interessantes.

MARC CHEGOU em casa pouco antes das 18h e encontrou o cuidador da tarde sentado no sofá, vendo televisão.

– Onde está meu avô?

– Oi, sou Jon – disse o homem se erguendo do sofá e estendendo a mão para cumprimentá-lo. – A mulher que estava fazendo companhia para ele quando cheguei o levou para jantar fora.

Marc pestanejou várias vezes.

– Para onde ela o levou?

– Ela disse que encontraria uma lanchonete para levá-lo e os dois partiram. – Jon conferiu a hora no relógio de pulso. – Os dois não devem demorar. A mulher disse que queria evitar a hora do rush.

Marc pousou a maleta com o laptop na mesa de centro e pressionou a mão contra a testa. Não sabia se havia sido uma boa ideia levar o avô para passear naquele carro velho. E se ela batesse com o veículo? E se o avô caísse? E se...

Jon, um homem de aparência tranquila, no viço de seus 20 e poucos anos, enfiou as mãos nos bolsos.

– Algum problema em permitir que ela o levasse para jantar? Quero dizer, ela parecia saber o que estava fazendo e não precisou obrigá-lo.

Marc podia imaginar o quanto a companhia de Jenny agradara o avô. Diabos, ele também adoraria desfrutar de alguns minutos ao lado dela.

– Não, tenho certeza de que tudo ficará bem. – Marc pigarreou. – Vou lá para cima trocar de roupa.

– Legal – respondeu Jo.

– Legal – repetiu Marc, sentindo-se um ancião. Quando estava vestindo o jeans, ouviu vozes no saguão. O avô gargalhava com Jenny. O som o fez sentir um aperto no peito. Era felicidade pura depois de ter ficado triste e abatido alguns dias. Apressado, Marc vestiu o suéter e desceu a escada.

Jenny e o avô ergueram o olhar na direção dele. Ela se encontrava rubra pelo ar frio. O cabelo cascadeava em um sutil desalinho sobre os ombros.

A aparência do avô estava luminosa.

– Perdeu um excelente jantar. Sanduíche de salada de peru com purê de batatas, molho de carne e uma pitada de molho de cranberry.

Marc sentiu o estômago roncar, lembrando-o de que não havia almoçado e ainda não jantara. Podia quase sentir o cheiro da comida que o avô descrevia.

– Acho que perdi.

Jenny balançou um dedo na direção do avô, e falou em tom de brincadeira.

– Você é maroto. E aposto que sempre foi. – Girou na direção de Marc e mostrou uma grande sacola. – Trouxe comida para você e Jon.

– Para mim, também? – exclamou o cuidador, admirado. – E eu pensei que teria de suplicar por um sanduíche de manteiga de amendoim.

Marc a observou levar a sacola de comida para a cozinha, enquanto conversava animada com o avô e Jon. Ambos competiam pela atenção de Jenny. Sentiu uma sensação estranha que nada tinha a ver com o estômago vazio. Ao menos não se relacionava à fome de comida. Não conseguira desfrutar de mais do que cinco minutos a sós com Jenny desde que voltaram de Cancún e, embora ela estivesse em sua casa, a menos de seis metros de distância, sentia sua falta.

Com um movimento negativo de cabeça, xingou baixinho. Aquilo era muito estranho. O que havia de errado com ele? Talvez necessitasse apenas de se alimentar. Ou talvez precisasse de mais do que cinco minutos com Jenny.

Com passos lentos, acabou de descer a escada e se encaminhou à cozinha. Jon estava devorando a comida direto da embalagem de plástico. Jenny retirou outra refeição da sacola e olhou para Marc.

– Quer que eu sirva em um prato, para que se pareça com uma refeição de verdade?

Marc fez que não com a cabeça.

– Comerei daqui a pouco. Preciso discutir alguns trabalhos com você. Poderia me acompanhar em uma caminhada?

– Claro – retrucou ela. – Rapazes, vejo-os outra hora. Adorei conhecê-lo, sr. Waterson. – Jenny o beijou no rosto.

– O prazer foi todo meu – respondeu o avô de Marc. – Venha me visitar sempre que quiser.

Marc pegou uma jaqueta do armário do corredor e liderou o caminho na direção da porta.

– Acho que meu avô se apaixonou por você.

Jenny deu uma risada.

– Oh, não. Ele ainda ama perdidamente sua avó. A questão é que ele adora sair, contar histórias e se manter ocupado.

– Como solucionou o problema das portas?

– Pedi para ele me mostrar como colocá-las de volta.

– Ótimo.

– O que queria conversar sobre o trabalho? – perguntou Jenny.

Marc entreabriu os lábios na intenção de inventar um assunto qualquer, mas de repente decidiu optar pela verdade.

– Nada. Queria ficar a sós com você.

A confissão a fez estacar e olhar para ele. Em seguida, deu uma palmada leve no braço de Marc.

– Pare com isso. Assim vou acabar achando que gosta de mim.

Dando uma risada, Marc a puxou contra o corpo.

– Eu gosto, portanto, terá que se acostumar. Gosto muito de você.

– Acho que sempre gostou – retrucou ela, em tom insolente. – Mas não gostava de gostar de mim.

– É verdade – concordou Marc, porque ela ainda não se encaixava em seu grande plano. No entanto, estava começando a duvidar que o projeto da esposa perfeita sairia como o previsto. Às vezes, até mesmo os melhores planejadores empresariais eram obrigados a recuar e optar por outro tipo de estratégia. Gino teria uma síncope, mas acabaria superando o fracasso.

– Ficou calado de repente.

– Estava apenas pensando.

– Não parece estar dando muito certo – disse Jenny. – Talvez devesse parar.

– Parar de fazer o quê?

– Pensar – respondeu ela, com um sorriso, erguendo-se nas pontas dos pés para roçar os lábios aos dele.

Segurando-a pelos braços, antes que Jenny pudesse recuar, ele aprofundou o beijo. A fragrância frutada do xampu dela invadiu as narinas de Marc e o fez ansiar por se afogar naquela mulher. Jenny tinha o sabor de pastilhas de chocolate com menta e era macia, doce e sexy ao toque. Ela o fazia se sentir seguro de uma forma que nunca experimentara. Mas não precisava de segurança porque sempre tinha um plano. Era um homem visionário, com habilidade para levar um projeto do ponto A ao ponto Z.

Os dois não podiam combinar menos. Considerava-se um homem com os pés no chão e Jenny era uma fada, munida de pastilhas de chocolate e um jeito singular de ver o mundo.

O desejo avassalador que sentia por ela era como uma faca no peito.

– Preciso ficar a sós com você – sussurrou ele.

Jenny recuou alguns centímetros.

– Estamos sozinhos.

– Não o suficiente – rebateu Marc, puxando-a.

– O que estamos fazendo?

– Vamos para o seu carro.

– Meu carro? – perguntou Jenny, surpresa. – Vamos transar no meu carro?

Marc deu uma risada insana.

– Não me tente. Sou um homem impetuoso.

– Oh! – exclamou Jenny, com um misto de curiosidade e expectativa. – Seria interessante – acrescentou, destrancando o carro e sentando atrás do volante. Marc se acomodou no banco do carona.

– Vamos dar uma volta – sugeriu ele.

– Tem certeza de que pode deixar o seu avô?

– Jon está aqui. Acho que é capaz de controlá-lo por alguns minutos. Conheço um lugar ótimo. Vire à esquerda e siga em frente.

– Está bem – concordou ela, dando partida no carro. Chegaram a um caminho sem saída na estrada que dava vista para um lago.

– Que vista bonita – disse Jenny, observando a paisagem tranquila e isolada. Quando olhou na direção de Marc, ele esticou a mão e desatou o

cinto de segurança dela. A intensidade naqueles olhos escuros a deixou nervosa. Não sabia se estava preparada para uma sessão de sexo selvagem no exíguo confinamento do veículo. Mesmo com Marc.

– Foi uma semana infernal – disse ele, enquanto a sentava sobre o seu colo.

Jenny ergueu uma das mãos para acariciar o cabelo anelado.

– Sim, foi. Imagino que conseguir um lugar adequado para o seu avô deve estar sendo bem difícil.

– Sem dúvida. Ele levou muito tempo para se recuperar da fratura na bacia. Não quero que isso se repita.

– Quer mantê-lo em uma redoma de vidro para que nada de mal aconteça outra vez. Quer protegê-lo. – Marc anuiu. – De certo modo, por ele ser a única parte do seu pai que restou – disse Jenny do modo mais suave possível.

Marc a fitou por um longo instante.

– Talvez.

– Não sei que tipo de sistema está planejando para o seu avô, mas ele quer um pouco de atividade. Por isso estava removendo as portas. Seu avô precisa fazer viagens ao campo, atividades ao ar livre. Não quer ficar sentado.

– Quando penso sobre isso, vejo que ele deve ter se sentido como um animal enjaulado na casa de repouso. Ele sempre falava em pesca. Percebi que ele queria pescar, mas fico aterrorizado só de pensar que ele pode cair de novo. – A admissão do pavor a pegou de surpresa e deixou o coração apertado. Marc fez um movimento negativo com a cabeça. – Tenho duas opções de lugares onde ele pode ficar. Um deles é semelhante ao que ele estava. O outro oferece as atividades a que você está se referindo, mas aumenta o risco.

– Não sei quando, mas um dia seu avô falecerá. É o destino de todos nós. Se fosse ele, onde acha que seria mais feliz?

Marc inclinou a cabeça para um dos lados.

– Se pensar por esse ângulo, a escolha é muito clara.

– Às vezes, é difícil ser um neto responsável e zeloso, certo?

– Muito mais do que encarar o conselho administrativo da Bellagio e, acredite, não é nada agradável.

– Bem, você é um excelente neto.

Marc fez que não com a cabeça.

- Não tenho tanta certeza. Veja o que acabou de acontecer.
- Não pode controlar tudo.
- Tem razão. Se eu pudesse controlar tudo, estaríamos fazendo amor agora.

Marc inclinou a cabeça para beijá-la e ela sentiu o coração disparar. Havia algo diferente na forma como Marc a tocava e falava com ela naquela noite. Não se tratava apenas de diversão e sexo. Seria capaz de jurar que ele derrubara algumas barreiras e, por mais estranho que pudesse parecer, aquela mudança a deixou vulnerável. Era mais difícil manter a superficialidade quando Marc dividia com ela uma parte de si.

Confusa, Jenny recuou.

- Quebrou algumas de suas regras comigo.

Marc anuiu.

- Há uma regra sobre regras.

Jenny não conseguiu conter uma risada.

- É mesmo? Qual?

- Quando há muitas exceções, está na hora de mudar a regra.

Jenny refletiu sobre aquelas palavras por um instante.

- Então, o que isso significa para nós?

- Novas regras – respondeu ele, pressionando os lábios ao pescoço macio.

Jenny sentiu o calor e o desejo. Ele não a queria mais somente para sexo. Não estava apenas tentando se satisfazer. Na verdade, agia como se desejasse exatamente o contrário. Podia sentir a urgência e aquilo a deixou zonga. O coração parecia querer explodir para fora do peito.

- E quais são as novas regras?

Marc roçou os dedos de leve sobre o seio firme, fazendo o mamilo enrijecer em resposta.

- Isso vai levar algum tempo. Tentei me saciar de você, mas acho que ainda falta muito para isso acontecer. Muito, muito tempo.

Jenny percebeu o desejo intenso nos olhos dele e teve a impressão de estar seguindo por uma estrada de terra, por onde percorreria um caminho acidentado.

CAPÍTULO 19

MARC LANÇOU mão de todos os contatos que possuía para colocar o avô em um novo complexo de instalações para idosos com cuidados personalizados. Em vez de ficar confinado a um quarto, ele moraria em uma suíte de três cômodos, sendo assistido por um cuidador exclusivo que o levaria para “passeios no campo”, como Jenny dizia, algumas vezes durante o dia. Poderia optar por fazer as refeições em três refeitórios diferentes ou recebê-las na própria suíte. O complexo ficava situado próximo a um campo de golfe e havia até mesmo um lago para pescar.

O custo era astronômico, mas o lugar inspirava confiança. Sim, o avô poderia cair ou ter um acidente, mas, como Jenny dissera, isso poderia acontecer em qualquer lugar.

Após Gino ajudá-lo com a mudança do avô, os dois se reuniram na casa de Marc para tomar uma cerveja e assistir a um filme da série 007. No momento, observavam a cena em que Pierce Brosnan beijava uma morena e matava um bandido ao mesmo tempo.

– Sabe de uma coisa? Alguém deveria criar um curso de formação de James Bond. Aposto que ficaria rico – disse Gino.

– Bond conta com um aparato absurdamente caro. Os dispositivos, os carros que utiliza – retrucou Marc, torcendo os lábios. – Um bom maquiador e um escritor para inventar suas tiradas inteligentes.

– Sim, e nunca tem de pegar a própria cerveja – acrescentou Gino.

– Dry Martini – corrigiu Marc.

– Mexido, não batido. – Os dois disseram em uníssono, terminando em uma gargalhada.

– Sim, é verdade. Bem, por falar em um cara comum, agora que teve sua cota da mulher misteriosa e colocou o sr. Waterson em um lugar decente, deveria voltar a se dedicar à busca pela esposa perfeita. Tenho três belezuras reservadas para você – disse o amigo. Marc esperou por um lampejo de interesse que o trio de Gino pudesse despertar, mas não conseguiu sequer se sentir curioso. Nos últimos dias, tinha a impressão de remar contra a maré quando se tratava de ter um tempo a sós com Jenny. Na verdade, tão logo o amigo terminasse aquela cerveja, planejava despachá-lo para se encontrar com ela. Gino o fitou com a testa franzida. – Esperava um pouco mais de entusiasmo de sua parte. É só me dizer que está apenas cansado por resolver essa situação com seu avô, mas que dentro de alguns dias voltará à ativa.

Marc tomou um grande gole da cerveja.

– Quando isso acontecer, não será com esse seu trio – respondeu.

Gino fechou os olhos, gesticulando a cabeça em negativa.

– Oh, não! A mulher misteriosa. Não percebe? O segredo é o que ela tem que o excita e não a mulher em si.

Marc fez que não com cabeça.

– Acho que não. Gosto da companhia dela e não apenas do sexo. – “Gosto” era um eufemismo, visto que a palavra correta seria “anseio”.

– E quanto ao nosso plano?

– Teremos de adiá-lo. Eu o avisarei quando me cansar de... – Marc se calou. – Dela.

– Ao menos me diga como ela é. É uma sereia? – perguntou ele.

– Para mim, sim. Mas não sei se concordaria.

Gino pareceu ofendido.

– Por que não? Sou um cara evoluído, não importa o que minha esposa diga.

Marc deu uma risada baixa.

– Ela é uma mulher real. Do tipo que dá uma pastilha de chocolate com menta quando você está com problemas. Sabe tirar o melhor proveito de uma situação ruim. É profunda conhecedora das pessoas e tem um coração de ouro. – E apostava que Jenny superava todas as garotas de Bond na cama.

Gino fez um movimento negativo com a cabeça.

– Você precisava se ouvir. Está falando como se recitasse um daqueles cartões comemorativos. Isso não é bom, cara. Estou avisando. Não é nada

bom.

MARC HAVIA dito que tinha novidades. Jenny imaginava o que poderia ser, quando Cynthia acenou para que ela entrasse no escritório da vice-presidência, enquanto falava ao telefone. Agradecendo com um gesto de cabeça, ela abriu a porta. Marc se ergueu e gesticulou para que ela se sentasse na cadeira de frente para a mesa.

A simples visão de Marc fez sua pulsação acelerar. Vendo-o naquele ambiente, era difícil acreditar que aquele era o homem que dançara nu com ela, dias atrás. Ele trajava um terno preto com camisa branca engomada e uma gravata preta rajada de vermelho. Jenny não conseguiu conter um suspiro. O modo como ficava em um terno poderia ser considerado criminoso.

– Olá. Como você está? – perguntou ela.

– Ocupado, mas estou bem. E você?

– Ótima – respondeu Jenny. – Principalmente agora. – Não resistiu em acrescentar.

Por algumas frações de segundo, percebeu um brilho sensual aquecer aqueles olhos, mas logo Marc se tornou sério.

– Eu a chamei aqui porque, após algumas reuniões com o Departamento de Marketing nas últimas semanas, levei ao conselho administrativo a proposta de lançar uma nova linha de sapatos assinada por você. Eles não aceitaram.

Embora soubesse que havia uma chance em um milhão de conseguir a própria coleção, Jenny não conseguiu evitar uma pontada de desapontamento.

– Oh!

– Mas concordaram em lançar dois de seus desenhos como uma derivação da linha de Sal, no próximo ano. Serão assinados por Sal, mas também ostentarão um “J” que significará o toque jovial que você emprestará à linha. Dessa forma, seus sapatos terão a força do nome Sal e ao mesmo tempo serão apresentados como “J”.

O choque a deixou paralisada. Jenny não conseguia pensar no que dizer, mas percebia que ele esperava uma resposta. Ainda estava processando a informação. Teria Marc de fato dito que... a mente imergiu em um branco.

– Eu... uh... eu... – Ela pigarreou. – Poderia repetir o que disse? Acho que não ouvi direito.

Marc sorriu.

– Você não receberá uma linha exclusiva, mas conseguiu uma oportunidade ótima. Seus sapatos chegarão ao mercado ostentando a inicial “J”, de Jenny.

– Tem certeza? – perguntou ela, incrédula. – Tem certeza de que eles concordaram? O Departamento de Marketing não rejeitou a ideia? – Jenny fez um movimento negativo com a cabeça. – Tem certeza?

– Claro que tenho. Os modelos para o casamento de Brooke geraram muito interesse. As pessoas estão enviando e-mails para as estações de rádio e televisão perguntando onde podem encontrar sapatos como os de Brooke. Querem até mesmo aqueles que ela rejeitou. – Marc se inclinou para a frente. – Eu disse que foi você quem desenhou e eles quiseram aproveitar a exposição na mídia que estamos tendo com o casamento de Brooke.

Quando o entusiasmo sobrepujou o choque que a paralisava, Jenny se ergueu da cadeira.

– Ó meu Deus! Está mesmo falando sério. Meus desenhos ostentarão a inicial do meu nome. Não sei como agradecer. Nunca esperei que isso acontecesse.

– Você mereceu – retrucou Marc, erguendo-se também. – Por seu trabalho junto a Sal e Brooke. – Os lábios sensuais se curvaram em um meio sorriso. – Não sei por que está tão surpresa. Com a formação e o treinamento que possuí, deveria esperar que algo assim acontecesse um dia.

Formação. Treinamento. O coração de Jenny pareceu descer para os pés. Oh, não! Não tinha a formação a que ele estava se referindo. E seu treinamento se limitava a anos de esboços descompromissados.

Uma leve onda de náusea a atingiu. O sentimento de culpa a corroeu por dentro. Marc colocara a própria reputação em jogo. Por uma farsa. Sentia-se como alguém que tivesse se acostumado a viver no paraíso e agora recebia a visita da serpente. Mas fora ela que criara aquela víbora. Com a ajuda de Sal, lembrou a si mesma, tentando abrandar a parcela de culpa que oprimia o peito. Mas ela poderia ter desfeito aquele mal-entendido há dois meses. E podia fazê-lo agora. Sim, tinha de desfazê-lo naquele momento. E dar adeus a uma oportunidade única.

A náusea de Jenny se intensificou. Por que uma escolha tinha de ser tão difícil?

Fechou os olhos, tentando encontrar forças em seu íntimo. A verdade ou a mentira? Qual triunfaria?

Jenny descerrou as pálpebras para encontrar o olhar de Marc.

– Tenho algo a dizer.

E o telefone de Marc tocou.

– Só um segundo – retrucou ele, erguendo o fone. – Sim – atendeu. – Uh-huh. Cuidarei disso.

Marc se ergueu e contornou a mesa.

– Quero comemorar com você. Mais tarde – disse ele, com um milhão de promessas no olhar, enquanto passava uma das mãos pela lateral do braço de Jenny. – Mas tenho uma teleconferência com Alfredo Bellagio, portanto, preciso ir. O CEO não espera por ninguém – acrescentou com um sorriso destituído de humor.

Sem saber se devia se sentir aliviada ou frustrada, ela se limitou a concordar.

– Entendo. É que... – E dando de ombros. – Obrigada por tudo que fez por mim.

Marc a puxou contra o corpo.

– Você mereceu, querida – respondeu, antes de capturar seus lábios com um beijo que a fez acreditar em contos de fadas.

CAPÍTULO 20

JENNY SE encontrou com Chad e Liz, uma amiga antiga, no domingo para uma comemoração tardia do aniversário de Liz, no apartamento de Anna.

– Mimosas de champanhe com morangos e a torta salgada de ovo com salsicha e queijo de Anna. O que poderia ser melhor! – disse Liz, enquanto tomava um gole do segundo drinque e conversava sobre a última viagem que fizera. – Foi fabulosa. Gostaria de ter levado todos vocês comigo.

– Nós também – retrucou Chad. – Da próxima vez, deve me levar para que eu torne tudo mais fácil. Posso fingir que falo três idiomas.

Liz estalou a língua e atirou o cabelo para trás dos ombros.

– Querido, nunca ouviu falar que a língua mundial é o dinheiro? – E com expressão amuada, acrescentou: – Além do mais, estou arrasada. Nenhum de vocês comentou sobre minha nova aquisição. – Ela ergueu uma das mãos, exibindo o anel de diamante amarelo.

– Querida, ultimamente você tem comprado tantos, que é difícil saber qual deles é novidade – retrucou Chad, segurando-lhe a mão para estudar a joia. – Platina?

– Claro. Frank o comprou para me dar de aniversário.

– É lindo! – disse Jenny. – O quanto tem de treinar para conseguir erguer as mãos com uma pedra desse tamanho no dedo?

Liz adejou os cílios e sorriu.

– Você sempre tem a coisa certa a dizer. – Agitou as mãos. – Mas basta de falarmos sobre mim. Contem-me o que está acontecendo com vocês.

– Acabei de conseguir o cargo de gerente assistente em um restaurante em Buckhead – disse Chad.

O queixo de Jenny pareceu despencar.

– Não sabia disso. Por que não me contou?

– Foi na quinta-feira. – O amigo arqueou as sobrancelhas. – E ultimamente você tem estado ocupada durante a noite. Há tempos que não me convida para jantar.

– Nunca precisou ser convidado para vir jantar aqui quase todas as noites. Simplesmente aparecia – retrucou Jenny, embora sentisse as bochechas do rosto queimarem, quando os três pares de olhos se fixaram nela.

– O que tem feito à noite? – perguntou Liz enquanto tomava um gole do drinque. – Oh, espere, a última vez em que conversamos disse-me que estava interessada em um homem. – Os olhos da amiga se arregalaram. – Talvez fosse mais adequado perguntar com quem está passando suas noites.

– Eu não preciso perguntar – disse Anna em um tom de voz baixo, com os lábios tremulando com o esforço de conter uma risada. – Já o conheci.

– É mesmo? – perguntou Liz. – E que tal? Ele é mesmo tão sexy assim?

– Muito – confirmou Anna, mordendo um dos muffins que Jenny preparara para a comemoração.

Desconfortável com a direção da conversa, Jenny decidiu mudar o foco.

– Por falar nisso, nossa Anna também tem estado muito ocupada ultimamente.

Liz ofegou e levou a mão ao peito.

– E eu que pensei que você nunca mais faria sexo.

– Baixe o tom de voz. Stella está na sala ao lado – Anna repreendeu a amiga, mordendo o lábio inferior em seguida. – Além disso, no momento as coisas estão meio frias com Justin.

– Por quê? – Jenny quis saber. – Ele parecia louco por você.

Anna deu de ombros.

– Talvez, não. Outra noite, tivemos uma discussão e ele não ficou nada satisfeito.

– Que tipo de discussão? – perguntou Liz. – Se está fazendo sexo com ele, o que Justin tem a reclamar?

Anna retorceu o guardanapo.

– Justin propôs que eu me mudasse para a casa dele.

– Uau! – disse Chad. – Está parecendo sério. Talvez não goste tanto dele assim.

– Gosto – retrucou Anna. – Mas tenho de manter um ambiente estável para Stella. E tem mais. Eu fiz um pedido estranho e acho que isso o aborreceu.

– Estranho? – repetiu Chad. – Nossa doce Anna fez um pedido estranho. O que diabos sugeriu? Práticas de sadomasoquismo...?

– Não – interrompeu Anna. – Apenas... estou com muito medo de engravidar outra vez.

– Foi para isso que inventaram a pílula – interveio Liz.

– Sim, mas demora um mês ou mais para que a pílula faça efeito, após o início do uso.

– Certo – concordou Liz, enquanto mordida uma uva.

– Então, pensei em usar uma proteção extra, se é que me entendem – disse Anna, constrangida.

Jenny alternou o olhar entre os outros dois amigos para ver se estavam acompanhando o raciocínio de Anna, mas se deparou com expressões confusas.

– Não entendi o que quer dizer com isso.

Anna deixou escapar um suspiro exasperado e baixou o tom de voz para um sussurro.

– Pedi para que ele usasse dois preservativos.

– Ó meu Deus! – exclamou Liz.

– Não é de se admirar que Justin tenha ficado chateado – opinou Chad.

Jenny mordeu o lábio inferior para suprimir uma risada, mas ao mesmo tempo lamentou por Anna. A amiga parecia mesmo consternada.

– Ora, o que mais poderia fazer?

– Há outros métodos – disse Jenny. – Poderia colocar um DIU ou usar a pílula e o preservativo. Um só – acrescentou.

Chad resfolegou.

– Sim, um já é demais.

Anna ficou em silêncio por alguns instantes e, em seguida, recomeçou a torcer o guardanapo.

– Terei de pensar no assunto.

– Sim, mas enquanto Anna pensa, gostaria de ouvir mais sobre o rei dos sapatos. Brooke Tarantino tem aparecido constantemente na mídia, com a aproximação do casamento. E ela a mencionou em um dos programas de rádio de que participou. Além disso, a vi no reality show de Brooke,

algumas semanas atrás – disse Chad. – Acho que está escondendo o jogo de nós.

– O casamento é na próxima semana. Eu e Frank fomos convidados.

Jenny anuiu, com um profundo suspiro.

– Marc tem sido maravilhoso – disse ela, sentindo outra pontada de dor no peito e empurrando o prato para o lado.

– Ele é tão bom assim na cama? – perguntou Liz.

– Não estou me referindo a esse aspecto. Ele sem sido simplesmente maravilhoso. E agora conseguiu uma oportunidade de ouro para mim na empresa. Mas ele não sabe de toda a verdade. Pensa que sou mais do que realmente sou e... – Jenny fechou os olhos e fez um movimento negativo com a cabeça. – É complicado. Não sei o que farei se Marc descobrir a verdade.

– Que verdade? Furtou alguma coisa dele? – perguntou Chad.

– Fez sexo com o melhor amigo dele? – questionou Liz.

– Não, não, não. Marc pensa que sou formada em Artes e eu não sou.

Chad resfolegou e pegou outro muffin.

– É só isso? Compre um diploma na internet.

Liz fez que não com a cabeça.

– Você me contou isso antes e eu mencionei o que Frank me falou sobre o princípio do “fingir até conseguir”. E ele sabe o que está dizendo, afinal está no mundo dos negócios há uma eternidade.

– Mas não consigo acreditar que Marc não ficará furioso quando descobrir. Acho que ele espera sinceridade de minha parte e se sentirá traído. – Jenny sentiu outro aperto no peito. – Fico pensando se não seria melhor contar logo.

– E perder a oportunidade? – Liz negou com um gesto veemente de cabeça. – É só protelar a verdade mais um pouco. Afinal, não está cometendo nenhum perjúrio. Conte uma pequena mentira para Frank, antes de nos casarmos.

– O que contou a ele?

– Que ele era meu primeiro homem.

Chad se engasgou com o muffin.

– E ele acreditou?

Liz arregalou os olhos em uma expressão de inocência.

– Claro que sim. Perguntei a ele se sempre doeria daquela forma ou se o desconforto estava sendo causado pelo fato de ele ser muito bem-dotado.

Apesar do sentimento de culpa que a corroía por dentro, Jenny não conteve uma risada.

– Você é diabólica.

– Um assassino em série é diabólico – corrigiu Liz. – Apenas gosto de fazer as pessoas felizes. Não deveria se preocupar com essa questão do diploma. Ninguém nunca saberá.

No SÁBADO seguinte, para o casamento de Brooke, Jenny colocou um vestido camisola cor-de-rosa de uma grife famosa, com um cardigã de crochê brilhante e sapatos Bellagio da mesma cor. O pessoal de relações públicas aprovou a escolha do traje. O cabelo e a maquiagem haviam sido feitos por profissionais contratados.

A notícia do iminente lançamento da linha que ostentaria sua inicial havia se espalhado pela empresa como fogo em palha seca e Jenny se descobriu sendo parabenizada a todo instante. Após cada congratulação, uma voz interna soprava ao ouvido *mentirosa, fraude*. O pessoal do Departamento de Relações Públicas passou um bom tempo a orientando sobre como proceder no casamento de Brooke e toda aquela comoção a incomodou. A noiva era a estrela. Por que alguém prestaria atenção nela?, imaginou Jenny enquanto ocupava um lugar no fundo da igreja, ao lado de Trina Roberts, do Departamento de Relações Públicas.

– Está deslumbrante – elogiou Trina.

– Sabe que tive ajuda para ficar assim – retrucou Jenny.

– Mas veja a matéria-prima que tinham nas mãos. Não poderia dar errado.

– Você é muito gentil, principalmente quando também está estonteante. – Jenny não conseguiu deixar de admirar o elegante vestido preto e branco da colega, inspirado em um smoking e com um profundo decote em V.

– Acho que acabei exagerando, se levarmos em conta que esse casamento é um projeto de trabalho, mas não aguentaria usar um terninho cinza no enlace do ano.

– Acho que vai causar furor na festa.

– Obrigada – retrucou Trina. – Acabou de massagear meu ego.

As palavras chamaram a atenção de Jenny.

– Problemas com algum homem ultimamente?

– Não. Trata-se de um caso de amor não correspondido. Ou talvez apenas uma paixão não correspondida. Deus é testemunha de que para ele eu sou como a mulher invisível.

Jenny anuiu, com expressão compassiva.

– Já estive nessa situação.

– Não vai acreditar, mas há um rumor na empresa de que nosso vice-presidente se encantou por mais do que os seus desenhos – sussurrou Trina.

Todos os alarmes no cérebro de Jenny dispararam ao mesmo tempo.

– Oh, não. Não faço o tipo dele. Ouvi dizer que Marc tem uma queda por rainhas da beleza. Lembra-se da mulher que o acompanhou à Semana de Moda?

– Sim – anuiu Trina. – Mas nunca mais a vimos.

Jenny abriu a boca, mas se viu sem ter o que dizer.

– Srta. Prillaman? – Ouviu uma voz atrás dela.

Jenny girou a cabeça e se deparou com uma mulher de aparência conservadora, trajada com um vestido de *chiffon* verde-menta, cuja aparência era familiar.

– Sim, sou eu. E a senhora é...?

– Mavis Cole, a organizadora do casamento. – A mulher tossiu. – A srta. Tarantino pediu-me para chamá-la. Importa-se em me acompanhar?

– Brooke? – perguntou Jenny, incrédula. – Aconteceu algum problema?

– Ela me pediu que a chamasse. Acho que deveria atendê-la. – Mavis esfregou a mão no pescoço e Jenny percebeu uma grande mancha vermelha. Podia apostar que aquela urticária era resultado de estresse.

Trina se inclinou para perto.

– O que está acontecendo?

– Não tenho a menor ideia – retrucou Jenny. – Mas acho melhor descobrir.

Após uma curta e silenciosa subida de dois lances de escada ao lado de Mavis, Jenny teve de passar por um conjunto de câmeras que gravavam um grupo de damas de honra conversando animadas, para chegar ao quarto no fundo do corredor.

A organizadora do evento bateu na porta.

– Srta. Tarantino. A srta. Prillaman está aqui. – Mavis girou na direção de Jenny. – Por favor, tente animá-la. Minha carreira depende disso.

A porta se abriu e foi possível ver Brooke sentada, com um copo cheio pela metade de champanhe e a expressão histérica. Uh-oh, isso não era nada bom.

Ignorando a sensação desconfortável entre as omoplatas, Jenny transpôs a porta.

– Brooke, você é sem sombra de dúvida a noiva mais linda que já vi em minha vida. Onde está sua mãe?

– Ela estava me deixando nervosa, portanto, exigi que saísse – respondeu a prima de Marc, antes de tomar um gole do champanhe. Em seguida, deu um puxão no colar de pérolas. – Tenho a sensação de que vou sufocar.

– Não precisa usar as pérolas. Ficaré linda da mesma forma sem elas – disse Jenny, tentando manter a voz calma.

Brooke a encarou com um suspiro.

Não foram necessárias palavras. Jenny sentiu a verdade se aproximando como um trem desgovernado.

– Acho que não se trata apenas das pérolas.

– Muitas mulheres têm ataques de nervos no dia do casamento – retrucou Jenny.

– Não estou com nenhum ataque de nervos. É que isso parece errado. Sinto como se estivesse cometendo o maior erro da minha vida. E acredite, cometi vários.

– Tem certeza? Tem de pensar além desse evento. Sei que estive envolvida com os preparativos, mas a cerimônia e a festa em breve chegarão ao fim.

– Eu sei. É isso que estou temendo. – Sem se importar em amassar o vestido, Brooke se afundou em uma cadeira.

Jenny engoliu um xingamento em seco.

– Tem de pensar em como será sua vida com Walker. Você o ama pela estabilidade e personalidade que ele possui. E pela forma como Walker a ama e a aceita.

– Não tenho tanta certeza que ele me ama – disse Brooke.

– O que a faz pensar assim?

Brooke deixou escapar um som exasperado.

– Não sei. Tudo aconteceu tão rápido. Na noite em que nos conhecemos ele foi tão charmoso, engraçado e sexy. E, acima de tudo, não tentou abusar de mim, embora eu estivesse bêbada. Enviou-me flores e parecia divertido ao tentar me conquistar. E então, quando fez sexo comigo, pediu-me em

casamento. – Ela fez uma pausa e inclinou a cabeça para o lado. – Agora eu fico me perguntando se ele não se arrependeu, mas o fato de ser muito honrado o está impedindo de voltar atrás.

– Não disse o que a faz pensar que Walker se arrependeu por tê-la pedido em casamento.

– Alguns detalhes. Acho que eu o deixo constrangido. Talvez no início ele tenha me achado divertida, revigorante e excitante, mas, depois de algum tempo, acho que passei a aterrorizá-lo. Como no dia em que contratei os massagistas, no jantar chinês. Ele ficou extremamente constrangido.

– Talvez ele prefira se expressar apenas na intimidade. Muitos homens são assim.

– Walker só diz que me ama depois de eu dizer que o amo.

– Não acha melhor conversar com ele? – perguntou Jenny. – Não acha que se sentiria melhor?

– Acho que o teste é se a perspectiva de viver sem mim o deixaria arrasado. Lembra-se daquela vez em que terminei o noivado porque ele não podia ir para St. Simons? – Jenny anuiu. – Walker pareceu indiferente, enquanto eu chorava e esperneava.

– Talvez ele seja menos emotivo ou não expresse seus sentimentos com tanta facilidade.

Brooke permaneceu calada por alguns instantes.

– Pode vir aqui, por favor?

Jenny se aproximou e estacou ao lado de Brooke. Era quase palpável o redemoinho interno da noiva.

– O que é? – perguntou, segurando a mão de Brooke nas dela.

– Seria capaz de se casar com um homem que não fosse completamente apaixonado por você?

Jenny fechou os olhos. Aquilo poderia se transformar no maior fiasco do ano. E dependia dela.

– Não posso tomar esse tipo de decisão por você. – Ela descerrou as pálpebras e suspirou. – Cabe a você tomá-la. Trata-se da sua vida e tem de vivê-la da forma que acredita ser melhor.

– Meu pai não vai mais me sustentar se eu não levar esse casamento adiante. Terei de arranjar um emprego para valer – disse Brooke, com uma risadinha histérica. Os olhos se inundaram de lágrimas. – Terei de viver dentro do meu próprio orçamento e não sei nem como começar a fazer isso.

Jenny percebeu a insegurança sob a beleza realçada pela maquiagem, e sentiu o coração se partir.

– Você é uma mulher muito inteligente – disse ela, ajoelhando-se ao lado de Brooke. – Inovadora, ousada, esperta. Tem sido subestimada pelos outros e, talvez, até por si mesma. Você é capaz de fazer qualquer coisa que desejar, ou seja, se tornar esposa de Walker ou seguir com a própria vida.

– Acha mesmo? – perguntou Brooke, com uma lágrima escorrendo pelo rosto. Ela a limpou com o dedo maculando a maquiagem perfeita.

– Sim, acho. Mas isso não significa que não haverá percalços em seu caminho. Casada ou solteira.

Brooke fungou e pegou um lenço de papel para assoar o nariz.

– Poderia me fazer um favor?

– Se estiver ao meu alcance.

Brooke retirou o anel de noivado do dedo.

– Poderia devolver isso a Walker, depois de me ajudar a sair daqui?

Jenny sabia que estava encarando o momento que destruiria sua carreira.

– Como posso ajudá-la a sair daqui?

– Eu trouxe um jeans e uma camiseta para cá, mas não tenho carro. Poderia me emprestar o seu?

As feições de Jenny se contraíram em uma expressão preocupada.

– Você estava bebendo.

– Não muito e prometo que serei supercuidadosa.

– Está transtornada.

– Mas estou em condições de dirigir. Não sou uma colecionadora de multas.

Jenny viu as taxas do seguro do carro subirem ao teto.

– E como poderei reavê-lo?

– Peça para Marc levá-la onde eu o deixar. Preciso pegar meu passaporte. Esvaziarei minha conta bancária e pegarei o primeiro voo para fora daqui. – Brooke retirou a tiara da cabeça e a examinou. – É melhor eu ficar com isso. Poderei vendê-la mais tarde, quando estiver em apuros.

Os dez minutos seguintes se passaram voando. Jenny a ajudou a escapar pela porta dos fundos. Elevando uma prece aos céus, entregou a chave do carro para Brooke, abraçou-a e recomendou que ela se cuidasse. Em seguida, comunicou à coordenadora do evento que Brooke havia partido e

as duas discutiram sobre quem deveria dar a notícia aos convidados e à imprensa.

Percebendo que a situação requeria um perito, Jenny se encaminhou ao fundo da igreja para buscar Trina. A relações-públicas apontou para o relógio, com olhar questionador.

– O que está acontecendo? O casamento deveria ter começado há cinco minutos.

– Brooke fugiu.

O choque fez os olhos de Trina tomarem proporções de duas bolas de golfe.

– O quê? – perguntou com a voz alterada.

– Shh – disse Jenny. – Você é a profissional indicada para esse tipo de situação. Terá de descobrir o que fazer.

Trina fez um movimento negativo com a cabeça e xingou.

– Não posso acreditar que Brooke fez isso no último minuto. Como poderemos resolver a situação? Quem sabe? Walker já foi informado?

Com expressão preocupada, Jenny negou com a cabeça.

– Apenas eu, você e a organizadora do casamento sabemos, e acho que ela já foi embora.

– Isso é o caos! Oh, deixe-me pensar. – Trina beliscou o dorso do nariz. – Precisamos contar para Marc, antes que o pessoal da filmagem perceba.

Naquele momento, um dos cinegrafistas irrompeu pela igreja.

– A noiva fugiu! Deixou o vestido e os sapatos. Senhoras e senhores – prosseguiu ele, a voz expressando o mesmo entusiasmo de um locutor do canal do tempo na iminência de furacões e nevascas. – Temos uma noiva fugitiva e um noivo abandonado no altar!

O pandemônio se instalou. Os apresentadores do reality show entrevistavam todos com quem cruzavam pelo caminho. Procurando por Marc na parte da frente da igreja, Jenny se afastou da equipe.

As damas de honra invadiram a igreja, parecendo surpresas e preocupadas, mas ainda assim determinadas a desfrutarem de seus 15 minutos de fama.

– Bem, Brooke sempre foi volúvel – disse uma delas a um dos apresentadores.

– Quem precisa de amigas como essas... – resmungou Jenny.

– Oh, veja, é a designer dos sapatos de Brooke – gritou uma das apresentadoras do programa. – Vamos ouvir a opinião dela. Ficou surpresa

com a fuga de Brooke? – perguntou.

Jenny franziu os olhos sob a luz ofuscante do holofote.

– Claro que estou surpresa – respondeu ela, tentando escapar.

– Oh, espere – disse a mulher, segurando o braço de Jenny. – Há boatos de que você vai assinar sua própria linha de sapatos na Bellagio.

– Não posso comentar sobre isso – resmungou Jenny.

– Mas você deve estar eufórica. A forma como conseguiu subir na empresa é algo admirável. É quase como a história da Cinderela, certo? O Departamento de Relações Públicas da Bellagio nos passou seu histórico. A única coisa que pareceu confuso foi que não conseguimos encontrar nenhum registro sobre sua graduação na faculdade de Design de Moda que consta em seu currículo, quando contatamos a universidade para uma possível entrevista. Algum comentário a fazer?

Jenny encarava a mulher, perplexa. Como haviam descoberto? E o que aquilo lhes importava?

A apresentadora se virou em outra direção.

– Oh, veja, o presidente e o vice-presidente da Bellagio.

Jenny sentiu o sangue descer para os pés ao ver Marc e o presidente da Bellagio a observando com expressões de preocupação. E no caso de Marc, com um desapontamento desolador.

Não poderia continuar escondendo a verdade. Sabia que teria de admitir a farsa e assumir a responsabilidade. Pelo bem de Marc, da Bellagio e para que pudesse encarar a própria imagem no espelho.

– Marc – disse ela, limpando a garganta. – Sr. Waterson – corrigiu. – Sr. Bellagio, preciso pedir desculpas. Houve um equívoco a respeito de minha formação acadêmica, o qual eu deveria ter esclarecido há muito tempo, mas não sabia como proceder. E quanto mais eu esperava, mais complicadas as coisas se tornavam. A verdade é que não sou graduada em Design de Moda. – O nó na garganta de Jenny se tornou tão apertado que quase a sufocou. – Entenderei se não quiserem que eu continue trabalhando na Bellagio.

A apresentadora aproximou o microfone do rosto de Alfredo Bellagio.

– Que dia imprevisível para o senhor, certo? A noiva fugiu e agora ouviu uma revelação interessante de sua nova designer. Qual a sua posição em relação a tudo isso?

Alfredo Bellagio dirigiu um olhar furioso a Jenny.

– Impostora! Está demitida.

Jenny sentiu mais do que viu as câmeras fechando o foco em seu rosto, mas estava muito ocupada observando a reação de Marc, cujo rosto estampava uma expressão pétrea e ela podia apostar que o coração também se congelara. *Desculpe, sinto muito*, Jenny fez mímica das palavras para ele, mas sabia que de nada adiantaria. Era tarde demais.

CAPÍTULO 21

APÓS CONSEGUIR uma carona de volta para casa, Jenny atendeu dois telefonemas de repórteres desejando detalhes de bastidores sobre o fiasco do casamento de Brooke Tarantino. Depois, se limitou a verificar os recados deixados na caixa postal durante as 24 horas que se seguiram, na esperança de Marc ligar.

Mas ele não ligou.

Ao contrário de todos que se acharam no direito de reclamar. O repórter do reality show estava furioso por ela não retornar suas ligações. Ao ouvir as notícias sobre o casamento, a irmã deixou a seguinte mensagem: “Como pôde fazer isso comigo?”

O telefone de Jenny começou a tocar de maneira incessante às 22h30, e ela resolveu desconectá-lo para tentar dormir. Acordou apenas por volta do meio-dia do dia seguinte, fez uma limpeza geral no apartamento por duas vezes. À noite, colocou o DVD do *Oklahoma!*, após fazer um tabuleiro de brownies e estourar um saco de pipocas no micro-ondas. Quando ouviu uma batida na porta, recusou-se a atender.

A batida persistiu e ela deu palmadas leves no dorso de Romeo.

– Finja que não está escutando, certo?

A porta se abriu e Chad entrou.

– Deus do céu, mulher! O que custa atender o telefone ou a porta? Fiquei sabendo do escândalo do casamento e temi que tivesse cometido um *harakiri* ou algo parecido.

A preocupação genuína de Chad era quase igual a de uma mãe soprando um ferimento para diminuir a dor do filho. Jenny não conseguia se lembrar de se sentir tão satisfeita em ver um amigo.

– Que bom que você veio – disse ela se erguendo do sofá. – Minha vida está um caos.

– Posso imaginar. Está assistindo *Oklahoma!* – retrucou Chad, apontando para a televisão. Em seguida, entregou uma pequena sacola. – Comprei o último DVD *Vigésimo Quinto Aniversário de Huey Lewis and the News* para que tenha uma folga de Curly, Laurey e Ado Annie. Por que não retornou meus telefonemas?

Jenny perscrutou dentro da sacola e lutou contra as lágrimas.

– Obrigada pelo DVD. Foi muito amável. Desculpe não ter ligado, mas me cansei de ouvir o toque do telefone, portanto, o desconectei da tomada.

Chad revirou os olhos e retirou um brownie do tabuleiro.

– Acho que não pensou que alguém interessado em seu bem-estar pudesse ligar.

– Ninguém do Departamento do Bem-Estar Social se lembraria de mim, mas acho que terei de recorrer a eles em breve, se não conseguir outro emprego.

Chad dispensou o comentário com um gesto de mão, antes de abrir o armário das bebidas alcoólicas.

– Arranjará outro emprego. Sempre consegue. Assim como eu. Pedi demissão do cargo de gerente assistente do restaurante.

– Mas você mal começou! – exclamou Jenny, surpresa.

– Sim, mas não era o cargo certo para mim. Sabe quantas horas o pessoal da gerência do restaurante trabalha? É ridículo. Arranjei um emprego de vendedor, em que posso fazer meu próprio horário.

– Não me diga que se trata de vendas de seguro de vida.

– Não. Estou vendendo vinhos – revelou Chad, animado. – E terei prazer em dividir as amostras grátis com minhas amigas menos afortunadas.

– Talvez não seja ruim. É necessário viajar?

Chad deu de ombros, antes de retirar uma garrafa de vodca e a coqueteleira do armário.

– Uma vez a cada duas semanas, e vão me disponibilizar um carro.

– Ei, parece muito bom – disse Jenny. – Estão precisando de mais representantes de venda?

– Não, querida. – Chad misturou a bebida e a entregou a ela. – Permitirei que fique com o primeiro drinque. Você se viu na televisão ontem à noite?

– Apareci na televisão ontem à noite? – perguntou ela. O medo provocava um frio na barriga.

– Duh! – fez Chad. – Parecia arrasada, mas eu diria que, como sobrevivente de um tsunâmi, estava uma top model. Se me sentisse atraído por mulheres, teria ficado tentado a resgatá-la daquela situação.

– Obrigada – agradeceu Jenny. – Acho eu – acrescentou sentindo uma onda de náusea só de pensar que sua demissão havia sido exibida em rede nacional. – Mostraram a parte que o sr. Bellagio me demitiu?

Chad anuiu, retornando à bancada da cozinha para preparar o próprio drinque.

– Oh, sim. Mais de uma vez. E também afirmaram que você sabia mais do que ninguém o que levou Brooke a fugir, porque a organizadora do casamento entregou que você foi a última pessoa a falar com ela.

Jenny franziu a testa.

– Mavis. Sabia que aquela mulher era uma linguaruda – disse Jenny, incapaz de esconder o tom raivoso. – A única preocupação dela era como iria encarar os convidados. Não estava ligando a mínima para os sentimentos de Brooke.

– Ah, você então sabia mesmo da sujeira – disse Chad. – Desembuche para o seu melhor amigo.

Jenny lançou um olhar desconfiado.

– Estou começando a imaginar que o motivo que o trouxe aqui é se inteirar das razões de Brooke para depois passar a algum repórter sensacionalista.

Chad girou para encará-la.

– Estou ofendido.

Mas o protesto não abrandou o ceticismo de Jenny.

– Brooke é um ser humano, com sentimentos como eu e você. Sim, ela transformou o próprio noivado e o quase casamento em um circo, mas não vou alimentar a fofoca da imprensa.

Chad suspirou e deu tapinhas leves nas costas.

– Aí está você, sempre encontrando o lado bom de todo mundo. Deveria parar com isso.

O comentário a animou um pouco.

– Obrigada. É bom saber que alguém acha que possuo qualidades de mártir.

– Tenho certeza que não sou o único. Basta religar seu telefone e descobrirá. Aliás, onde está o aparelho? – perguntou ele, olhando ao redor

da cozinha. Quando o avistou, conectou-o à tomada e ergueu o fone. – Qual é a senha de seu serviço de recados?

Jenny enrugou o nariz.

– Não quero ouvir nenhuma mensagem desagradável.

– Então, deixe comigo. Eu as selecionarei para você – retrucou Chad, em tom jovial. – Número e senha?

Jenny informou e ele discou os números. Nos minutos que se seguiram, ela se limitou a estudar o semblante do amigo. Quando o viu fazer uma careta, voltou a assistir *Oklahoma!*

– Recebeu uma oferta de trabalho de alguém do México – disse ele, instantes depois. – Salvei essa mensagem.

Jenny girou o corpo na direção dele.

– Uma oferta de trabalho?

– Sim. De uma mulher chamada Cordoza. Disse que você pode escolher o local em que deseja trabalhar. Que é talentosa e não necessita de um diploma quando tem um dom.

Jenny pestanejou várias vezes. Não estava falando sério quando disse que gostaria de morar no litoral, mas...

– Uau!

– Sim. E uma senhora da Califórnia disse que você poderia visitá-la nos feriados. Parecia bastante idosa.

Jenny o fitou, confusa.

– Quem era?

– LaSalle?

– Oh, eu a conheci no desfile beneficente da Semana de Moda. Que gentil da parte dela! – Jenny se reclinou para trás no sofá. – Califórnia. Nunca estive lá. Em qual parte ela morará?

Chad deu uma risada abafada.

– Liz também fez uma proposta, com direito a alguns impropérios para a repórter e o sr. Bellagio. Disse que você pode ser sua assistente, enquanto procura outro emprego e que convencerá o marido a pagar um bom salário.

Jenny sorriu.

– Isso é característico de Liz. Ser maravilhosa.

Tomando um gole do drinque, Chad continuou a ouvir as mensagens, alternando entre apagar ou armazenar, dependendo de como avaliava o conteúdo. Jenny ficou feliz em ter alguém para realizar a tarefa por ela. Não estava em condições de fazê-lo.

– Muito bem, é só isso – decretou Chad instantes depois. – Recebeu mensagens de apoio de Anna, Justin, Sal e Brooke. Apaguei todas as deixadas pelos repórteres e uma de sua irmã. – O amigo fez uma careta de reprovação. – Ela é mesmo uma bruxa má. Se eu fosse ela, tomava cuidado. Qualquer dia desses a casa poder cair na cabeça dela.

Mas nenhuma mensagem de Marc, pensou ela, sentindo um aperto no peito.

– Filme errado. A bruxa má era do *O mágico de Oz*.

Chad tomou mais um gole e fispou outro brownie, enquanto se encaminhava na direção dela.

– Mas ela parecia estar viva e saudável em Atlanta. – O amigo se sentou ao lado de Jenny. – Então, para onde vamos no feriado? Califórnia ou México?

Jenny se perguntou por que nenhum daqueles lugares parecia atraente. Sempre desejara viajar com frequência, mas nunca tivera oportunidade devido ao orçamento apertado. Agora, tinha a oportunidade. Por que não estava fazendo as malas?

A campainha tocou, fazendo-a se encolher.

– Não estou atendendo a porta, também.

– Não tem problema. Eu atendo – disse Chad, erguendo-se do sofá e escancarando a porta. – Anna, bem-vinda ao necrotério. Oh, isso tem um cheiro divino. Talvez seja capaz de ressuscitar Jenny.

Jenny dirigiu um olhar furioso ao amigo.

Com semblante preocupado, Anna entrou, carregando uma caçarola com tampa.

– Torta de carne inglesa – disse ela, relanceando o olhar a Jenny. – Comida para consolá-la.

– Desde que acrescente drinques e chocolate – retrucou Chad. – Não se importa em dividir, certo? – perguntou ele a Jenny.

– Pode comer – respondeu ela.

Anna se aproximou e a envolveu nos braços.

– Sinto muito mesmo. Acha que conseguirá superar? Pode morar comigo e com Stella por uns tempos até as coisas se acalmarem.

Jenny sentiu o peito apertado outra vez pela emoção.

– Você é tão querida. Mas acho que a situação não ficará tão ruim. Preciso apenas de algum tempo para superar.

Anna anuiu.

– Pois dê esse tempo a si mesma. Se precisar de qualquer coisa, sabe que poderá contar comigo.

– Obrigada, Anna. – Cansada de se concentrar nos próprios problemas, Jenny mudou de assunto. – E quanto a você e Justin?

Anna mordeu o lábio inferior.

– Não esperava que você tocasse nesse assunto.

Jenny observou a vizinha com mais atenção. O semblante de Anna parecia iluminado.

– Por que não? O que aconteceu?

– Bem, tivemos uma conversa e resolvemos ir com calma. Coloquei um DIU – acrescentou ela, com a voz algumas oitavas mais baixa. – E Justin me pediu para ajudá-lo a redecorar seu apartamento.

– Mas isso é maravilhoso! – exclamou Jenny, com genuína felicidade por Anna a ponto de ignorar a própria tristeza.

– Maravilhoso é Justin. Quer que eu e Stella moremos com ele, mas está disposto a esperar para termos uma conversa séria sobre o assunto daqui a dois meses. Além disso, me recomendou para um chefe de departamento da universidade que ele cursa e talvez eu consiga um emprego como assistente de reitor ao algo parecido. O salário é melhor e o horário, muito mais flexível. Oh, Jenny, está tudo caminhando tão bem que é até assustador.

– Não fique assustada – disse Jenny. – Aproveite. Já deveria ter feito isso há muito tempo.

Anna anuiu com um gesto lento de cabeça.

– Mas você não está bem. Não queria contar por causa de Marc. Ele telefonou?

Jenny fez que não com a cabeça. O coração parecia pesar toneladas.

– Não, mas não posso culpá-lo. Nem por um segundo.

A BELLAGIO estava imersa em um caos. Marc se reunira com os representantes de marketing, publicidade e relações públicas. Em uma das recentes noites insones, havia pensado em uma solução após o fiasco na mídia causado pelo casamento cancelado de Brooke.

Por certo salvaria sua pele, bem como a de várias pessoas. O sr. Bellagio adorou a ideia. Para lucrar com a superexposição do casamento na mídia, teriam de agir rápido.

– Temos dois dias para colocar o plano em ação. Têm certeza de que conseguiremos?

– Sim – afirmou o diretor de marketing.

Trina tomou um gole do café. Marc percebera que ela se mostrava um pouco nervosa nos últimos dias. Talvez fosse consequência de toda a crise.

– O canal de compras QVC está cooperando em todos os sentidos. Já começaram a divulgar os anúncios. Sei que já disse isso, mas a ideia de levar os sapatos de Brooke a leilão para reverter a renda a instituições de caridade foi brilhante. Jamais teria me ocorrido algo assim. – Trina suspirou. – Gostaria apenas que Jenny... – Deixou a frase morrer, desajeitada.

Sentindo uma forte pontada de dor no peito, Marc limpou a garganta.

– Eu também. Conversarei com vocês mais tarde. Se está tudo resolvido, então mãos à obra. Se precisarem de mim para alguma coisa, é só me chamar. Está bem?

Todos concordaram e se despediram. Tão logo se encontrou sozinho, Marc esfregou uma das mãos na testa. A cabeça latejava pela tensão incessante desde o dia do casamento. Alfredo Bellagio ficara furioso por ter feito papel de bobo, principalmente em rede nacional. A irritação do presidente da empresa com a desonestidade de certa funcionária fora tão exacerbada que Marc imaginou se também iria ser demitido.

Por sorte, a raiva do sr. Bellagio havia regredido alguns milímetros na segunda-feira, quando Marc apresentara a ideia do leilão dos sapatos, mas o CEO ainda se encontrava possesso em relação a Brooke e Jenny.

Marc não sabia o que sentir. Nos últimos dias, alternara entre uma gama de emoções que não se lembrava de ter sentido antes. Desânimo, desapontamento, desilusão e uma dor profunda no coração. Por que Jenny mentira? Por que não dissera a verdade? Ele podia ter encontrado uma forma de contornar o fato de ela não possuir um diploma. A recomendação de Sal teria sido mais do que suficiente.

Quando o designer telefonou para assumir a culpa pela adulteração do currículo de Jenny, sem o conhecimento dela, Marc mais uma vez fora pego desprevenido.

Com um movimento negativo de cabeça, fixou o olhar no telefone, imaginando pela décima quinta vez se deveria ligar para ela. Captara o pedido de desculpas silencioso de Jenny, pouco antes de ela desaparecer. A

expressão de seu rosto, quando Alfredo a demitira, tivera o efeito de uma lâmina a retalhá-lo por dentro.

O que era ridículo. Os dois não tinham um relacionamento sério. Ou estaria apaixonado por Jenny? Ou desejava um futuro ao lado dela, mais do que qualquer outra coisa?

Marc relanceou o olhar à caixa que ela dera para guardar o estoque de pastilhas de chocolate com menta e concluiu que não era apenas aquela caixa que estava vazia.

DUAS NOITES depois, Marc chegou tarde em casa, movido a adrenalina. Aquela era a grande noite. Investira toda a sua capacidade no planejamento daquele evento. Agora era esperar para ver se os membros da equipe que ele montara executariam seus papéis de forma satisfatória. Subiu a escada e trocou de roupa. Quando estava vestindo a calça jeans, a campainha tocou. Marc franziu a testa. Não estava esperando visitas. Um vislumbre de esperança cruzou sua mente. E se fosse Jenny? Avisara o segurança que ela possuía passe livre permanente para seu apartamento. Desceu os degraus, apressado, com o coração martelando as costelas.

– Ei, Marco, deixe-me entrar – gritou Gino do lado de fora. – A pizza está esfriando.

Marc ficou decepcionado, enquanto abria a porta.

– O que aconteceu?

– Noite de cerveja e pizza, meu caro – respondeu o amigo, erguendo a embalagem com seis cervejas e gesticulando com a cabeça na direção da pizza gigante. – Vamos assistir ao jogo do Georgia State esta noite com as bênçãos de minha esposa. Ela está preocupada com você, porque não nos deu notícias desde o fiasco de Brooke Tarantino.

– Não posso assistir ao jogo esta noite – respondeu Marc.

– Por que não?

– Tenho de assistir ao QVC.

Gino o olhou como se ele tivesse duas cabeças.

– QVC – repetiu, desgostoso. – Virou mulherzinha ou algo parecido?

– Não – respondeu ele. – Os sapatos que Brooke usaria no casamento estão indo a leilão esta noite no QVC e a renda será revertida para instituições de caridade. Quero acompanhar o processo.

– Que ideia brilhante! – disse Gino.

– Foi o que pensei. E o presidente também achou – acrescentou Marc. – Se não quiser ficar, entenderei, mas terá de deixar as cervejas e a pizza.

Gino xingou.

– Não podemos ao menos colocar a televisão na função picture-in-picture para que eu possa ver o placar do jogo?

– Sim, mas eu quero ouvir o leilão.

Com semblante contrariado, Gino abriu a embalagem da pizza.

– Quanto tempo vai durar esse leilão? Horas?

– Acho que está programado para durar uma hora.

– Que bom! Então, talvez possamos ver uma parte do jogo. – Gino se animou enquanto abria uma cerveja.

– Talvez – concordou Marc, esticando a mão para pegar uma garrafa. – Se as coisas saírem como espero, talvez eu fique ocupado depois.

– Tudo bem – disse Gino. – Quando começa?

Marc pegou um pedaço de pizza e se foi para a sala de televisão.

– Agora – respondeu, antes de morder a pizza. Em seguida localizou o controle, ligou a televisão e começou a alternar pelos canais. Instantes depois, soltou um palavrão. – Qual é o número do canal do QVC? Talvez fosse melhor perguntar a Sonja.

Gino pegou o controle remoto.

– Não. Não percebe o quanto seria difícil explicar para a minha esposa por que estamos assistindo ao QVC? – Após alternar por alguns canais, o amigo o encontrou. – Aí está. Agora coloque na função picture-in-picture.

Marc observou com atenção enquanto o entusiasmado apresentador discorria sobre as virtudes dos sapatos Bellagio e as delícias de pertencer a um grupo seletivo e sortido que possuiria um par de sapatos do quase casamento do século.

Trina ficara incumbida de comparecer ao programa como representante da Bellagio e ser um contrapeso, simpático e respeitável, à efusividade do apresentador.

– Até aqui, tudo bem – murmurou Marc.

– Hum? – perguntou Gino. – Ninguém pontuou.

Marc fez um movimento negativo com a cabeça.

– Estou me referindo ao programa do QVC.

Gino resmungou algo incompreensível.

Trina descreveu cada sapato, recorrendo a um estilo que lembrava aquele usado por Jenny durante o jantar chinês de Brooke.

– E se você vencer o leilão, ganhará um dos primeiros sapatos desenhados por Jenny Prillaman, a pupila do mais renomado designer da Bellagio, Sal Amoré.

– Apesar da polêmica em torno de Jenny Prillaman, seu talento é indiscutível – acrescentou o apresentador.

– Sim – concordou Trina. – Os desenhos de Jenny são uma combinação de fantasia com realidade. Algo que se pode usar.

Muito bem, pensou Marc. O primeiro membro da equipe estava jogando exatamente como ele orientara.

– Fabuloso – disse o apresentador. – A primeira licitação com duração de dez minutos começa agora, com esse sapato de dama de honra de acrílico que lembra um sapato de cristal, com salto transparente cravado de cristais Swarovski, os mais belos cristais do mundo. Telespectadores, gostaria de ouvir a opinião de vocês sobre esse par número 36. Nossa linha já está aberta.

– Gostaria que fosse número 37 – disse a primeira telespectadora a telefonar. – É o mais belo sapato que vi em minha vida. Se não tivesse um evento para usá-lo, inventaria um.

A conversa continuou enquanto os lances aumentavam.

– Dois minutos – avisou o apresentador. – Lembre-se de que você pode fazer um lance automático, que cubra os outros até o valor máximo que você queira pagar.

Os dois minutos se passaram e a licitação chegou ao fim.

– \$4.325.00! – anunciou o apresentador. – Impressionante. O que temos agora, Trina?

E assim o leilão prosseguiu. Uma das damas de honra do casamento de Brooke foi convidada para comentar sobre os calçados. Ela confessou a relutância em abrir mão de seu par, mas estava disposta a fazê-lo por se tratar de doação de fundos para instituições de caridade. Contou algumas fofocas sobre Brooke e Walker, mas se concentrou em enfatizar o quanto a amiga estava bela no dia do casamento.

O preço final para cada par aumentava a cada licitação. Marc batia com o pé no chão, aguardando, impaciente, a aparição dos outros membros da equipe.

– Telespectadores, temos um presente especial para vocês. O designer da Bellagio, Sal Amoré, está ao telefone conosco neste momento. Sal, tudo bem com você? O que está achando disso tudo?

– Estou bem, obrigado – soou a voz grave de Sal. – Estou feliz e orgulhoso pelo fato de a Bellagio ter transformado essa situação em algo benéfico. Também estou encantado com a beleza dos desenhos de minha pupila, Jenny. Reconheci o talento dela desde o início. Ela utiliza uma abordagem rara de fisiologia e psicologia. Respeita a fisiologia do pé, enquanto realiza os desejos secretos da mulher que usará o sapato. Bravo.

– O que acha da controvérsia criada em torno do fato de ela não ser uma designer graduada?

Sal deixou escapar um profundo suspiro.

– A formação de Jenny está na alma, nos anos de observação e na experiência. Ela é uma daquelas artistas únicas que não necessitam de graduação.

– Palavras profundas – disse o apresentador. – É uma honra tê-lo conosco.

– O prazer foi todo meu – respondeu Sal. – E aproveitem os sapatos Bellagio.

– Alguns de nossos sortudos telespectadores estão fazendo exatamente isso – respondeu o apresentador.

Marc verificou outro nome na lista de jogadores de sua equipe, imaginando se aquele iria comparecer. O programa continuou, com os telespectadores telefonando para se desmancharem em elogios aos sapatos Bellagio.

– Será que Jenny trabalhará para outra marca? – Uma das telespectadoras perguntou. – Seria uma pena a Bellagio perder os desenhos dela.

– Não sei – disse Trina. – Ficaria surpresa se outra empresa não a aproveitasse.

Muito bem, pensou Marc, sorrindo diante da tela.

– Muito bem.

– Não está nada bem – protestou Gino. – O Georgia Tech está perdendo.

– Não tem problema – retrucou Marc, tomando um grande gole da cerveja. – Eu estou ganhando.

O último sapato foi colocado em licitação. O da noiva.

– Telespectadores, esta é uma oportunidade única na vida. A licitação para o sapato desenhado exclusivamente para Brooke Tarantino usar durante a cerimônia começa agora e terá duração de dez minutos. Talvez os sapatos mais requintados jamais confeccionados...

Marc observou o valor dos lances aumentar de maneira exponencial e pensou em como tudo aquilo começara. Desde o esboço inicial feito por Jenny até o sapato ganhar contornos reais, lembrou com nostalgia.

Seguindo uma impulsividade que não era própria de seu caráter, Marc obedeceu ao instinto e ergueu o fone para dar um lance nos sapatos.

– Vinte e cinco mil e três dólares – disse ele à atendente.

A mulher emudeceu do outro lado da linha.

– Como disse? Poderia repetir, por favor? – perguntou ela, ofegante.

– Vinte e cinco mil e três dólares pelos sapatos do casamento – disse Marc, sentindo o olhar perplexo de Gino.

– Enlouqueceu? – perguntou o amigo.

Acho que sim, pensou ele e gesticulou para que Gino se calasse. Em seguida, forneceu seus dados para a atendente e desligou.

– Faltam cinco minutos.

– Você está louco? Por que diabos gastaria tanto dinheiro em um par de sapatos?

– É dedutível no imposto de renda – retrucou Marc. – E é por uma boa causa.

– Você é louco. Poderia comprar um carro ou um barco com esse dinheiro. Não sei o que deu em você, mas...

– Shhh! – disse Marc, sabendo que estava agindo como um tresloucado, mas algo volumoso havia revolvido em seu íntimo. Como as placas tectônicas sob a superfície da Terra, causando todos os tipos de distúrbios, ondas gigantes, erupções vulcânicas e enormes mudanças.

– Telespectadores, temos outra participação mais do que especial. Brooke Tarantino está na linha. Brooke, querida, como você está?

– Estou bem. Liguei apenas para dizer que estou muito feliz em saber que os sapatos do casamento estão sendo utilizados em prol de uma boa causa. Jenny é uma designer incrível. É quase como se ela tivesse a exata noção dos sapatos dos sonhos de cada mulher. Sim, foi isso que ela fez. Idealizou o sapato dos meus sonhos. Não pude ficar com eles desta vez – acrescentou Brooke com uma risada. – Mas a vantagem dos sapatos desenhados por Jenny Prillaman é que mesmo que não seja o homem certo, você pode ficar com os mais belos sapatos do mundo. *Ciao* por ora.

– Oh, essa é a nossa Brooke! – disse o apresentador, mas a linha já estava dando sinal de ocupado. Muito prudente da parte da prima ter desligado

antes de ser bombardeada com os milhares de perguntas que muitas pessoas ao redor do mundo queriam fazer.

Marc se inclinou para trás no assento e fez um gesto positivo com a cabeça. Naquele telefonema de um minuto, Brooke se redimira com a Bellagio, apesar de não dar a mínima importância para isso. Toda a equipe que montara agira com perfeição. Seu plano estava funcionando. Conferiu a hora no relógio de pulso, prevendo que o telefone deveria tocar dentro de 30 minutos.

– Srs. telespectadores, o tempo se esgotou. O lance vencedor para os sapatos do casamento é de \$25.003,00 – declarou a apresentadora, com expressão incrédula. – Isso é incrível e mostra o quanto a Bellagio e Jenny Prillaman são amados por nossos telespectadores!

– Muito bem, podemos sintonizar no canal do jogo, garoto dos sapatos? Não sabia que tinha esse tipo de fetiche – resmungou Gino. – Às vezes, gosto quando Sonja não tira os sapatos enquanto fazemos sexo, mas não faço disso uma exigência...

– Eu os comprei para dar de presente – disse Marc.

– A quem? – O amigo quis saber.

Marc mudou de canal, sintonizando no jogo.

– Digo mais tarde.

Com a atenção desviada para o jogo, Gino se limitou a resmungar.

O telefone tocou e Marc sorriu. Deixando a sala de televisão, ergueu o fone, sabendo a identidade da pessoa, mesmo sem conferir no identificador de chamadas.

– Alô?

– Waterson, é Alfredo Bellagio – disse o patrão, conciso.

– Boa noite, sr. Bellagio. Caso não tenha tido chance de assistir ao programa da QVC, posso afirmar que foi um sucesso.

– Sim, eu sei. Assisti a todo o leilão. Você é a mente mais brilhante que contratamos em muitos anos – o sr. Bellagio o elogiou. – Demiti aquela jovem chamada Jenny sem tomar conhecimento de todos os fatos. Acho que precisamos contornar isso.

– O que deseja que eu faça? – perguntou Marc, quase ouvindo o clique da última parte de seu plano se encaixando com perfeição no lugar.

– Quero que a readmita. Ofereça a ela um bom aumento de salário. Diga que sinto muito. Escreverei uma carta para que entregue a ela. Faça o que for necessário. *Capisca?*

CAPÍTULO 22

“O par de sapatos certo pode falar por você.”

Jenny Prillaman, designer

MAIS UMA vez, o toque do telefone de Jenny não dava trégua. Liz estava furiosa por ter tido o próprio lance superado no leilão. Justin estava sentado no sofá, abraçando Anna pelos ombros.

Chad se encontrava em êxtase.

– Chad Garcia – disse ele ao atender mais uma ligação. – Agente de Jenny.

– Agente? – repetiu Jenny, com um movimento negativo da cabeça.

O amigo ergueu um dedo para pedir silêncio.

– Quer oferecer um cargo em sua empresa? Que gentil – respondeu. – Mas como pode imaginar estamos recebendo ofertas. Pode me dar uma ideia da faixa salarial?

Jenny dirigiu um olhar perplexo.

– Que diabos...

– Oh, sua oferta será estudada – disse Chad, em um tom que insinuava recusa. – Oh, está disposto a oferecer mais? Quanto? – Ele anuiu, os olhos brilhando ao ouvir a cifra. – Assim está bem melhor. Pode ficar certo de que transmitirei sua proposta. Como é mesmo seu nome? – Chad anotou a informação em um bloco. – Há outra chamada em espera. Obrigado. Entraremos em contato. – E apertando o botão para atender a outra chamada: – Alô? Chad Garcia, agente de Jenny Prillaman. Em que posso ajudar?

Quando a campainha tocou, Jenny hesitou.

– Se for alguém da imprensa... – começou ela, sentindo um frio na barriga.
– Eu atendo – Liz se voluntariou, encaminhando-se à porta, ainda mal-humorada por ter perdido o leilão. – Quem é você e o que deseja? – perguntou assim que abriu a porta.

Havia muito barulho na sala para Jenny conseguir discernir algo, além do fato de o visitante ser do sexo masculino.

Liz ofegou.

– Oh, é *você*! – A amiga o avaliou de cima a baixo. – Não o reconheci de imediato. – E girando para se dirigir a Jenny. – Marc Waterson pode entrar?

Jenny sentiu o sangue descer para os pés.

– Marc? – sussurrou.

– Sim – respondeu Liz, com um sorriso maroto para o visitante. – O Marc. Jenny levou a mão ao peito na tentativa de acalmar o coração que parecia querer explodir.

– Eu... eu...

Liz voltou a se concentrar no visitante.

– Ela parece indecisa. Muito bem, pessoal, vamos fazer uma votação. Devemos permitir que Marc Waterson entre?

– Quem é Marc Waterson? – perguntou Chad, tapando o fone.

– O vice-presidente com quem Jenny esteve... – Liz tossiu. – ...convivendo.

Só então Chad se deu conta de quem se tratava.

– Oh, o garoto da vice-presidência.

– O que acha, Anna?

– Não sei – respondeu a vizinha de Jenny, obstinada. – Só se ele prometer tratá-la bem.

– Bem, você ouviu – disse Liz a Marc. – Só pode entrar se...

Marc empurrou a porta e entrou. Apesar de toda a comoção ao redor, ele a fitava como se Jenny fosse a única pessoa na sala. Com passos precisos, aproximou-se até ficar a apenas 30 centímetros de distância de Jenny, 30 centímetros que pareciam um quilômetro.

– Como está, querida? – perguntou em um tom baixo de voz.

Jenny sentiu uma pressão forte no peito.

– Tem sido um pouco difícil, mas consegui sobreviver com a ajuda dos meus amigos. E brownies de chocolate, *Oklahoma!*, Huey Lewis and the News e alguns drinques.

Marc franziu a testa.

– *Oklahoma!*?

– É o filme que me consola quando não estou bem.

– O que é o estado constante de Jenny desde domingo – Chad se queixou.

– Graças a Deus ela permitiu que eu a distraísse com o novo DVD do Huey Lewis and the News.

– Quem são essas pessoas e por que estão aqui?

– Estão aqui para me dar apoio durante essa fase ruim.

Marc girou, detendo o olhar em cada um dos amigos de Jenny.

– Obrigado – disse ele, fazendo o coração de Jenny dar uma cambalhota. – Primeiro, vamos às questões profissionais. O sr. Bellagio me telefonou, dizendo que lamenta muito tê-la demitido, sem tomar conhecimento de todos os fatos. Ele escreverá um pedido de desculpas de próprio punho e gostaria de tê-la de volta à empresa.

– Para isso seu chefe terá de aumentar em muito os dígitos do salário de Jenny e dar uma linha exclusiva – interveio Chad. – Atendi vários telefonemas e...

– Tenho certeza de que Jenny já recebeu muitas ofertas, mas acredito que a Bellagio pode oferecer um pacote de vantagens que a agradará – respondeu Marc.

Jenny começou a ter uma sensação estranha em relação a Marc. Ele parecia muito preparado. Não estava com aparência desgastada e se mostrava impaciente, quase impassível em relação às questões comerciais.

– Precisamos de números – insistiu Chad.

Marc citou um valor que a fez ofegar. Jenny relanceou um olhar a Chad e o viu pestanejar várias vezes, perplexo.

– Tudo está acontecendo muito rápido – ela conseguiu dizer, desviando o olhar. – Preciso pensar. É uma decisão importante.

– Quer permanecer em Atlanta? – perguntou Marc.

O nó no peito de Jenny se tornou ainda mais apertado.

– Não sei. Sempre pensei que adoraria viajar, mas não tenho mais tanta certeza. – No momento, podia embarcar em qualquer fantasia que desejasse. Então, por que se sentia tão relutante?

– Recebemos propostas do México, da Califórnia e de Nova York – interveio Chad mais uma vez com expressão esnobe.

Marc dirigiu um olhar impaciente para ele.

– Por acaso isso se trata de uma sociedade?

Chad empertigou a coluna.

– Como Jenny estava muito aborrecida, me incumbi de responder às ligações, assumindo o papel de agente.

Marc a encarou, incrédulo.

– Esse homem é seu agente?

– Não, Chad está só brincando. Mas está fazendo um excelente trabalho. – Jenny suspirou. – Não tenho certeza se desejo voltar para a Bellagio porque não sei se quero continuar trabalhando com você.

Marc pareceu congelar.

– É tão difícil assim trabalhar comigo?

– Não – respondeu ela. O nervosismo quase não permitiu que ficasse de pé. – Você é ótimo, mas tivemos um relacionamento pessoal e não foi fácil. – Jenny mordeu o lábio inferior. – Não foi fácil conciliar os dois.

– Concordo – disse Marc, aproximando-se um passo. – Mas acho que essa dificuldade se originou do fato de tentarmos esconder nosso relacionamento.

Jenny anuiu, embora não entendesse o que ele estava querendo dizer.

– Então, isso significa que vai assumi-la publicamente? – perguntou Liz. – Jenny não merece ficar escondida no armário.

Marc estreitou o olhar, deixando mais uma vez transparecer a impaciência.

– Isso seria mais fácil sem seu grupo de apoio – disse ele, contraindo os músculos da mandíbula. – Não quero que deixe a Bellagio. Você tem um talento raro. Por uma razão egoísta, prefiro que não saia de Atlanta. Lutarei para que permaneça aqui. Mas a verdade é que a quero aqui para mim.

Mais uma vez, Jenny sentiu a cabeça rodopiar e se esforçou para manter a mente focada.

– Está bem, mas se eu deixar a Bellagio, ainda assim desejará manter nosso relacionamento?

– Se você deixar a Bellagio, mantereí nosso relacionamento.

Não apenas desejará como manterá, pensou ela, percebendo a diferença. A determinação de Marc a fez se sentir zozza.

– Em segredo?

– E em público – disse ele.

Oh, uau! Jenny firmou os joelhos, para que não cedessem.

– E se eu ficar na Bellagio, ainda vai querer manter nosso relacionamento?

Marc anuiu.

– Em segredo e em público.

O tremor nos joelhos aumentou.

– Humm, acho que preciso me sentar por um segundo – disse, dirigindo-se à cozinha e se deixando afundar em uma das cadeiras.

Anna se ergueu, forçando Justin a fazer o mesmo, antes de pigarrear.

– Acho que está na hora de nos retirarmos – declarou.

– Mas... – começou Chad.

– Se precisar de qualquer um de nós, é só telefonar – decretou Anna, gesticulando a cabeça na direção da porta.

– Mas as ligações... – argumentou Chad ao mesmo tempo que o telefone tocou outra vez.

– Tire-o da tomada – sugeriu Jenny.

– Mas...

– Ela disse para tirá-lo da tomada – interrompeu Marc, sem desviar os olhos de Jenny. Aquele olhar a fazia lembrar a sensação de estar observando a aproximação de uma onda gigante no mar.

Embora resmungando, Chad obedeceu.

– Bem, acho que meu trabalho está concluído – disse Liz. – Jenny, precisamos combinar um almoço para breve. Quero um relatório completo. Mas, por ora, adeus.

Chad estacou diante de Marc, com expressão contrariada.

– Quero que saiba de antemão que, se vocês se casarem, Anna, Liz e eu seremos as damas de honra.

Só então, Marc desviou o olhar de Jenny.

– Se nos casarmos, ela terá tudo que quiser.

Chad teve de se esforçar para manter a empáfia, mas Jenny percebeu que o amigo estava amansando.

– Oh, muito bem – disse ele, arriscando um olhar a Jenny. – Não se esqueça de me telefonar.

– Está bem – disse ela. – Obrigada por tudo. Você foi maravilhoso.

Chad foi o último a sair e fechou a porta. Um silêncio profundo se abateu sobre o apartamento. Jenny fechou os olhos por um instante, bloqueando a distração que Marc causava e o modo como a afetava. Não conseguiu o efeito que desejava, mas não olhar para ele ajudou um pouco.

– Algo me diz que você tem algo a ver com o que aconteceu na QVC, com o telefonema de Sal e com os comentários de Trina a meu respeito. – Jenny abriu os olhos. – Até mesmo com a aparição surpresa de Brooke.

– Não teria tanta certeza sobre minha influência sobre Brooke – retrucou ele em tom seco.

– Mas telefonou para ela.

Marc anuiu.

– Deixei um recado na caixa postal.

– E o que disse?

– Não muito, apenas coloquei a responsabilidade sobre o futuro de sua carreira nas costas dela. Como Brooke escolheu o caminho mais fácil e a deixou com a incumbência de encarar os convidados do casamento, era o mínimo que ela poderia fazer para compensá-la.

– Não acho que Brooke escolheu o caminho mais fácil. Curvar-se à pressão do pai, às expectativas de todos e se casar com um homem que ela acreditava não a amar e a quem talvez não amasse, teria sido a saída mais fácil.

Marc sorriu.

– Aí está você, sempre encontrando o lado bom de todo mundo. – Ele fez uma pausa. – Essa é só uma das coisas que amo em você. – As palavras de Marc a fizeram prender a respiração. – Sim – prosseguiu ele, caminhando na direção de Jenny. – Eu a amo. Costumava me considerar um homem muito esperto, antes de conhecê-la. Acreditava saber como controlar tudo. Acho que tenho muito a aprender, se estiver disposta a me suportar.

– E por que eu deveria suportá-lo?

Os olhos de Marc deixaram transparecer uma nota de incerteza que apertou seu coração.

– Não deveria, se não me amar.

– Mas eu amo.

Marc fechou os olhos como se sufocado pela emoção. Suspirando, voltou a abri-los.

– Não quero ficar sem você nem mais um dia, o que dirá uma semana inteira.

Jenny abriu os braços em um convite irresistível. No mesmo instante, ele a envolveu, mudando-a de posição para que se sentasse em seu colo.

– Por que não me telefonou? – perguntou Jenny.

– Precisava consertar o estrago – respondeu ele. – Planejar. Pôr em execução. Eu estava magoado, mas em nenhum momento deixei de amá-la. E mesmo no momento em que eu fiquei sabendo que você não tinha me

contado toda a verdade, uma grande parte de mim ainda acreditou em você.

– Desculpe – disse Jenny, ainda desconcertada.

– Você disse isso em frente às câmeras – retrucou ele, tocando-a no rosto com um dedo, como se Jenny fosse a coisa mais preciosa do mundo. Inspirou fundo. – Se você me ama e quer mesmo ficar comigo, tenho outra proposta a fazer. Mas essa é de cunho pessoal.

Jenny sentiu as lágrimas encherem os olhos.

– Isso é demais. Assim, eu não aguento.

– Quer se casar comigo?

– Sim – respondeu ela sem demorar sequer um átimo de segundo para pensar. – Se tem certeza de que é realmente isso que deseja.

– Se não está segura do meu amor por você, então terei de continuar provando – disse Marc, antes de capturar os lábios com um beijo profundo e apaixonado. Após alguns instantes, recuou. – E meu presente de casamento para você são os sapatos de Brooke.

Jenny o fitou, incrédula.

– Ó meu Deus! Liz vai matá-lo. Ela também estava dando lances nesse sapato.

Os lábios de Marc se curvaram em um sorriso.

– Tive de arrematá-los. Aqueles sapatos foram seu primeiro desenho como profissional.

– Não posso acreditar nisso. Simplesmente não posso. Belisque-me, por favor, belisque-me.

– Querida, prefiro fazer outras coisas, além de beliscá-la. Mas há algo que gostaria de pedir – disse Marc, traçando o contorno dos lábios dela com um dedo.

– Qualquer coisa. O que é? Pode pedir qualquer coisa.

– Gostaria que fizesse um novo desenho de mim.

Jenny o encarou, confusa, ainda envolta em uma névoa espessa de felicidade.

– Novo desenho? Não estou entendendo.

– Um desenho diferente daquela caricatura que fez durante a viagem a St. Simons.

Quando percebeu a que ele se referia, Jenny foi engolfada por uma onda gigantesca de vergonha.

– Oh, não! Você não viu aquilo. Eu o perdi e não consegui encontrar.

– Porque eu fiquei com o desenho. Senti-me lisonjeado no aspecto físico, mas me fez parecer um idiota.

Jenny mordeu o lábio inferior, procurando o rosto para captar os verdadeiros sentimentos de Marc.

– Desculpe-me.

– Acho que ouvi um “mas” em sua voz.

– Mas você estava agindo como um idiota naquele dia – admitiu Jenny.

– Estava lutando contra o que sentia por você e isso me deixava irritado. Mas agora decidi não mais lutar contra você e sim por você. Eu tinha tudo planejado quando surgiu na minha vida.

– E eu estraguei tudo – disse ela.

Marc fez que não com a cabeça.

– E você tornou tudo melhor do que jamais sonhei. Tive de abrir mão do plano errado para conquistar a mulher certa.

– Acha que foram as pastilhas de chocolate com menta?

Marc deu uma risada baixa, que soou rouca pela emoção.

– Em parte, sim. Independentemente de estarmos tomando sorvete, cuidando do meu avô ou tão próximos quanto é possível a dois seres humanos, você é capaz de me proporcionar os mais doces e prazerosos momentos que jamais tive e não quero que deixe de fazer isso.

– Oh, Marc! – exclamou ela, apossando-se dos lábios sensuais com um beijo vertiginoso até que a cozinha parecesse ter virado de ponta-cabeça. – Ficaré aqui esta noite?

– Quer que eu fique?

– Sim. – Marc a ergueu nos braços e se encaminhou ao quarto. – Embora estejamos noivos, podemos fazer amor no carro qualquer dia desses? – Jenny sussurrou.

A pergunta arrancou uma risada rouca de Marc.

– Oh, sim.

CONTINUA...